

FRANCES HODGSON BURNETT

O JARDIM SECRETO



CLÁSSICOS  ZAHAR



Frances Hodgson Burnett

O JARDIM SECRETO

Tradução:

Liliana Negrello e Christian Schwartz

Apresentação:

Rodrigo Lacerda



Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Apresentação, por Rodrigo Lacerda

1. Não sobrou ninguém

2. Mariazinha emburradinha

3. Do outro lado da charneca

4. Martha

5. O choro no corredor

6. “Tinha alguém chorando, tinha sim!”

7. A chave do jardim

8. O passarinho que mostrou o caminho

9. A casa mais estranha que já se viu

10. Dickon

11. O ninho do tordo

12. “Será que eu podia ter um pedacinho de terra?”

13. “Eu sou o colin”

14. Um jovem rajá

15. Fazendo o ninho

16. “Não vou!”, disse Mary

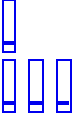
17. Um chilique

18. “Nós não tem tempo a perder”

19. “Ela chegou!”
20. “Eu vou viver para sempre!”
21. Ben Weatherstaff
22. Quando o sol se pôs
23. Mágica
24. “Deixe que riam”
25. A cortina
26. “É a minha mãe!”
27. No jardim

Cronologia: vida e obra de Frances Hodgson Burnett

Créditos



APRESENTAÇÃO

O corpo, a mente e o mundo natural – Frances Hodgson Burnett e *O jardim secreto*

Uma escritora mulher, entre a Inglaterra e os Estados Unidos

Frances Eliza Hodgson Burnett nasceu no dia 24 de novembro de 1849, na Inglaterra, mais precisamente em Cheetham, um distrito da cidade de Manchester. Seu pai, Edwin Hodgson, era dono de uma loja de peças de ferro (material de construção, ferramentas etc.), e sua mãe, Eliza Boond, vinha de uma boa família local. Frances foi a terceira de cinco filhos. Em sua primeira infância, a relativa prosperidade dos Hodgson permitiu que contratassem uma empregada e uma babá, e que, em 1852, se mudassem para uma casa maior.

Um ano mais tarde, porém, o pai da futura escritora morreu subitamente, vítima de um acidente vascular cerebral, e a situação familiar se complicou. Sua mãe foi obrigada a administrar a loja do marido e as crianças passaram a ser criadas pela avó. Os problemas financeiros continuaram a se agravar, e a viúva foi com os filhos para a vila de Pendleton, e depois para a cidade de Salford, na periferia de Manchester, onde moravam alguns parentes. Na casa onde se abrigaram, havia um jardim murado que, para alguns críticos, teria servido de inspiração à autora, muitos anos mais tarde, quando escreveu *O jardim secreto*. De fato, é o primeiro jardim

marcante em sua vida. Mas o bairro era superpopuloso e miserável. Segundo o coautor do *Manifesto comunista* de 1848, Friedrich Engels, outro habitante de Manchester na época, a pobreza ali “desafiava nossa capacidade descritiva”.

Desde cedo a jovem Frances gostava de escrever histórias, que rascunhava em cadernos velhos, e interpretar cenas de seus livros preferidos, entre os quais o clássico antiescravagista *A cabana do pai Tomás* (1852), de Harriet Beecher Stowe. No Seminário Seletor para Damas e Cavalheiros – esse era o nome de uma das escolas que frequentou –, ela era conhecida como uma menina precoce e romântica, com muitos amigos e que gostava de contar histórias. Lá Frances estudaria até completar quinze anos.

Deu-se então a chamada Fome do Algodão, de 1861 a 1865, um período de depressão da indústria têxtil de Manchester, base da riqueza de toda aquela região da Inglaterra. A produção local tornara-se grande demais para mercados retraídos, sobretudo após a interrupção das exportações de produtos têxteis para os Estados Unidos, então mergulhados na Guerra Civil, e durante o hiato na importação de algodão das lavouras americanas. O preço do algodão como matéria-prima disparou, e o dos têxteis industrializados desabou. As fábricas diminuíram a produção, o desemprego bateu recorde e os trabalhadores locais, antes os mais bem remunerados da Inglaterra, em poucos anos passaram a ser os mais mal pagos do país.

Esse foi o último golpe no comércio dos Hodgson. Em 1863, a mãe viu-se obrigada a vender a loja e mudar-se com a família para uma casa ainda menor. A educação de Frances foi interrompida. Com tudo isso, pareceu à sra. Hodgson uma boa ideia aceitar o

convite de seu irmão, William Boond, para que ela e os filhos cruzassem o oceano e se instalassem na cidade de Knoxville, no estado americano do Tennessee, onde ele possuía um próspero comércio. Após um ano e pouco de preparativos, em 1865, tendo os Hodgson vendido todas as suas posses, a nova mudança, a mais radical de todas, se concretizou.

O momento escolhido, no entanto, foi o pior possível. Naquele ano, a Guerra Civil americana chegava ao fim, e o centro comercial de Knoxville perdia sua importância relativa, minando a capacidade de William de garantir o sustento da irmã e dos sobrinhos. Mas era tarde para voltar atrás. Eliza e a família instalaram-se em uma choupana na área rural de Knoxville. Posteriormente, já na cidade, foram para uma casa no alto de uma colina, vizinha à da família Burnett.

Frances conheceu Swan Burnett, um menino dois anos mais velho que ela, e os dois tornaram-se grandes amigos. Devido a um ferimento na infância, Swan mancava de uma perna, ficando de fora de todas as atividades esportivas dos outros rapazes. A ele Frances apresentou alguns de seus escritores preferidos, como Charles Dickens, William Mackpeace Thackeray e Walter Scott. Swan, anos mais tarde, viria a ser seu primeiro marido.

Quando faltava pouco para completar dezoito anos, em 1867, Frances deu início à carreira literária, publicando contos em revistas. Sua intenção assumida era transformar a realidade financeira da família através da literatura. Para tanto, escrevia compulsivamente, a ponto de se autointitular “uma máquina de empurrar caneta”. Seu esforço foi recompensado. Dois anos depois de sua estreia, graças à renda obtida com suas publicações, a família

se mudou novamente, para uma casa maior e mais confortável, ainda em Knoxville.

Em 1870, a mãe de Frances morreu, e naquele mesmo ano duas de suas irmãs e um irmão se casaram. Ela, embora já noiva de Swan, não teve pressa em fazê-lo. Seu ritmo de trabalho era intenso demais. Enquanto diminuía a pressão financeira, experimentou as primeiras crises de depressão. Fez uma longa visita à Inglaterra ao longo de 1872. Em seguida foi a Paris, onde se encontrou com Swan, que lá estudava medicina. Apenas três anos mais tarde a união foi celebrada, em 1873, e o primeiro filho do casal, Lionel, nasceu no ano seguinte. Frances começou então a escrever seu primeiro romance, *That Lass o' Lowrie's*. Graças ao dinheiro recebido com suas histórias, ela e o marido residiram em Paris enquanto ele terminava sua formação médica.

Quando engravidou pela segunda vez, Frances desejou uma filha. Veio outro menino. Ela deu ao filho o nome “unissex” de Vivian. Ao vestir os garotos com as roupas que fazia, Frances criou modelos de ternos infantis de veludo, com camisas rendadas nos punhos e na gola, laçarotes nos chapéus, e deixava seus cabelos bastante longos, tendo o cuidado de cacheá-los regularmente. Compunha, assim, um visual bastante incomum para os meninos da época. Vivian, mais do que Lionel, viria a ser o protótipo dessa moda particular e, anos mais tarde, inspiraria um dos maiores sucessos da mãe escritora, *Little Lord Fauntleroy* (1886; no Brasil, *O pequeno lorde*).

Em 1875, de volta aos Estados Unidos após o nascimento do segundo filho – Swan retornou primeiro, Frances foi em seguida com as crianças –, o casal fixou-se em Washington. Enquanto o consultório de Swan não engrenava, a família continuou a viver dos

ganhos de Frances como escritora, e Swan passou a ajudá-la a gerenciar a carreira literária. *That Lass o' Lowrie's* foi publicado primeiro de forma seriada numa revista, com boa aceitação, e por fim sob a forma de livro, em 1877.

Na capital política dos Estados Unidos, sua reputação como jovem estrela do meio literário começou a se fortalecer. Após conhecer a escritora Louisa May Alcott, a autora de *Mulherzinhas* (1868),¹ e Mary Mapes Dodge, editora da revista para crianças *St. Nicholas*, Frances começou a escrever também livros infantis e juvenis. Nos cinco anos seguintes, ela retomou o ritmo de escrita frenético. Seria impossível citar aqui todos os seus livros e contos, mas, dessa fase, destacam-se as histórias que vieram a público na revista de Mapes Dodge e novos romances adultos, além de duas peças de teatro, uma delas intitulada *Esmeralda* (1881). Composta durante uma temporada na Carolina do Norte e hoje esquecida, *Esmeralda* foi o maior sucesso da Broadway em todo o século XIX!

A prosperidade financeira de Frances, numa tendência que viria a se consolidar, passou a ser contrabalançada por gostos caros e um alto custo de vida, que incluía grandes despesas em vestidos, na decoração e redecoração das casas em que morou e numa vida social tão intensa quanto dispendiosa. O consultório do marido fazia progressos, mas, de longe, era a renda obtida por Frances como escritora que dava à família o padrão de vida a que se acostumara. Para sustentá-lo, o ritmo absurdo de trabalho também cobrava seu preço. Em Washington, Frances voltou a sofrer de exaustão e depressão.

Ela instituiu um círculo semanal em que recebia grandes personalidades artísticas e políticas. Os problemas de saúde

persistiram, contudo, agravados pelo trabalho e pelo clima de Washington, que ela considerava muito quente. Em 1880, Frances interessou-se pela *Christian Science*, ou Ciência Cristã, bem como pelo espiritismo e pela teosofia. Essas crenças, cada uma a seu modo, seriam mais tarde incorporadas à sua produção ficcional e teriam grande importância em sua vida privada.

Em 1884 ela começou a escrever *Little Lord Fauntleroy*. A serialização do romance, novamente na revista *St. Nicholas*, começou no ano seguinte, o livro saiu em 1886. Foi o primeiro sucesso estrondoso de sua carreira fora do teatro, e o maior de todos. Recebeu críticas positivas, foi publicado nos Estados Unidos, na Inglaterra e em mais doze países. O personagem-título vestia-se com os mesmos terninhos de veludo, tinha os mesmos cabelos longos e cacheados de seus filhos. Vendendo centenas de milhares de cópias, o livro produziu um frenesi hoje comparável apenas ao provocado pelos personagens da Disney ou por Harry Potter. O pequeno lorde influenciaria a moda para crianças por décadas, gerando subprodutos com o nome e o rosto do personagem – bonecos, balas, baralhos e até uma linha de perfume. Frances venceu na justiça dois processos contra pirataria de seus direitos autorais, criando uma jurisprudência importante, e escreveu uma versão teatral da história, estreada em Londres e na Broadway, que lhe renderia tanto dinheiro quanto o romance propriamente dito.

Em 1887, ela viajou novamente à Inglaterra, acompanhada de seus filhos, para participar das comemorações do Jubileu de Ouro da rainha Vitória. Montando residência em Londres, reproduziu seu salão habitual, com escritores e políticos. Mas o verão inglês e a multidão de turistas voltaram a incomodá-la e a deixá-la doente.

Então mudou-se com os filhos para Florença, na Itália, onde escreveria intensamente. No ano seguinte, retornou a Londres e lá fixou-se por alguns anos, deixando o marido nos Estados Unidos.

Em dezembro de 1890, Lionel, o filho mais velho de Frances, morreu de tuberculose aos dezesseis anos de idade. Durante sua doença, o filho mais moço, Vivian, retornara para ficar com o pai em Washington. A mãe levava Lionel aos melhores sanatórios e clínicas da Europa, mas sem sucesso. Após o trágico desfecho, ela mergulhou em mais uma depressão. Em carta a uma amiga, disse que sua obra literária não tinha valor, diante da experiência de ter sido mãe “de dois filhos, um dos quais morreu”. Para lidar com a perda, Frances abandonou sua fé católica e tornou a se interessar pela Ciência Cristã, o espiritualismo (matriz de onde surgiu o espiritismo, mais praticado no Brasil) e a teosofia.

A Ciência Cristã, como o nome diz, é um movimento científico e religioso. Até hoje ativo nos Estados Unidos, surgiu em 1866, na cidade de Boston, Massachusetts, concebido pela pesquisadora Mary Baker Eddy. Ele procurava a cura das doenças através da espiritualidade e de tratamentos físicos diversificados. Seu método de cura era ao mesmo tempo corporal, espiritual, mental e moral. Nesse sentido, contrariava a ortodoxia protestante, que não se arrogava nenhum poder sobre o corpo. Por outro lado, mantinha um fundo religioso, distanciando-se do darwinismo, da crítica à Bíblia e de outras forças secularizantes do período. Para a Ciência Cristã, o mundo era dominado por uma força vital que a tudo envolvia, e a saúde da pessoa era decorrente de uma relação satisfatória com essa força universal. A aparência exterior e os sentimentos eram intimamente ligados, de modo que uma pessoa

triste teria uma aparência e uma saúde “entristecidas”, enquanto que uma pessoa sintonizada à força vital do mundo teria condições de manter-se saudável.

Embora tal ideário hoje soe antiquado, na época era bastante moderno em vários aspectos. Para alguns, a Ciência Cristã foi, de certa forma, uma precursora da psicanálise, pois tendia a curar doenças do corpo através de uma “reprogramação” psicológica.² Numa época em que a medicina tradicional era bastante preconceituosa, Mary Baker Eddy, sem prejuízo das técnicas então aceitas, pesquisou e utilizou várias práticas experimentais hoje muito respeitadas, como as massagens, a hidroterapia, as dietas e a homeopatia, por exemplo. Trabalhou também com o hipnotismo (como Freud), o mesmerismo, a eletricidade corporal (hoje sabidamente real), a alquimia e o espiritualismo.

Supor uma relação entre os dois planos, o do corpo e o da psique, fazia sentido para Frances, tão propensa a depressões em momentos de exaustão física. A grave doença de Lionel, que afinal acarretara sua morte, também mobilizara nela o desejo de entender os mecanismos dessa relação. O espiritualismo, por sua vez, desempenhava uma função anexa, a de acenar-lhe com a continuidade da ligação com o filho, transformado em espírito. Entre 1840 e 1920, o espiritualismo conheceu um auge de popularidade nos países anglófonos.

Após alguns anos longe do marido, ela retornou aos Estados Unidos em março de 1892, e logo retomou seu frenético ritmo de atividades. Entre os escritos da época destaca-se, em 1893, a biografia do filho recém-falecido, intitulada *The One I Knew Best of All*.

No ano seguinte, Frances mais uma vez partia rumo a Londres. Uma vez na Inglaterra, em poucos anos sua vida mudaria consideravelmente. Em algum momento do ano de 1896, seu marido, Swan, mudou-se para um apartamento próprio e, em 1898, quando Vivian se formou na faculdade, seus pais se divorciaram oficialmente.

O motivo alegado para o divórcio foi abandono de lar por parte de Swan, mas na verdade tudo estava combinado entre ele e Frances. Dois anos era o prazo legal para o divórcio poder se realizar nessas bases. O episódio repercutiu mal na imprensa, que condenou as constantes ausências da escritora de sua casa familiar nos Estados Unidos. O *Washington Post*, por exemplo, julgou Frances a responsável pelo fim do casamento, devido a “suas avançadas ideias sobre as obrigações de uma esposa e sobre os direitos das mulheres”, e chamou-a, com ironia, de “a nova mulher”. Se não como escritora, como mulher, dona de forte personalidade e de grande liberdade na condução de sua vida, Frances enfrentou, sim, os preconceitos machistas da época.

Parte dessa reação adversa da imprensa e da sociedade deve-se à reputação do dr. Swan em Washington. Muito embora sua carreira se desenrolasse desde sempre ofuscada pelo imenso êxito da esposa no mundo artístico, ele, além de uma pessoa culta e muito estimada, era um médico respeitadíssimo, generoso com as pessoas carentes e cientificamente inovador.

O outro motivo, que não podia ser ventilado pela imprensa para o bem do próprio dr. Swan, é que pairavam suspeitas quanto à natureza da relação entre sua esposa e o inglês Stephen Townsend, um jovem médico que abandonara a medicina pela carreira de ator.

Townsend e Frances haviam se conhecido na Inglaterra, por volta de 1887, apresentados por amigos comuns. Logo ele se tornara frequentador do salão de intelectuais na casa da escritora. No correr dos anos, a amizade entre os dois se estreitara. Suspeitava-se que um romance começara muitos anos antes de a escritora estar oficialmente divorciada, o que para a sociedade da época era um escândalo.

Nos primeiros cinco anos da década de 1890, apesar do sucesso de inúmeras de suas obras, o fôlego financeiro de Frances foi chegando ao limite. Seu extravagante nível de vida pesava até mesmo para uma escritora tão bem-sucedida. Ela sustentava duas casas, a de Washington e a de Londres, pagava a universidade de Vivian e ainda mantinha grandes despesas pessoais. Como em outros momentos da vida, ela resolveu o problema mergulhando no trabalho. Nesse período, produziu, entre outras obras, o romance *The Lady of Quality* (1896), que depois adaptou para o teatro. Tanto o romance quanto a peça foram sucessos extraordinários.

De 1895 em diante, Frances deixou de residir em Londres e transferiu-se para uma mansão rural, Great Maytham Hall, onde havia alguns jardins murados e um roseiral de que gostava especialmente. A escritora socializava com os habitantes da vila e era querida, enchendo a casa de convidados, mas outra vez, quando Stephen Townsend mudou-se para Great Maytham Hall, o vigário local condenou de público a relação. Em 1900, afinal, os dois oficializaram o casamento, celebrando-o em Gênova, na Itália.

Uma biografia de Frances afirma que este segundo casamento “foi o maior erro de sua vida”.³ Poucos meses depois, a própria Frances, em carta a uma de suas irmãs, admitia que a relação já apresentava

problemas. Townsend se revelou quase histérico, hipercontrolador, invasivo e insensato ao extremo. Ela resolveu o problema a seu modo, alternando-se entre Great Maytham Hall e uma nova casa, alugada, em Londres. Além da vida social ativa de sempre, tratou de escrever mais.

Em 1902, teve um novo colapso físico e psicológico. Então retornou aos Estados Unidos e internou-se em um sanatório. De lá escreveu ao segundo marido, anunciando que não voltaria a viver com ele. Somente dois anos depois, em junho de 1904, retornaria a Great Maytham Hall e ao seu estilo movimentado e luxuoso de vida. E apenas então, aos 55 anos, Frances Hodgson Burnett concebeu *O jardim secreto*.

Em 1905, Frances obteve a cidadania americana, possivelmente já antevendo sua volta definitiva para os Estados Unidos, que ocorreria em 1907. Em Long Island, na cidade de Nova York, construiu uma nova mansão, terminada em 1908. Ali passaria os últimos dezesseis anos de sua vida. Mas ainda não inteiramente aposentada. Vivian, seu filho caçula, que trabalhava no ramo editorial, convidou-a a dirigir a *Children's Magazine*, onde ela própria vinha publicando histórias havia alguns anos, e ela exerceu a função por algum tempo.

Entre 1910 e 1911, *O jardim secreto* apareceu pela primeira vez, serializado. Nesses anos finais, Frances escreveria ainda outros livros e montaria uma casa de férias, nas Bermudas. A escritora morreu em 29 de outubro de 1924, aos 74 anos de idade.

Algumas flores no jardim

Vindo a público sob a forma de romance seriado, nas páginas da revista *The American Magazine*, em outubro de 1910, *O jardim secreto* saiu como livro em 1911, tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos. Concebido no fim da carreira de Frances Hodgson Burnett, não houve tempo para que *O jardim secreto* superasse, ainda em vida da autora, outros sucessos anteriores, sobretudo o estrondoso de *Little Lord Fauntleroy*. Com o passar do tempo, porém, as modas infantis mudaram, a educação dada às crianças mudou, e o pequeno lorde tornou-se um personagem datado, enquanto os protagonistas de *O jardim secreto* foram ganhando força e demonstrando incrível capacidade de se manter atuais. Não por acaso, ao longo do século XX, foram feitas inúmeras adaptações do romance para o teatro, o cinema, a televisão e outras mídias.

Em 1919 surgiu uma primeira adaptação para o cinema, cujos originais se perderam. Em 1949 estreou a segunda. Em 1993, ninguém menos do que Francis Ford Coppola, diretor de clássicos como *O poderoso chefão* e *Apocalypse Now*, produziu a terceira versão para as telas, dirigida pela polonesa Agnieszka Holland. Na televisão, as adaptações foram inúmeras. Só a BBC fez três séries diferentes, em 1952, 1960 e 1975. Outra, estrelada por Colin Firth, saiu em 1987. Em 1994, com o famoso ator shakespeariano Derek Jacobi no elenco, surgiu mais uma. E até no Japão houve uma adaptação *anime*, em 39 episódios, lançada em 1991. Nos palcos, além das várias adaptações, a produção mais importante

transformou o romance em um musical da Broadway, com sete indicações ao prêmio Tony, o Oscar do teatro americano, em 1991. Em 2013 surgiu uma ópera, composta pelo também americano Nolan Gasser, e, em 2015, em um sinal evidente da capacidade da história de se manter viva no mundo contemporâneo, foi lançada uma versão via Youtube, *The Misselthwaite Archives*, em quarenta episódios. Uma nova versão cinematográfica, a quarta, está programada para estrear em 2020.

O ROMANCE COMEÇA apresentando a primeira de suas protagonistas, Mary Lennox, uma menina de origem inglesa nascida na Índia, mimada pelos empregados e carente do afeto dos pais. Já no segundo capítulo, porém, com a morte dos pais, ela é levada ao condado de Yorkshire, na Inglaterra, para viver na Mansão Misselthwaite, a propriedade rural de um tio distante e ausente. Lá, Mary conhece os demais personagens do livro: alguns secundários, como Martha Sowerby, sua criada; Ben Weatherstaff, o jardineiro da mansão; Archibald Craven, seu tio; a sra. Medlock, a governanta; o dr. Craven, o médico da família; Susan Sowerby, mãe de Martha e de Dickon; e pelo menos um indiscutível protagonista, o outro do livro além dela própria – Colin Craven, seu primo. O menino, como Mary, havia sido criado de maneira imprópria, o que provocara nele sequelas de temperamento e psicossomáticas.

Na Mansão Misselthwaite, Mary também trava contato com um personagem cuja função na estrutura do livro é, ao mesmo tempo, crucial e ambígua: Dickon, um menino simples das charnecas, mas que vive em profunda sintonia espiritual com o meio – pessoas, plantas e animais – à sua volta. Se ele não é, a rigor, um terceiro

protagonista, visto que os desdobramentos da história não lhe dizem respeito diretamente, por outro lado também não pode ser visto como um personagem secundário como os outros. Sua autoridade natural e sua influência pessoal, mais do que todos os elementos da vida em Yorkshire, irão inspirar e guiar a redenção em Mary, primeiro, e depois em Colin.

Um tema evidente do romance, sugerido já no título, mas também pela figura de Dickon, é a influência do meio sobre o espírito humano; do “meio” num sentido geral e, mais especificamente, do meio natural. A solidão profunda de Mary e Colin – a carência de amor e contato humano que eles nem sequer se davam ao direito de nomear, sufocados pela intransponível distância que a educação aristocrática da época criava entre pais e filhos, e à qual reagiam maltratando os empregados, agindo caprichosamente e distanciando-se dos prazeres da vida – tem um reflexo concreto no jardim abandonado, semimorto, cercado por muros.

Contudo, à medida que Mary, em segredo, inicia os trabalhos de limpeza e replantio do jardim, acompanhada de Dickon, seu espírito se ilumina, sua mente gera pensamentos felizes e seu corpo funciona melhor – ela volta a ter apetite, seu rosto ganha uma cor saudável, sua languidez constante é substituída por uma ótima disposição. Um caminho semelhante será percorrido por Colin, com as especificidades dramáticas da sua condição.

Como nos manuais da Ciência Cristã, tão caros à autora do livro, em ambos os casos a saúde da alma está em relação direta com a aparência e a saúde do corpo. Bons sentimentos e bons pensamentos atraem boas coisas, e nenhuma doença é no fundo

corporal, mas sim o resultado de pensamentos ruins e negatividade recalcada. O contato das crianças com o mundo e com seus semelhantes desfaz os pensamentos mórbidos que alimentavam. Os muros que circundam o jardim, a partir de um certo ponto, funcionam como uma proteção inicial, para que a sensibilidade das crianças possa se refazer dos traumas sofridos antes de se expor novamente ao mundo.

Tão direta é a ligação entre o meio natural e o destino dos personagens que, no livro, ela se manifesta concretamente, e não apenas no plano metafórico. Alguns exemplos, entre outros, bastam para justificar essa afirmação. A cura física e espiritual de Mary e Colin obedece à passagem das estações: é inverno quando Mary descobre os canteiros murados, o trabalho começa na primavera e o jardim desabrocha por inteiro no verão, para então o livro chegar ao fim no outono. Além disso, é um passarinho, um pisco-de-peito-ruivo, quem indica para a menina a existência do jardim, esquecido por todos. Há inclusive semelhanças curiosas entre a menina e o pisco: ele também começou a vida sem os pais, ele também encontra conforto no jardim secreto, ele também procura fazer amizades por ter perdido a família, seu ninho com a família é comparado ao companheirismo entre Mary e Dickon no jardim. A pequena ave ganha tal dimensão que parte do capítulo 25 é narrada do seu ponto de vista, como que a demonstrar que os animais possuem a mesma dimensão existencial que os humanos. E mais: os uivos do vento noturno do lado de fora despertam Mary para os gritos que ecoam pelos corredores escuros da Mansão Misselthwaite, e também é um golpe de vento que revela à menina,

escondida em meio às trepadeiras e ao musgo, a porta para o jardim proibido.

Se a relação das duas crianças com o meio natural se transforma à medida que começam a trabalhar no jardim, com o meio social o processo é idêntico. As duas dimensões da vida, para a autora, estavam conectadas. A cada dia de trabalho nos canteiros, todos à volta de Mary e Colin vão mudando seu jeito de ser. Os adultos, antes indiferentes, severos, mesquinhos ou amargos, ao verem as crianças desabrochar, revelam outras facetas, bem mais amistosas, de suas personalidades. As barreiras emocionais desabam, e as barreiras sociais, se não desaparecem por completo, diluem-se, amenizam-se, ficam em segundo plano. O momento em que as crianças da classe alta dominam o dialeto popular de Yorkshire, falado pelos personagens na base da pirâmide social do romance, é um ponto de inflexão em suas trajetórias rumo ao encontro com seus semelhantes. Da mesma forma, a convivência com outras crianças denuncia seus impulsos egoístas e inspira sua gentileza inata.

Há, contudo, por trás de todas essas mudanças, e por trás de tudo o que há no mundo, uma força maior. Em *O jardim secreto*, existe algo que move o próprio meio natural, plantas e animais – fazendo-os nascer, crescer e compartilhar, uns com os outros, a emoção de estarem vivos –, e essa mesma força dá vida às pessoas ao redor das duas crianças. O livro chama-a de “Mágica”.

Colin, por exemplo, ao recuperar sua autoestima, diz estar confiante de viver até a idade adulta e promete tornar-se uma espécie de cientista, dedicado a estudar essa magia. Também a sra. Sowerby trata do assunto:

Eu nunca soube que [a Mágica] tinha esse nome, mas o que importa o nome? ... Isso que faz as semente brotar e o sol brilhar, e que fez o sinhozinho ficar bom, é o Bem. Não interessa que nome a gente que é pobre mortal acha melhor chamar. O Bem Maior não tá preocupado, graças a Deus. Ele segue criando mundos aos milhões, mundos feito nós. Ocês nunca deixe de acreditar no Bem Maior, e pode saber que o mundo tá cheio dele.

Para um laico, a “Mágica” talvez pudesse ser definida como força vital, determinismo biológico, ou física das partículas. O romance até admite essa chave mais científica. Mas, no caso de uma seguidora da Ciência Cristã, como era Frances Hodgson Burnett, não se pode deixar de levar em conta a ressonância religiosa. Obedecendo ao cristianismo tradicional, tal magia é associada por vários personagens, em vários momentos, a referências bíblicas – o poder da Criação, a promessa da vida eterna, as trombetas do Paraíso, os hinos religiosos etc. O que diferencia a Ciência Cristã dos dogmas tradicionais, e que talvez ajude o romance a ter o caráter atual que ainda tem, é o fato de o “Novo Pensamento” (em relação às Escrituras) acreditar em um Paraíso encontrável aqui e agora, em qualquer lugar e a qualquer momento, na natureza à nossa volta, em nossa comunidade e na própria vida que tivemos o privilégio de receber. E não somente após a morte, ou depois do Juízo Final.

Um personagem do romance corporifica essa magia: Dickon. As caracterizações que o livro nos dá dele oscilam entre o retrato sociológico do “simples menino das charnecas”; uma reencarnação do deus Pã, divindade dos bosques e dos campos na mitologia grega (pagão, portanto), com quem o menino tem em comum, de fato, o hábito de tocar flauta; e, por outro lado, “um anjo de Yorkshire” – uma passagem, entre outras, em que um pouco do imaginário cristão reaparece. Mary, a dada altura, elabora o tema:

“Bom, foi meio engraçado mesmo o que eu disse” [que Dickon era um anjo], admitiu ela, francamente, “porque o Dickon tem um nariz arrebitado e uma boca enorme, usa roupas cheias de remendos, fala com um baita sotaque caipira e vive na charneca. Mas, sabe, se existisse um anjo em Yorkshire, acho que ele entenderia as plantas, e saberia como fazê-las crescer, e saberia como falar com as criaturas selvagens, exatamente como o Dickon faz, e os animais e as plantas saberiam que aquele anjo não faria mal a eles.”

Pouco mais velho que Mary e Colin, Dickon viveu naquela região toda a sua vida. Sua fusão com a natureza local é completa. Seus olhos parecem “pedaços do céu das charnecas”, e ele cheira a “urze e grama e folhas ... como se fosse feito delas”. Ele tem o poder de se comunicar com os animais – uma raposa, um corvo, dois esquilos etc. – e de encantar todos que o conhecem. Sua influência sobre os animais estende-se às duas crianças carentes. A diferença de classe entre eles, de início óbvia, torna-se absolutamente secundária, pois é na verdade Dickon quem tem ascendência sobre Mary e Colin. Para os leitores brasileiros, a maioria de formação católica, não é difícil associar Dickon a São Francisco de Assis, outro ser iluminado pela bondade e capaz de conversar com os animais. Para a autora, fiel à Ciência Cristã, talvez a fusão das dimensões pagã e cristã na figura de Dickon propusesse, novamente, uma fé mais ligada ao mundo terreno, à natureza e à vida antes da morte, isto é, uma fé que resultasse também na felicidade da matéria.

Da parte de Mary, há um explícito interesse romântico em Dickon. Mas nada que venha dele parece sinalizar com a reciprocidade. Assim como o personagem Peter Pan, no romance homônimo de J.M. Barrie, que parece não perceber ou entender as fantasias amorosas de Wendy, Dickon paira acima do desejo. Os anjos não têm sexo (e as crianças da época tampouco eram autorizadas a tê-lo).

ALÉM DESSAS CHAVES ESSENCIAIS, *O jardim secreto* possui vários outros símbolos latentes. Um dos mais interessantes, por conectar algo central no livro a um dado biográfico da autora, liga a sra. Craven, mãe de Colin, às flores preferidas de Frances Hodgson Burnett: as rosas. As rosas são mencionadas quase sempre junto com a personagem. No momento de sua queda da árvore, as rosas estavam presentes; quando Mary descobre o jardim que fora dela, as roseiras ainda resistem, embora sem flores; a ressurreição do jardim e de suas rosas devolve ao mundo o espírito da sra. Craven, ponto de equilíbrio de toda a família e da comunidade em torno da Mansão Misselthwaite; a árvore de onde ela caiu, a única coisa realmente morta no jardim, ao longo desse processo de regeneração, é coberta pelo roseiral; seu retrato é mantido pelo filho atrás de uma cortina cor-de-rosa, que por dez anos encobriu seu rosto, assim como os muros ao seu jardim, graças a uma mistura de amor e dor.

Também é possível dizer que *O jardim secreto* está organizado ao redor da ideia de segredo. Mary é um segredo que seus pais mantinham escondido; Colin é um segredo mantido tanto por seu pai quanto por si mesmo; a Mansão Misselthwaite é cheia de quartos que vivem trancados e onde ninguém pode entrar; os empregados estão proibidos de falar sobre o passado da família e da casa; Colin esconde o retrato de sua mãe; ele, Mary e Dickon, além de Ben e Susan, guardam segredo a respeito de sua recuperação. O jardim, obviamente, condenado a viver atrás dos muros, é o segredo mais importante de todos.

Em seu apelo pela comunhão entre a humanidade e o meio ambiente, *O jardim secreto* introduziu na literatura, de forma peculiar, um tema cada vez mais atual e urgente. A ativista

adolescente Greta Thunberg, tão precocemente famosa por sua defesa do ambientalismo, deve ter tido algum contato com essa história enquanto ainda tomava mamadeira.

Ao vincular nossa saúde física ao produto de nossas mentes, o livro também apresenta uma questão que iria se tornar recorrente daí em diante, marcando a história não só da literatura, mas de todas as artes e da vida contemporânea como um todo. Sendo o conflito entre os protagonistas e seus pensamentos negativos o outro eixo do livro, uma citação se destaca e serve de encerramento:

Uma das coisas que as pessoas começaram a descobrir no último século é que os pensamentos – meros pensamentos – são tão poderosos quanto baterias elétricas, e podem ser tão benéficos quanto a luz do sol, ou tão nocivos quanto um veneno. Permitir que um pensamento triste ou sombrio entre na cabeça é tão perigoso quanto deixar o germe da escarlatina penetrar no corpo. Se a gente o deixa ficar depois que ele entra, corre o risco de nunca mais se livrar dele pelo resto da vida. ...

Coisas muito mais surpreendentes podem acontecer a quem, desafiado ou desencorajado por um pensamento ruim, consegue expulsá-lo, colocando em seu lugar um pensamento agradável, obstinado e corajoso. Duas coisas não podem ocupar o mesmo lugar no espaço.

*Onde se cultiva uma rosa
Não crescem cardos.*

RODRIGO LACERDA

Rodrigo Lacerda é escritor e tradutor. Autor de *Hamlet ou Amleto: Shakespeare para jovens curiosos e adultos preguiçosos* e *O fazedor de velhos 5.0*, entre outros. Recebeu o Prêmio Jabuti de tradução por *O conde de Monte Cristo* e *Os três mosqueteiros* (publicados pela Zahar), sempre em parceria com André Telles. É diretor da coleção Clássicos Zahar.

1. Disponível na coleção Clássicos Zahar, 2019.

2. Sobre as afinidades entre Ciência Cristã, mesmerismo e psicanálise, ver Stefan Zweig, *A cura pelo espírito*, Rio de Janeiro, Zahar, 2017.
3. Gerzina, Gretchen. *Frances Hodgson Burnett* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2016).

O JARDIM SECRETO

1. NÃO SOBROU NINGUÉM

Quando Mary Lennox foi levada à Mansão Misselthwaite para morar com o tio, todos concordaram que se tratava da criança de aparência mais desagradável que já tinham visto. E era verdade. De rostinho miúdo e corpinho magrelo, a menina tinha cabelo claro ralinho e uma cara emburrada. O cabelo era amarelo, e também o rosto, porque Mary nascera na Índia e vivia doente de alguma coisa. Seu pai, funcionário do governo inglês na colônia, andava ele próprio sempre doente e ocupado; já a mãe era uma mulher muito bonita que só queria saber de festas e se divertir em boa companhia. Nunca desejara uma filha, e quando Mary nasceu entregou-a aos cuidados de uma aia, deixando claro à criada que, se quisesse agradar a patroa, sua *mem sahib*, deveria tirar a criança de vista tanto quanto possível. De modo que, quando era uma bebezinha enfermiça, feia e irrequieta, Mary sempre foi mantida longe dos pais, e, tendo se tornado uma menininha enfermiça, feia e irrequieta, continuou separada deles. Os únicos rostos familiares eram os rostos escuros da aia e dos outros criados nativos, e, como eles sempre lhe obedeciam e faziam suas vontades – *mem sahib* ficava irritada quando a ouvia chorar –, aos seis anos Mary era a criança mais tirana e egoísta que já se viu. A jovem preceptora inglesa que veio para ensinar a menina a ler e escrever tomou a ela uma tal aversão que em três meses pediu as contas; e, conforme outras iam sendo contratadas, abandonavam o posto ainda mais

rápido que a primeira. Não fosse pela grande vontade de saber o que diziam os livros, Mary talvez nunca tivesse aprendido a ler.

Numa manhã terrivelmente quente, quando tinha cerca de nove anos de idade, Mary acordou de mau humor – e sua irritação aumentou ainda mais quando se deu conta de que a criada ao lado da cama não era sua aia.

“Quem te mandou aqui?”, a menina perguntou à estranha. “Não quero você. Vá chamar a minha aia.”

A mulher parecia assustada e apenas gaguejou que a aia não poderia vir, e, quando Mary se enfureceu, passando a chutá-la e estapeá-la, a criada ficou ainda mais assustada, mas se limitou a repetir que a aia não poderia vir atender à pequena *sahib*.

Havia algo de misterioso no ar naquela manhã. Nada estava acontecendo como de costume, e vários criados nativos pareciam ter faltado ao trabalho, enquanto os poucos que Mary viu esgueiravam-se pelos cantos, andando apressados de um lado para outro, pálidos e apavorados. Mas ninguém lhe explicou o que estava acontecendo, e sua aia não apareceu. Na verdade, Mary ficou sozinha boa parte da manhã e, por fim, decidiu ir até o jardim brincar embaixo de uma árvore perto da varanda. Fingiu estar fazendo um canteiro de flores, espetando grandes botões vermelhos de hibiscos em pequenos montinhos de terra, ficando cada vez mais emburrada e resmungando para si mesma os nomes feios que iria dizer a Saidie quando ela voltasse.

“Porca! Porca! Filha de uma porca!”, dizia a menina, já que chamar um nativo de porco era o pior dos insultos.

Mary cerrava os dentes, repetindo as ofensas, quando ouviu a mãe chegar à varanda com alguém. Ela estava acompanhada de um

jovem de pele e cabelos claros, e havia algo de estranho no tom baixo em que conversavam. Mary conhecia o rapaz bonito com cara de garoto. Tinha ouvido falar que era um oficial muito jovem recém-chegado da Inglaterra. Ela olhava para o rapaz com atenção, mas com atenção ainda maior para a mãe. Sempre fazia isso quando tinha a chance de vê-la de perto, porque *mem sahib* – quase sempre a chamava desse jeito – era uma mulher tão alta, tão esguia, tão bonita, e usava roupas tão lindas! Seu cabelo era sedoso e cacheado, e ela tinha um narizinho delicado que sempre parecia desdenhar de tudo, além de olhos grandes e sorridentes. Suas roupas eram finas e esvoaçantes, e Mary costumava descrevê-las como “cheias de rendas”. Pareciam mais rendadas do que nunca naquela manhã – só que o olhar da mãe não era nem um pouco sorridente. Seus olhos estavam arregalados e assustados, mirando com ar de súplica o rosto do jovem oficial.

“É tão grave assim? É mesmo tão grave?”, Mary ouviu a mãe dizer.

“Terrivelmente grave”, respondeu o rapaz com voz trêmula. “Terrivelmente grave, sra. Lennox. Vocês deveriam ter ido para as montanhas duas semanas atrás.”

Mem sahib retorceu as mãos.

“Ah, eu sei!”, exclamou. “Só fiquei por causa daquele jantar idiota. Como fui burra!”

Nesse exato momento, ouviu-se um lamento tão alto vindo das acomodações dos criados que ela agarrou o braço do rapaz e Mary se levantou, tremendo dos pés à cabeça. O uivo foi ficando cada vez mais alto.

“O que é isso? O que é isso?”, perguntou, ofegante, a sra. Lennox.

“Alguém morreu”, respondeu o jovem oficial. “A senhora não tinha me dito que havia casos entre os criados.”

“Eu não sabia”, exclamou *mem sahib*. “Vamos entrar! Vamos entrar!”, disse ela, virando-se e correndo para dentro de casa.

Depois disso coisas horríveis aconteceram, e o mistério que envolvia aquela manhã foi explicado a Mary. O cólera, em sua forma mais fatal, tinha atingido a cidade, e as pessoas estavam morrendo como moscas. A aia adoecera durante a noite – e era sua morte que os criados pranteavam aos uivos. Antes do alvorecer do dia seguinte, outros três criados morreram, enquanto alguns fugiram apavorados. Havia pânico por toda parte, e pessoas morrendo em todos os bangalôs.

Durante a confusão e o atordoamento do segundo dia, Mary se escondeu em seu quarto e foi esquecida por todos. Ninguém se lembrava dela, ninguém a queria, e coisas estranhas, que ela não entendia, estavam acontecendo. Conforme as horas avançavam, Mary ora chorava, ora dormia. Tudo que sabia era que havia gente doente e ruídos misteriosos e assustadores pela casa. A certa altura, chegou de mansinho à sala de jantar e a encontrou vazia, embora houvesse restos de uma refeição na mesa e as cadeiras e pratos parecessem ter sido abandonados às pressas por alguma razão. Mary comeu algumas frutas e biscoitos e, como estava com sede, tomou uma taça de vinho que fora abandonada quase cheia. A bebida era doce, ela só não sabia o quanto era forte. Não demorou a ficar bastante zonza e voltou a se trancar no quarto, assustada com os gritos e os passos apressados que ouvia pela casa. O vinho a deixou tão tonta que mal conseguia manter os olhos abertos, de modo que ela se deitou na cama e não viu mais nada por um bom tempo.

Muitas coisas aconteceram ao longo daquelas horas em que Mary dormiu tão profundamente, mas ela não acordou nem com os berros nem com os ruídos de coisas sendo carregadas para dentro e para fora de casa.

Quando acordou, ficou deitada olhando para o teto. A casa estava em completo silêncio. Nunca estivera tão silenciosa. Como ela não ouvia nem vozes nem passos, imaginou que todo mundo tinha ficado bom do cólera e que o problema estava resolvido. O que se perguntava era quem cuidaria dela, agora que sua aia tinha morrido. Contratariam uma nova criada, e talvez ela soubesse algumas histórias diferentes. Já estava um pouco enjoada das antigas. Mary não chorou a morte da aia. Não era uma criança afetuosa e nunca se importara muito com ninguém. O barulho e a correria por causa do cólera a tinham deixado assustada, e ela ficou brava porque ninguém parecia se lembrar de que estava viva. Estavam todos apavorados demais para pensar numa menininha de quem ninguém gostava muito. Quando as pessoas pegavam cólera, pareciam só pensar em si mesmas. Mas, se todo mundo tinha ficado bom de novo, era só uma questão de tempo até alguém se lembrar dela e vir procurá-la, certo?

Mas ninguém veio, e, enquanto ela esperava, a casa foi ficando cada vez mais silenciosa. Mary ouviu um farfalhar no tapete e, quando olhou para baixo, viu uma pequena cobra rastejando pelo quarto a mirá-la com olhos que pareciam joias. Ela não ficou com medo, porque era uma cobrinha inofensiva que não lhe faria mal e que, além disso, parecia estar com pressa de sair logo do quarto. Mary acompanhou com o olhar enquanto o bicho escapuliu por baixo da porta.

“As coisas por aqui estão estranhas e quietas demais”, pensou ela. “Parece até que não tem ninguém em casa além de mim e da cobra.”

Quase na mesma hora ouviu passos do lado de fora, depois na varanda. Eram passos de homens, e eles entraram na casa conversando em voz baixa. Ninguém apareceu para recebê-los, e pareciam estar indo de porta em porta para verificar os cômodos.

“Que tristeza!”, ouviu um deles dizer. “Aquela mulher tão linda! E a criança também. Ouvi dizer que ela tinha uma filha, embora ninguém nunca tenha visto a menina.”

Mary estava de pé no meio do quarto quando eles abriram a porta alguns minutos depois. Sua expressão era a de uma criaturinha feia e enfezada, de cara fechada porque a fome agora batia e ela começava a se sentir completamente negligenciada. O primeiro homem que entrou no quarto era um oficial grandão que ela vira uma vez conversando com seu pai. Ele parecia cansado e confuso e, ao deparar com a menina, ficou tão surpreso que quase deu um pulo.

“Barney!”, gritou. “Tem uma criança aqui! Uma criança sozinha! Num lugar desses! Misericórdia, quem será ela?”

“Meu nome é Mary Lennox”, disse a menina, empertigando-se. Tinha achado muita falta de educação da parte daquele homem chamar a casa do pai dela de um “lugar desses”. “Peguei no sono enquanto todo mundo estava com cólera e acabei de acordar. Por que ninguém vem me buscar?”

“É a criança que ninguém nunca viu!”, exclamou o homem, virando-se para os companheiros. “Ela foi mesmo esquecida aqui!”

“Por que me esqueceram?”, perguntou Mary, batendo o pé. “Por que ninguém vem me buscar?”

O homem mais jovem, cujo nome era Barney, olhou para ela com uma expressão de tristeza. Mary até achou que ele estava piscando para segurar as lágrimas.

“Coitadinha!”, disse. “Não sobrou ninguém para vir te buscar.”

Foi desse jeito estranho e repentino que Mary descobriu que não tinha mais nem pai nem mãe; que eles haviam morrido e sido levados durante a noite, e que os poucos criados sobreviventes também tinham abandonado a casa às pressas, sem que nenhum deles se lembrasse da existência de uma pequena *sahib*. Por isso tudo estava tão silencioso. Era mesmo verdade que não havia mais ninguém no bangalô além dela e da cobrinha farfalhante.

2. MARIAZINHA EMBURRADINHA

Mary gostava de ficar olhando a mãe de longe e a achava muito bonita, mas, como mal a conhecia, não era de esperar que a amasse ou sentisse muito a sua falta quando ela se foi. Na verdade, Mary não sentiu falta alguma e, como era uma criança acostumada a pensar só em si mesma, continuou a viver assim. Se fosse um pouco mais velha, com certeza teria ficado muito preocupada por ter sido deixada sozinha no mundo, mas ainda era muito novinha e, como sempre tivera gente cuidando dela, estava certa de que isso nunca mudaria. O que a inquietava era saber se ia morar com pessoas agradáveis, educadas e que lhe fariam as vontades, como sempre haviam feito sua aia e os outros criados nativos.

Sabia que não ficaria na casa do pastor inglês para onde tinha sido levada a princípio. Não queria ficar lá. O pastor era pobre, pai de cinco crianças quase da mesma idade que vestiam roupas surradas e estavam sempre brigando e tirando os brinquedos umas das outras. Mary detestava aquela casa bagunçada, e foi tão desagradável com todos que, pouco tempo depois de sua chegada, ninguém mais queria brincar com ela. Já no segundo dia, ganhou um apelido que a deixou furiosa.

Foi Basil quem teve a ideia. Ele era um menininho insolente de olhos azuis e nariz empinado que Mary odiou. Ela estava brincando embaixo de uma árvore, exatamente como no dia em que a epidemia de cólera começou. Fazia montinhos e trilhas de terra

para um jardim quando Basil chegou e ficou por perto observando o que ela estava fazendo. Ele se interessou pela brincadeira e fez uma sugestão.

“Por que você não faz uma pilha de pedras ali pra fingir que é uma pedreira?”, disse. “Ali no meio”, e se inclinou sobre ela para mostrar.

“Sai daqui!”, bradou Mary. “Não brinco com meninos. Vai embora!”

Por um instante Basil pareceu furioso, mas logo começou a caçoar de Mary. Ele vivia caçoando das irmãs. Começou a dançar em volta da menina, fazendo caretas, rindo e cantando:

Mariazinha emburradinha

O que tem no seu jardim?

Tem caramujo e campainha

Tem cravinho e tem capim.

Basil cantou sem parar até as outras crianças ouvirem e começarem a rir também; e quanto mais ela se zangava, mais cantavam; e o tempo todo que Mary passou na casa, depois desse episódio, era chamada de “Mariazinha emburradinha” – quando falavam entre si e também quando se dirigiam à própria Mary.

“Vão mandar você pra casa”, Basil disse a Mary. “No final da semana. E a gente tá bem feliz.”

“Também estou”, respondeu Mary. “Mas onde é essa casa?”

“Ela não sabe onde é a casa dela!”, debochou Basil, com o desdém típico dos sete anos de idade. “Na Inglaterra, claro. É onde a nossa avó mora. Minha irmã Mabel foi pra lá no ano passado morar com ela. Só que você não vai pra sua avó. Porque você não tem avó. Você vai pra casa do seu tio. O nome dele é sr. Archibald Craven.”

“Não sei nada sobre ele”, retrucou Mary.

“Claro”, respondeu Basil, “você não sabe nada de nada. As meninas nunca sabem. Eu ouvi papai e mamãe falando sobre o seu tio. Ele vive numa casa de campo triste, velha e enorme, e ninguém gosta de chegar perto dele. Ele é tão mal-humorado que não deixa ninguém se aproximar, e ninguém ia querer mesmo fazer isso, porque ele é um corcunda horroroso.”

“Não acredito em você”, disse Mary, virando de costas e tapando os ouvidos, decidida a não escutar mais nada.

No entanto, continuou pensando muito no assunto; e quando, naquela noite, a sra. Crawford lhe disse que ela tomaria um navio para a Inglaterra dentro de alguns dias para encontrar seu tio, o sr. Archibald Craven, que vivia na Mansão Misselthwaite, a menina pareceu tão apática e desinteressada que a família ficou sem saber o que pensar. O sr. e a sra. Crawford até tentaram ser carinhosos com ela, mas Mary virou o rosto quando a sra. Crawford fez menção de lhe dar um beijo, e ficou dura como uma pedra ao ser tocada de leve no ombro pelo sr. Crawford.

“Ela é uma criança tão sem graça”, compadeceu-se mais tarde a sra. Crawford. “A mãe dela era tão bonita, e tão bem-educada. Mary é a menina mais desagradável que já conheci. As crianças a apelidaram de ‘Mariazinha emburradinha’, e, mesmo sendo malcriadas, não dá para dizer que não tenham razão.

“Talvez se o rosto bonito e as boas maneiras da mãe tivessem sido um pouco mais frequentes na vida de Mary ela pudesse ter aprendido alguma coisa. É muito triste, agora que aquela mulher tão linda se foi, pensar que muitas pessoas nem sequer sabiam que tinha uma filha.

“Acho que ela nem olhava para a criança”, suspirou a sra. Crawford. “Quando a aia morreu, ninguém se lembrou dela. Imagine que os criados abandonaram o trabalho e a deixaram sozinha naquela casa vazia. O coronel McGrew disse que quase morreu de susto quando abriu a porta e viu a menina parada no meio do quarto.”

Mary fez a longa viagem até a Inglaterra sob os cuidados da esposa de um oficial que levava seus próprios filhos para estudar num colégio interno. Ocupada em cuidar de seu casal de crianças, ela ficou bastante aliviada ao entregar Mary à mulher que veio recebê-la em Londres em nome do sr. Archibald Craven. Tratava-se da sra. Medlock, governanta da Mansão Misselthwaite. A sra. Medlock era corpulenta, tinha as bochechas muito coradas e olhos escuros e penetrantes. Usava um vestido roxo, uma capa de seda preta com franjas de contas de azeviche e um chapéu preto com flores de veludo roxo protuberantes que balançavam quando ela mexia a cabeça. Mary não gostou nem um pouco da mulher, mas, como raramente gostava de alguém, isso não chegava a ser relevante; além disso, estava na cara que a sra. Medlock também não tinha simpatizado com ela.

“Minha nossa! Que mocinha mais sem graça!”, disse. “E nos disseram que a mãe era uma beldade. Bom, parece que a menina não a puxou em nada, não acha, senhora?”

“Talvez ela melhore conforme for ficando mais velha”, respondeu a esposa do oficial, com toda a amabilidade. “Ela até teria traços agradáveis se não fosse tão pálida e tão emburrada. As crianças mudam muito.”

“Essa aí vai ter que mudar um bocado”, retrucou a sra. Medlock. “E, se quer saber a minha opinião, Misselthwaite não é o lugar mais indicado para dar jeito numa criança.”

Como Mary estava um pouco afastada, debruçada na janela do hotel para onde tinham ido, as duas mulheres acharam que ela não podia escutar. Porém, embora estivesse de fato observando os ônibus, táxis e pessoas que passavam por ali, a menina ouviu muito bem toda a conversa e ficou curiosa sobre o tio e o lugar onde ele vivia. Que tipo de lugar podia ser aquele? O que era um corcunda? Nunca tinha visto um. Talvez eles não existissem na Índia.

Desde que fora viver na casa de outras pessoas sem sua aia, Mary passara a se sentir sozinha e a ter pensamentos estranhos, que eram novos para ela. Começou a se perguntar por que nunca havia tido a sensação de pertencer a alguém, mesmo quando seu pai e sua mãe ainda eram vivos. As outras crianças pareciam pertencer a seus pais, mas ela nunca tinha sido a filhinha de ninguém. Tivera criados, comida e roupas, mas ninguém nunca lhe dera atenção. Não sabia que isso se devia ao fato de ser uma criança desagradável; mas nem sequer sabia que era uma criança desagradável. Na verdade, costumava achar que desagradáveis eram as outras pessoas, e não fazia a menor ideia da impressão que ela própria causava.

Para Mary, a sra. Medlock era a pessoa mais desagradável de todas, com aquele rosto vulgar todo corado e aquele chapéu ordinário. Quando, no dia seguinte, começaram a viagem até Yorkshire, Mary caminhou de cabeça erguida pela estação de trem até o seu vagão, tentando ficar o mais afastada possível daquela mulher, pois não queria dar a impressão de pertencer a ela. Teria

sido horrível se as pessoas pensassem que Mary era a filhinha da sra. Medlock.

A sra. Medlock, porém, não estava nem um pouco preocupada com Mary e seus pensamentos. Era o tipo de pessoa com quem “criança não se metia a besta”. Era o que diria se a menina tivesse perguntado sua opinião. Fora para Londres a contragosto, justo no momento em que a filha de sua irmã Maria estava para se casar, mas tinha um emprego bem-pago como governanta da Mansão Misselthwaite e o único jeito de mantê-lo era fazer sem reclamar o que o sr. Archibald Craven mandava. Ela jamais se atrevera sequer a fazer perguntas.

“O capitão Lennox e a esposa morreram de cólera”, o sr. Craven comunicara, daquele seu jeito curto e grosso. “O capitão Lennox era irmão da minha mulher, e fiquei com a guarda da filha deles. A criança precisa ser trazida para cá. A senhora deve ir pessoalmente a Londres buscá-la.”

De modo que ela fez sua malinha e embarcou para Londres.

Sentada num dos cantos do vagão, Mary parecia murcha e emburrada. Não tinha nada para ler e tampouco para onde olhar, então ficou parada com as mãozinhas de luvas pretas entrelaçadas sobre o colo. O vestido preto a fazia parecer mais amarela do que nunca, e seu cabelo louro ralo escapava por baixo do chapéu de crepe preto.

“Nunca vi uma criança tão estragada na minha vida”, pensou a sra. Medlock. (“Estragada” era a palavra usada em Yorkshire para mimada e manhosa.) E ela nunca tinha visto uma menina que ficasse sentada sem fazer nada; por fim, cansada de observá-la, começou a falar, num tom seco e ríspido.

“Talvez fosse bom eu contar um pouco sobre o lugar para onde você está indo”, disse ela. “Sabe alguma coisa sobre o seu tio?”

“Não”, respondeu Mary.

“Seu pai ou sua mãe nunca falaram dele?”

“Não”, retrucou a menina, franzindo a testa. E o que a levou a franzir a testa foi pensar que o pai e a mãe nunca lhe falavam de coisa alguma. Obviamente nunca tinham contado nada sobre seu tio.

“Hum”, fez a sra. Medlock, encarando o rostinho impassível e esquisito da menina. Ficou em silêncio por um momento, mas logo tentou de novo.

“Acho melhor contar algumas coisas para você se preparar. Você está indo para um lugar estranho.”

Mary não disse nada, e a sra. Medlock ficou desconcertada com a aparente indiferença da menina, mas, retomando o fôlego, prosseguiu.

“É um lugar grande e majestoso, mas meio sombrio; e o sr. Craven tem certo orgulho disso – o que também não deixa de ser sombrio. A casa tem seiscentos anos e fica à margem de uma charneca, e tem quase cem quartos, mas a maior parte deles fica trancada. Tem quadros e móveis antigos e caros e outras coisas que estão lá há muito tempo, e um parque grande ao redor, e jardins e algumas árvores com galhos que vão até o chão.” A governanta fez uma nova pausa para tomar fôlego. “Mas é só isso”, encerrou subitamente.

Mary, sem perceber, tinha começado a ouvir a sra. Medlock com atenção. Tudo parecia tão diferente da Índia, e qualquer coisa diferente a atraía. Mas não queria dar a impressão de estar

interessada; essa era uma de suas manias infelizes e antipáticas. De modo que continuou ali, imóvel.

“Bom”, disse a sra. Medlock. “O que você acha?”

“Nada”, respondeu Mary. “Não sei nada sobre esse tipo de lugar.”

A resposta fez a sra. Medlock soltar uma risadinha.

“Ah!”, disse ela. “Mas você parece uma velha. Não se importa com nada?”

“Que diferença faz se me importo ou não?”, retrucou Mary.

“Nisso você tem razão”, disse a sra. Medlock. “Não faz diferença nenhuma. Não entendo por que decidiram levá-la para a Mansão Misselthwaite. Só pode ser porque é mais fácil assim. *Ele* é que não vai se dar ao trabalho de cuidar de você, quanto a isso não há dúvida. Não se dá ao trabalho de nada por ninguém.”

A governanta parou de repente, como se tivesse acabado de se lembrar de alguma coisa.

“Ele tem as costas tortas”, disse. “Isso estragou a vida dele. Mesmo quando jovem já era cheio de amargura, e pouco lhe adiantou ter dinheiro ou aquele lugar enorme. Até que ele se casou.”

Os olhos de Mary se voltaram para a sra. Medlock, embora ela tentasse fingir que não se importava. Nunca imaginara que o corcunda pudesse ser casado, o que a deixou um pouco surpresa. A sra. Medlock percebeu e, como era uma mulher tagarela, prosseguiu com mais entusiasmo. Era uma forma de passar o tempo, afinal.

“Ela era uma moça muito doce e bonita, e seu tio seria capaz de dar a volta ao mundo atrás de uma folha de capim para agradá-la. Ninguém pensava que ela aceitaria se casar com ele, mas ela aceitou. Então todos falaram que foi por dinheiro. Mas não foi não, não foi mesmo”, enfatizou a governanta. “Quando ela morreu...”

Mary teve um espasmo involuntário.

“Oh, ela morreu!”, exclamou, praticamente sem querer. Lembrou-se de um conto de fadas francês que tinha lido certa vez, intitulado “Henrique, o topetudo”. Era sobre um pobre corcunda e uma linda princesa, e de repente ela sentiu pena do sr. Archibald Craven.

“Sim, ela morreu”, respondeu a sra. Medlock. “E isso o tornou ainda mais esquisito. Ele não se importa com ninguém. Não quer ver ninguém. Passa a maior parte do tempo viajando, e quando está em Misselthwaite se tranca na ala oeste e não deixa ninguém se aproximar, a não ser o Pitcher. O Pitcher é um velho que cuidou dele quando era criança e o conhece melhor que ninguém.”

Aquilo tudo parecia saído de um livro, e não era exatamente animador para Mary. Um casarão com cem quartos, quase todos fechados e com as portas trancadas, e à margem de uma charneca – o que quer que fosse isso, uma charneca –, parecia um lugar muito triste. Isso para não falar que ainda havia um sujeito com as costas tortas que se trancava lá dentro! Mary olhou para fora, apertando os lábios, e pareceu muito apropriado que começasse a chover bem naquele momento, a paisagem riscada por linhas cinzentas, as gotas batendo na janela e escorrendo vidro abaixo. Se a esposa bonita ainda estivesse viva, talvez pudesse tornar as coisas mais alegres, entrando e saindo de casa e indo a festas com vestidos “cheios de rendas” como os da mãe de Mary. Mas ela não estava mais lá.

“Você não vai nem ver o seu tio, é bem difícil que isso aconteça”, disse a sra. Medlock. “E não deve esperar companhias com quem conversar. Vai ter que brincar sozinha e cuidar de si mesma. Receberá instruções sobre os cômodos onde pode entrar e aqueles dos quais deve se manter afastada. Jardim é o que não falta por lá.

Mas, quando estiver dentro de casa, você não deve ficar zanzando e bisbilhotando. O sr. Craven não tolera esse tipo de coisa.”

“Não vou querer bisbilhotar nada”, retrucou a menininha emburrada, e tão rápido quanto tinha começado a sentir pena do sr. Archibald Craven passou a achá-lo desagradável e a pensar que merecia tudo que lhe tinha acontecido na vida.

Virando o rosto para as vidraças molhadas da janela do vagão, ficou observando aquela chuva cinzenta que parecia que nunca mais ia parar. Manteve a atenção lá fora com tanta insistência e por tanto tempo que tudo foi ficando cada vez mais cinza diante dos seus olhos, até que adormeceu.

3. DO OUTRO LADO DA CHARNECA

Mary dormiu por um longo tempo e, quando acordou, viu que a sra. Medlock havia comprado uma cesta de lanche numa das paradas. Elas comeram frango, carne fria, pão com manteiga e tomaram chá quente. A chuva parecia estar ficando cada vez mais forte, e todas as pessoas na estação usavam capas encharcadas e reluzentes. O condutor acendeu as luzes do vagão e a sra. Medlock ficou bem mais animada depois do chá, do frango e da carne fria. Ela comeu bastante e, em seguida, pegou no sono. Mary ficou a observá-la, reparando no chapéu caído de lado, até que ela própria adormeceu também, uma vez mais, no cantinho do vagão, embalada pelo barulho da chuva na vidraça. Já era tarde quando acordou de novo. O trem estava parado numa estação e a sra. Medlock a sacudia de leve.

“Você caiu no sono!”, disse ela. “Está na hora de acordar! Estamos na estação de Thwaite e ainda temos um longo caminho pela frente.”

Mary se levantou, tentando manter os olhos abertos, enquanto a sra. Medlock apanhava suas bagagens. A menina não se ofereceu para ajudar a carregar as malas, porque na Índia os criados nativos é que sempre levavam as coisas, e parecia adequado que fosse assim.

A estação de trem era pequena, e aparentemente elas eram as únicas pessoas que desembarcariam ali. O chefe da estação se dirigiu à sra. Medlock de um jeito rústico, mas simpático, com sua

pronúncia esquisita das palavras, o que mais tarde Mary descobriria ser o sotaque de Yorkshire.

“Já de volta, comadre?”, disse ele. “E trouxe a pequena junto, né?”

“Pois é, taí a mocinha”, respondeu a sra. Medlock com o mesmo sotaque, meneando a cabeça na direção de Mary. “A comadre vai bem?”

“Vai indo. A carruagem já tá lá fora esperando ocês.”

Uma carruagem aguardava na rua em frente à pequena plataforma. Mary reparou que o veículo era elegante, assim como o lacaio que a ajudou a embarcar. Tanto a longa capa de chuva quanto a cobertura impermeável do chapéu do homem reluziam e pingavam, ensopadas como tudo ali, inclusive o corpulento chefe da estação.

Quando o lacaio fechou a porta, subiu na parte da frente da carruagem ao lado do cocheiro e eles partiram, Mary se viu sentada em um cantinho confortavelmente acolchado, mas não estava disposta a voltar a dormir. Preferiu ficar olhando pela janela, curiosa em conhecer a estrada que levava ao lugar tão estranho do qual a sra. Medlock tinha falado. Não era de forma alguma uma menina tímida, e também não estava exatamente assustada, porém desconhecia o que podia acontecer numa casa de cem quartos, quase todos fechados, que ficava às margens de uma charneca.

“O que é uma charneca?”, Mary perguntou subitamente à sra. Medlock.

“Olhe de novo pela janela daqui a uns dez minutos e você já vai saber”, disse a mulher. “Temos que atravessar uns oito quilômetros de charneca até chegar à mansão. Você não vai conseguir ver muita coisa porque já está escuro, mas dá pra ter uma ideia.”

Mary não perguntou mais nada, só ficou em silêncio no seu cantinho escuro, com os olhos grudados na janela. As lanternas da carruagem lançavam raios de luz um pouco à frente e ela conseguia ver algumas coisas de relance. Depois de deixarem a estação, eles atravessaram um pequeno vilarejo onde Mary distinguiu casinhas de paredes caiadas e uma taberna iluminada. Em seguida, passaram por uma igreja, pela residência do pastor e por uma pequena loja com brinquedos, doces e coisas antigas na vitrine. Então pegaram uma estrada maior, e agora só se viam cercas e árvores. Depois disso, a paisagem foi a mesma por um bom tempo – ou pelo menos foi essa a sensação de Mary.

Por fim, os cavalos começaram a andar mais devagar, como se estivessem subindo um morro, e de repente não se viam mais árvores nem cercas. Na verdade, Mary não conseguia enxergar nada além de escuridão de ambos os lados da carruagem. A menina se inclinou para a frente e encostou a cabeça no vidro justo na hora em que a carruagem deu um solavanco.

“Eita, nós agora com certeza estamos na charneca”, disse a sra. Medlock.

As lanternas da carruagem lançavam um feixe de luz amarelado sobre uma estradinha acidentada que parecia se abrir entre arbustos e galhos de árvores baixas. À frente e ao redor da luz, uma enorme escuridão se espalhava. O vento ficava mais forte, fazendo um barulho singular: selvagem, grave, forte.

“Esse barulho... não é do mar, é?”, Mary perguntou à sua companheira de viagem.

“Não, não é o mar”, respondeu a sra. Medlock. “Também não é um descampado ou uma montanha, são apenas quilômetros e

quilômetros de terra virgem onde não cresce nada além de urzes, tojos e arbustos, e onde os únicos animais são pôneis selvagens e carneiros.”

“Achei que era barulho de água”, disse Mary. “Parece o mar.”

“É o vento soprando nos arbustos”, explicou a sra. Medlock. “Para mim, é um lugar inóspito e sombrio, mas tem muita gente que gosta, especialmente quando as urzes estão em flor.”

Por um bom tempo, seguiram em frente pela escuridão. Embora a chuva tivesse parado, o vento continuava forte, assobiando e fazendo sons esquisitos. A estrada subia e descia, e a carruagem passou por várias pontezinhas, abaixo das quais a água corria rápido, fazendo muito barulho. Para Mary parecia que a viagem nunca iria terminar, e que aquela sombria e imensa charneca era um oceano negro que ela atravessava por uma pequena faixa de terra seca.

“Não estou gostando disso”, disse para si mesma. “Não estou gostando disso”, e apertou os lábios com força.

Os cavalos subiam um trecho íngreme da estrada quando ela conseguiu ver de relance o primeiro sinal de luz. A sra. Medlock também viu, e deu um longo suspiro de alívio.

“Eita, que bom ver aquela luzinha brilhando”, exclamou. “É a luz da janela da casa do porteiro. Mais um pouco e vamos tomar uma boa xícara de chá.”

A sra. Medlock estava certa ao dizer “mais um pouco”, já que, quando a carruagem atravessou os portões da propriedade, ainda faltavam três quilômetros a percorrer, e as árvores que se erguiam ao longo da via (quase se encostando no alto) davam a sensação de um túnel escuro e comprido.

Ao saírem do túnel, chegaram a um descampado e pararam diante de uma casa gigantesca de tão comprida, porém baixa, contornada por um pátio de pedra. A primeira impressão de Mary é que não havia nenhuma luz acesa em qualquer das janelas, mas, ao sair da carruagem, ela viu que um quarto de canto no segundo andar estava levemente iluminado.

A porta de entrada era enorme, feita de grossas toras de carvalho de formato curioso, atravessadas por enormes cravos de ferro e presas umas às outras por barras também de ferro. Atrás da porta, havia um imenso saguão tão parcamente iluminado que fazia com que os retratos nas paredes e os bonecos de armadura dessem medo de olhar. Parada na soleira de pedra, toda de preto, Mary parecia pequena e esquisita, e se sentia tão pequena, perdida e esquisita quanto sua aparência fazia supor.

Um senhor magro e bem-vestido aguardava ao lado do criado que abrisse a porta para elas.

“Leve a menina para o quarto dela”, disse, numa voz ríspida. “Ele não quer vê-la. Amanhã cedo, parte para Londres.”

“Muito bem, sr. Pitcher”, respondeu a sra. Medlock. “Desde que me digam o que se espera de mim, eu dou conta.”

“O que se espera da senhora, sra. Medlock”, disse o sr. Pitcher, “é que faça o possível para que ele não seja incomodado e não veja o que não quer ver.”

E então Mary foi conduzida por uma escada larga, depois por um corredor comprido, mais alguns degraus, ainda outro corredor, e mais um, até chegar a uma porta aberta que, enfim, dava para um quarto que tinha a lareira acesa e o jantar na mesa.

A sra. Medlock anunciou então, sem qualquer cerimônia:

“Aí está! Você vai morar nesse quarto e no que fica ao lado, e apenas neles. Não se esqueça disso!”

Foi assim que a Mariazinha emburradinha chegou à Mansão Misselthwaite, e talvez nunca na vida tenha se sentido tão emburrada.

4. MARTHA

Quando abriu os olhos naquela manhã, Mary percebeu que havia acordado porque uma jovem empregada entrara em seu quarto para acender o fogo, estando ajoelhada sobre o tapete em frente à lareira e esfregando-o ruidosamente para limpar as cinzas. A menina se levantou e ficou observando a criada por alguns instantes, depois começou a olhar melhor o quarto. Nunca vira um quarto como aquele na vida, e achou tudo estranho e triste. As paredes eram cobertas por uma tapeçaria bordada com uma paisagem de floresta. Nela, havia pessoas embaixo das árvores vestidas de maneira extravagante, e à distância viam-se as torres de um castelo. Havia ainda caçadores, cavalos, cachorros e damas. Mary se sentiu como se estivesse naquela paisagem. Pela janela, viu uma grande extensão de terra irregular sem árvores que parecia um mar infinito, monótono e arroxado.

“O que é aquilo?”, perguntou, apontando para fora.

Martha, a jovem criada que acabara de se levantar, olhou e apontou na mesma direção.

“Aquilo lá?”

“É.”

“Aquilo é a charneca”, respondeu Martha com um sorriso franco.

“Oê gosta?”

“Não”, disse Mary. “É horrível.”

“É porque ocê ainda não tá acostumada”, disse Martha, voltando para a lareira. “Parece muito grande e vazia, mas ocê vai gostar.”

“Você gosta?”, inquiriu Mary.

“Sem dúvida que gosto”, respondeu Martha, limpando a grelha alegremente. “Gosto é demais. E ela não é nada vazia. Está cheia de plantinha e tem um cheiro doce. É uma belezura na primavera e no verão, quando as planta floresce. Tem cheirinho de mel e o ar fica tão puro – e o céu parece até mais alto, tem abelha zumbindo e as cotovia que faz um barulhinho bom. Eita! Eu que não queria por nada nesse mundo viver longe daqui.”

Mary ficou ouvindo a empregada com uma expressão séria e confusa. Os criados nativos com os quais estava acostumada na Índia não eram nem um pouco parecidos com aquilo. Eram obsequiosos e servis e não ousavam falar com seus senhores de igual para igual. Faziam salamaleques para os patrões e os chamavam de “protetores dos pobres” e coisas do tipo. Os empregados na Índia recebiam ordens, e não pedidos, para fazer as coisas. Não era costume dizer “por favor” ou “obrigado”, e Mary sempre esbofeteava sua aia quando estava com raiva. Ficou pensando no que aconteceria se desse uns tapas na cara daquela criada. A moça era gordinha, corada e até simpática, mas tinha um jeito vigoroso que fez Mary imaginar que até seria capaz de lhe devolver o tapa – se quem tivesse batido nela fosse apenas uma menininha.

“Você é uma criada estranha”, disse Mary provocativamente, recostando-se nos travesseiros.

Martha se acomodou sobre os calcanhares, com sua vassourinha na mão, e riu. Não parecia estar ofendida.

“Eu sei”, disse. “Se aqui em Misselthwaite tivesse uma nobre dama no comando da casa, eu não podia ser nem mesmo uma criada subalterna. Talvez me deixassem cuidar da limpeza da cozinha, mas nunca que eu teria chance de subir ao segundo andar. Eu sou caipira demais, e meu sotaque de Yorkshire é muito forte. Mas esta casa é um lugar engraçado, mesmo sendo tão nobre. Aqui é como se não tivesse nem patrão nem patroa, só o sr. Pitcher e a sra. Medlock. É que o sr. Craven não quer nunca ser incomodado quando tá em casa, e quase nunca tá por aqui. A sra. Medlock só me deu esse trabalho por bondade. Ela me disse que se Misselthwaite fosse como as outras mansões, isso nunca que teria sido possível.”

“Você vai ser a minha criada?”, perguntou Mary, ainda em seu tom imperial indiano.

Martha voltou a esfregar a grelha da lareira.

“Sou criada da sra. Medlock”, disse ela com firmeza. “E ela é criada do sr. Craven. Meu trabalho é limpar, arrumar as coisa e ficar um pouco de olho na senhorita. Mas ocê não vai precisar de muitos cuidado.”

“E quem vai me vestir?”, perguntou Mary.

Martha voltou a se sentar sobre os calcanhares e olhou para Mary. Seu sotaque de Yorkshire ficou mais carregado do que nunca por causa do espanto.

“Arre! Ocê não veste só?”

“O quê? Não entendo essa língua que você fala”, disse Mary.

“Eita, esqueci”, disse Martha. “A sra. Medlock avisou pra eu falar direito, senão ocê não ia entender. O que eu quis dizer foi: você não sabe se vestir sozinha?”

“Não”, respondeu Mary, já quase indignada. “Nunca me vesti sozinha na vida. Minha aia era quem me vestia, obviamente.”

“Bom, já passou da hora de aprender”, disse Martha, sem se dar conta de que estava sendo insolente. “Quanto mais cedo, melhor. Vai ser bom procê se cuidar um pouco sozinha. Minha mãe sempre diz que não entende como os filho das pessoa importante não acabam se tornando uns bocó, com tanta gente lavando, vestindo e tomando conta deles como se fossem uns cachorrinho!”

“É diferente lá na Índia”, disse Mary, com desdém. A conversa estava lhe dando nos nervos.

Mas Martha não se deu por vencida.

“É, tô vendo que é diferente”, respondeu, num tom quase compreensivo. “Deve ser porque lá tem negro demais e quase não tem pessoas branca respeitável. Quando me disseram que ocê vinha da Índia, achei que seria preta também.”

Mary se sentou na cama, furiosa.

“O quê?”, disse. “O quê? Você pensou que eu era uma nativa? Você... sua filha de uma porca!”

Martha encarou a menina, zangada.

“Quem é que ocê tá xingando?”, disse. “E por que tá tão brava? Isso não é jeito de uma mocinha falar. Não tenho nada contra os negro. Quando a gente lê sobre eles nos livro, são sempre religiosos. Tá escrito que o negro é um homem como outro qualquer e é nosso irmão. Nunca vi um negro na vida e estava feliz de pensar que veria um de perto. Quando entrei pra acender o fogo pra senhorita hoje de manhã, fui de mansinho até a sua cama e puxei o cobertor pra poder ver melhor. E lá estava ocê”, disse, desapontada, “nem um tiquinho preta, só um pouco mais amarela do que eu.”

Mary nem tentou conter a raiva e a humilhação.

“Você achou que eu era uma nativa? Como ousa! Você não sabe nada sobre os nativos! Eles não são gente – são apenas criados que fazem salamaleques para os outros. Você não sabe nada sobre a Índia. Não sabe nada de nada!”

Mary estava tão irada e se sentia tão desamparada diante do olhar simplório da empregada, sentia-se tão sozinha e tão distante de tudo que fazia sentido para ela, que se atirou na cama com o rosto enterrado no travesseiro e caiu no choro. Era um pranto tão incontrollável que a simpática Martha ficou um pouco assustada e com pena da menina. Ela se aproximou da cama e se reclinou na direção de Mary.

“Eita, não precisa chorar desse jeito!”, implorou. “Eu não fazia ideia que ocê ia ficar com tanta raiva. Não sei nada de nada, tá certo. Desculpa, senhorita. Mas pare de chorar, tá?”

Havia algo de reconfortante e de gentil naquele jeito estranho e decidido de falar que acabou por deixar Mary mais calma. Ela foi aos poucos parando de chorar e ficou em silêncio. Martha estava aliviada.

“Agora vamos levantar”, disse ela. “A sra. Medlock falou pra eu servir o café, o almoço e o chá da tarde no quarto aqui do lado. Eles ajeitaram pra ser um quarto de criança. Eu ajudo ocê a se vestir, se ocê levantar da cama. E se os botão da roupa forem nas costa e ocê não alcançar sozinha.”

Quando Mary decidiu enfim se levantar, as roupas que Martha tirou do armário não eram as que ela havia usado na noite anterior, ao chegar à mansão com a sra. Medlock.

“Essas roupas não são minhas”, disse a menina. “As minhas são pretas.”

Mary olhou para o casaco e o vestido brancos feitos de lã grossa e acrescentou, em tom de fria aprovação:

“Essas são mais bonitas.”

“São essas que ocê tem que vestir”, disse Martha. “O sr. Craven mandou a sra. Medlock comprar essas roupa em Londres. Ele disse: ‘Não quero uma criança andando de preto por aqui feito uma aparição. Isso deixaria este lugar mais triste ainda. Coloque alguma cor na menina.’ A mãe disse que concorda com ele. Ela entende dessas coisa, e também não gosta de preto.”

“Eu detesto coisas pretas”, disse Mary.

O processo de vestir a menina ensinou algumas coisas a ambas. Martha já “agasalhara” suas irmãs e irmãos, mas nunca tinha visto uma criança que ficava paradinha, esperando a outra pessoa fazer as coisas para ela, como se não tivesse nem mãos nem pés.

“Por que é que ocê não coloca os seus próprio sapato?”, perguntou, quando Mary estendeu o pé.

“Minha aia fazia isso”, respondeu Mary, olhando firme para a empregada. “Era o costume.”

Ela vivia dizendo isto: “Era o costume.” Os criados nativos da Índia sempre falavam assim. Se alguém lhes pedisse para fazer uma coisa que seus ancestrais de mil anos nunca tinham feito, eles olhavam servilmente e diziam: “Não é o costume”, e o assunto estava encerrado.

Não era o costume que a srta. Mary fizesse qualquer coisa que não ficar paradinha esperando ser vestida como se fosse uma boneca, mas, antes mesmo de estar pronta para o café da manhã, ela já

desconfiava que sua vida na Mansão Misselth-waite acabaria por lhe ensinar várias coisas novas – coisas como vestir suas próprias meias, calçar seus sapatos e apanhar sozinha o que quer que deixasse cair. Se Martha fosse o tipo de criada fina que atende uma dama, seria mais respeitosa e subserviente, e saberia que era parte de seu trabalho pentear o cabelo, afivelar as botas e pegar as coisas que Mary deixava cair no chão. Martha, porém, era apenas uma moça caipira de Yorkshire, criada em uma casinha no meio da charneca, junto com um enxame de irmãos e irmãs mais novos que nunca sequer sonharam em fazer nada além de cuidar de si próprios e dos irmãos menores, que eram ou bebês de colo ou pequenos que mal sabiam andar e viviam a tropeçar nas coisas.

Se Mary Lennox fosse uma criança com alguma disposição para se divertir, talvez tivesse achado graça na prontidão de Martha em iniciar uma conversa, mas tudo que a menina fazia era ouvir com frieza e desaprovar as maneiras da criada. A princípio, não estava mesmo interessada, porém aos poucos foi se deixando levar pelo jeito simpático e simplório de Martha e começou a prestar atenção no que ela estava dizendo.

“Eita, ocê devia conhecer a minha família”, disse Martha. “Somos em doze, e o pai só ganha dezesseis xelim por semana. A mãe tem que fazer mágica pra servir mingau pra todo mundo. As criança fica brincando na charneca o dia inteiro, e a mãe diz que o ar daqui faz elas ganhar peso. Ou isso ou elas comem capim que nem os pônei selvagem. O nosso Dickon tem doze anos e diz que tem um pônei só dele.”

“E onde ele conseguiu esse pônei?”, perguntou Mary.

“Ele encontrou o bicho na charneca, junto com a mãe, quando ainda era apenas um filhotinho, e foi fazendo amizade. Dava uns pedaço de pão e arrancava capim fresco pro bicho. E aí o pônei começou a seguir ele e acabou deixando o moleque montar. O Dickon é um menino bacana, e os bicho gosta dele.”

Mary nunca havia tido um animal de estimação e sempre pensara que gostaria de um. Então começou a sentir um leve interesse por Dickon – e nunca antes sentira interesse por ninguém que não ela própria. Foi o despertar de um sentimento saudável. Quando entrou no quarto que havia sido redecorado para ela, descobriu que não era muito diferente do cômodo em que estava dormindo. Não era um quarto de criança, mas um quarto de adulto, com pinturas sombrias nas paredes e pesadas cadeiras de carvalho. Uma mesa no centro estava posta com o que parecia ser um substancial café da manhã. Porém, como sempre tivera pouco apetite, Mary olhou para o primeiro prato que Martha colocou diante dela com pouco mais do que indiferença.

“Não quero isso”, disse.

“Não quer o mingau?”, exclamou Martha, incrédula.

“Não.”

“Oê não sabe o que é bom. Coloca um pouco de melado ou açúcar por cima.”

“Não quero isso”, repetiu Mary.

“Eita!”, disse Martha. “Não aguento ver comida boa ir pro lixo. Se meus irmãos estivesse na mesa, limpavam tudo em cinco minutos.”

“Por quê?”, perguntou Mary, com frieza.

“Por quê?”, repetiu Martha. “Porque eles quase nunca têm com que encher a pança. São tão famintos quanto filhotes de gavião e

raposa.”

“Não sei o que é ter fome”, disse Mary, com indiferença e ignorância.

Martha ficou indignada.

“É, pois ia fazer um bem danado se ocê experimentasse. Ah, se ia”, disse Martha, com toda a franqueza. “Eu não tenho paciência com gente que só senta e fica olhando pra uma comida boa que nem essa. Juro que queria que o Dickon, o Phil, a Jane e o resto das criança pudesse colocar tudo isso aí pra dentro da pança.”

“Por que não leva a comida para eles?”, sugeriu Mary.

“Porque não é minha”, respondeu Martha, com firmeza. “E não é meu dia de folga. Só tenho folga uma vez por mês, como todo mundo. Daí eu vou pra minha casa e faço uma faxina, que é pra minha mãe ter um dia de descanso.”

Mary tomou um pouco de chá e comeu uma pequena torrada com geleia.

“Agora ponha um casaco e vá brincar lá fora”, disse Martha. “Vai fazer bem e abrir seu apetite pro almoço.”

Mary foi até a janela. Havia jardins, trilhas e árvores gigantes, mas tudo parecia tedioso e invernial.

“Lá fora? Por que eu deveria ir lá fora com um tempo desses?”

“Bom, se não quiser sair vai ter que ficar aqui dentro, e o que ocê tem pra fazer aqui?”

Mary olhou a sua volta. Não havia nada para fazer. Quando a sra. Medlock preparou o quarto, não levou em consideração a parte do entretenimento. Talvez fosse melhor ir ver de perto como eram os jardins.

“Quem vai me acompanhar?”, inquiriu Mary.

Martha encarou a menina.

“Oê vai sozinha”, respondeu. “Vai ter que aprender a brincar que nem as outras criança que não têm irmão nem irmã. O nosso Dickon vai pra charneca sozinho e brinca lá por horas. Foi assim que fez amizade com o pônei. Tem até ovelha na charneca que conhece o Dickon, até os passarinho come na mão dele. Mesmo não tendo muita coisa, ele sempre guarda um pedaço de pão pra agradar os bichinho.”

Na verdade, foi essa menção a Dickon que fez Mary decidir-se por sair de casa, embora não de maneira consciente. Haveria passarinhos lá fora, mas não pôneis nem carneiros. E os passarinhos seriam diferentes daqueles que ela via na Índia, e isso podia ser divertido.

Martha pegou o casaco e o chapéu de Mary, além de um par de botinhas resistentes, e mostrou o caminho para fora da casa.

“Se for por ali vai dar nos jardins”, disse Martha, apontando para um portão no meio dos arbustos. “No verão fica tudo cheio de flor, mas agora é inverno e você não vai encontrar nenhuma.” Martha hesitou um segundo antes de continuar. “Um dos jardins está fechado. Ninguém vai lá faz mais de dez anos.”

“Por quê?”, perguntou Mary, embora não quisesse demonstrar interesse. Era mais uma porta trancada entre as cem que ficavam dentro da casa.

“O sr. Craven mandou fechar quando a mulher morreu. E ele não deixa ninguém entrar lá. Era o jardim dela. Ele trancou a porta, cavou um buraco e enterrou a chave. Mas olha, o sino da sra. Medlock está tocando. Tenho que ir.”

Ao ver Martha se afastar, Mary retomou a caminhada que levava ao portão no meio dos arbustos. Não conseguia parar de pensar no jardim onde ninguém entrava havia dez anos. Perguntava-se em que condições devia estar o local, e se ainda havia alguma flor por lá. Ao atravessar o portão, Mary se viu diante do grande jardim, com enormes gramados e trilhas sinuosas margeadas por plantas bem-aparadas. Havia árvores, canteiros de flores, arbustos cortados em formatos esquisitos e um grande lago com um velho chafariz cinzento no meio. Os canteiros estavam vazios e ressecados pelo inverno, e o chafariz estava desligado. Esse não podia ser o jardim que fora trancado pelo sr. Craven. Mas como seria possível trancar um jardim? Os jardins eram sempre lugares abertos.

Mary estava pensando a respeito quando viu, no final da trilha, um muro comprido, coberto de trepadeiras. Não conhecia bem o suficiente os costumes dos ingleses para entender que se aproximava da horta e do pomar, os jardins onde eram cultivados os legumes, verduras e frutas usados na cozinha. A menina foi até o muro e descobriu que havia ali uma porta verde em meio às trepadeiras, e que a porta estava aberta. Esse não era o jardim proibido, evidentemente, porque ela podia entrar.

Ao passar pela porta, Mary descobriu que aquele jardim era todo murado. E mais, que era apenas um entre vários jardins murados que davam uns para os outros. Então, viu outra porta verde aberta, através da qual era possível distinguir arbustos e trilhas que passavam entre canteiros de hortaliças da estação. Árvores frutíferas cresciam coladas ao muro, e sob alguns canteiros havia placas de vidro. Aquele lugar era triste e feio, pensou Mary parada

de pé, olhando para os lados. Talvez fosse mais bonito no verão, quando tudo ficava verde, mas agora era muito feio.

De repente, um velho com uma pá sobre um dos ombros atravessou a porta que vinha do segundo jardim. Ele se assustou ao ver a menina, mas em seguida a cumprimentou, tocando o chapéu. O homem tinha uma cara amarrada e não parecia feliz em vê-la – o que não fazia muita diferença, já que Mary estava com sua típica expressão emburrada, e tampouco parecia feliz com o jardim ou com o jardineiro.

“Que lugar é este?”, perguntou Mary.

“É uma das horta”, respondeu o homem.

“E aquele lá?”, disse Mary, apontando para a outra porta verde.

“É outra”, respondeu o homem, curto e grosso. “Tem mais uma do outro lado do muro, e tem o pomar mais adiante.”

“Posso entrar lá?”, perguntou Mary.

“Se ocê quiser... Mas não tem nada lá pra ver.”

Mary não disse nada. Continuou pela trilha e atravessou a segunda porta verde. Ali encontrou novos muros, hortaliças da estação e estufas. Porém, havia mais uma porta verde, desta vez fechada. Talvez levasse ao jardim onde ninguém entrava havia mais de dez anos. Como não era uma criança tímida, e sempre fazia o que bem entendia, Mary se aproximou da porta e forçou a maçaneta. Esperava que ela não abrisse, porque isso significaria que estava no jardim proibido, mas a porta se mexeu facilmente e ela atravessou a passagem, chegando ao pomar. Este também era murado e tinha árvores plantadas junto às paredes, além de árvores frutíferas desfolhadas no meio dos canteiros – mas não havia outra porta verde em lugar algum. Mary procurou, mas não achou nada.

No entanto, ao entrar por um dos cantos do jardim, a menina tinha reparado que o muro parecia não acabar no pomar – ele se estendia como se cercasse algum lugar do outro lado. Dava para ver a copa das árvores acima do muro, e, quando parou um pouco, Mary conseguiu até ver um pássaro de peito vermelho pousado no galho mais alto de uma das árvores. De repente, o bichinho começou a entoar seu canto de inverno – quase como se a tivesse visto e a convidasse a se aproximar.

Mary ficou parada escutando o canto agudo, alegre e simpático do passarinho, e por fim achou que aquilo lhe fazia bem – mesmo uma garotinha antipática pode se sentir sozinha, e aquela casa enorme e fechada, aquela charneca enorme e vazia e aqueles enormes jardins ressecados a faziam se sentir como se não houvesse mais ninguém no mundo. Se fosse uma criança afetuosa, acostumada a se sentir amada, teria ficado de coração partido. Mas, mesmo sendo a “Mariazinha emburradinha”, ela se sentia triste, e o passarinho de peito vermelho quase conseguiu arrancar um sorriso de seu rosto amargo. Mary ficou ouvindo o bichinho até voar para longe. Ele não era como os pássaros da Índia – Mary gostou dele e ficou se perguntando se voltaria a vê-lo. Quem sabe ele morava no jardim misterioso e soubesse tudo a seu respeito.

Talvez Mary estivesse interessada no jardim só porque não tinha mais nada para fazer. Estava curiosa, queria saber como era o tal lugar. Por que será que o sr. Archibald Craven tinha enterrado a chave? Se tinha amado tanto a esposa, por que odiava tanto aquele jardim? Será que Mary conheceria o sr. Craven algum dia? Se isso chegasse a acontecer, sabia que não ia gostar dele, nem ele dela, e que teria de ficar parada olhando para a cara do tio sem dizer nada,

embora quisesse muito perguntar por que ele tinha feito uma coisa tão estranha.

“As pessoas não gostam de mim e eu não gosto das pessoas”, pensou Mary. “E nunca vou conseguir ser como os filhos do pastor Crawford. Eles estavam sempre falando e rindo e fazendo barulho.”

Mary pensou no passarinho e em como ele parecia estar cantando para ela, até que se lembrou da árvore onde o bichinho estivera e parou subitamente de andar.

“Acho que aquela árvore fica no jardim secreto. Acho não, tenho certeza”, disse. “Tinha um muro em volta daquele lugar, mas não vi nenhuma porta.”

Foi andando de volta até o jardim onde havia entrado primeiro e encontrou o velho jardineiro cavando um buraco na terra. Aproximou-se dele e ficou observando por um momento, do seu jeitinho frio e distante. Como o homem não lhe deu atenção, Mary finalmente resolveu falar.

“Fui ver os outros jardins”, disse.

“Não tinha nada pra impedir ocê, tinha?”, respondeu o velho, ríspido.

“Eu entrei no pomar.”

“Não tinha nenhum cachorro na porta pra morder ocê, tinha?”, disse o velho, no mesmo tom.

“Não tem nenhuma porta lá para entrar no outro jardim”, disse Mary.

“Que jardim?”, disse o homem em tom grave, parando por um minuto de cavar.

“Aquele que fica do outro lado do muro”, respondeu Mary. “Tem umas árvores lá... Eu vi o topo delas. E vi um passarinho de peito

vermelho cantando lá.”

Para a surpresa da menina, o rosto carrancudo e envelhecido do homem mudou de expressão. Um sorriso foi se abrindo lentamente, e o velho jardineiro, de súbito, parecia outra pessoa. Mary pensou no quanto um sorriso pode transformar a aparência de alguém. Nunca tinha pensado nisso antes.

O homem virou-se em direção ao pomar e começou a assobiar – um assobio suave e baixinho. Mary não conseguia entender como um velho tão carrancudo conseguia produzir um som tão gracioso.

Dali a pouco, algo maravilhoso aconteceu. Mary ouviu um barulho de asas suavemente cortando o ar – era o pássaro de peito vermelho, que veio voando para perto deles e foi pousar num dos montinhos de terra ao lado do pé do jardineiro.

“Taí o bicho”, disse o velho, rindo. E então começou a falar com o passarinho como se estivesse conversando com uma criança.

“Por onde ocê andou, seu malandro?”, disse. “A gente ainda não tinha se visto hoje, né? Ainda é inverno, é cedo pra procurar namorada. Ocê tá muito assanhado!”

O passarinho reclinou a cabeça de lado e olhou para o velho com seus olhinhos brilhantes, que eram como pequenas gotas escuras de orvalho. Não parecia ter medo. Ficou saltitando por ali e bicando a terra atrás de insetos e sementes. Na verdade, isso provocou um sentimento estranho em Mary. É que ele era tão bonitinho e alegre, e parecia tanto com uma pessoa. Tinha o corpo roliço, um bico delicado e perninhas magras.

“Ele sempre vem quando você chama?”, perguntou Mary, quase num sussurro.

“Ah, vem sim. Conheço o bichinho desde que tava aprendendo a voar. Ele saiu de um ninho no outro jardim, e quando voou por cima do muro pela primeira vez não teve força pra voltar durante alguns dias. Então ficamo amigo. Quando ele conseguiu voltar, o resto da ninhada já tinha ido embora. Ele ficou sozinho e decidiu voltar pra perto de mim.”

“Que tipo de passarinho ele é?”

“Ora, ocê não sabe? É um pisco-de-peito-ruivo. São os passarinho mais simpático e curioso que existe. São quase tão amigos quanto os cachorro, quando a pessoa sabe lidar com eles. Olha ali o bichinho ciscando e olhando pra gente. Sabe que tamo falando dele.”

Aquele velho era a coisa mais estranha do mundo de se ver. Ficava olhando para o passarinho gordo de peito vermelho com grande afeto e orgulho.

“Ele é convencido, esse aí”, disse, rindo. “Gosta de ouvir as pessoa falando dele. E é curioso, também. Nunca vi um passarinho mais curioso e intrometido do que esse. Sempre vem ver o que eu tô plantando. Ele sabe de todas as coisa que o sr. Craven não se interessa em saber. É o chefe dos jardineiros, isso sim.”

O pisco dava uns saltinhos, ocupava-se em ciscar o chão, depois interrompia o trabalho e olhava de novo para os dois. Mary tinha a impressão de que as gotinhas escuras de orvalho a encaravam com grande curiosidade. Dava mesmo a impressão de que o passarinho queria saber tudo sobre ela. A sensação estranha em seu peito aumentou.

“Para onde foi o resto da ninhada?”, perguntou.

“Ninguém sabe. Os pássaro mais velho tira os pequeno do ninho e obriga eles a voar. Quando ocê vai ver, já estão tudo espalhado por

aí. Esse foi mais esperto e percebeu que estava sozinho.”

Mary deu um passo à frente na direção do passarinho e olhou bem para ele.

“Eu estou me sentindo sozinha”, disse.

Mary nunca tinha percebido que esse era um dos motivos que a deixavam tão amarga e emburrada. E pareceu entender tudo ao olhar para o passarinho e receber seu olhar de volta.

O velho jardineiro afastou um pouco o chapéu para trás da cabeça e fixou os olhos em Mary por um momento.

“Oê é a menina da Índia?”, perguntou.

Mary assentiu.

“Então não é de espantar. E as coisa ainda vão piorar antes de ficar um pouco melhor.”

Ele começou a cavar de novo, enfiando a pá bem fundo na terra escura do jardim, enquanto o passarinho saltitava por ali, bastante ocupado.

“Como é o seu nome?”, perguntou ela.

Ele se endireitou antes de responder.

“Ben Weatherstaff”, disse. Depois acrescentou, com um sorriso triste: “Eu também me sinto sozinho, só tenho companhia quando o passarinho tá comigo”, e apontou com o dedão para o pisco. “Esse aí é o único amigo que eu tenho.”

“Eu não tenho nenhum amigo”, disse Mary. “Nunca tive. Minha aia não gostava de mim e eu nunca brinquei com ninguém.”

Em Yorkshire, as pessoas têm o hábito de dizer o que pensam, e Ben Weatherstaff era um homem típico das charnecas de Yorkshire.

“Oê e eu somos meio parecidos. Farinha do mesmo saco”, disse. “Nenhum de nós é bonito, e nós dois é tão azedo quanto parece.

Temos o mesmo temperamento horrível, ocê e eu.”

Era uma opinião sincera, e Mary Lennox jamais tinha ouvido alguém dizer uma verdade a seu respeito. Os criados nativos sempre a bajulavam e eram submissos, fosse lá o que ela fizesse. Mary também nunca tinha pensado muito sobre a própria aparência, mas agora se perguntava se era tão feia quanto Ben Weatherstaff, e se era tão amarga quanto o velho jardineiro parecia ser antes de o pisco pousar ali. Pensou ainda no seu “temperamento horrível”. E se sentiu desconfortável.

De repente, ouviu um som claro e vibrante e se voltou em sua direção. Era o pisco, que cantava de cima do galho de uma macieira a poucos passos da menina. Ben Weatherstaff deu uma boa risada.

“Por que ele fez isso?”, perguntou Mary.

“Acho que tá querendo ser seu amigo”, respondeu Ben. “Sou capaz de apostar que gostou de você.”

“De mim?”, disse Mary, enquanto se aproximava da macieira a passos leves, olhando para cima. “Você quer ser meu amigo?”, perguntou ao pisco, como se estivesse falando com uma pessoa. “Quer?”

E seu tom não era nem o imperial que trouxera da Índia nem a vozinha enfezada de quase sempre; era um tom suave, ávido e gracioso, e Ben Weatherstaff ficou tão surpreso quanto Mary havia ficado quando o ouviu assobiar.

“Nossa”, disse ele. “Ocê falou de um jeitinho tão gentil que até pareceu uma criança de verdade e não uma velha rabugenta. Pareceu até o Dickon quando quer se comunicar com os bicho selvagem da charneca.”

“Você conhece o Dickon?”, perguntou Mary, se voltando mais do que depressa para o jardineiro.

“Todo mundo conhece o Dickon. Ele tá sempre zanzando por aí. Até as amora e os pé de urze conhecem o garoto. Aposto que até as raposa mostra pra ele onde estão os seus filhote, e as cotovia nem se preocupa em esconder seus ninho dele.”

Mary queria perguntar mais sobre Dickon. Estava quase tão curiosa a respeito do menino quanto do jardim abandonado. Mas bem naquela hora o pisco, que já tinha terminado sua música, deu uma sacudidela nas asas e voou para longe. A visita estava encerrada, e ele tinha outras coisas a fazer.

“O pisco voou para o outro lado do muro!”, exclamou Mary, observando o passarinho. “Voou lá para o pomar... e passou para o outro lado, para o jardim que não tem porta!”

“Ele mora lá”, disse o velho Ben. “O ninho dele era lá, quando saiu do ovo. Como tá procurando namorada, acho que foi dar uma olhada em alguma senhorita passarinha que mora nas velha roseira daquele lado.”

“Roseiras”, disse Mary. “Existem roseiras lá?”

Ben Weatherstaff pegou sua pá e continuou a cavar.

“Existiam, dez anos atrás”, respondeu ele, num muxoxo.

“Queria muito ver essas roseiras”, disse Mary. “Onde fica a porta verde? Tem que ter uma porta em algum lugar.”

Ben enfiou a pá bem fundo na terra, agora de novo com a cara amarrada de quando Mary o vira pela primeira vez.

“Tinha uma porta dez anos atrás, mas agora não tem mais”, disse.

“Não tem mais porta?”, exclamou Mary. “Mas tem que ter!”

“Se tem nenhuma alma sabe onde tá, e isso não é da conta de ninguém. Não seja intrometida e não se meta onde não é chamada. Agora eu tenho que continuar o meu trabalho. Vai brincar em outro lugar. Não tenho mais tempo pra perder.”

E o velho parou de cavar, colocou a pá em um dos ombros e se afastou, sem nem olhar para Mary e nem dizer adeus.

5. O CHORO NO CORREDOR

N o começo, os dias eram todos iguais para Mary Lennox. Todas as manhãs ela acordava no seu quarto forrado de tapeçarias e encontrava Martha de joelhos em frente à lareira, acendendo o fogo; todas as manhãs, tomava o café no quarto que não tinha nada para distraí-la; e, todas as manhãs, olhava pela janela para a enorme charneca, que parecia se espalhar por todos os lados e tocar o céu, e, depois de um tempo, considerava que, se não fosse lá para fora, teria que ficar dentro de casa sem fazer nada – e aí saía. Mal sabia ela que essa era a melhor coisa que podia fazer; tampouco sabia que, ao andar rápido e até correr pelas trilhas e pela alameda, estava fazendo o sangue circular, e se fortalecendo ao enfrentar o vento que vinha da charneca. Ela corria só para se manter aquecida, e odiava o vento que gelava seu rosto, rugia e a impedia de ir em frente, tal qual um gigante invisível. Mas, sem que se desse conta, as grandes lufadas de ar fresco que agitavam as urzes enchiam seus pulmões de algo que fazia bem para todo o seu corpinho franzino, corava suas bochechas e emprestava brilho a seus olhinhos opacos.

Depois de passar alguns dias praticamente inteiros ao ar livre, Mary acordou certa manhã sabendo o que era sentir fome, e, quando se sentou para tomar o café, não lançou seu olhar de desdém nem afastou o mingau; pelo contrário, pegou a colher com a própria mão e comeu e comeu até a tigela ficar vazia.

“Parece que hoje o mingau entrou bem, né?”

“Está bem gostoso”, disse Mary, ela mesma um pouco surpresa.

“É o ar fresco da charneca que tá abrindo o seu apetite”, respondeu Martha. “Que sorte a sua ter comida, além de apetite. Tem doze lá em casa que têm apetite, mas nada pra colocar na barriga. Se continuar brincando lá fora, ocê logo vai criar carne nesses osso e deixar de ser amarela.”

“Mas eu nem brinco lá fora”, disse Mary. “Não tenho nada com que brincar.”

“Nada com que brincar!”, exclamou Martha. “As criança lá de casa brinca com pau e pedra. Fica correndo de um lado pro outro, gritando e olhando pras coisa.”

Mary não gritava, mas olhava para as coisas. Não tinha mais o que fazer. Dava voltas e mais voltas nos jardins e passeava pelas trilhas do parque. Às vezes, procurava Ben Weatherstaff, mas embora o tivesse visto trabalhando vez ou outra, ele parecia sempre ocupado demais ou mal-humorado demais para lhe dar atenção. Certa vez, quando Mary vinha caminhando em sua direção, Ben colocou a pá num dos ombros e lhe deu as costas, como se fizesse de propósito.

Havia um lugar que Mary gostava de visitar com mais frequência. Era uma longa passagem que contornava os jardins pelo lado de fora do muro. Havia canteiros de flores vazios de ambos os lados do caminho, e, no muro, trepadeiras fortes e volumosas cresciam. Porém, numa parte específica, as folhas escuras eram muito mais abundantes. Ficava a impressão de que, por um bom tempo, aquela área tinha sido negligenciada. O resto do muro fora podado e limpo, mas nesse pedaço do caminho as plantas não tinham sido nem sequer aparadas.

Alguns dias depois de falar com Ben Weatherstaff, Mary reparou nas trepadeiras que não haviam sido podadas e ficou se perguntando qual seria a razão disso. Ela tinha acabado de parar e estava olhando para cima, na direção de um longo ramo de trepadeira que chacoalhava no vento, quando percebeu um brilho escarlate e ouviu um lindo gorjeio. E ali mesmo, no alto do muro, Mary viu o passarinho de peito vermelho de Ben Weatherstaff, inclinando-se para olhar para ela com a cabecinha meio de lado.

“Ah!”, ela gritou. “É você! É você mesmo!” E Mary não apenas achou normal estar falando com um pisco como teve certeza de que ele a estava entendendo e respondendo.

E ele estava de fato respondendo. O pisco gorjeou e chilreou, dando pulinhos em cima do muro, como se quisesse dizer muitas coisas. Mary começou a sentir que o compreendia, embora ele não estivesse falando com palavras. Era como se dissesse:

“Bom dia! O vento não está agradável? O sol não está gostoso? Não está tudo tão bom hoje? Vamos gorjear e chilrear e pular juntos. Vamos! Vamos!”

Mary começou a rir e foi correndo atrás do passarinho, conforme ele ia pulando e dando pequenos voos pela extensão do muro. E, por um momento, a menininha feia e amarelada ficou parecendo quase bonita.

“Eu gosto de você! Eu gosto de você!”, exclamou Mary, dando pulinhos de um lado para o outro, chilreando e tentando assobiar – coisa que afinal não conseguiu fazer. Mesmo assim, o passarinho parecia satisfeito, chilreando e assobiando de volta. Por fim, o pisco abriu as asas e voou subitamente para o alto de uma árvore, onde ficou empoleirado, a cantar.

Isso fez Mary se lembrar da primeira vez que tinha visto o passarinho. Naquele dia, ele estava empoleirado no alto de uma árvore enquanto ela observava do pomar. Agora ela estava do lado de fora do pomar, na trilha que ladeava uma parte do muro bem mais adiante, e observava a mesma árvore.

“A árvore fica no jardim onde ninguém pode entrar”, disse para si mesma. “O jardim sem porta. O pisco mora lá. Como eu queria saber o que tem lá dentro!”

Mary correu pelo muro até chegar à porta verde por onde tinha entrado na primeira manhã. Depois, correu pela trilha até a outra porta e, enfim, entrou no pomar. Quando parou e olhou para cima, do outro lado do muro, lá estava o passarinho terminando de cantar a sua canção e começando a alisar as penas com o bico.

“Ele está no jardim”, disse ela. “Tenho certeza.”

Mary andou um pouco mais, observando atentamente o muro daquele lado do pomar. Porém, não encontrou nada que já não tivesse visto antes: não havia porta alguma ali. Em seguida, atravessou correndo as hortas e saiu pelo caminho que ladeava o muro de trepadeiras. Andou por toda a sua extensão à procura, mas não havia nenhuma porta; refez o caminho na direção contrária, olhando outra vez, mas não havia porta alguma.

“É muito estranho”, pensou. “Ben Weatherstaff disse que não tem nenhuma porta ali, e parece que não tem mesmo. Mas deve ter tido dez anos atrás, porque o sr. Craven enterrou a chave.”

Isso deu a Mary tanto em que pensar que ela começou a ficar realmente interessada no assunto e a achar que ter ido para a Mansão Misselthwaite não tinha sido afinal tão ruim. Na Índia, estava sempre com muito calor e se sentindo muito mole para se

importar com o que quer que fosse. A verdade era que o ar fresco da charneca vinha avivando seu jovem cérebro, despertando-o.

Mary ficava ao ar livre quase o dia inteiro, e quando se sentava à noite para jantar sentia-se faminta, sonolenta e confortável. Não ficava mais emburrada com a tagarelice de Martha. A essa altura até gostava de ouvi-la, e chegou ao ponto de querer fazer uma pergunta à criada. Depois de terminar o jantar, sentou no tapete em frente à lareira e enfim falou:

“Por que o sr. Craven odeia o jardim?”

Mary tinha pedido a Martha que lhe fizesse companhia, e a criada não se opusera. Era jovem e estava acostumada a morar numa casa pequena cheia de irmãos e irmãs. Além disso, achava o refeitório dos empregados, no andar de baixo, muito sem graça. Os lacaios e criadas mais experientes viviam zombando de seu sotaque de Yorkshire e olhavam para ela com ar superior, cochichando entre si. Martha gostava de conversa, e uma menina que vinha da Índia e fora criada por “negros” era novidade suficiente para atraí-la.

Sentou-se no tapete sem precisar ser convidada.

“Oê ainda tá pensando naquele jardim?”, disse. “Eu sabia que isso ia acontecer. Aconteceu comigo também na primeira vez que ouvi a história.”

“Por que ele odeia o jardim?”, insistiu Mary.

Martha acomodou os pés embaixo do corpo, ficando mais confortável.

“Tá ouvindo o vento uivar em volta da casa?”, perguntou. “Se ocê estivesse lá na charneca agora não ia nem conseguir ficar de pé sem ser arrastada.”

Mary não sabia o que uivar queria dizer até ter ouvido aquele barulho. Então entendeu perfeitamente. O uivo devia ser aquele rugido oco e assustador que dava voltas e mais voltas na casa, como se o gigante invisível estivesse esmurrando as paredes e as janelas para tentar entrar. Mas ele não podia entrar, e isso dava uma sensação de segurança e acolhimento, especialmente naquele cômodo em que a lareira estava acesa.

“Mas por que ele odeia o jardim?”, perguntou Mary, depois de ter prestado atenção ao uivo. Queria tentar arrancar o que quer que Martha soubesse.

E Martha resolveu falar.

“Escuta bem”, disse ela. “A sra. Medlock não quer ninguém falando sobre isso. Tem muitas coisa por aqui que não deve ser comentada. Ordens do sr. Craven. Os problema dele não é da conta dos empregados. Mas, se não fosse por aquele jardim, ele não seria desse jeito. É que era o jardim da sra. Craven, o jardim que ela fez quando eles se casaram. Ela adorava aquilo lá, e era os dois que cuidava das flores. Nenhum dos jardineiros podia entrar. Eles costumavam ir até lá, trancar a porta e ficar horas e horas lá dentro, lendo e conversando. Ela ainda era uma moça novinha. E o jardim tinha uma árvore velha com um galho que se curvava como se fosse um banco. A sra. Craven plantou rosa em volta do galho e passou a usar ele de banco. Mas um dia, quando estava sentada, o galho quebrou e ela caiu e se machucou tão feio que morreu no dia seguinte. Os médicos tiveram medo que o sr. Craven acabasse morrendo junto, porque ele ficou enlouquecido. E é por isso que ele odeia o jardim. Ninguém entrou lá desde então. E ninguém pode falar sobre o assunto.”

Mary não perguntou mais nada. Ficou olhando para a chama da lareira e ouvindo o vento “uivar”. Parecia estar “uivando” mais alto do que nunca.

Naquele momento, Mary sentia algo bom acontecendo dentro dela. Na verdade, quatro coisas boas tinham acontecido desde sua chegada à Mansão Misselthwaite. Ela tinha entendido um pisco e achava que ele também a compreendera; tinha corrido no vento até seu sangue esquentar; tinha sentido uma fome saudável pela primeira vez na vida; e tinha descoberto como era sentir compaixão por alguém. Estava fazendo progressos.

Porém, enquanto estava concentrada ouvindo o vento, escutou algo diferente. Mary não sabia o que era, porque a princípio mal conseguiu distinguir o barulho. Era um som curioso – como se uma criança estivesse chorando em algum lugar. Algumas vezes o vento realmente parece um bebê chorando, mas Mary tinha praticamente certeza de que o som vinha de dentro de casa, e não de fora. Era distante, mas vinha de dentro. Ela se virou e olhou para Martha.

“Você está ouvindo alguém chorar?”, perguntou.

Martha pareceu perplexa.

“Não”, respondeu. “É o vento. Tem vez que ele faz um som que parece alguém perdido na charneca, chorando. O vento faz todo tipo de barulho.”

“Mas escute”, disse Mary. “Ele parece vir de dentro da casa, lá de baixo... de um daqueles corredores compridos.”

E justamente nessa hora uma porta deve ter sido aberta em algum lugar do primeiro andar, porque uma lufada de vento soprou escada acima, atravessando o corredor. A porta do quarto de Mary abriu com um estrondo. Ela e Martha se levantaram num pulo. A luz se

apagou e um choro ecoou em algum corredor distante – de forma que podia ser ouvido com mais clareza do que nunca.

“Viu só?”, disse Mary. “Eu não falei? Tem alguém chorando. E não é um adulto.”

Martha correu, fechou a porta e passou a chave, mas antes as duas ainda puderam ouvir uma porta batendo em algum lugar afastado da casa. E então tudo ficou em silêncio, até mesmo o vento parou de “uivar” por alguns instantes.

“Foi o vento”, insistiu Martha. “E, se não foi ele, só pode ter sido a pequena Betty Butterworth, a criada lá da cozinha. Ela passou o dia inteiro com dor de dente.”

Mas havia alguma coisa estranha nos modos de Martha que fez Mary encará-la com desconfiança. Não acreditou que ela estivesse dizendo a verdade.

6. “TINHA ALGUÉM CHORANDO, TINHA SIM!”

No dia seguinte, a chuva voltou a cair forte, e quando Mary olhou pela janela quase não pôde ver a charneca por causa das nuvens e do nevoeiro cinzento. Não era dia de brincar lá fora.

“O que vocês fazem na sua casa quando está chovendo desse jeito?”, perguntou a menina.

“A gente tenta não pisar nos pés uns dos outros”, respondeu Martha. “É nessas horas que a gente vê como a casa é cheia. Até a mãe, que no geral é uma pessoa calma, acaba se irritando. As criança maior vão brincar no curral das vacas. O Dickon não se importa com a umidade. Ele sai pra brincar como se fosse um dia de sol, e diz que vê coisas quando tá chovendo que não acontece quando o tempo tá bom. Uma vez, encontrou um filhotinho de raposa quase afogado num buraco e trouxe ele pra casa dentro da camisa, pra manter o bichinho quente. A raposa mãe tinha sido morta, o buraco tava cheio d’água e o resto da ninhada também já tinha morrido. A raposinha mora lá em casa agora. Outra vez, achou um filhote de corvo quase afogado e também trouxe ele pra casa e domesticou. O nome do bicho é Fuligem, porque é preto que só ele. E fica saltitando e voando atrás do Dickon pra tudo que é lado.”

Já passara o tempo em que Mary se incomodava com o tom desinibido de Martha. Agora, tinha começado a achar interessante o que ela dizia e a se lamentar quando ela parava de falar ou precisava

ir embora. As histórias de sua aia, quando Mary ainda vivia na Índia, eram bem diferentes das que Martha contava sobre seu casebre na charneca e as catorze pessoas que lá viviam em quatro quartinhos apertados e nunca tinham o suficiente para encher a barriga. As crianças pareciam passar os dias se divertindo como se fossem uma ninhada de cachorrinhos alegres e desimpedidos. Os personagens que mais interessavam a Mary eram a mãe de Martha e Dickon. Quando Martha contava histórias da “mãe”, ela sempre parecia uma senhora agradável.

“Se eu tivesse um corvo ou um filhote de raposa, até podia brincar com eles”, disse Mary. “Mas eu não tenho nada.”

Martha olhou perplexa para a menina.

“Oê não sabe tricotar?”

“Não”, respondeu Mary.

“Costurar?”

“Não.”

“Ler?”

“Isso eu sei.”

“Então por que não vai ler alguma coisa ou aprender a soletrar? Oê já tá grandinha o suficiente pra conhecer um bom tanto da cartilha.”

“Eu não tenho livros”, disse Mary. “Os que eu tinha ficaram na Índia.”

“Que pena”, lamentou Martha. “Se a sra. Medlock deixar, ocê pode entrar na biblioteca, tem milhares de livro lá.”

Mary não perguntou onde ficava a biblioteca, porque foi subitamente tomada por uma nova ideia. Decidiu que encontraria a biblioteca sozinha. Não se preocupava com a sra. Medlock. Ela

parecia estar sempre na sua confortável saleta de governanta no andar de baixo. Naquela estranha mansão, praticamente nunca se via ninguém. Na verdade, não havia gente a ser vista exceto os criados, e quando o dono da casa estava fora eles gozavam de uma vida para lá de boa no andar de baixo, onde havia uma enorme cozinha cheia de utensílios reluzentes de cobre e estanho, além de um grande refeitório onde eram servidas quatro ou cinco lutas refeições todos os dias – e onde muitas vezes se ouviam farras animadas quando a sra. Medlock não estava por perto.

As refeições de Mary eram servidas regularmente, e Martha cuidava disso. Ninguém, no entanto, se preocupava de fato com a menina. A sra. Medlock vinha dar uma espiada em Mary dia sim dia não, mas ninguém perguntava o que ela andava fazendo ou a orientava sobre o que tinha que fazer. A menina imaginava que esse era o jeito inglês de educar crianças. Na Índia, sempre havia a aia para cuidar dela e servi-la. Chegava até a ficar cansada de sua companhia. Agora ninguém a seguia, e Mary estava até aprendendo a se vestir sozinha, já que Martha parecia achar ridícula e tola a prática de pegar cada peça do vestuário e colocá-la na menina.

“Oê não tem vergonha?”, disse certa vez, quando Mary aguardava, sem se mexer, que Martha lhe vestisse as luvas. “Nossa pequena Susan Ann é duas vezes mais inteligente que oê e tem só quatro anos. Às vezes oê parece até meio sonsa.”

O comentário fez Mary passar mais de uma hora de cara amarrada, mas também a botou para pensar sobre várias coisas totalmente novas.

Naquela manhã, ela ficou na janela uns dez minutos depois que Martha limpou a lareira pela última vez e desceu as escadas. Estava

pensando na nova ideia que havia tido ao ouvir falar sobre a biblioteca. Não estava particularmente interessada na biblioteca em si, porque havia lido poucos livros na vida, mas ouvir sobre a sua existência a fez pensar nos cem quartos de portas fechadas. Queria saber se todos estavam mesmo trancados e o que encontraria se conseguisse entrar em algum deles. Será que eram mesmo cem quartos? Por que não ia ver quantas portas conseguia contar? Era uma distração para aquela manhã, já que não podia ir brincar lá fora. Nunca ninguém a ensinara a pedir permissão para coisa alguma, e Mary desconhecia noções de autoridade. Por isso, nunca lhe teria ocorrido perguntar à sra. Medlock se podia passear pela casa, mesmo se a tivesse visto.

Abriu a porta do quarto e saiu pelo corredor para, enfim, começar a perambular. Era um corredor comprido que ia se ramificando em outros corredores, levando-a a pequenos lances de escada que depois a levavam a outros lances de escada. Havia portas e mais portas e muitas pinturas nas paredes. Às vezes eram pinturas de paisagens escuras e curiosas, porém as mais comuns eram de homens e mulheres que vestiam roupas esquisitas, feitas de cetim ou veludo. De repente, entrou em uma galeria cheia de retratos. Nunca teria imaginado ver tantos retratos em uma só casa. Caminhou lentamente, observando os rostos que, por sua vez, também pareciam observá-la. Era como se estivessem se perguntando o que aquela garotinha vinda da Índia estava fazendo na casa deles. Alguns dos retratos eram de crianças – garotinhas em pesados vestidos de cetim que chegavam até os pés e se inflavam em volta delas, e garotos com mangas bufantes, golas de renda e cabelo comprido, ou com grandes babados ao redor do pescoço. Ela sempre

parava para olhar as crianças e se perguntar quais seriam seus nomes, para onde tinham ido e por que usavam roupas tão estranhas. Havia uma menina séria e feinha que se parecia um pouco com Mary. Usava um vestido verde de brocados e segurava um papagaio em um dos dedos. Seus olhos tinham um brilho de astúcia e curiosidade.

“Onde você mora agora?”, Mary perguntou para o retrato. “Queria que você estivesse aqui.”

Certamente, nunca nenhuma outra menina tinha passado uma manhã tão estranha quanto aquela. Parecia não haver mais ninguém naquela casa gigante e labiríntica exceto a própria Mary, que subia e descia degraus de um lado para outro, passando por corredores largos e estreitos que davam a impressão de nunca terem visto outra pessoa. Se tantos quartos tinham sido construídos, muita gente devia ter morado ali – só que tudo parecia tão vazio que não dava nem para imaginar a casa cheia.

Mary só foi pensar em tentar uma das maçanetas ao subir para o segundo andar. Todas as portas estavam fechadas, como dissera a sra. Medlock, porém, ao tocar uma delas, Mary conseguiu fazer a maçaneta girar. Ficou meio assustada quando, por um instante, sentiu que a maçaneta cedia sem dificuldade e que a porta se abria, lenta e pesadamente. Era uma porta gigante que dava para um quarto enorme. Havia panos bordados nas paredes e os móveis eram tão ornamentados quanto os que vira na Índia. Uma grande janela de vidro quadriculado se abria para a charneca e, sobre o consolo da lareira, havia outro retrato da menina séria e feinha, que parecia olhar para Mary com mais curiosidade do que nunca.

“Talvez ela tenha dormido neste quarto um dia”, disse Mary. “O jeito como ela me olha faz eu me sentir esquisita.”

Depois disso, abriu mais e mais portas. Viu tantos quartos que começou a ficar entediada e passou a acreditar que deviam ser realmente cem cômodos, embora não tivesse contado. Em todos eles havia quadros antigos e tapeçarias com cenas estranhas bordadas. Havia também móveis curiosos e enfeites curiosos em quase todos eles.

Em um dos cômodos, que parecia ter sido a sala de estar de uma dama, os adornos pendurados nas paredes eram todos bordados em veludo e havia um armário com cerca de cem elefantinhos feitos de marfim. Eles eram de tamanhos diferentes, alguns com seus condutores ou palanquins nas costas. Uns eram bem grandes, outros tão pequenos que pareciam filhotes. Mary vira esculturas de marfim na Índia e sabia tudo sobre elefantes. Abriu a porta do armário, subiu em um banco e ficou bastante tempo brincando com os bichinhos. Quando cansou, colocou tudo no lugar e fechou a porta do armário.

Em suas andanças pelos longos corredores e cômodos vazios, Mary não vira nada que tivesse vida. Mas nesse quarto finalmente encontrou algo. Pouco depois de fechar a porta do armário, ouviu um barulhinho e um farfalhar que a fizeram dar um salto e se aproximar do sofá que ficava ao lado da lareira, de onde o som parecia vir. No canto do sofá havia uma almofada, e no veludo que a cobria Mary percebeu um furo, e era justamente do furo que saía uma cabecinha com um par de pequenos olhos assustados.

Mary atravessou o cômodo a passos leves. Os olhinhos pertenciam a uma ratinha cinzenta que roera a capa da almofada

para fazer um ninho confortável. Seis bebês ratinhos estavam aconchegados dormindo perto da mãe. Se não tinha mesmo mais ninguém vivo naquela centena de quartos, pelo menos havia sete ratinhos que não pareciam nem um pouco solitários.

“Se eles não fossem ficar tão assustados, eu os levaria para morar comigo”, disse Mary.

Já tinha perambulado o suficiente para se sentir cansada e decidiu voltar. Por duas ou três vezes se perdeu ao virar no corredor errado e foi obrigada a subir e descer várias escadas até encontrar de novo o caminho, mas acabou por enfim chegar a seu próprio andar, embora ainda estivesse um pouco longe do quarto e não tivesse tanta certeza de onde estava.

“Acho que virei para o lado errado de novo”, disse, parada no que parecia ser o fim de um corredor com tapeçarias nas paredes. “Não sei para onde ir. Tudo aqui está tão quieto!”

Mary ainda estava parada, pouco depois de dizer essas palavras, quando o silêncio foi quebrado por um ruído. Era aquele choro de novo, mas não parecia ser o mesmo que tinha ouvido na noite anterior. Era um pranto curto, birrento e infantil abafado pelas paredes.

“Está mais perto do que estava ontem”, disse Mary, com o coração acelerado. “E é um choro.”

Por acidente, colocou a mão numa das tapeçarias a seu lado e levou um susto. A tapeçaria encobria uma porta que, ao se abrir, mostrou um novo corredor. E era precisamente por ele que vinha a sra. Medlock, com seu molho de chaves nas mãos e uma expressão de poucos amigos.

“O que está fazendo aqui?”, perguntou, puxando Mary pelo braço. “O que foi que eu disse?”

“Eu erreí o corredor”, explicou Mary. “Não sabia para onde ir, e aí ouvi alguém chorando.”

Naquele momento, Mary sentiu ódio da sra. Medlock, mas o pior ainda estava por vir.

“Você não ouviu coisa nenhuma”, disse a governanta. “Venha comigo para o seu quarto ou eu lhe torço a orelha.”

Aos puxões e empurrões, a governanta levou Mary por um corredor, depois por outro, até que a empurrou para dentro do seu próprio quarto.

“Agora me escute”, disse. “Ou você fica onde eu disse para ficar ou vou trancá-la aqui dentro. É melhor o sr. Craven contratar logo uma preceptora, como disse que ia fazer. Já vi que a senhorita é do tipo que precisa ter alguém sempre de olho, e eu já tenho muito o que fazer.”

Ela saiu do quarto e bateu a porta. Mary foi até a lareira e se sentou no tapete, branca de raiva. Não chorou, mas rangeu os dentes.

“Tinha alguém chorando, tinha sim!”, disse para si mesma.

A essa altura já tinha ouvido o barulho duas vezes, e uma hora acabaria por descobrir de onde ele vinha. Havia feito grandes descobertas naquela manhã. Era como se tivesse estado em uma longa viagem. De qualquer forma, pelo menos encontrara alguma coisa com que se distrair, brincara com os elefantes de marfim e vira a ratinha e seus bebês no ninho dentro da almofada de veludo.

7. A CHAVE DO JARDIM

Dois dias depois, quando abriu os olhos e se sentou na cama pela manhã, Mary imediatamente chamou Martha.

“Olha a charneca! Olha a charneca!”

A chuva tinha passado, e as nuvens e a neblina cinzenta haviam sido varridas durante a noite pelo vento. O próprio vento cessara, e um céu cintilante e azul se arqueava no alto da charneca. Nunca na vida Mary havia imaginado que o céu podia ser tão azul. Na Índia, o céu era incandescente e sufocante; aquele céu, porém, era de um azul profundo e frio, que parecia quase cintilar como as águas de um lago gracioso e sem fundo, e aqui e ali, bem lá no alto daquela imensidão azul, flutuavam nuvenzinhas fofas como lã e brancas como a neve. A própria charneca parecia levemente azulada, em vez de tristemente arroxeadada ou soturnamente cinzenta.

“Pois é”, disse Martha com um sorriso. “A chuva deu um tempo. Às vezes acontece, nessa época do ano. A chuva vai embora como se nunca tivesse vindo e como se jamais fosse voltar. É porque a primavera tá chegando. Ainda demora um pouco, mas tá chegando.”

“Achei que o tempo era sempre chuvoso e escuro na Inglaterra”, disse Mary.

“Eita! Não!”, exclamou Martha, sentando-se nos calcanhares, em meio às vassourinhas e escovões. “De jeito maneira!”

“O que você quer dizer com isso?”, perguntou a menina, séria.

Na Índia, os nativos falavam diferentes dialetos que apenas algumas pessoas compreendiam, por isso Mary não estava surpresa que Martha usasse expressões que ela não conhecia.

Martha riu como tinha feito no primeiro dia.

“Eita, exagerei de novo no jeito daqui de falar, bem como a sra. Medlock disse pra eu não fazer. ‘De jeito maneira’ quer dizer ‘De jeito nenhum’”, explicou ela. “Sabe, Yorkshire é o lugar mais ensolarado do mundo quando tem sol. Falei que ocê ia acabar gostando da charneca depois de um tempo. Espere só até começar a brotar as flor dourada dos tojo e das giesta, os sininho roxo das urze, sem contar as centena de borboleta voando, abelha zumbindo e cotovia cantando pra lá e pra cá. Assim que acordar, ocê vai ter vontade de ir lá fora e só vai querer voltar no fim do dia, que nem o Dickon.”

“Será que eu vou poder ir lá algum dia?”, perguntou Mary, sonhadora, olhando pela janela para a imensidão azul. Era tudo tão grande, novo e maravilhoso, tão celestial.

“Não sei”, respondeu Martha. “Parece que ocê nunca usou essas perna direito desde que nasceu. Não sei se aguenta oito quilômetro. São oito quilômetro daqui até a minha casa.”

“Eu gostaria de conhecer a sua casa.”

Martha encarou a menina por um instante com curiosidade, depois pegou a escova e recomeçou a limpar a grelha da lareira. Mary já não parecia tão emburrada quanto na manhã em que a conhecera. Agora, lembrava até a pequena Susan Ann quando queria muito alguma coisa.

“Vou perguntar o que a mãe acha disso”, disse Martha. “Ela é dessas pessoa que sempre dá um jeito de fazer as coisa acontecer.

Hoje é meu dia de folga e vou pra casa. Eita, estou tão contente! A sra. Medlock tem muito apreço pela mãe. Talvez a mãe possa falar com ela.”

“Eu gosto da sua mãe”, disse Mary.

“Claro que gosta”, concordou Martha, terminando de limpar a grelha.

“Mas eu nunca a vi”, continuou Mary.

“É verdade”, respondeu Martha.

A criada voltou a se sentar sobre os calcanhares e limpou o nariz com as costas da mão, pensativa, mas acabou concluindo, decidida:

“Bom, ela é tão sensata, trabalhadeira e bem-disposta que não tem quem não goste dela, mesmo quem não conhece ela. Quando atravesso a charneca pra ir pra casa no meu dia de folga, vou é pulando de alegria.”

“E eu gosto do Dickon”, acrescentou Mary. “E também não o conheço.”

“Bem”, disse Martha, firme. “Eu já falei que até os passarinho gosta dele, né? E os coelho, as ovelha, os pônei selvagem e até as raposa. Fico imaginando”, prosseguiu, olhando Mary de perto, “o que ele iria achar da senhorita.”

“Ele não vai gostar de mim”, disse Mary, do seu jeitinho duro e frio. “Ninguém gosta.”

Martha voltou a ficar pensativa.

“E ocê gosta de si mesma?”, perguntou, como se estivesse de fato curiosa para saber.

Mary hesitou por um momento e refletiu.

“Nem um pouco”, respondeu. “Mas nunca tinha pensado nisso.”

Martha deu um sorrisinho, como se lembrasse de algo familiar.

“A mãe me perguntou isso um dia. Ela tava lavando roupa no tanque e eu ali mal-humorada, reclamando de todo mundo. Aí ela se virou e disse: ‘Que rabugenta! Fica aí reclamando que não gosta de ninguém. E ocê gosta de si mesma?’ Isso me fez cair na risada e entender tudo na mesma hora.”

Martha foi embora assim que terminou de servir o café de Mary. Teria de caminhar oito quilômetros pela charneca até chegar em casa, e ainda iria ajudar a mãe a lavar e cozinhar para a semana. Mesmo assim, dava a impressão de que se divertiria bastante.

Quando se deu conta de que Martha não estava mais na casa, Mary se sentiu mais sozinha do que nunca. Saiu para os jardins logo que pôde e a primeira coisa que fez foi dar dez voltas correndo ao redor do jardim do chafariz. Contou cuidadosamente cada volta e, quando terminou, sentia-se melhor. A luz do sol fazia tudo parecer diferente. O céu azul, alto e profundo arqueava-se sobre Misselthwaite e o resto da charneca, e ela não parava de olhar para cima, imaginando como seria se deitar em uma daquelas nuvens branquinhas e flutuar lá no alto. Mary entrou no primeiro jardim e encontrou Ben Weatherstaff trabalhando com outros dois jardineiros. A mudança no clima parecia ter-lhe feito bem. Ele até se dirigiu a ela por iniciativa própria.

“A primavera tá chegando”, disse. “Consegue sentir o cheiro?”

Mary respirou fundo.

“Sinto cheiro de alguma coisa gostosa, fresca e úmida”, respondeu.

“É o cheiro dessa terra boa e rica”, respondeu ele, cavando. “A terra tá de bom humor, se preparando pra fazer crescer várias coisa. É uma alegria quando chega a hora de plantar. No inverno, quando

não tem nada pra fazer, é muito aborrecido. As semente no jardim das flor já deve estar desabrochando embaixo da terra, bem quentinha por causa do sol. Daqui a pouco ocê vai ver as folhinha verde saindo de dentro da terra preta.”

“Que flores vão ser?”, perguntou Mary.

“Crocós, narcisos, fura-neves. Já viu essas?”

“Não. Na Índia tudo é quente, úmido e verdejante depois da chuva”, disse Mary. “E parece até que as coisas crescem da noite para o dia.”

“Essas não cresce da noite pro dia”, disse Weatherstaff. “Você precisa esperar. Elas fica um pouquinho mais alta aqui, de repente o cabinho fica mais saliente ali, aí uma folha aparece, depois outra. Fique de olho nelas.”

“Vou ficar”, respondeu Mary.

Pouco depois, ela voltou a ouvir aquele suave farfalhar de asas e soube na mesma hora que o pisco tinha se aproximado. O bichinho estava muito alegre e animado, e ficou saltando tão perto do pé da menina, com a cabecinha de lado olhando com tanta atenção, que ela perguntou a Ben Weatherstaff:

“Você acha que ele se lembra de mim?”

“Se ele lembra da senhorita?”, disse Weatherstaff, indignado. “Ele conhece cada pé de repolho das horta, imagina as pessoa. Ele nunca tinha visto uma mocinha por aqui, e quer saber como ocê é. Nem adianta querer esconder alguma coisa *dele*.”

“As sementes também estão brotando debaixo da terra lá no jardim onde ele vive?”, perguntou Mary.

“Que jardim?”, grunhiu Weatherstaff, voltando a fechar a cara.

“Naquele com as velhas roseiras.” Mary não resistiu, estava curiosa demais. “As flores estão todas mortas lá ou algumas ainda brotam no verão? Ainda tem rosas lá?”

“Pergunta pra ele”, disse Ben Weatherstaff, fazendo um gesto em direção ao pisco. “Ele é o único que sabe. Ninguém entra naquele lugar faz mais de dez ano.”

Dez anos era um longo tempo, pensou Mary. Ela tinha nascido fazia dez anos.

Mary se afastou lentamente, pensativa. Tinha começado a gostar do jardim, assim como tinha começado a gostar de Dickon, da mãe de Martha e do passarinho. Estava gostando até da própria Martha. E, para quem não estava acostumado, era muita gente para gostar. Pensava no pisco como se ele fosse uma pessoa. Mary foi fazer sua caminhada ao longo do muro comprido e coberto de trepadeiras, por cima do qual podia ver a copa das árvores; e, quando estava na segunda volta, uma coisa muito interessante e emocionante aconteceu – e tudo por causa do passarinho de Ben Weatherstaff.

Ela ouviu um chilreio e um trinado, e ao olhar para o canteiro sem flores do lado esquerdo viu o pisco saltando, bicando e fingindo procurar coisas no solo, como que a fazer de conta que não a tinha seguido. Mas ela sabia que ele tinha ido atrás dela, e a surpresa dessa descoberta a deixou trêmula de satisfação.

“Você se lembra de mim!”, exclamou. “Você se lembra! Você é a coisa mais lindinha do mundo!”

Enquanto Mary piava, tagarelava e elogiava o passarinho, ele saltava, balançava as penas e trinava. Era como se conversasse com a menina. O peito vermelho do bichinho parecia feito de cetim e, quando ele o estufava, ficava tão cheio, tão elegante, tão bonito, que

era quase como se estivesse querendo provar que um pisco podia ser importante e parecido com um ser humano. Quando ele permitiu que ela se aproximasse, se agachasse e tentasse imitar seus sons, Mary esqueceu que um dia já fora uma menininha emburrada.

Ah, e pensar que ele agora a deixava chegar tão perto assim! Ele sabia que nada no mundo a faria tentar esticar a mão ou assustá-lo de forma alguma. Sabia disso porque era uma pessoa de verdade – só que uma pessoa melhor do que todas as outras do mundo. Mary estava tão feliz que mal se permitia respirar.

O canteiro não estava completamente vazio. Não havia flores, porque as plantas perenes tinham sido podadas para um descanso durante o inverno, mas havia alguns arbustos na parte de trás, e, conforme o passarinho foi ciscando, chegou a um montinho de terra recém-remexido. O pisco parou por ali à procura de uma minhoca. A terra tinha sido revolvida por um cachorro que tentara caçar uma toupeira e acabara cavando um buraco bem fundo.

Mary observou o buraco sem saber por que ele estava ali, mas, ao prestar mais atenção, percebeu alguma coisa parcialmente coberta pela terra. Parecia uma argola de ferro enferrujada, e, quando o pisco voou para a copa de uma árvore, a menina esticou o braço e pegou a argola. Mas não era uma simples argola, e sim uma velha chave, que fora enterrada havia muito tempo.

Mary se levantou e, com a argola pendurada no dedo, encarou a chave com uma expressão quase assustada.

“Talvez tenha sido enterrada há dez anos”, sussurrou. “Talvez seja a chave do jardim.”

8. O PASSARINHO QUE MOSTROU O CAMINHO

Mary ficou olhando para a chave por um longo tempo. Virou a argola de cima para baixo e refletiu. Como eu disse antes, não era o tipo de criança acostumada a pedir permissão ou consultar um adulto sobre o que quer que fosse. Só conseguia pensar que, se a chave fosse do jardim trancado, e se ela conseguisse descobrir onde ficava a porta, talvez pudesse abri-la para ver o que havia lá dentro e o que tinha acontecido com as velhas roseiras. Era justamente porque o jardim estivera fechado por tanto tempo que ela queria tanto vê-lo. Ele devia ser diferente dos outros lugares, e talvez alguma coisa estranha pudesse ter acontecido naqueles dez anos. Além disso, se gostasse do jardim, Mary poderia ir lá todos os dias, se trancar lá dentro e brincar do que quisesse sozinha, porque ninguém jamais conseguiria encontrá-la, uma vez que todos pensavam que a porta ainda estava fechada e que a chave ainda estava enterrada. Essa ideia trazia grande satisfação à menina.

Viver sozinha numa casa com cem misteriosos quartos fechados e não ter nada o que fazer para se divertir fez com que o cérebro de Mary trabalhasse como nunca e abrisse as portas de sua imaginação. Não há dúvida de que o ar puro, forte e fresco da charneca teve grande influência nisso. Respirar o ar da charneca e lutar contra o vento havia não só aberto seu apetite e agitado seu sangue, mas também estimulado sua mente. Na Índia, estava sempre cheia de calor e se sentia mole e fraca demais para se interessar pelo que

quer que fosse, mas ali estava começando a querer fazer coisas novas. Já se sentia menos “emburradinha”, embora não soubesse o motivo.

Mary enfiou a chave no bolso e andou para lá e para cá pela trilha ao longo do muro. Como ninguém exceto ela própria parecia passar por ali, podia andar devagar e examinar o muro, ou melhor, a trepadeira que o cobria. A vegetação a deixava desorientada. Por mais cuidadosamente que examinasse o muro, não conseguia ver nada além de folhas verde-escuras grossas e acetinadas. Estava muito desapontada. Chegou até a ficar um pouco emburrada como antes enquanto caminhava pela trilha, olhando para cima, para as copas das árvores do outro lado. Parecia absurdo estar tão perto e não conseguir entrar. Mary guardou a chave no bolso ao voltar para casa, e decidiu que a levaria sempre consigo; assim, caso conseguisse encontrar a porta escondida, estaria pronta.

A sra. Medlock havia permitido que Martha passasse a noite na casa da família, mas de manhã cedinho a criada já estava de volta ao trabalho, com as bochechas mais coradas do que nunca e de muito bom humor.

“Acordei às quatro da manhã”, disse ela. “Eita, a charneca tava linda com os pássaro despertando, os coelho correndo pra todo lado e o sol raiando. E não precisei vir a pé até aqui. Um homem me deu carona na carroça dele. Foi muito divertido.”

Martha estava alegre e cheia de histórias sobre o seu dia de folga. A mãe tinha ficado muito feliz em vê-la, e as duas haviam cozinhado bastante e lavado a roupa toda. Martha tinha até feito um bolinho para cada criança, com um pouco de açúcar mascavo.

“Quando as criança cansaram de brincar na charneca e vieram pra casa, eu tava esperando com os bolinho pronto, quentinhos. A casa toda tava com cheiro de comida gostosa, o fogo ainda tava alto e as criança chegaram a gritar de alegria. O Dickon disse que a nossa casa era digna de um rei.”

À noite, com a família acomodada ao redor do fogo, Martha e a mãe haviam remendado roupas rasgadas e meias furadas; foi quando Martha contou a todos sobre a menininha que viera da Índia e sempre tivera à sua volta tantos criados – os quais Martha chamava de “negros” – que não sabia nem vestir as próprias meias.

“Eita, eles adoraram ouvir sobre a senhorita”, disse Martha. “Queriam saber tudo sobre os negro e sobre o navio. Não paravam de fazer pergunta.”

Mary refletiu por um instante.

“Então eu vou contar muitas outras coisas antes da sua nova folga”, disse a menina. “Assim você vai ter mais histórias para contar a eles. Aposto que iam gostar de saber como é andar de elefante e camelo, e sobre os oficiais que saíam para caçar tigres.”

“Vixe Maria!”, exclamou Martha, entusiasmada. “Eles vão ficar doidinho de ouvir isso. Ocê vai mesmo me contar? Isso ia ser que nem ver a exposição de animais selvagem que teve aqui em York uma vez.”

“A Índia é muito diferente de Yorkshire”, disse Mary devagar, como se refletisse sobre o assunto. “Nunca tinha pensado nisso. O Dickon e a sua mãe gostaram de ouvir você falar de mim?”

“Se gostaram? Os olhos do Dickon quase saltaram do rosto, de tão arregalados”, respondeu Martha. “Mas a mãe ficou um pouco angustiada de saber que ocê fica o tempo todo sozinha. Ela disse: ‘O

sr. Craven não contratou uma preceptora para a menina, nem uma babá?’ E eu falei: ‘Não, a sra. Medlock diz que ele pretende fazer isso, mas só daqui a uns dois ou três ano.’”

“Eu não quero uma preceptora”, disse bruscamente Mary.

“Mas a mãe disse que ocê devia estar aprendendo as coisa da sua idade e que tinha que ter uma mulher que tomasse conta. E ela disse assim: ‘Martha, imagine como ocê ia se sentir num lugar enorme daqueles, andando de um lado pro outro sozinha, sem ter uma mãe. Ocê faça o que puder para animar essa menina.’ E eu falei que ia cuidar disso.”

Então Mary olhou bem nos olhos de Martha e disse:

“Você realmente me anima. Gosto de ouvir você falar.”

Em seguida, Martha saiu do quarto e voltou com uma coisa escondida embaixo do avental.

“O que ocê acha disso?”, perguntou a criada, com um sorriso no rosto. “Eu comprei um presente procê.”

“Um presente!”, exclamou Mary. Como alguém que morava numa casinha apertada com catorze pessoas poderia comprar um presente para quem quer que fosse?

“É que um vendedor passou pela charneca”, explicou Martha, “e parou a carroça dele bem em frente à nossa casa. Tava vendendo panela, pote e um monte de bugiganga, só que a mãe não tinha dinheiro pra comprar nada. Aí, quando ele tava indo embora, a pequena Elizabeth Ellen disse: ‘Olha, mãe, ele tem corda de pular com cabo azul e vermelho.’ Aí a mãe chamou o homem de novo: ‘Ei, senhor, volte aqui! Quanto pela corda?’ E ele disse: ‘Dois centavo.’ A mãe começou a remexer nos bolso, aí olhou pra mim: ‘Martha, ocê me trouxe o seu salário, como a boa menina que é, e eu tenho

quatro coisa pra pagar com cada centavo, mas vou pegar dois deles pra comprar uma corda de pular praquela menina.’ E aí ela comprou, e aqui está a corda.”

Martha pegou o brinquedo de debaixo do avental e o exibiu cheia de orgulho. Era uma corda fina, mas forte, com cabos listrados de vermelho e azul, e Mary Lennox nunca na vida tinha visto uma corda de pular. Olhou para o brinquedo com uma expressão confusa.

“Pra que serve isso?”, perguntou, curiosa.

“Pra quê?”, exclamou Martha. “Quer dizer que não existe corda de pular na Índia, lá onde tem elefante, tigre e camelo? Não admira que quase todo mundo lá seja negro. Vou mostrar procê pra que serve. Olha só.”

Martha correu para o meio do quarto e, tomando cada cabo em uma das mãos, começou a pular e pular e pular, e Mary se virou na cadeira para vê-la; os rostos estranhos nos retratos antigos pareciam olhar para a criada também, perguntando-se que maluquice aquela mocinha caipira estava fazendo bem embaixo de seus narizes. Mas Martha nem sequer percebeu. O interesse e a curiosidade estampados no rosto de Mary a entusiasmavam, e ela continuou a pular e contar até chegar a cem.

“Consigo pular ainda mais do que isso”, disse quando parou. “Já consegui chegar até quinhentos quando tinha doze anos, mas não era tão gorda como agora e estava um pouco mais treinada.”

Mary se levantou da cadeira, começando a ficar animada.

“Parece divertido”, disse. “Sua mãe é muito generosa. Você acha que algum dia vou pular tão bem assim?”

“Oê tem que tentar”, disse Martha, oferecendo a corda para a menina. “Não vai conseguir dar cem pulo de primeira, mas se for praticando vai chegar lá. Foi o que a mãe disse. Ela falou: ‘Pular corda vai fazer muito bem pra menina. É o melhor brinquedo que uma criança pode ter. Quando ela pular ao ar livre, isso vai fazer com que cresça e fique com as pernas mais fortes.’”

Quando Mary começou a pular, ficou claro que não tinha muita força nos braços e pernas. Ela não levava muito jeito para a coisa, mas gostou tanto que não queria mais parar.

“Veste um agasalho e vai pular lá fora”, disse Martha. “A mãe disse que oê deve ficar o máximo possível ao ar livre, mesmo que esteja chovendo um pouco. É só se agasalhar bem.”

Mary vestiu o casaco e o chapéu e pendurou a corda no braço. Quando abriu a porta para sair, subitamente se deu conta de uma coisa e se virou devagar.

“Martha”, disse, “vocês compraram a corda com o seu salário. Foram os seus dois centavos. Obrigada.” Disse isso de um jeito meio duro, porque não estava acostumada a agradecer às pessoas ou sequer reparar que faziam uma gentileza. “Obrigada”, repetiu, e ofereceu a mão para um cumprimento, já que não sabia o que mais fazer.

Martha apertou a mão da menina meio desajeitada, como se também não estivesse acostumada com esse tipo de coisa. Depois riu.

“Eita! Oê é mesmo uma menininha com jeito de velha”, disse. “Se fosse com a Elizabeth Ellen, ela teria me dado um beijo.”

Mary ficou mais tensa do que nunca.

“Você quer que eu te beije?”

Martha riu mais uma vez.

“Não, nada disso”, respondeu. “Se fosse diferente, ocê mesma ia querer. Mas a gente é o que é. Agora anda logo lá pra fora, vai brincar de pular corda.”

Ao deixar o quarto, Mary estava um pouco encabulada. As pessoas em Yorkshire eram estranhas, e ela não conseguia entender direito o jeito de Martha. No início não tinha gostado nada da criada, mas agora era diferente.

A corda era maravilhosa. Mary contou e pulou, pulou e contou até ficar com as bochechas coradas – nunca tivera tanto interesse por alguma coisa em toda a sua vida. O sol brilhava e um ventinho soprava – não um vento forte, mas uma brisa de lufadas suaves que trazia um cheiro de terra recém-revolvida. Mary pulou ao redor do chafariz, subiu uma trilha e desceu pela seguinte. Depois, seguiu pulando até a horta e viu Ben Weatherstaff cavando e conversando com o passarinho, que ciscava a seus pés. Mary foi pulando pela trilha até chegar ao jardineiro, que levantou a cabeça e olhou para a menina com cara de espanto. Ela estava mesmo se perguntando se ele repararia nela. Queria muito que o jardineiro a visse pular.

“Eita!”, exclamou ele. “Quem diria! No fim das conta, talvez ocê tenha mesmo sangue de criança nas veia em vez de leite azedo. De tanto pular as suas bochecha até ficaram vermelha. Se eu mesmo não estivesse vendo, nunca que ia acreditar.”

“Eu nunca tinha pulado corda”, disse Mary. “Estou começando e só consigo chegar até vinte.”

“Continue assim”, disse Ben. “Ocê até que tá indo bem pra uma criança que vivia com selvagens. Veja só como ele tá de olho”, prosseguiu, fazendo um movimento na direção do passarinho. “Ele

seguir a senhorita ontem. Aposto que vai fazer a mesma coisa hoje de novo. Vai querer saber o que é essa corda aí. Nunca viu um negócio desse. Eita!”, e ele balançou a cabeça olhando para o pisco. “A curiosidade ainda vai matar esse bicho um dia, se ele não ficar atento.”

Mary pulou por todos os jardins e em volta do pomar, parando de vez em quando para descansar. Por fim, chegou até sua trilha especial e decidiu tentar pular por toda a extensão do muro. Era um longo caminho e ela começou lentamente, mas, antes que estivesse na metade, já estava com tanto calor e sem fôlego que teve que parar. Não chegou a ficar frustrada, porque pelo menos tinha chegado até trinta. Interrompeu os pulos com um leve sorriso de prazer, e então, para seu grande espanto, viu o pisco pousando num longo ramo de trepadeira que balançava ao vento. O passarinho a tinha seguido e deu um chiro para cumprimentá-la. Quando Mary foi pulando até o bichinho, sentiu uma coisa pesada em seu bolso remexer a cada salto, e ao olhar para o pisco riu novamente.

“Ontem você me mostrou onde estava a chave”, disse. “Hoje precisa me mostrar onde está a porta; mas acho que você não sabe, né?”

O passarinho voou de seu galho de trepadeira e foi parar em cima do muro, abrindo o bico e cantando alto e bonito para se mostrar. Nada no mundo é mais adorável do que um pisco-de-peito-ruivo se exibindo – e eles estão sempre fazendo isso.

Mary Lennox já tinha ouvido falar muito sobre Mágica nas histórias que sua aia contava, e sempre dizia que o que aconteceu ali, quase naquele momento, tinha sido pura Mágica.

Uma lufada suave atravessou a trilha, um pouco mais forte do que as anteriores. Forte o suficiente para balançar os galhos das árvores, e mais do que suficiente para balançar os ramos compridos da trepadeira que pendiam meio soltos no muro, por não terem sido podados. Mary foi se aproximando do passarinho, e de repente a lufada de vento sacudiu alguns ramos soltos da trepadeira, e mais de repente ainda Mary pulou para a frente e os agarrou. Fez isso ao perceber alguma coisa por baixo das plantas – um objeto redondo coberto pelas folhas. Parecia a maçaneta de uma porta.

Mary colocou a mão por entre as folhas e começou a afastar os galhos. Mesmo sendo espessa a trepadeira pendia solta, feito uma cortina, ainda que alguns galhos tivessem se agarrado à madeira e ao metal. O coração de Mary começou a bater forte e suas mãos foram ficando um pouco trêmulas de alegria e entusiasmo. O pisco continuava a cantar e gorjear, mexendo a cabeça para um lado e para o outro, como se estivesse tão empolgado quanto a menina. O que era aquela coisa quadrada de ferro com um buraquinho no meio que suas mãos estavam tocando?

Era a fechadura da porta que havia sido trancada dez anos atrás. Mary colocou a mão no bolso e puxou a chave, que era do tamanho certinho daquele buraco de fechadura. Então colocou a chave no buraco e a testou. Foi preciso usar as duas mãos, mas a chave, enfim, girou.

Então ela respirou fundo e olhou para trás, para a trilha que seguia o muro, vendo se não havia ninguém se aproximando. Não havia viva alma. Ninguém jamais passava por ali, e ela inspirou fundo mais uma vez, porque precisava de fôlego, e afastou a cortina de

trepadeira, empurrando em seguida a porta, que se abriu devagar – muito devagar.

Mary se esgueirou através da porta, fechando-a ao passar e apoiando as costas nela para olhar em volta. Respirava rápido por conta da empolgação, da alegria e do espanto.

Estava *dentro* do jardim secreto.

9. A CASA MAIS ESTRANHA QUE JÁ SE VIU

Era o lugar mais doce e misterioso que alguém poderia imaginar. Os muros altos que o protegiam eram cobertos pelos caules desfolhados de rosas trepadeiras que, de tão espessas, formavam um só emaranhado. Mary Lennox sabia que eram roseiras porque tinha visto um monte delas na Índia. O terreno era todo gramado, de uma grama queimada de inverno, e dela brotavam arbustos que, se não estivessem mortos, certamente dariam rosas. Outras tantas roseiras eram do tipo mais comum, e tinham espreado tanto seus galhos que pareciam pequenas árvores. Havia outras árvores no jardim, e uma das coisas que o faziam parecer tão estranho e adorável era que as rosas trepadeiras tinham escalado por cima delas, pendendo em longos ramos que formavam cortinas delicadas e ondulantes, entrelaçando-se aqui e ali umas às outras e também subindo pelos galhos mais altos, indo até a árvore seguinte, formando lindas pontes. No momento não tinham nem folhas nem rosas para exhibir, e Mary não conseguia saber se estavam vivas ou mortas, mas seus ramos finos e cinzentos ou marrons pareciam uma espécie de manto de neblina que cobria tudo, muros e árvores e até a grama queimada sobre a qual, descendo lá do alto, espalhavam-se. Esse emaranhado de neblina pendendo de uma árvore a outra é que tornava tudo ali tão misterioso. Mary tinha imaginado que aquele jardim devia ser diferente dos outros, que não

havam ficado abandonados por tanto tempo; e de fato era um lugar como nenhum outro em que ela estivera na vida.

“Como é silencioso aqui!”, sussurrou ela. “Quanto silêncio!”

Então parou por um momento para escutar aquele silêncio. O pisco-de-peito-ruivo, depois de voar para o alto de sua árvore, estava tão quieto quanto todo o resto do jardim. Nem mesmo agitava as asas; estava pousado sem se mexer, olhando para Mary.

“Não admira tanto silêncio”, ela voltou a sussurrar. “Sou a primeira pessoa a abrir a boca aqui em dez anos.”

Ela se afastou da porta de entrada com os passos leves de alguém que toma cuidado para não acordar outra pessoa. Vinha bem a calhar que o chão estivesse coberto de grama e seus passos não fizessem ruído algum. Ao passar por baixo de um dos arcos cinzentos que se estendiam de uma árvore a outra e pareciam saídos de um conto de fadas, Mary ficou olhando para cima, examinando os ramos finos de que era formado. “Será que estão todas mortas?”, perguntou-se. “Será que o jardim todo morreu? Espero sinceramente que não.”

Se fosse Ben Weatherstaff, Mary seria capaz de dizer se as plantas estavam vivas ou mortas apenas olhando para elas, mas tudo que ela conseguia ver eram ramos e galhos cinzentos e marrons, e nenhum deles parecia ter nenhum minúsculo botão de folha onde quer que fosse.

Mas ela estava ali, *dentro* do maravilhoso jardim, e podia entrar à hora que quisesse por aquela porta oculta pela trepadeira, e se sentia como se tivesse encontrado um mundo todo seu.

O sol brilhava entre os muros, e a abóbada do céu azul, lá no alto, parecia ainda mais radiante e suave sobre aquele pedacinho de

Misselthwaite do que na charneca. O pisco desceu do topo de sua árvore e, voejando atrás de Mary, pulava de arbusto em arbusto. Fazia uma bela algazarra e tinha ares de estar muito ocupado, como se mostrasse as coisas por ali. Tudo era estranho e silencioso, e ela tinha a sensação de estar centenas de quilômetros distante de qualquer outra pessoa, mas por algum motivo não se sentia nem um pouco solitária. A única coisa que a incomodava era não saber se as roseiras estavam vivas ou mortas. Quem sabe algumas tivessem sobrevivido e fossem brotar folhas e botões quando o tempo ficasse mais quente. Não queria que o jardim estivesse completamente morto. Ficou imaginando como seria maravilhoso se o jardim estivesse vivo, com milhares de rosas desabrochando por todo lado!

Ela levava a corda de pular pendurada no braço, e depois de perambular um pouco resolveu dar uma volta completa no jardim pulando corda, parando quando quisesse examinar alguma coisa. Aqui e ali reconheceu o que um dia parecia terem sido alamedas gramadas, e em um ou dois cantos viu nichos de sempre-vivas com bancos de pedra ou vasos bem altos de flores cobertos de musgo.

Quando se aproximava do segundo desses nichos, Mary parou de pular. Parecia haver ali um canteiro antigo, e ela teve a impressão de distinguir alguma coisa brotando da terra preta – uns pontinhos verde-claros protuberantes. Lembrou-se do que Ben Weatherstaff tinha dito e se ajoelhou para observá-los.

“Sim, são mesmo coisinhas crescendo na terra. *Talvez* sejam crocos, ou fura-neves, ou narcisos”, sussurrou.

Curvou-se até chegar bem pertinho dos pontinhos verdes e aspirou o aroma fresco de terra úmida. Gostou muito do cheiro.

“Quem sabe tem outras coisinhas crescendo em outros lugares?”, especulou a menina. “Vou conferir o jardim todo.”

Em vez de continuar pulando corda, foi andando. E devagar, mantendo os olhos atentos ao chão. Procurou nos velhos canteiros e em meio à grama, e depois de ter dado uma volta completa, tentando não deixar passar nada, conseguira encontrar tantos outros pontinhos verdes protuberantes que já estava de novo bastante empolgada.

“O jardim não está tão morto assim”, exclamou em voz baixa para si mesma. “Mesmo que as rosas estejam mortas, tem outras coisas vivas.”

Não sabia nada de jardinagem, mas o mato parecia tão denso em alguns lugares onde os pontinhos verdes tentavam brotar que Mary pensou que ali eles não teriam espaço suficiente para crescer. Procurou em volta até encontrar um pedaço de madeira bem pontudo, voltou a se ajoelhar e cavou e arrancou as ervas daninhas e a grama até deixar um bom espaço livre ao redor dos pontinhos.

“Agora sim parece que eles vão poder respirar”, disse ao terminar de limpar a terra em volta dos primeiros pontinhos verdes. “Vou fazer isso em volta de todos que eu encontrar. Se não der tempo hoje, continuo amanhã.”

Seguiu então cavando e arrancando as ervas daninhas por todo o jardim, e se divertia imensamente conforme ia limpando um canteiro atrás do outro e o mato debaixo das árvores. O exercício a deixou com tanto calor que Mary primeiro tirou o casaco, depois o chapéu. Sem perceber, ela o tempo inteiro sorria para o capim e para os pontinhos verde-claros.

O pisco estava numa agitação tremenda. E muito satisfeito de ver alguém jardinando sua propriedade. Muitas vezes se perguntara por que Ben Weatherstaff nunca vinha ali. Quando se mexe num jardim, todo tipo de coisas deliciosas para se comer surgem no solo revirado. Agora lhe aparecia aquele novo tipo de criatura, com metade do tamanho de Ben mas com o bom senso de entrar no seu jardim e começar de uma vez o serviço.

Mary trabalhou até a hora de voltar para o almoço. Na verdade, só foi se lembrar da refeição já bem tarde, e, ao vestir de novo o casaco e o chapéu e pegar a corda de pular, mal pôde acreditar que estivera ocupada por duas ou três horas. O tempo todo se sentira feliz de verdade; agora já dava para ver dezenas e dezenas de pontinhos verde-claros no terreno limpo, todos exibindo o dobro do contentamento de antes, quando a grama e as ervas daninhas os sufocavam.

“Vou voltar à tarde”, disse a menina, dando uma boa olhada em seu novo reino e dirigindo-se às árvores e roseiras como se elas pudessem escutá-la.

Então atravessou lépida o gramado, abriu a velha e pesada porta e deslizou por baixo da trepadeira para sair. Tinha as bochechas tão rosadas e os olhos tão brilhantes, e comeu tanto no almoço, que Martha ficou maravilhada.

“Dois baita naco de carne, e ainda repetiu o arroz-doce!”, disse a moça. “Eita! A mãe vai ficar faceira quando eu contar que essa folia de pular corda te fez um bem danado.”

Enquanto cavava com seu pedaço de madeira pontudo, Mary tinha deparado com uma espécie de raiz branca que parecia uma cebola. Como não sabia o que era aquilo, pusera as raízes de volta

no buraco e o recobriria de terra com palmadinhas cuidadosas, mas agora lhe ocorria se Martha por acaso não saberia dizer que planta era aquela.

“Martha, o que são aquelas raízes brancas que parecem cebolas?”, perguntou.

“É bulbo de flor”, respondeu Martha. “Na primavera floresce tudo. Se é bem pequenininho, é de fura-neve e croco, e o maior dá narciso e junquilha. O maiorzão é de lírio e íris. Eita! É bonito demais. O Dickon tem um montão plantado no nosso tiquinho de jardim lá em casa.”

“O Dickon sabe tudo dessas coisas?”, perguntou Mary, com uma nova ideia já se apossando dela.

“O nosso Dickon é capaz de fazer brotar flor de chão de pedra. A mãe diz que ele chama as flor pra fora da terra com um sopro mágico.”

“E esses bulbos vivem bastante? Eles sobreviveriam por anos e anos mesmo sem ninguém pra ajudar?”, quis saber Mary, ansiosa.

“Isso daí se vira sozinho”, disse Martha. “Por isso que pobre também pode ter. Se a gente não mexe com eles, a maioria fica trabalhando debaixo da terra a vida inteira, aí se espalha e dá broto. Tem um lugar aqui no parque com milhares de fura-neve. É a paisagem mais bonita de Yorkshire quando chega a primavera. Ninguém sabe quando aqueles canteiros foram plantados.”

“Eu queria que já fosse primavera”, disse Mary. “Quero ver todas essas plantas que crescem na Inglaterra.”

A menina tinha terminado de comer e estava sentada no seu lugar preferido do tapete junto à lareira.

“Queria... queria ter uma pazinha”, disse.

“Ora, e pra que ocê ia querer uma pá?”, perguntou Martha, rindo. “Vai agora sair cavando por aí? Preciso contar essa pra mãe também.”

Mary ficou observando o fogo e pensando um pouco. Precisava ter cuidado se quisesse manter em segredo o seu reino secreto. Não estava fazendo nada de errado, mas se o sr. Craven descobrisse que a porta tinha sido aberta ia ficar bravo de dar medo, uma nova chave seria providenciada e o jardim, trancado para todo o sempre. Mary não podia suportar aquela ideia.

“Este lugar é tão grande e vazio”, disse ela, devagar, como se pensasse consigo mesma. “A casa é vazia, o parque é vazio, os jardins são vazios. Tem tantos lugares trancados. Eu nunca fazia muita coisa na Índia, mas lá tinha mais gente para ver. Havia nativos e soldados sempre passando, e às vezes bandas que tocavam, e a minha aia que me contava histórias. Aqui não tenho ninguém com quem conversar a não ser você e o Ben Weatherstaff. E você precisa fazer seu trabalho, e o Ben Weatherstaff só conversa comigo de vez em quando. Pensei que se tivesse uma pazinha eu podia cavar em algum lugar como ele faz, e quem sabe fazer um jardinzinho, se ele me desse umas sementes.”

O rosto de Martha se iluminou.

“Essa agora!”, exclamou ela. “E não é que foi bem isso que a mãe falou? Ela disse: ‘Tem tanta terra naquele lugarzão, por que eles não dão um pedacinho pra ela, nem que seja pra ela plantar só salsinha e rabanete? Ia poder ficar lá cavando e capinando, feliz da vida.’ Foi exatamente isso que a mãe falou.”

“É mesmo?”, respondeu Mary. “Ela tem muita sabedoria, né?”

“Eita!”, exclamou Martha. “É como ela mesma diz: ‘Uma mulher que cria doze criança aprende um pouco mais que o beabá. Ter filho vale a mesma coisa que saber matemática pra gente descobrir as coisa.’”

“Quanto será que custa uma pá? Uma pequena?”, quis saber Mary.

“Bom”, começou a dizer Martha, enquanto pensava. “Lá no vilarejo de Thwaite tem uma lojinha onde eu vi uns conjuntinho com pá, enxada e rastelo, tudo amarradinho junto, por dois xelim. E era coisa boa, que aguenta trabalho.”

“Tenho mais do que isso na minha bolsa”, disse Mary. “A sra. Morrison me deu cinco xelins, e a sra. Medlock me deu algum dinheiro que o sr. Craven mandou me entregar.”

“Então ele se lembrou que ocê existe?”, surpreendeu-se Martha.

“A sra. Medlock disse que a ordem era me dar um xelim por semana. Ela me entrega o dinheiro todo sábado. Eu não sabia com o que gastar.”

“Eita! Isso é uma fortuna”, disse Martha. “Dá pra comprar qualquer coisa no mundo que ocê quiser. O aluguel lá de casa custa só um xelim e três centavo, e a gente dá um duro danado pra conseguir esse dinheiro.” E, parando e colocando as mãos no quadril, acrescentou: “Mas acabei de ter uma ideia.”

“O que foi?”, perguntou Mary, ansiosa.

“Na lojinha de Thwaite eles vende uns pacotinho com semente de flor por um centavo cada, e o nosso Dickon sabe que tipo é mais bonito e como fazer pra plantar. E tem vários dias que ele vai até Thwaite só pra dar um passeio. Ocê sabe escrever com letra de forma?”

“Eu sei escrever com letra de mão”, respondeu Mary.

Martha balançou a cabeça.

“O nosso Dickon só sabe ler letra de forma. Se ocê conseguir fazer assim, a gente pode escrever uma carta pedindo pra ele ir lá comprar as ferramenta e as semente.”

“Ah! Você é tão boa!”, exclamou Mary. “De verdade! Eu não sabia que era tão boa. Tenho certeza que consigo escrever com letra de forma. Vamos pedir caneta, tinta e papel à sra. Medlock.”

“Eu já tenho tudo isso”, respondeu Martha. “Compreei pra poder, de domingo, escrever um pouquinho pra mãe. Vou lá buscar.”

Ela saiu apressada da sala e Mary ficou ali, de pé junto à lareira, as mãozinhas magras unidas, torcendo-se de puro prazer.

“Se eu tiver uma pá”, sussurrou, “posso deixar a terra bem fofa e preparada, sem nenhuma erva daninha. Se tiver sementes e conseguir fazer as flores brotarem, o jardim não vai mais estar nem um pouco morto, vai reviver.”

Não voltou a sair naquela tarde, pois, quando Martha retornou com a caneta, a tinta e o papel, teve que tirar a mesa e levar as travessas e pratos para o andar de baixo, e chegando à cozinha encontrou a sra. Medlock, que a mandou fazer outra coisa, de modo que Mary precisou esperar pelo que lhe pareceu uma eternidade até Martha voltar. Escrever para Dickon não seria um trabalho fácil. Mary tinha aprendido muito pouco, porque todas as preceptoras que tivera haviam ficado pouquíssimo tempo com ela, uma vez que não conseguiam suportá-la. A menina não sabia soletrar as palavras muito bem, mas pensava ser capaz de escrever com letra de forma se tentasse. A carta que Martha ditou para ela foi a seguinte:

Meu querido Dickon,

Escrevo esta carta na esperança de que ela o encontre tão bem quanto eu. A srta. Mary tem bastante dinheiro, então será que ocê podia ir a Thwaite comprar algumas semente de flor e ferramenta de jardinagem pra ela fazer um canteiro? Pegue aquelas mais bonita e fácil de plantar, porque ela nunca fez isso e morava na Índia, onde é tudo diferente. Mando daqui o meu amor pra mãe e pra todos vocês aí. A srta. Mary vai me contar uma porção de coisas, e na minha próxima folga você vai saber sobre elefantes e camelos e cavaleiros que caçam leões e tigres.

*Da tua irmã que te ama,
Martha Phoebe Sowerby*

“Agora a gente coloca o dinheiro no envelope que vou pedir pro menino que entrega as carne levar no carrinho dele. Ele é muito amigo do Dickon”, disse Martha.

“E como eu vou pegar as coisas depois?”

“O Dickon vai trazer procê. Ele vai gostar de vir até aqui.”

“Ah!”, exclamou Mary. “Então vou conhecer o Dickon! Eu nunca pensei que isso um dia fosse acontecer.”

“Ocê quer conhecer ele?”, Martha perguntou de repente, pois Mary parecia muito satisfeita.

“Quero sim. Nunca conheci um menino que é amigo de raposas e corvos. Quero muito conhecê-lo.”

Martha teve então um pequeno sobressalto, como quem acaba de se lembrar de uma coisa.

“Que cabeça a minha”, disse. “Que cabeça a minha esquecer logo isso! E pensar que era a primeira coisa que ia te contar hoje de manhã. É que eu pedi pra mãe, e ela disse que ia perguntar pra sra. Medlock...”

“Perguntar o quê?”, quis saber Mary.

“Sobre o que eu falei na terça. Se podiam levar a senhorita até a nossa casinha um dia desses pra comer um pedaço quentinho do bolo de aveia da mãe com manteiga e um copo de leite.”

Parecia que todas as coisas interessantes estavam acontecendo num só dia. Imagine atravessar a charneca de dia e com céu azul! Imagine ser convidada para uma casinha onde moravam doze crianças!

“E ela acha que a sra. Medlock vai me deixar ir?”, perguntou Mary, tomada de ansiedade.

“Ah, é claro. Ela sabe que a mãe é ordeira e que a casa tá sempre limpinha.”

“Se eu for, vou poder conhecer a sua mãe também, além do Dickon”, disse Mary, pensando no assunto e já gostando muito da ideia. “Ela não parece ser como as mães que eu via na Índia.”

O trabalho no jardim e a animação da tarde terminaram por deixá-la quieta e pensativa. Martha lhe fez companhia até a hora do chá, mas as duas permaneceram num confortável silêncio e pouco conversaram. Pouco antes de Martha descer para buscar a bandeja do chá, Mary lhe fez uma pergunta.

“Martha”, disse a menina, “a criada da cozinha teve dor de dente hoje de novo?”

Martha teve outro sobressalto.

“Por que ocê tá perguntando isso?”, respondeu.

“Porque, na hora em que fiquei te esperando um tempão, abri a porta e andei um pouco pelo corredor para ver se você já estava voltando. Aí ouvi aquele choro distante de novo, igual ao que tinha ouvido naquela outra noite. Como hoje não está ventando, dá pra saber que não era o vento.”

“Eita!”, disse Martha, irrequieta. “Ocê não deve andar aí pelos corredores bisbilhotando. O sr. Craven vai ficar tão bravo que sabe lá o que é capaz de fazer.”

“Eu não estava bisbilhotando”, disse Mary. “Só estava esperando por você. E foi aí que escutei. Foi a terceira vez.”

“Minha nossa! É o sino da sra. Medlock”, disse Martha, e saiu quase correndo da sala.

“Esta é a casa mais estranha que já se viu”, disse Mary sonolenta, recostando a cabeça no assento acolchoado da poltrona ao lado. Passar a manhã inteira ao ar livre, cavando a terra e pulando corda, a havia deixado tão agradavelmente cansada que ela pegou no sono.

10. DICKON

O sol brilhou por quase uma semana sobre o jardim secreto. Era assim que Mary o chamava quando pensava nele, o Jardim Secreto. Gostava do nome, e gostava ainda mais da sensação de que, quando os lindos e antigos muros do jardim a acolhiam em seu interior, ninguém sabia onde ela estava. Era quase como se ela tivesse sido catapultada do mundo para algum lugar encantado. Os poucos livros que tinha lido e apreciado eram de contos de fadas, e em algumas dessas histórias apareciam jardins secretos. Às vezes as pessoas entravam neles e dormiam durante cem anos, o que ela achava bastante bobo. Não lhe passava pela cabeça ir dormir, e na verdade estava ficando mais e mais desperta a cada dia que passava em Misselthwaite. Começava a gostar de estar fora de casa; não odiava mais o vento, apreciava senti-lo. Estava conseguindo correr mais rápido e por mais tempo, e já contava até cem pulando corda. Os bulbos do jardim secreto devem ter ficado muito admirados. A terra ao seu redor estava tão fofa e limpa que havia espaço de sobra para respirar. Mary realmente não fazia ideia de como eles estavam alegres debaixo da terra escura, trabalhando com tremendo afinco. O sol conseguia chegar até os bulbos e aquecê-los, e quando vinha a chuva eles a recebiam diretamente, de modo que começaram a se sentir muito vivos.

Mary era uma menininha estranha e determinada, e agora que algo exigia sua determinação é que estava mesmo envolvida.

Trabalhava sem parar, cavando e arrancando as ervas daninhas, e cada hora de labuta só a deixava mais satisfeita, em vez de cansada. Para ela, aquilo era como uma brincadeira fascinante. Encontrou muito mais daqueles pontinhos verde-claros protuberantes do que havia esperado. Eles pareciam brotar por toda parte, e ela tinha certeza de que todo dia achava novos e pequeninos pontos, alguns tão pequeninos que mal conseguiam emergir do solo. Eram tantos que a fizeram se lembrar do que Martha dissera sobre “milhares de fura-neves” e sobre os bulbos se espalharem e darem brotos. Aqueles haviam sido deixados ali, quietos, por dez anos, e talvez tivessem se multiplicado, como os fura-neves, até chegar aos milhares. Mary se perguntava quanto tempo demoraria para que revelassem que eram flores. Às vezes parava de cavar e olhava para o jardim, tentando imaginar como ele ficaria quando estivesse coberto com um monte de coisas adoráveis florescendo. Durante aquela semana de sol, a menina ficou conhecendo melhor Ben Weatherstaff. Ela o pegou de surpresa várias vezes, quando parecia brotar da terra ao lado dele. A verdade é que temia que ele pegasse suas ferramentas e fosse embora se a visse chegando, de modo que sempre caminhava o mais silenciosamente possível na direção do jardineiro. Mas, na verdade, ele não a repelia com tanta veemência quanto tinha feito de início. Quem sabe não estivesse secretamente lisonjeado pelo evidente desejo da menina de estar na companhia de um velho como ele. Além disso, ela agora se comportava com mais civilidade do que antes. Ele não sabia que, ao vê-lo pela primeira vez, Mary falara com ele como falaria com um nativo, sem saber que um velho ranzinza e orgulhoso de Yorkshire não estava

acostumado a saudar com mesuras seus senhores e simplesmente obedecer às ordens que estes davam.

“Ocê é que nem o pisco”, ele disse à menina certa manhã, ao levantar a cabeça e vê-la parada a seu lado. “Eu nunca sei quando vou te ver ou de que lado vai vir.”

“Ele é meu amigo agora”, disse Mary.

“É bem a cara dele”, disparou Ben Weatherstaff. “Se exibindo pras moça só por vaidade e capricho. Aquele lá não se faz de rogado pra se pavonear todo. Quebrou a casca do ovo de tanto que não cabia em si.”

Era muito raro o jardineiro falar tanto, e às vezes ele nem sequer respondia às perguntas de Mary, limitando-se a resmungar qualquer coisa, mas naquela manhã conversou mais do que o habitual. Endireitou o corpo e apoiou a sola de uma das botinas na pá para se voltar à menina.

“Ocê já tá aqui faz quanto tempo?”, perguntou.

“Acho que mais ou menos um mês”, respondeu ela.

“Tá começando a provar que Misselthwaite tem seu valor”, disse o jardineiro. “Engordou um bocadinho, tá menos gritona. Ocê parecia um corvinho depenado da primeira vez que veio aqui neste jardim. Acho que eu nunca tinha visto uma juvenzinha tão feia e emburrada.”

Mary não era vaidosa e, como nunca se preocupara muito com a aparência, não ficou tão incomodada.

“Já sei que engordei”, disse. “Minhas meias estão ficando apertadas. Antes elas faziam pregas, de tão frouxas. Olha ali o pisco, Ben Weatherstaff.”

E ali estava, de fato, o passarinho, e Mary o achou mais bonitinho do que nunca. Seu peito avermelhado brilhava como seda. Ele agitava as asas e a cauda, inclinava a cabeça e saltitava de um lado para o outro todo faceiro. Parecia determinado a ganhar a admiração de Ben Weatherstaff. Mas Ben assistia a tudo aquilo com sarcasmo.

“Pois aí tá ocê!”, disse ele. “Então quer dizer que só me aguenta de vez em quando porque não tem ninguém melhor por perto. Mas andou retocando o vermelho desse peitinho e polindo as penas ultimamente. Já entendi tudo. Anda é cortejando por aí alguma jovem e corajosa dama com as tuas lorotas de galinho que se acha o melhor da região, pronto pra encarar qualquer um.”

“Ah! Olha só pra ele”, exclamou Mary.

O passarinho portava-se de um jeito ousado e fascinante. Saltitava mais e mais perto, e cada vez olhava para Ben Weatherstaff com mais intento. Voou até o arbusto mais próximo e, inclinando a cabeça, ofereceu ao jardineiro uma pequena canção.

“Tá achando que vai me passar a conversa com isso aí, né?”, disse Ben, armando uma tal carranca que Mary não teve dúvidas de que ele estava na verdade tentando disfarçar sua satisfação. “Ocê pensa que ninguém pode contigo, né? É isso que ocê tá achando.”

O pisco abriu as asas, e Mary mal pôde acreditar no que viu em seguida. O passarinho alçou voo até o cabo da pá de Ben Weatherstaff e pousou bem ali na ponta. Então as rugas no rosto do velho jardineiro foram formando lentamente uma nova expressão. Ben ficou paradinho, como se estivesse com medo de respirar – como se por nada nesse mundo fosse se mexer, para que o pisco não levantasse voo dali. Falou como que num sussurro.

“Ora, fui fisgado!”, disse por fim, tão suavemente que parecia estar dizendo outra coisa. “Oê sabe mesmo ser sedutor! Um passarinho de outro mundo, oê, de tão sabido.”

E ali Ben Weatherstaff permaneceu, sem se mover – quase sem respirar –, até o pisco decidir, com outro agitar de asas, voar para longe. Então o jardineiro, depois de ficar olhando um pouco para o cabo da pá como se houvesse ali algum tipo de Mágica, recomeçou a cavar sem dizer nada por alguns minutos.

Mas, como de vez em quando um sorriso lentamente se abria em seu rosto, Mary não teve medo de prosseguir a conversa.

“Você tem um jardim só seu?”, quis saber ela.

“Não. Sou solteiro e moro com o Martin lá perto do portão.”

“Mas se tivesse um”, continuou Mary, “o que plantaria nele?”

“Repolho, batata e cebola.”

“Mas e se fosse um jardim de flores”, insistiu Mary, “quais plantaria?”

“Bulbos e plantas cheirosas... principalmente roseiras.”

O rosto de Mary se iluminou.

“Você gosta de rosas?”, quis saber a menina.

Ben Weatherstaff arrancou uma erva daninha pela raiz antes de responder.

“Ora, se gosto. Apreendi a gostar quando trabalhei de jardineiro pra uma moça que tinha um monte delas num lugar onde gostava muito de ir. Ela amava aquelas flor que nem quem gosta de um filho – ou de um pisco. Cheguei a ver a moça se abaixar pra beijar as rosa.” Ben desencavou outra erva daninha, para a qual olhou de cara feia. “Isso já tem muitos ano.”

“Onde está a moça agora?”, perguntou Mary, muito interessada.

“No céu”, respondeu o jardineiro, enterrando a pá bem fundo na terra. “É o que diz o pastor.”

“E o que aconteceu com as roseiras?”, continuou Mary, mais interessada do que nunca.

“Tiveram que se virar sozinha.”

Mary estava ficando agitada.

“E elas morreram? As roseiras morrem quando precisam se virar sozinhas?”, quis saber a menina.

“Bem, eu acabei gostando delas... e gostava muito da moça também, e ela gostava das rosa”, admitiu Ben Weatherstaff, relutante. “Uma ou duas vez por ano eu ia lá e trabalhava um pouquinho... podava as roseira e limpava a terra em volta das raiz. Cresce tudo de qualquer jeito aquilo, mas o solo lá é rico, então tem umas que sobreviveram.”

“Quando elas estão sem folhas e ficam cinzentas, marrons e secas, como a gente consegue saber se estão mortas ou vivas?”, inquiriu Mary.

“Espera só até a primavera chegar... até o sol aparecer depois da chuva e a chuva aparecer depois do sol. Aí ocê vai descobrir.”

“Mas como? Como?”, bradou Mary, esquecendo que devia agir com cautela.

“É só olhar os ramo e galho e procurar uns carocinho marrom saliente aqui e ali. Aí vê o que acontece com eles depois duma chuvinha morna.” Súbito, Ben se interrompeu e observou, curioso, a expressão cheia de ansiedade da menina. “Por que ocê tá tão preocupada de repente com as rosa e tudo o mais?”

Mary sentiu o rosto ficar vermelho. Quase teve medo de responder.

“E-eu... quero brincar de... de ter o meu próprio jardim”, gaguejou. “Eu... é que não tenho nada pra fazer. Não tenho nada... nem ninguém.”

“Bom, isso é verdade”, disse Ben Weatherstaff, devagar, ainda de olho em Mary. “Oê não tem mesmo.”

Disse isso de um jeito tão estranho que Mary ficou se perguntando se não estaria com um pouco de pena dela. Nunca antes havia sentido pena de si mesma; até então só se sentira cansada e emburrada, de tão pouco que conseguia gostar das pessoas e das coisas. Mas agora o mundo parecia estar mudando e ficando mais agradável. Se ninguém descobrisse o jardim secreto, ela ia se divertir sempre.

Mary ficou com o jardineiro por mais uns dez ou quinze minutos, perguntando tudo quanto tinha coragem de perguntar. Ben respondia a cada uma das perguntas com aqueles seus estranhos resmungos, e não pareceu ter ficado zangado, tampouco pegou sua pá e foi embora. Ela já estava de saída quando o velho disse alguma coisa sobre roseiras, o que a fez se lembrar daquelas que ele tinha dito que gostara de cuidar.

“Você ainda vai vê-las de vez em quando?”, quis saber Mary.

“Este ano ainda não fui. O reumatismo deixou as minha junta emperrada demais.”

Disse isso no tom resmungão de sempre. E foi então que, de um momento para o outro, sem qualquer razão aparente, pareceu irritado com ela.

“Agora escuta aqui!”, disse o jardineiro, ríspido. “Vamo parar com tanta pergunta. Oê é a coisinha mais perguntadeira que eu já vi.

Chispa daqui e vai brincar, vai. Por hoje já deu de conversa pra mim.”

E Ben Weatherstaff pareceu tão zangado que Mary soube na hora que não adiantava ficar ali mais nem um minuto. Saiu pela alameda externa pulando corda devagar, pensando no jardineiro e dizendo a si mesma que, por mais esquisito e rabugento que ele fosse, gostava do velho Ben Weatherstaff. Sim, gostava mesmo. Vivia tentando puxar conversa com ele, e começara a acreditar que ele sabia tudo do mundo das flores.

Havia ali uma pequena trilha ladeada de loureiros que contornava o jardim secreto e ia dar num portão que se abria para o bosque, já no parque. Ela pensou em se esgueirar por essa trilha e ir dar uma olhada, para ver se não havia uns coelhos saltitando por ali, entre as árvores. Estava gostando muito de pular corda e, ao chegar ao portãozinho, resolveu abri-lo e entrar no bosque, porque agora ouvia um assobio baixo, num timbre peculiar, e desejava saber de onde vinha.

Era uma coisa muito estranha mesmo. Ela praticamente prendeu a respiração quando parou para olhar. Um menino estava sentado debaixo de uma árvore, recostado no tronco, tocando uma flauta rústica de madeira. Era um garoto de uns doze anos e aspecto curioso. Parecia muito limpinho, e tinha nariz arrebitado, bochechas vermelhas feito papoulas e os olhos mais redondos e azuis que Mary já tinha visto no rosto de um menino. Agarrado ao tronco da árvore em que o menino estava recostado, um esquilo marrom o observava; de trás de um arbusto próximo, um faisão delicadamente esticava o pescoço para espiá-lo; e bem perto havia ainda dois coelhos sentados sobre as patinhas traseiras a farejar com

seus focinhos trêmulos – parecia, na verdade, que os bichos todos tinham se aproximado para ver o menino e ouvir o suave e estranho toque de sua flauta.

Quando viu Mary, ele levantou uma das mãos e se dirigiu a ela numa voz até bem parecida com o som da flauta, e quase tão suave quanto.

“Ocê não se mexa”, disse ele. “Vai espantar eles.”

Mary permaneceu imóvel. O menino parou de tocar e começou a se levantar do chão. Movia-se tão devagar que nem parecia, na verdade, que estava se movendo, mas finalmente ficou de pé, e nisso o esquilo desapareceu rápido por entre os galhos da árvore, o faisão recolheu o pescoço e os coelhos baixaram as patinhas e saíram pulando para longe, embora não parecessem nem um pouco assustados.

“Eu sou o Dickon”, disse o menino. “E ocê é a srta. Mary, né? Já sei.”

Então Mary se deu conta de que, por alguma razão, também soubera desde o início que aquele era Dickon. Quem mais poderia estar ali lançando encantos sobre coelhos e faisões do mesmo modo como os nativos encantavam cobras na Índia? A boca do menino era larga, vermelha, sorridente, e seu sorriso tomava o rosto todo.

“Levantei devagar”, explicou ele, “porque senão eles ficam assustado. A gente tem que ter cuidado pra se mexer e falar bem baixo quando essas coisinha selvagem estão por perto.”

Não falava com ela como se nunca tivessem se visto antes, mas como se a conhecesse muito bem. Mary não sabia nada sobre meninos, e a timidez a deixava um pouco tensa enquanto conversava com ele.

“Você recebeu a carta da Martha?”, quis saber ela.

Ele assentiu com a cabeça, coberta de cachos da cor de ferrugem.

“Sim, foi por isso que eu vim.”

Então se abaixou para pegar algo que tinha ficado no chão a seu lado enquanto tocava a flauta.

“Já tenho as ferramenta aqui. Pazinha, ancinho, forcado, enxada. Eita! Tudo coisa boa. E tem uma espátula também. E a senhora da lojinha me deu de graça um pacotinho de semente de papoula branca e um de esporinha azul junto com as outra que eu comprei.”

“Você pode me mostrar as sementes?”, perguntou Mary.

Queria poder falar do jeito que Dickon falava. A conversa dele era tão ágil e fácil. Aparentemente ele gostara de Mary, e não temia nem um pouquinho que ela não gostasse dele, embora fosse só um menino comum que morava na charneca, usava roupas remendadas e tinha uma cara engraçada e uma cabeleira ruiva. Chegando mais perto, ela reparou no cheiro fresco de urze, grama e folhas que ele exalava, quase como se fosse feito dessas plantas. Gostou muito desse cheiro e, quando voltou a olhar para o rosto engraçado dele, com suas bochechas vermelhas e olhos azuis redondos, esqueceu a timidez inicial.

“Vamos nos sentar neste tronco e dar uma olhada nas sementes”, disse ela.

Uma vez sentados, ele tirou do bolso do casaco um pacote desconjuntado de papel marrom. Solto o barbante para abri-lo, revelando ali dentro vários pacotinhos menores e menos amassados, cada um com a figura de uma flor.

“Tem um monte de minhonete e de papoula”, disse Dickon. “A minhonete quando brota é cheirosa demais, e cresce em qualquer

lugar que a gente planta, que nem as papoula. Basta a gente assobiar que elas cresce e floresce, é a coisa mais bonita que tem.”

Ele fez uma pausa e virou a cabeça depressa, o rosto corado se iluminando.

“Cadê esse pisco que tá chamando a gente?”, perguntou.

O gorjeio vinha de um arbusto frondoso de azevinho, cheio de frutinhas vermelhas. Mary achou que sabia de quem era aquele piado.

“Ele está mesmo chamando a gente?”, perguntou ela.

“Pois tá”, disse Dickon, como se fosse a coisa mais natural do mundo. “Tá chamando algum amigo dele. É como se estivesse dizendo: ‘Tô aqui. Olha pra mim. Quero conversar um pouquinho.’ Ali está ele, no arbusto. De quem é esse pisco?”

“É do Ben Weatherstaff, mas acho que ele me conhece um pouco”, respondeu Mary.

“Pois conhece”, disse Dickon, de novo abaixando a voz. “E ele gosta de ocê. Daqui a pouco vai me contar tudinho que descobriu da senhorita.”

O menino se aproximou do arbusto, com aquele jeito lento de se mover em que Mary tinha reparado antes, e então fez um som quase como se fosse o próprio gorjeio do pisco. O passarinho ficou escutando por alguns segundos, atentamente, e então replicou o som como se respondesse a uma pergunta.

“Pois não é que ele é amigo da senhorita?”, riu Dickon.

“Você acha?”, exclamou Mary, entusiasmada. Ela queria tanto saber. “Acha mesmo que ele gosta de mim?”

“Não ia chegar perto de ocê se não gostasse”, respondeu Dickon. “Passarinho não é dado assim com qualquer um, e pisco ainda é pior

que gente pra desdenhar os outros. Olha só, tá se exibindo procê agora mesmo. ‘Não tá vendo o amigo aqui?’, ele tá dizendo.”

E, de fato, parecia que era verdade mesmo. Era a impressão que se tinha do jeito como o passarinho trinava, inclinando a cabecinha e pulando no arbusto de um lado para o outro.

“Você entende tudo o que os pássaros dizem?”, quis saber Mary.

Dickon abriu ainda mais o sorriso. Parecia que ele todo era uma boca larga, vermelha e sorridente. Em seguida, ele coçou o cabelo desgrenhado e disse:

“Acho que sim, e eles também”, respondeu o menino. “Faz um tempão que moro com eles aqui na charneca. Vi esses passarinho sair da casca, aprender a voar e começar a cantar, acho até que sou um deles. Às vezes acho que sou um passarinho e não sei. Ou uma raposa. Ou um coelho ou um esquilo, ou até mesmo um besouro.”

Dickon riu, voltou ao tronco e começou a falar de novo sobre as sementes. Contou a Mary como elas ficavam quando viravam flores; disse como se fazia para plantá-las, adubá-las e regá-las.

“Olha”, disse Dickon de repente, virando-se para Mary. “Vou plantar as semente procê. Cadê o jardim?”

Mary apertou com força as mãos magrinhas, pousadas no colo. Não sabia o que dizer, de modo que ficou um minuto inteiro sem abrir a boca. Nunca tinha pensado naquilo. Estava se sentindo péssima, como se tivesse ficado vermelha e depois branca.

“Ocê tem um pedacinho de jardim, né?”, quis saber Dickon.

Ela tinha mesmo ficado vermelha e depois branca. Dickon viu tudo isso e, como Mary continuou em silêncio, começou a ficar intrigado.

“Não te deram nem um pedacinho?”, perguntou. “Oê não ganhou nadinha ainda?”

Ela apertou as mãos com mais força e se virou para ele.

“Não sei nada sobre meninos”, começou ela, devagar. “Você consegue guardar um segredo, se eu te contar um? É um segredo enorme. Não sei o que vou fazer se alguém descobrir. Acho que eu morro!”, prosseguiu, dando ênfase a esta última frase.

Dickon parecia mais intrigado ainda, e até coçou de novo o cabelo desgrenhado, mas deu uma resposta espirituosa.

“Guardo segredo o tempo inteiro”, disse. “Se não conseguisse esconder as coisa dos outro menino, sobre filhote de raposa, ninho de passarinho, toca de bicho, nada disso ia estar seguro na charneca. Pois então, consigo guardar segredo sim.”

Ainda que sem querer, Mary se viu levando a mão à manga do casaco de Dickon e a agarrando.

“É que eu roubei um jardim”, disse, falando rápido. “Não é meu. Não é de ninguém. Ninguém quer, ninguém se importa com ele, ninguém nunca vai lá. Talvez já esteja tudo morto ali. Não sei.”

Ela começou a se sentir quente e mais emburrada do que nunca.

“Mas eu não me importo, não me importo! Ninguém tem o direito de tirá-lo de mim, se eu gosto dele e ninguém mais gosta. Estão deixando o jardim morrer, fechado lá daquele jeito, abandonado”, concluiu de maneira apaixonada, cobriu o rosto com as mãos e desandou a chorar. Pobrezinha!

Os olhos azuis de Dickon, curiosos, foram ficando cada vez mais redondos.

“Eiiiita!”, reagiu o garoto, demorando-se na exclamação, o que significava ao mesmo tempo espanto e solidariedade.

“Não tenho nada pra fazer”, continuou Mary. “Nada aqui é meu. Mas eu mesma encontrei o jardim e entrei nele. Fiz igualzinho o pisco, e ninguém ia querer tirar o jardim dele.”

“Onde é que ele fica?”, perguntou Dickon, baixinho.

Mary se levantou do tronco na mesma hora. Sabia que estava emburrada de novo, obstinada, mas não se importava. Ela era imperiosa e vinha da Índia, e estava infeliz e furiosa.

“Vem comigo que eu vou te mostrar”, disse.

Conduziu o menino pela trilha de loureiros e o caminhozinho onde a hera crescia espessa. Dickon a seguiu com uma expressão divertida no rosto, quase de pena. Era como se estivesse sendo levado para conferir algum ninho de passarinho estranho e precisasse se mover com delicadeza. Quando ela parou num ponto do muro e levantou a trepadeira, ele levou um susto. Havia uma porta, que Mary abriu lentamente. Eles entraram juntos, e então a menina, parando à beira do jardim, acenou com a mão, desafiadora.

“Aí está”, disse. “É um jardim secreto, e eu sou a única pessoa no mundo que deseja que ele esteja vivo.”

Dickon não conseguia parar de olhar em volta.

“Eita!”, disse ele, quase num sussurro. “Que lugar estranho e bonito! É como se a pessoa estivesse num sonho.”

11. O NINHO DO TORDO

Por dois ou três minutos ele ficou parado, olhando em volta, enquanto a menina o observava. Em seguida, começou a andar bem devagar pelo jardim, pisando ainda mais leve do que Mary na primeira vez em que estivera dentro daqueles muros. Os olhos do menino pareciam absorver tudo – as árvores cinzentas com trepadeiras cinzentas subindo por elas e pendendo de seus galhos, o emaranhado que cobria os muros e se espalhava pela grama, os nichos de sempre-vivas com seus bancos de pedra e, sobre eles, vasos altos de flores.

“Nunca pensei que ia ver este lugar”, disse ele, por fim, num sussurro.

“Você sabia deste jardim?”, perguntou Mary.

A menina falava em voz alta, ao que Dickon fez um sinal para ela.

“Tem que falar baixo”, disse, “senão alguém ouve e vai querer saber o que tá acontecendo aqui.”

“Ai, esqueci!”, concordou Mary, assustada, levando rápido a mão à boca. “Você sabia do jardim?”, ela voltou a perguntar, depois de recuperada do susto.

Dickon assentiu.

“A Martha me falou de um jardim onde ninguém nunca entrava”, respondeu Dickon. “A gente ficava imaginando como era.”

Ao dizer isso, o menino parou, voltando a inspecionar o adorável emaranhado cinzento em redor, e seus olhos redondos pareciam

cheios de uma estranha alegria.

“Eita! Vai ficar cheio de ninho aqui na primavera”, disse Dickon. “Este deve ser o lugar mais seguro da Inglaterra pra fazer um. Nunca tem ninguém por perto, e com esse montão de árvore e roseira pra construir... Será que tudo que é passarinho da charneca não vem botar aqui?”

Sem se dar conta, Mary pousou a mão no braço dele outra vez.

“As rosas vão brotar?”, sussurrou para Dickon. “Você consegue saber? Pensei que estivessem todas mortas.”

“Eita! Não! Talvez algumas... mas nem todas!”, respondeu o menino. “Dá uma olhada!”

Ele foi até a árvore mais próxima, uma árvore muito, muito velha, com a casca toda coberta de líquen cinzento, mas que servia de apoio para uma cortina de ramos e galhos emaranhados. Tirou um canivete do bolso e abriu uma das lâminas.

“Tem um monte de galho morto que precisa cortar”, continuou o menino. “E mais um monte de galho velho, mas apareceram alguns novos no ano passado. Olha só esse aqui”, disse ele, mostrando um ramo que era mais verde amarronzado que cinzento, e não parecia nem duro nem seco como os demais.

Mary tocou no galho com um gesto ávido e reverente.

“E aquela roseira ali?”, quis saber. “Aquela está viva?”

Dickon deu um largo sorriso.

“Tá fagueira que nem você e eu”, respondeu o garoto; e Mary lembrou que Marta tinha dito que “fagueiro” significava “vivo” ou “animado”.

“Fico feliz que ela esteja fagueira!”, sussurrou como quem grita. “Tomara que todas elas estejam. Vamos dar uma volta no jardim e

contar quantas fagueiras tem.”

Mary ofegava de entusiasmo, e Dickon estava tão empolgado quanto ela. Foram de árvore em árvore e de arbusto em arbusto. Dickon levava o canivete na mão e lhe mostrava coisas que ela achou maravilhosas.

“Cresce tudo solto aqui”, disse ele, “mas o mais forte é que leva vantagem. As coisinha delicada desapareceram, mas o resto só fez crescer e se espalhar até virar essa maravilha. Olha isso!”, e ele puxou do alto um galho grosso e cinzento, de aspecto seco. “A pessoa pode até pensar que é madeira morta, mas eu acho que não... não até a raiz. Vou cortar e ver.”

O menino se ajoelhou e, com o canivete, atravessou o galho que parecia sem vida num ponto não muito acima do solo.

“Taí!”, exclamou, exultante. “Falei procê. Ainda tem verde nessa madeira. Vem aqui ver.”

Mary já estava ajoelhada antes que ele tivesse terminado de falar, inspecionando o galho com toda a atenção.

“Quando tá assim, meio esverdeado e com seiva, é porque tá fagueiro”, explicou Dickon. “Quando a parte de dentro tá seca e quebra fácil, como esse pedaço que eu cortei, é porque já morreu. Tem uma raiz grande aqui que faz brotar toda essa madeira viva, e se a gente podar a madeira velha e cavar em volta e cuidar bem...” O menino fez uma pausa e levantou os olhos para examinar os ramos que pendiam acima de sua cabeça. “No verão, isso aqui vai virar uma cachoeira de rosas!”

Eles continuaram de arbusto em arbusto e de árvore em árvore. Dickon era muito forte e hábil com o canivete, sabia como cortar a madeira seca e morta e quando um ramo ou galho pouco promissor

ainda tinha vida. Depois de meia hora, Mary já estava achando que também sabia, e ao vê-lo cortar um galho que parecia sem vida soltou um grito contido de alegria quando percebeu um pouquinho de verde úmido por dentro. A pá, a enxada e o forcado foram muito úteis. Dickon mostrou a ela como usar o forcado enquanto, com a pá, desencavava raízes e remexia a terra para arejá-la.

Eles estavam trabalhando com afinco em redor de uma das roseiras maiores quando, ao deparar com algo, foi a vez de Dickon soltar uma exclamação de surpresa.

“Nossa!”, ele gritou, apontando para o mato a alguns metros de distância. “Quem fez aquilo ali?”

Era uma das pequenas clareiras que Mary tinha aberto em torno dos pontinhos verde-claros.

“Fui eu”, respondeu ela.

“Ué, mas achei que ocê não sabia nada de jardinagem”, retrucou Dickon.

“E não sei”, devolveu a menina, “mas eram pontinhos tão pequenos, e o mato ali estava tão fechado e alto que parecia que eles não tinham espaço para respirar. Aí arrumei um lugarzinho pra eles. Nem sei o que são esses pontinhos.”

Dickon chegou mais perto e pôs-se de joelhos junto à clareira, sorrindo seu sorriso largo.

“Falou certinho”, disse ele. “Um jardineiro não ia saber explicar melhor. Agora eles vão crescer que nem o pé de feijão do João. Esses aí é croco e fura-neve, e aqueles ali é narciso.” Em seguida, voltando-se para outro lado, completou: “E isso aqui é tudo junquilha. Eita! Vai ficar que é uma beleza.”

O menino corria de uma clareira a outra.

“Oê trabalhou um montão pra uma menina tão magrinha”, disse Dickon, examinando Mary.

“Estou ganhando peso e ficando mais forte”, disse ela. “Antes eu andava sempre cansada. Quando estou cavando, não canso. Gosto do cheiro da terra revirada.”

“Isso é bom demais procê”, observou o menino, assentindo sabiamente. “Não tem nada mais gostoso que o cheiro de um bom pedaço de terra limpa. Melhor mesmo só quando a chuva cai nas coisinha crescendo fresca. Tem muitos dia de chuva que eu saio pela charneca e deito debaixo de alguma urze pra escutar o barulhinho dos pingos caindo ali, e fico só respirando e sentindo o cheiro. A mãe diz que o meu nariz treme que nem de coelho.”

“Você nunca fica resfriado?”, quis saber Mary, olhando para o menino, admirada.

Ela nunca tinha visto um garoto tão engraçado, nem tão interessante.

“Eu não”, respondeu ele, sorrindo. “Desde que eu nasci nunca fiquei. Não fui criado muito protegido, não. Andei por essa charneca na chuva e no sol que nem coelho. A mãe diz que respirei muito ar fresco em doze anos pra ficar fungando de resfriado. Sou forte que nem um galho de espinheiro.”

Enquanto conversava com Mary, Dickon continuou o tempo todo trabalhando, e ela, atrás dele, ajudava com o forcado ou a espátula.

“Trabalho é o que não falta aqui!”, disse o menino a certa altura, parecendo exultante.

“Você vai vir outras vezes pra me ajudar?”, pediu Mary. “Tenho certeza de que posso ajudar também. Posso cavar e arrancar as ervas

daninhas, e o que mais você me disser pra fazer. Ah! Diga que sim, Dickon!”

“Venho todo dia se ocê quiser, faça chuva ou faça sol”, respondeu ele, decidido. “Essa foi a coisa mais divertida que eu já fiz na vida, ficar trancado aqui dentro acordando um jardim.”

“Se você vier”, continuou Mary, “se me ajudar a reviver o jardim, eu vou... eu nem sei o que vou fazer”, concluiu a menina, atrapalhada. O que alguém poderia fazer por um menino daqueles?

“Eu digo o que ocê vai fazer”, disse Dickon, com seu sorriso feliz. “Ocê vai engordar e ficar com uma fome de raposinha filhote, e vai aprender a conversar com o pisco que nem eu. Eita! A gente vai se divertir muito.”

O menino começou então a andar pelo jardim, inspecionando as árvores, os muros e os arbustos com uma expressão pensativa.

“Só que eu não ia querer fazer isso aqui virar um jardim de jardineiro, todo ajeitadinho e podado”, disse Dickon. “É melhor assim, com tudo crescendo solto, os galho balançando e se agarrando uns nos outro.”

“Não vamos ajeitar nada”, respondeu Mary, ansiosa. “Todo ajeitadinho não ia parecer que é um jardim secreto.”

Dickon ficou ali parado, coçando a cabeça cor de ferrugem, com uma expressão confusa.

“É um jardim secreto, com certeza, mas parece que alguém mais além do pisco veio aqui nesses dez ano que tá fechado”, disse.

“Mas a porta estava trancada e a chave, enterrada”, disse Mary. “Ninguém ia conseguir entrar.”

“Isso é verdade”, respondeu Dickon. “É um lugar estranho. Mas acho que teve um pouco de poda aqui e ali, de dez ano pra cá.”

“Mas como isso pode ter acontecido?”, perguntou Mary.

O menino agora examinava o ramo de uma roseira e balançava a cabeça.

“Pois! Como é que pode?”, murmurou. “Com a porta trancada e a chave enterrada?”

Mary sempre sentiu que, por mais anos que ainda vivesse, jamais esqueceria aquela primeira manhã em que seu jardim começou a brotar. É que para ela, claro, pareceu mesmo que já naquela manhã ele começara a dar brotos. Quando Dickon começou a limpar o terreno para plantar as sementes, Mary se lembrou do que Basil cantava para ela quando queria provocá-la.

“Existe alguma flor que pareça uma campainha?”, quis saber ela.

“Tem uma que não só parece uma campainha como se chama campainha”, respondeu Dickon, cavando a terra com a espátula. “E tem os lírios-do-vale também.”

“Vamos plantar umas flores dessas”, propôs Mary.

“Aqui já tem lírio-do-vale, que eu vi. Acabou crescendo tudo muito junto, e a gente vai ter que separar um pouco, mas já tem um montão. As campainha leva dois ano pra crescer, do momento em que se planta as semente, mas posso trazer umas muda do jardim lá de casa. Por que ocê quer plantar isso?”

Então Mary contou a ele sobre Basil e seus irmãos e irmãs, na Índia, e sobre o quanto odiava aquelas crianças que a chamavam de “Mariazinha emburradinha”.

“Eles ficavam dançando e cantando assim:

Mariazinha emburradinha

O que tem no seu jardim?

Tem caramujo e campainha

Tem cravinho e tem capim.

“Eu me lembrei disso agora e fiquei pensando se existia mesmo uma flor parecida com uma campainha.”

Mary franziu um pouco a testa e enfiou a espátula na terra com raiva.

“Eles é que eram uns irritantes”, declarou.

“Eita!”, riu o menino, e Mary sentiu o cheiro da terra escura e fértil que ele revirava. “Acho que ninguém precisa de se irritar com ninguém quando tem flor e essas coisinha selvagem por aí se entocando ou fazendo ninho, e cantando e gorjeando, né?”

Mary, ajoelhada ao lado de Dickon, com as sementes na mão, olhou para ele e parou de franzir a testa.

“Dickon”, disse ela, “você é mesmo um menino bonzinho como a Martha havia me dito. Eu gosto de você, e com você já são cinco pessoas. Nunca pensei que fosse gostar de cinco pessoas.”

Dickon se acomodou sobre os calcanhares, como Martha fazia quando estava limpando a grelha da lareira. Ele era mesmo engraçado e encantador, pensou Mary, com aqueles olhos azuis e redondos, bochechas rosadas e um nariz arrebitado e feliz.

“Só tem cinco pessoa que ocê gosta?”, perguntou ele. “Quem são as outras quatro?”

“A Martha e a mãe de vocês”, Mary contava nos dedos, “mais o pisco e o Ben Weatherstaff.”

Dickon riu tanto que foi obrigado a abafar o som colocando o braço sobre a boca.

“Eu sei que ocê pensa que eu sou um menino esquisito”, disse ele, “mas acho que ocê também é a menina mais estranha que eu já conheci.”

Então Mary fez mesmo algo estranho. Curvando-se para a frente, perguntou a ele algo que jamais sonhara perguntar a ninguém. E tentou fazer a pergunta no sotaque de Yorkshire, porque era assim que ele falava, e na Índia os nativos sempre ficavam felizes quando alguém sabia a língua deles.

“O menino gosta de mim?”, perguntou.

“Eita, se gosto!”, respondeu Dickon, cheio de entusiasmo. “Gosto de ocê que é uma maravilha, e o pisco também, é isso que eu acho!”

“Então já são dois”, disse Mary. “Já são dois que gostam de mim.”

E eles passaram a trabalhar com mais afinho e alegria do que nunca. Mary teve um sobressalto e ficou triste ao ouvir o grande relógio do pátio soar a hora do almoço.

“Preciso ir”, disse ela, chateada. “E você também, né?”

Dickon sorriu.

“Pra mim é fácil trazer o almoço”, respondeu ele. “A mãe sempre me faz colocar alguma coisinha no bolso.”

O menino pegou o casaco na grama e tirou do bolso um embrulho amarfanhado, amarrado com um lenço azul e branco, rústico mas limpinho. Ali dentro havia duas fatias grossas de pão com alguma coisa no meio.

“Quase sempre só tem pão”, prosseguiu Dickon, “mas hoje veio uma bela de uma fatia de bacon gordo também.”

Mary achou aquele almoço esquisito, mas ele parecia mal poder esperar para saboreá-lo.

“Ocê corra lá pra comer o seu almoço”, disse Dickon. “Eu primeiro vou terminar o meu, depois vou trabalhar mais um bocadinho antes de voltar pra casa.”

Em seguida, ele se sentou no chão, recostado em uma árvore.

“Vou chamar o pisco”, disse o menino, “e dar pra ele a casca do bacon pra bicar. Eles gostam de uma gordurinha que é uma maravilha.”

Mary quase não suportava a ideia de se despedir do menino. De repente lhe pareceu que ele bem poderia ser uma criatura encantada do bosque que desapareceria enquanto ela estivesse ausente do jardim. Aquilo parecia bom demais para ser verdade. Mary foi andando devagar até a porta, então parou e voltou-se para trás.

“Aconteça o que acontecer, você... você não vai contar nada, né?”, perguntou.

As bochechas vermelhas de Dickon estavam cheias com a primeira grande mordida que ele tinha dado no pão com bacon, mas o menino ainda assim conseguiu dar um sorriso tranquilizador.

“Se ocê fosse um tordo e me mostrasse onde ficava o seu ninho, acha que eu ia contar pra alguém? Eu é que não”, disse Dickon. “Ocê tá segura que nem um tordo.”

E Mary não teve mais dúvida disso.

12. “SERÁ QUE EU PODIA TER UM PEDACINHO DE TERRA?”

Mary correu tão rápido que estava sem fôlego quando chegou ao quarto. Tinha o cabelo bagunçado na testa e as bochechas vermelhas. Seu almoço a aguardava na mesa, e Martha também estava por ali, à espera.

“Tá um pouco tarde”, disse ela. “Onde é que ocê tem andado?”

“Eu vi o Dickon!”, exclamou Mary. “Eu vi o Dickon!”

“Eu sabia que ele ia vir”, respondeu Martha, exultante. “O que ocê achou dele?”

“Achei... achei ele lindo!”, disse Mary, o tom de voz muito determinado.

Martha pareceu um pouco surpresa, mas também satisfeita.

“Ora, ele é o melhor garoto que já nasceu nesse mundo, mas bonito a gente nunca achou, não”, disse ela. “Ele tem um nariz arrebitado demais.”

“Eu gosto do nariz dele”, retrucou Mary.

“E ele tem os olhos muito redondo”, disse Martha, um pouquinho cética. “Mas a cor é bonita.”

“Eu gosto dos olhos dele”, insistiu Mary. “E eles são exatamente da cor do céu sobre a charneca.”

Martha sorriu com satisfação.

“A mãe diz que o olho ficou assim, dessa cor, de tanto ele olhar pros passarinho e pras nuvem lá em cima. Mas a boca dele é meio

grandona, né?”

“Eu adoro a boca grandona dele”, disse Mary, obstinada. “Queria que a minha fosse igualzinha.”

Martha riu, transbordando alegria.

“Ia ficar engraçada nesse rostinho miúdo aí”, disse ela. “Mas eu sabia que isso ia acontecer quando ocê conhecesse ele. E o que ocê achou das semente e ferramenta?”

“Como você sabe que ele trouxe as sementes e ferramentas?”, perguntou Mary.

“Eita! Nunca que passou pela minha cabeça que ele não ia trazer. Só não ia trazer se não tivesse em Yorkshire, isso é garantido. O Dickon é um moleque que dá pra confiar.”

Mary temeu que Martha pudesse começar a fazer perguntas difíceis, mas isso não aconteceu. Ela estava mais interessada nas sementes e nas ferramentas de jardinagem, e houve apenas um momento em que a menina se preocupou. Foi quando Martha quis saber onde as flores seriam plantadas.

“Pra quem ocê perguntou onde podia plantar?”, quis saber Martha.

“Ainda não perguntei pra ninguém”, respondeu Mary, hesitante.

“Bem, eu é que não ia perguntar pro chefe dos jardineiro. Aquele é todo metido, o sr. Roach.”

“Nunca vi o sr. Roach”, disse Mary. “Só conheci os outros jardineiros e o Ben Weatherstaff.”

“Se eu fosse ocê, perguntava pro Ben Weatherstaff”, aconselhou Martha. “Ele não é tão mau como parece, mesmo sendo tão rabugento. O sr. Craven deixa ele fazer o que quer porque quando a sra. Craven era viva ele sempre fazia ela rir. Ela gostava dele. Quem

sabe o Ben não arranja procê um cantinho onde não vai atrapalhar ninguém?”

“Se for um lugar que ninguém queira e onde não atrapalhe, não vão se importar que fique pra mim, né?”, perguntou Mary, ansiosa.

“Não tem por quê”, respondeu Martha. “Ocê não estaria fazendo mal nenhum.”

Mary almoçou o mais rápido que pôde e, levantando-se da mesa, correu até o quarto para colocar de novo o chapéu, mas Martha a deteve.

“Tenho uma coisa pra te contar”, disse ela. “Achei que era melhor deixar pra depois do almoço. É que o sr. Craven voltou hoje de manhã, e acho que ele quer ver ocê.”

Mary ficou branca.

“Ah! Mas por quê? Por quê?”, perguntou. “Ele não quis me ver quando cheguei aqui. Ouvi o Pitcher dizer que ele não queria.”

“Bem, a sra. Medlock diz que foi por causa da mãe”, explicou Martha. “Ela estava indo a pé pro vilarejo de Thwaite e cruzou com ele. Ela nunca tinha falado com ele antes, mas a sra. Craven foi na nossa casa umas duas ou três vez. Ele tinha se esquecido, mas a mãe não esquece nada, e aí ela tomou coragem e parou ele pra conversar. Não sei o que ela disse, mas foi alguma coisa que fez o sr. Craven decidir ver a senhorita antes de ir embora de novo amanhã.”

“Ah!”, exclamou Mary. “Ele vai embora amanhã? Fico tão feliz!”

“E por um bom tempo. É capaz que nem volte até o outono ou o inverno. Vai viajar pro estrangeiro. Ele vive fazendo isso.”

“Ah! Fico tão feliz! Tão feliz!”, repetiu Mary, agradecida.

Se o sr. Craven só voltasse no inverno, ou mesmo no outono, daria tempo de ver o jardim secreto ganhar vida. Mesmo que depois

ele descobrisse e o tirasse dela, pelo menos isso ela teria conseguido.

“Quando você acha que ele vai querer...”

Mary não chegou a terminar a frase, pois a porta se abriu e a sra. Medlock entrou. Usava o seu melhor vestido preto e chapéu, a gola fechada com um broche grande que trazia a foto do rosto de um homem. Era uma fotografia colorida do sr. Medlock, que morrera alguns anos antes – um broche que ela sempre usava quando se vestia daquele jeito. A sra. Medlock parecia nervosa e agitada.

“Seu cabelo está todo desgrenhado”, disse ela, cheia de pressa. “Vá escová-lo. Martha, ajude a srta. Mary a colocar o melhor vestido. O sr. Craven me pediu para levá-la ao escritório dele.”

Todo o vermelho desapareceu das bochechas de Mary. Seu coração começou a bater forte, e ela sentiu que se transformava de novo numa criança tensa, silenciosa e sem graça. Nem respondeu à sra. Medlock, simplesmente deu meia-volta e foi para o quarto, seguida por Martha. Continuou sem dizer nada enquanto o vestido era trocado e seus cabelos escovados, e assim, toda arrumada, seguiu a sra. Medlock pelos corredores em silêncio. O que podia dizer?

Era obrigada a ir ver o sr. Craven, que não ia gostar dela, e de quem ela não ia gostar. Sabia o que ele ia achar dela.

Foi levada a uma parte da casa onde nunca havia estado antes. Por fim, a sra. Medlock bateu numa porta, e, ao ouvirem alguém dizer “Entre”, entraram juntas no escritório. Um homem estava sentado numa poltrona diante da lareira, e a sra. Medlock se dirigiu a ele.

“Esta é a srta. Mary, senhor.”

“Pode deixá-la comigo e ir embora. Quando quiser que a senhora venha buscá-la, eu toco o sino”, disse o sr. Craven.

Quando a sra. Medlock saiu e fechou a porta, tudo que Mary pôde fazer foi ficar ali de pé, esperando, uma coisinha sem graça contorcendo as mãos magras. Viu que o homem na poltrona não era exatamente um corcunda, mas que seus ombros altos eram um pouco encurvados, e seu cabelo, atravessado por uma mecha branca. Ele virou a cabeça por sobre os ombros altos e dirigiu-se a ela.

“Venha aqui!”, disse.

Mary foi até ele. Não era um homem feio. O rosto seria até bonito, se ele não parecesse tão infeliz. E o fato de vê-la parecia tê-lo deixado preocupado e incomodado, como se não soubesse o que fazer com ela.

“Tudo bem com você?”, perguntou ele.

“Sim”, respondeu Mary.

“Está sendo bem cuidada?”

“Sim.”

Ele esfregou a testa, inquieto, enquanto olhava para ela.

“Você está muito magra”, disse.

“Estou ganhando peso”, retrucou Mary do jeito mais empertigado que pôde.

Que expressão infeliz no rosto dele! Seus olhos negros nem mesmo pareciam enxergá-la, como se estivessem vendo outra coisa e ele mal conseguisse se concentrar nela.

“Eu me esqueci de você”, disse ele. “Como poderia me lembrar? Eu pretendia mandar uma preceptora, ou babá, ou alguém assim para cuidar de você, mas esqueci.”

“Por favor”, Mary começou a dizer. “Por favor...”, e então o nó que parecia ter na garganta a sufocou.

“O que você está querendo dizer?”, perguntou o sr. Craven.

“Eu... eu já sou grande demais para ter uma babá”, disse Mary. “E por favor... por favor, não me mande ainda uma preceptora.”

O homem esfregou a testa novamente e a encarou.

“Foi o que aquela mulher disse, a sra. Sowerby”, murmurou ele, distraído.

Então Mary tomou um pouco de coragem.

“É a... a mãe da Martha?”, gaguejou.

“É, acho que sim”, respondeu o sr. Craven.

“Ela entende tudo de crianças”, disse Mary. “Tem doze filhos. Ela entende.”

Ele pareceu despertar.

“O que você quer fazer?”

“Quero brincar lá fora”, respondeu Mary, tentando evitar o tremor na voz. “Eu não gostava na Índia. Aqui eu sinto fome, e estou ganhando peso.”

Ele ficou a observá-la.

“A sra. Sowerby comentou que brincar ao ar livre faria bem a você. E talvez faça mesmo”, disse o sr. Craven. “Ela acha melhor você ficar mais forte antes de ter uma preceptora.”

“Eu me sinto mais forte quando brinco e o vento sopra da charneca”, argumentou Mary.

“Onde você brinca?”, ele quis então saber.

“Em toda parte”, ofegou Mary. “A mãe da Martha me deu uma corda de pular. Eu pulo e corro, e fico olhando pra ver se tem coisinhas começando a brotar da terra. Não faço mal nenhum.”

“Não fique assim tão assustada”, disse o sr. Craven, num tom preocupado. “Uma criança como você não é capaz de fazer mal nenhum! Você pode fazer o que quiser.”

Mary levou a mão à garganta porque teve medo de que ele visse se formar ali uma palpitação de entusiasmo. Depois, chegou mais perto dele.

“Posso?”, perguntou, com voz trêmula.

A expressão de ansiedade em seu rostinho pareceu preocupá-lo mais do que nunca.

“Não fique assim tão assustada”, exclamou ele. “Claro que pode. Eu sou o seu tutor, ainda que não consiga ser um bom tutor para criança nenhuma. Não tenho como lhe dar tempo ou atenção. Sou um homem muito doente, infeliz e preocupado; mas quero que você esteja feliz e confortável. Não sei nada sobre crianças, mas a sra. Medlock vai cuidar para que você tenha tudo de que precisa. Mandeí chamar você aqui hoje porque a sra. Sowerby disse que era isso que eu deveria fazer. A filha dela comentou com ela sobre você. A sra. Sowerby acha que o que você precisa é de ar fresco e liberdade para correr por aí.”

“Ela entende tudo de crianças”, repetiu Mary, sem perceber.

“Deve entender”, respondeu o sr. Craven. “Ela foi bem atrevida de interromper a minha caminhada, mas disse que... a sra. Craven tinha sido gentil com ela.” Parecia difícil para ele pronunciar o nome da esposa morta. “A sra. Sowerby é uma mulher digna. E agora que conheci você, acho que ela disse coisas sensatas. Brinque lá fora o quanto quiser. Há muito espaço aqui, e você pode andar por aí e se divertir à vontade. Tem alguma coisa que você queira?”, prosseguiu ele, como se uma ideia lhe tivesse ocorrido de repente. “Brinquedos, livros, bonecas?”

“Será que...”, começou Mary, tremendo. “Será que eu podia ter um pedacinho de terra?”

Na ânsia de fazer o pedido, ela não se dera conta do quanto soariam esquisitas aquelas palavras, que nem eram as que ela pretendia dizer. O sr. Craven pareceu muito espantado.

“Terra!”, ele repetiu. “Como assim?”

“Pra plantar sementes... fazer as coisas crescerem... ver elas ganharem vida”, gaguejou Mary.

Ele olhou para ela por um momento, depois passou a mão rapidamente pelos olhos.

“Você... gosta tanto assim de jardins?”, perguntou, devagar.

“Lá na Índia eu não sabia que eles existiam”, disse Mary. “Estava sempre doente e cansada, e fazia muito calor. Às vezes eu preparava uns canteirinhos na areia e enterrava umas flores. Mas aqui é diferente.”

O sr. Craven se levantou e começou a dar passos lentos pela sala.

“Um pedacinho de terra”, falava consigo mesmo, e Mary pensou que, por alguma razão, o que ela dissera o fez se lembrar de alguma coisa.

Quando ele parou e voltou a se dirigir a ela, seus olhos escuros quase pareciam ternos e bondosos.

“Você pode ficar com o pedaço de terra que quiser”, disse. “Você me lembra uma pessoa que também amava a terra e as coisas que brotam dela. Quando encontrar um pedacinho de terra que queira”, prosseguiu, esboçando um sorriso, “pode ficar com ele, criança, e fazê-lo ganhar vida.”

“Posso pegar de qualquer lugar, se ninguém mais quiser?”

“De qualquer lugar”, respondeu o sr. Craven. “Pronto! Agora é melhor você ir, estou cansado.” Ele tocou a campainha para chamar a sra. Medlock. “Adeus. Vou estar fora durante todo o verão.”

A sra. Medlock apareceu tão rápido que Mary pensou que ela devia estar esperando no corredor.

“Sra. Medlock”, disse o sr. Craven, “agora que conheci a menina entendi o que a sra. Sowerby quis dizer. Ela precisa estar menos frágil antes de começar as aulas. Dê a ela comida simples e saudável. Deixe que corra livre pelo jardim. Não cuide muito dela. A menina precisa de liberdade, ar fresco e brincadeiras. A sra. Sowerby deve vir vê-la de tempos em tempos, e ela também pode ir à casa da sra. Sowerby de vez em quando.”

A sra. Medlock pareceu satisfeita. Estava muito aliviada de saber que não precisava “cuidar muito” de Mary. Via a menina como um fardo exaustivo e, na verdade, evitava o máximo possível estar com ela. Além disso, gostava da mãe de Martha.

“Obrigada, senhor”, disse. “Susan Sowerby e eu fomos colegas de escola, e ela é a mulher mais justa e de bom coração que o senhor poderia encontrar. Não tive filhos e ela teve doze, um mais saudável e melhor que o outro. A srta. Mary não corre perigo nenhum com eles. E eu nunca deixaria de seguir um conselho de Susan Sowerby sobre crianças. Ela tem o que se pode chamar de uma cabeça boa, se é que o senhor me entende.”

“Entendo”, respondeu o sr. Craven. “Agora leve a srta. Mary e chame o Pitcher.”

Quando a sra. Medlock a deixou no corredor onde ficava o seu quarto, Mary voou de volta até lá. Encontrou Martha já à espera. A moça havia, na verdade, se apressado em voltar para o quarto depois de tirar a mesa do almoço.

“Vou poder ter o meu jardim!”, exclamou Mary. “Vou poder ter o meu jardim onde eu quiser! Não vou precisar de uma preceptora

por um bom tempo! E a sua mãe vai vir me ver, e eu vou poder ir à casa de vocês! Ele disse que uma garotinha como eu não seria capaz de fazer mal nenhum, e que eu posso fazer o que eu quiser, em qualquer lugar!”

“Eita!”, disse Martha, encantada. “Que bonzinho que ele foi, né?”

“Martha”, declarou Mary solenemente, “o sr. Craven é um homem bom, de verdade, só a expressão do rosto dele é que é muito infeliz, com aquela testa toda enrugada.”

Ela correu o mais rápido que pôde até o jardim. Tinha demorado muito mais do que havia imaginado, e sabia que Dickon precisava tomar logo o seu rumo para uma caminhada de oito quilômetros. Quando levantou a trepadeira para passar pela porta, viu que ele não estava mais trabalhando ali onde tinham se despedido. As ferramentas de jardinagem haviam sido arrumadas debaixo de uma árvore. Ela chegou rápido até a árvore, olhando em volta para todos os lados, mas nada de Dickon à vista. Ele tinha ido embora e o jardim secreto estava vazio – exceto pelo pisco, que naquele exato momento chegou voando pelo muro, pousou numa roseira e ficou observando Mary.

“Ele se foi”, disse ela, triste. “Ah! E se ele... e se ele for apenas uma criatura encantada do bosque?”

Uma coisa branca que pendia da roseira chamou atenção da menina. Era uma folha de papel, na verdade um pedaço da carta que ela havia escrito em letra de forma para Martha enviar a Dickon. O papel estava preso ao arbusto por um espinho comprido, e na mesma hora ela soube que fora Dickon que o deixara ali. Havia algumas letras de forma escritas no papel e uma espécie de desenho. De início, ela não entendeu muito bem o que era, mas depois viu o

que parecia ser um ninho com um passarinho acomodado. Abaixo, as letras de forma diziam: “Fui, mas volto.”

13. “EU SOU O COLIN”

Quando, mais tarde, voltou para casa para o jantar, Mary levou o desenho consigo e o mostrou para Martha.

“Eita!”, disse Martha, cheia de orgulho. “Nem sabia que o nosso Dickon desenhava assim. É um tordo no ninho, igualzinho na vida real.”

Então Mary entendeu que o desenho de Dickon era uma mensagem. Ele estava tentando dizer que ela podia ficar tranquila, que ele guardaria o seu segredo. O jardim era o ninho de Mary – e ela, o próprio tordo. Ah, como gostava daquele menino caipira esquisito!

Mary achou que veria Dickon no dia seguinte e foi dormir cheia de expectativa.

Mas o tempo em Yorkshire é imprevisível, especialmente na primavera. Mary foi acordada no meio da noite pelo som da chuva forte batendo contra o vidro da janela. Era um forte temporal que fazia o vento “uivar” nos cantos e nas chaminés da velha e enorme mansão. Mary se sentou na cama, sentindo-se triste e zangada.

“Essa chuva é mais do contra do que eu”, disse. “Só veio porque eu queria que fizesse sol.”

Jogou-se de novo na cama, enterrando o rosto no travesseiro. Não chegou a chorar, ficou apenas deitada odiando o barulho da chuva forte e o vento que “uivava” sem parar. Não conseguia mais dormir. O som triste a mantinha acordada, porque ela própria se sentia

triste. Se estivesse feliz, o barulho certamente embalaria seus sonhos. Mas o vento “uivava” tanto, e as gotas batiam com tanta força contra a vidraça!

“Parece até uma pessoa vagando perdida na charneca e chorando”, disse.

FAZIA QUASE UMA HORA que estava acordada, rolando de um lado para o outro na cama, quando alguma coisa a fez se sentar e virar o rosto em direção à porta, na tentativa de escutar melhor. E ela ficou ouvindo.

“Não é o vento dessa vez”, disse, suspirando. “Não é o vento. Isso é diferente. É o mesmo choro que eu ouvi antes.”

A porta do quarto da menina estava entreaberta e o som avançava pelo corredor – um choro distante e irritado. Mary ficou ouvindo por alguns minutos, e cada vez tinha mais certeza. Precisava descobrir o que era aquilo. Parecia ainda mais estranho que o jardim secreto e a chave enterrada. Talvez fosse o mau humor que lhe desse coragem. Colocou um dos pés no chão e se levantou.

“Vou descobrir o que é isso”, disse para si mesma. “Estão todos dormindo e não me importo com o que a sra. Medlock vai pensar. Não quero saber!”

Havia uma vela na sua mesinha de cabeceira, e foi com ela que Mary deixou o quarto, pé ante pé. O corredor parecia muito comprido e escuro, mas a menina estava empolgada demais para se deixar abater. Achava que conseguiria se lembrar do caminho até a porta coberta com a tapeçaria – aquela por onde a sra. Medlock surgira no dia em que Mary tinha se perdido. O som vinha daquele mesmo lugar. Então Mary apenas seguiu em frente, confiando na

luz da vela e praticamente apalpando o caminho na escuridão, o coração batendo tão alto que quase dava para ouvi-lo. O choro distante continuava a mostrar o caminho. Às vezes, parava por alguns minutos, depois recomeçava. Será que era ali mesmo que deveria virar? Ela parou e pensou. Sim, era ali mesmo. Tinha de seguir aquele corredor e depois virar à esquerda, depois subir dois degraus largos e virar à direita. Sim, ali estava a porta coberta pela tapeçaria.

Mary a abriu com muito cuidado e a fechou atrás de si; depois ficou parada no corredor, de onde podia ouvir o choro com clareza, embora não fosse mais um pranto tão forte. O som vinha do outro lado da parede à sua esquerda, a apenas alguns passos de onde havia uma porta. Podia ver uma luz fraca na soleira. Havia alguém chorando naquele quarto, e era uma criança.

Foi então até a porta e a abriu. No instante seguinte lá estava Mary, dentro do quarto!

Era um quarto grande com móveis antigos e muito bonitos. Havia uma lareira acesa com um fogo brando e uma vela ardendo ao lado da cama de dossel feita em madeira entalhada; e, deitado no meio da cama, um menino que chorava assustado.

Mary se perguntou se estava em um lugar real ou se sonhava sem se dar conta disso.

O rosto do menino era fino e delicado, da cor do marfim, e seus olhos pareciam grandes demais. Os cabelos eram espessos e caíam sobre a testa numa franja pesada que fazia seu rosto parecer ainda menor. Ele parecia uma criança doente, mas seu choro era mais de cansaço e irritação do que de dor.

Mary permaneceu ao lado da porta, com a vela em uma das mãos, prendendo o fôlego. Depois atravessou o quarto, e, conforme foi se aproximando, a luz de sua vela chamou atenção do menino, que levantou o rosto do travesseiro para espiar, seus olhos cinzentos tão arregalados que pareciam imensos.

“Quem é você?”, perguntou ele, por fim, num sussurro assustado. “Por acaso é um fantasma?”

“Não, não sou”, respondeu Mary, seu próprio sussurro soando também um pouco assustado. “E você?”

Ele não parava de olhar para ela, e Mary reparou em como eram estranhos aqueles olhos. De um tom cinza amarelado, eles pareciam grandes demais para o rosto do menino, porque eram rodeados por cílios escuros e espessos.

“Não”, respondeu ele, depois de alguns instantes. “Eu sou o Colin.”

“Colin?”, gaguejou ela.

“É, Colin Craven. E você, quem é?”

“Meu nome é Mary Lennox. O sr. Craven é meu tio.”

“Ele é meu pai”, disse o menino.

“Seu pai!”, exclamou Mary. “Ninguém nunca me disse que ele tinha um filho! Por que será?”

“Venha até aqui”, disse ele, ainda mantendo aqueles seus estranhos olhos fixos em Mary, com uma expressão ansiosa.

Ela se aproximou da cama, e Colin estendeu a mão para tocá-la.

“Você é de verdade?”, perguntou. “Às vezes eu tenho uns sonhos tão reais. Você podia ser um sonho.”

Mary havia vestido um roupão de lã antes de sair do quarto, então pegou um pedaço do roupão e ofereceu ao menino.

“Pega nesse tecido aqui pra ver como é quente e grosso”, disse ela. “Posso te dar um beliscão de leve se você quiser, para mostrar como sou real. Por um minuto também achei que você pudesse ser um sonho.”

“De onde você veio?”, perguntou o menino.

“Do meu quarto. O vento estava uivando e eu não conseguia dormir, então ouvi alguém chorar e quis saber quem era. Por que você estava chorando?”

“Porque eu também não conseguia dormir e estava com dor de cabeça. Qual é mesmo o seu nome?”

“Mary Lennox. Ninguém nunca contou que eu tinha vindo morar aqui?”

O menino ainda segurava o roupão entre os dedos, mas já dava a impressão de começar a acreditar que Mary era de verdade.

“Não”, disse ele. “Não ousariam fazer isso.”

“Por quê?”, perguntou Mary.

“Porque eu ficaria com medo que você me visse. Não deixo as pessoas me verem nem falarem comigo.”

“Por quê?”, Mary perguntou novamente, sentindo-se cada vez mais confusa.

“Porque eu estou sempre assim, doente e deitado. Meu pai também não deixa ninguém falar comigo. Os criados não podem comentar a meu respeito. Se eu sobreviver talvez vire um corcunda, mas acho que não vou sobreviver. Meu pai odeia pensar que posso acabar como ele.”

“Ai, como essa casa é estranha!”, disse Mary. “Que casa estranha! Tudo aqui é segredo. Os quartos ficam fechados, os jardins ficam fechados... E você! Eles trancam você aqui?”

“Não. Eu fico aqui porque não quero que me levem para nenhum outro lugar. Fico muito cansado.”

“O seu pai vem ver você?”, Mary se arriscou a perguntar.

“Às vezes. Normalmente quando estou dormindo. Ele não quer me ver.”

“Por quê?”, Mary não resistiu a perguntar.

Uma espécie de sombra de raiva tomou o rosto do menino.

“Minha mãe morreu quando eu nasci e ele fica triste quando olha para mim. Ele acha que eu não sei disso, mas já ouvi as pessoas comentando. Ele praticamente me odeia.”

“Ele odeia o jardim porque ela morreu”, disse Mary, quase para si mesma.

“Que jardim?”, perguntou o menino.

“Ah, é só... um jardim de que a sua mãe gostava”, gaguejou Mary. “Você nunca sai daqui?”

“Quase nunca. Já me levaram para uns lugares perto da costa, mas eu não gosto porque as pessoas ficam olhando pra mim. Eu costumava usar um ferro para manter as costas retas, mas um médico importante de Londres veio me ver e disse que era bobagem. Falou para tirarem aquilo de mim e me deixarem ficar ao ar livre. Eu odeio ficar ao ar livre e não quero ir lá fora.”

“Eu também não gostava quando cheguei aqui”, disse Mary. “Por que você fica me olhando desse jeito?”

“Por causa dos sonhos que parecem reais”, respondeu ele, assustado. “Às vezes, quando abro os olhos, não acredito que estou acordado.”

“Nós dois estamos acordados.” Mary olhou para o quarto, com seu teto alto, seus cantos escuros e sua luz branda. “Parece mesmo um

sonho, mas nós estamos acordados no meio da noite e todo mundo na casa está dormindo – todo mundo menos nós dois. Nós estamos bem acordados.”

“Eu não quero que seja um sonho”, disse o menino, agitado.

Então, de repente, algo passou pela cabeça de Mary.

“Se você não gosta que as pessoas o vejam”, começou ela, “você quer que eu vá embora?”

Ele ainda segurava a ponta do roupão de Mary, e nesse momento deu um leve puxão.

“Não”, disse. “Eu teria certeza de que é um sonho se você fosse embora. Se você é real, sente-se ali naquele banco e converse comigo. Quero saber tudo sobre você.”

Mary pousou a vela na mesa ao lado da cama e sentou-se em um banquinho acolchoado. Não tinha nenhuma vontade de ir embora. Queria era ficar naquele quarto misteriosamente escondido para conversar com aquele menino misterioso.

“O que você quer saber?”

Ele queria saber quanto tempo havia que ela estava em Misselthwaite; qual era o corredor do quarto de Mary; o que ela andava fazendo; se detestava a charneca tanto quanto ele; onde vivera antes de vir para Yorkshire. Mary respondeu a todas essas perguntas e muitas outras, enquanto ele se recostava no travesseiro e ouvia. Colin a fez falar bastante sobre a Índia e sobre a sua viagem pelo oceano. Mary ficou sabendo que, como ele era inválido, não tinha aprendido as coisas que as outras crianças aprendem. Uma de suas babás o tinha ensinado a ler quando ele ainda era bem pequeno, e desde então ele vivia lendo e olhando gravuras em livros esplêndidos.

Embora raramente o visse quando estava acordado, o pai de Colin dava a ele todo tipo de coisas maravilhosas para passar o tempo e se divertir. Colin, porém, nunca se divertia. Ganhava tudo o que pedia e jamais tivera que fazer qualquer coisa que não quisesse.

“Todo mundo é obrigado a fazer as minhas vontades”, disse Colin, com indiferença. “Ficar nervoso me deixa mais doente. E as pessoas não acham que eu vou viver muito.”

Ele disse isso como se já estivesse tão acostumado com a ideia da morte que não se importasse mais com o assunto. Colin parecia gostar da voz de Mary. Enquanto a menina falava, ele escutava de um jeito entre interessado e meio sonolento. Às vezes, Mary tinha a impressão de que Colin estava pegando no sono. Mas logo ele fazia outra pergunta que se abria em um novo assunto.

“Quantos anos você tem?”, perguntou.

“Tenho dez”, respondeu Mary, e acrescentou, esquecendo-se por um momento de prestar atenção no que dizia: “E você também.”

“Como você sabe disso?”, perguntou ele, surpreso.

“Porque quando você nasceu a porta do jardim foi trancada e a chave foi enterrada. E isso aconteceu há dez anos.”

Colin se aprumou na cama, apoiando-se em um dos cotovelos.

“Que jardim é esse que foi trancado? Quem fez isso? Onde a chave estava enterrada?”, exclamou ele, subitamente interessado.

“É... é o jardim que o sr. Craven detesta”, disse Mary, nervosa. “Ele trancou a porta e... ninguém sabe onde ele enterrou a chave.”

“Que tipo de jardim é esse?”, persistiu o menino.

“Faz dez anos que ninguém pode entrar lá”, respondeu Mary, com muita cautela.

Mas era tarde demais para ter cautela. Colin era muito parecido com Mary. Também ele não tinha nada com que se distrair, e a ideia de um jardim escondido o atraía exatamente da mesma forma como acontecera com Mary. Colin fazia perguntas sem parar. Onde ficava o jardim? Ela já tinha procurado essa porta? Já tinha falado com os jardineiros?

“Eles não respondem”, disse Mary. “Acho que receberam ordens para não falar.”

“Posso obrigá-los”, disse Colin.

“Pode mesmo?”, Mary gaguejou, começando a se apavorar. Se ele podia obrigar as pessoas a responder, sabe-se lá o que mais poderia acontecer!

“Como eu já disse, eles são obrigados a me agradar”, explicou Colin. “Se eu viver o bastante, este lugar acabará sendo meu. Todo mundo sabe disso. Posso obrigá-los a falar.”

Mary nunca se dera conta de que fora mimada, mas podia ver claramente que aquele garoto tinha sido. Colin parecia achar que o mundo inteiro girava ao seu redor. Que menino estranho, e com que frieza falava da morte.

“Você acha que não vai viver muito?”, perguntou ela, em parte por curiosidade, em parte na esperança de fazê-lo esquecer o jardim.

“É, acho que não”, respondeu ele, com a mesma indiferença de antes. “Desde que me entendo por gente ouço as pessoas dizerem isso. No começo, elas achavam que eu era pequeno demais para entender o que estavam falando, e agora acham que eu não presto atenção. Mas eu presto. O meu médico é primo do meu pai. Ele é

pobre e, se eu morrer, vai herdar Misselthwaite quando meu pai também se for. Acho que ele não quer que eu viva muito.”

“E você quer viver?”, inquiriu Mary.

“Não”, respondeu Colin, de um jeito entre irritado e cansado. “Mas também não quero morrer. Quando fico doente, deitado aqui pensando nisso, acabo chorando sem parar.”

“Já ouvi você chorar umas três vezes”, disse Mary. “Mas eu não sabia o que era. Era por isso que você estava chorando?”

Ela queria muito fazê-lo esquecer o jardim.

“Imagino que sim”, disse ele. “Mas vamos falar de outra coisa. Vamos falar do jardim. Você não tem vontade de conhecê-lo?”

“Sim”, respondeu Mary, num tom de voz sussurrado.

“Eu também”, disse Colin, persistente. “Acho que eu nunca quis ver nada na vida, mas quero ver esse jardim. Quero que desenterrem a chave e destranquem a porta. Vou fazer com que me levem até lá na minha cadeira. Isso seria respirar ar fresco. Vou fazer com que abram a porta.”

Colin estava bastante empolgado, e seus estranhos olhos começaram a brilhar como estrelas, parecendo maiores do que nunca.

“Eles têm que me agradar”, disse ele. “Vou fazer com que me levem até lá e vou trazer você junto.”

Mary apertava as mãos com força. Isso estragaria tudo. Tudo! Dickon nunca mais voltaria. E ela jamais se sentiria como um tordo num ninho protegido.

“Não, não faça isso!”, exclamou.

Colin a examinou como se Mary tivesse enlouquecido.

“Por quê?”, exclamou ele. “Você disse que queria conhecer o jardim.”

“Eu quero”, respondeu ela, quase deixando escapar um soluço. “Mas se você fizer com que eles abram a porta e o levem até lá, o jardim nunca mais vai ser um segredo.”

Ele se inclinou ainda mais para a frente.

“Um segredo? O que você quer dizer com isso?”

Quando Mary começou a explicar, suas palavras pareciam tropeçar umas nas outras.

“É que... se ninguém além de nós ficar sabendo... se existir mesmo uma porta escondida por trás das trepadeiras... se ela existir e nós conseguirmos achá-la... e se conseguirmos passar juntos por essa porta e fechá-la em seguida, e ninguém souber que estamos lá dentro, e se chamarmos aquele lugar de nosso jardim... e fingirmos que ele é nosso, seria como se fôssemos tordos e aquele fosse o nosso ninho, e poderíamos ir lá brincar quase todos os dias e plantar coisas para fazê-lo voltar a ter vida...”

“O jardim morreu?”

“Vai morrer em breve se ninguém cuidar dele”, continuou ela. “Os bulbos vão continuar vivos, mas as roseiras...”

“O que são bulbos?”, perguntou ele, interrompendo Mary mais uma vez, tão alvoroçado quanto a própria menina.

“São como se fossem as raízes dos narcisos, dos lírios e dos fura-neves. Eles ficam dentro da terra... e de lá empurram uns pontinhos verde-claros para a superfície, porque a primavera está chegando.”

“A primavera está chegando?”, perguntou Colin. “Como ela é? Não dá para ver nada quando se está doente dentro de um quarto.”

“É o sol brilhando depois da chuva e a chuva vindo molhar as coisas depois do sol, e as plantas crescendo debaixo da terra”, disse Mary. “Se o jardim continuar secreto e a gente puder entrar nele, vamos poder ver as plantas ficando cada vez maiores, e quais rosas ainda estão vivas. Você entende? Entende como seria mais legal se fosse um segredo?”

Colin se deixou cair novamente no travesseiro e ficou ali deitado com uma cara estranha.

“Nunca tive um segredo”, disse ele, “a não ser aquele de não viver o bastante para me tornar adulto. Eles não sabem que eu sei disso, então é tipo um segredo. Mas eu gosto mais do seu.”

“Se você não fizer com que o levem até o jardim”, argumentou Mary, “tenho quase certeza de que consigo descobrir como entrar lá. E aí, se o médico quer que você fique ao ar livre, e se você sempre consegue fazer o que quer, talvez a gente consiga encontrar um garoto para empurrar a sua cadeira, e nós poderíamos ir lá sozinhos, e ele continuaria sendo um jardim secreto.”

Mary começou a recobrar a respiração e a se sentir melhor, porque a ideia de manter tudo em segredo parecia agradar a Colin. Tinha quase certeza de que se continuasse a falar, e se conseguisse fazê-lo imaginar o jardim a partir do que ela tinha visto, Colin iria gostar tanto dele que não suportaria a ideia de que todo mundo pudesse entrar lá quando bem entendesse.

“Vou lhe contar como eu *acho* que o jardim deve ser, se a gente conseguir entrar lá”, disse ela. “Ele esteve fechado por tanto tempo que as plantas devem ter crescido muito e se emaranhado umas nas outras.”

Apoiado em seu travesseiro, Colin ficou ouvindo Mary contar sobre as roseiras que *talvez* tivessem crescido por cima dos galhos das árvores, fazendo as flores caírem em cachos, e os muitos pássaros que *talvez* tivessem feito seus ninhos lá, por ser mais seguro para os filhotes. E então Mary contou a Colin sobre o pisco e sobre Ben Weatherstaff, e havia tantas coisas a falar sobre o passarinho, e era tão fácil e seguro falar sobre ele, que ela deixou de sentir medo. Colin gostou tanto de saber do pisco que abriu um enorme sorriso, o que o fez parecer bem bonito aos olhos de Mary, que a princípio achara o menino tão feio quanto ela própria, com seus olhos grandes e aquela franja pesada.

“Eu não sabia que passarinhos podiam ser desse jeito”, disse ele. “Se uma pessoa fica dentro de um quarto todo o tempo, não tem a chance de ver nada assim. Quanta coisa você sabe. Parece até que estive mesmo dentro do jardim.”

Mary não sabia o que dizer, então não disse nada. Colin não esperava uma resposta, e no minuto seguinte acabou por surpreendê-la.

“Vou deixar você ver uma coisa”, disse ele. “Sabe aquela cortina de seda rosa pendurada sobre a lareira?”

Mary não tinha reparado naquilo antes, mas logo encontrou o que procurava. Era uma cortina de seda que caía sobre o que parecia ser um quadro.

“Sim”, respondeu ela.

“Tem uma cordinha ali do lado”, disse Colin. “Vá até lá e puxe a cordinha.”

Mary se levantou meio confusa, mas logo encontrou a cordinha. Quando a puxou, a cortina se abriu, revelando um quadro. Era a

imagem de uma moça sorrindo. Ela tinha o cabelo brilhante preso por um laço de fita azul, e seus olhos alegres e bonitos eram exatamente como os olhos tristes de Colin, de um tom cinza amarelado e parecendo duas vezes maiores do que na verdade eram por causa dos cílios espessos ao seu redor.

“Essa é a minha mãe”, disse Colin, em um tom queixoso. “Não entendo por que ela morreu. Às vezes eu a odeio por ter morrido.”

“Que estranho!”, disse Mary.

“Se ela estivesse viva, acho que eu não ficaria doente o tempo todo”, resmungou o garoto. “Acho que eu acabaria sobrevivendo. E meu pai não odiaria olhar para mim. Acho que eu não ia nem mesmo ter as costas tortas. Feche a cortina.”

Mary fez o que Colin pediu e voltou a seu banco.

“Ela é bem mais bonita do que você”, disse Mary, “mas os olhos dela são exatamente como os seus, pelo menos no formato e na cor. Por que tem uma cortina na frente da pintura?”

Colin se remexeu, desconfortável.

“Eu pedi para fazerem isso”, explicou. “Às vezes eu não gosto que ela fique olhando pra mim. É que ela fica aí com esse sorriso, enquanto eu estou doente e me sentindo mal. Além disso, ela é minha e não quero outras pessoas olhando pra ela.”

Os dois ficaram alguns minutos em silêncio até que Mary falou.

“O que a sra. Medlock faria se descobrisse que eu estou aqui?”, perguntou.

“Ela faria o que quer que eu dissesse para ela fazer”, respondeu ele. “E eu diria a ela que eu quero você aqui para conversar comigo todos os dias. Estou feliz que você tenha vindo.”

“Eu também”, disse Mary. “Vou vir sempre que puder, mas... também terei que procurar a porta do jardim todos os dias.”

“Sim, você precisa fazer isso”, disse Colin, “e pode vir aqui me contar depois.”

Ele ficou deitado pensando por um momento, como tinha feito antes, e depois falou:

“Acho que você deveria ser um segredo também”, disse. “Não vou contar para ninguém que você veio aqui, até que eles descubram. Posso simplesmente mandar a enfermeira sair do quarto e dizer que quero ficar sozinho. Você conhece a Martha?”

“Sim, conheço ela muito bem”, disse Mary. “Ela é que cuida de mim.”

Colin fez um movimento com a cabeça indicando o corredor.

“Ela é que está dormindo aí no outro quarto. A enfermeira foi embora ontem para passar a noite com a irmã, e é sempre a Martha que fica encarregada de mim quando ela não está. A Martha é que vai te avisar quando puder vir aqui.”

Então Mary compreendeu o olhar preocupado de Martha quando ela havia feito perguntas sobre o choro.

“A Martha sempre soube de você?”, perguntou.

“Sim, muitas vezes é ela quem cuida de mim. A enfermeira gosta de ficar longe às vezes, então a Martha é quem vem.”

“Acho que já estou aqui há muito tempo”, disse Mary. “É melhor eu ir agora, não? Você parece estar com sono.”

“Eu queria conseguir dormir antes de você ir embora”, disse Colin, timidamente.

“Feche os olhos”, disse Mary, aproximando o banquinho da cama, “e vou fazer o que a minha aia costumava fazer comigo na Índia.

Vou segurar a sua mão e cantar alguma coisa bem baixinho.”

“Acho que vou gostar disso”, disse Colin, sonolento.

Por alguma razão, Mary tinha começado a sentir pena do garoto, e não queria que ele ficasse acordado ali sozinho. Então reclinou-se na cama, pegou a mão dele e começou a cantar baixinho uma pequena cantiga em hindustâni, a língua de sua aia.

“Isso é bom”, disse ele, mais sonolento ainda, e Mary continuou cantando e segurando a mão do garoto. Quando olhou mais uma vez, os cílios espessos estavam fechados e encostados nas bochechas, e Colin havia caído no sono. Então Mary se levantou de mansinho, pegou a vela e saiu sem fazer barulho.

14. UM JOVEM RAJÁ

Quando amanheceu, a charneca estava escondida sob a neblina e a chuva continuava a cair forte. Não dava para sair de casa. Martha estava tão ocupada que Mary não teve chance de conversar com ela, porém à tarde a menina pediu que a criada fosse lhe fazer companhia no quarto. Martha veio, trazendo consigo a meia que tricotava quando não tinha mais nada para fazer.

“O que ocê tem hoje?”, perguntou Martha, assim que se acomodaram. “Parece que tá querendo me dizer alguma coisa.”

“É verdade. Descobri o que era aquele choro”, disse Mary.

Martha abandonou o tricô sobre os joelhos e olhou alarmada para a menina.

“Não, não me diga uma coisa dessas!”, exclamou.

“Eu ouvi o choro no meio da noite”, continuou Mary. “Aí eu me levantei e fui ver de onde vinha. Era o Colin. Eu descobri o quarto dele.”

O rosto de Martha ficou vermelho de preocupação.

“Ai, srta. Mary!”, disse a criada, quase gritando. “Ocê não devia ter feito isso! Não devia ter feito isso! Agora eu estou encrencada. Nunca falei nada desse menino pra senhorita, mas mesmo assim estou encrencada. Vou perder meu emprego, e o que é que a minha mãe vai fazer?”

“Você não vai perder o seu emprego”, disse Mary. “Ele ficou feliz de me ver. Nós conversamos muito e ele disse que estava feliz de eu

ter entrado no quarto.”

“Foi mesmo?”, exclamou Martha. “Tem certeza? Oê não sabe como ele é quando fica irritado. Ele já é bem grandinho e às vezes chora que nem um bebê, mas quando fica nervoso de verdade grita tão alto que assusta todo mundo. Ele sabe que aqui ninguém é dono nem da própria alma.”

“Ele não ficou aborrecido”, disse Mary. “Perguntei se ele queria que eu saísse do quarto e ele me pediu para ficar. Me perguntou um monte de coisas, e eu me sentei num banquinho e contei a ele sobre a Índia, sobre o pisco e sobre os jardins. Ele não queria que eu fosse embora. Até me mostrou a pintura da mãe dele. E, antes de sair do quarto, cantei uma canção para ele dormir.”

Martha quase se engasgou de admiração.

“Mas nem dá pra acreditar!”, protestou. “Entrar lá é que nem entrar numa cova de leão. Se ele tivesse reagido como na maioria das vez, ia ter armado a maior pirraça e acordado a casa toda. Ele não gosta de estranho olhando para ele.”

“Colin me deixou olhar para ele. Olhei o tempo todo para ele, e ele também olhou para mim. Ficamos cara a cara!”, disse Mary.

“O que é que eu vou fazer”, resmungou Martha, agitada. “Se a sra. Medlock ficar sabendo, vai achar que não obedeci às ordem dela e contei procê sobre o menino, e aí vai me mandar de volta pra casa da minha mãe de mala e cuia.”

“Ele não vai contar nada para a sra. Medlock por enquanto. Quer manter isso em segredo”, disse Mary, com firmeza. “E ele me disse que todos aqui são obrigados a fazer as vontades dele.”

“Bom, lá isso é verdade... aquele menino malvado”, suspirou Martha, enxugando o rosto com o avental.

“Ele me disse que até a sra. Medlock tem que fazer o que ele quer. E o que ele quer é que eu vá conversar com ele todos os dias. E você é que vai me avisar quando é que eu posso ir.”

“Eu?”, disse Martha. “Vou perder meu emprego. Não vai ter jeito.”

“Não vai perder nada, porque você só vai estar fazendo o que ele mandar, e todo mundo sabe que tem que obedecer às ordens dele”, argumentou Mary.

“Isso quer dizer que ele foi gentil com a senhorita?”, perguntou Martha, com os olhos arregalados.

“Acho até que ele gostou de mim”, respondeu Mary.

“Então ocê deve ter enfeitiçado o menino!”, decidiu Martha, respirando fundo.

“Você acha que foi Mágica?”, perguntou Mary. “Eu ouvi falar de Mágica na Índia, mas nunca soube fazer. A única coisa que eu fiz foi entrar no quarto do Colin e, como estava totalmente surpresa, fiquei ali parada. Então ele se virou na minha direção e me viu. E pensou que eu era um fantasma ou um sonho – e eu achava que ele é que era. E foi tão estranho para nós dois estarmos ali sozinhos, juntos, no meio da noite, sem nos conhecermos, que começamos a perguntar coisas um para o outro. E quando eu quis saber se ele preferia que eu fosse embora, ele disse que não.”

“Só pode ser o fim do mundo!”, exclamou Martha.

“Mas qual é o problema dele, afinal?”, perguntou Mary.

“Ninguém sabe direito”, respondeu Martha. “O sr. Craven ficou meio doido quando o menino nasceu. Os médico acharam até que iam ter que internar o homem num hospício. Foi porque a sra. Craven morreu, como eu já te contei. Ele não quis nem olhar pro

bebê. Ficou furioso, dizendo que o menino ia ser um corcunda igual a ele e que era melhor que morresse.”

“O Colin é corcunda?”, perguntou Mary. “Não parece.”

“Ainda não”, disse Martha. “Mas começou com o pé esquerdo. A mãe costuma dizer que essa casa tava tão cheia de ira e dor que não tinha como ser diferente. Eles têm medo que o menino tenha problema nas costas e sempre ficaram em cima disso, mantendo o pobrezinho deitado e impedindo que ele ande por aí. Uma vez até fizeram o menino usar um colete, mas ele odiou tanto aquele negócio que acabou ficando doente. Então um médico importante veio ver o Colin e mandou tirar aquele treco. E falou com o outro médico de um jeito assim meio duro... mas educado. Disse que estavam dando remédio demais pro garoto e que não deviam fazer tanto as suas vontades.”

“Eu acho que ele é bem mimado”, disse Mary.

“Ele é o menino mais malcriado que já existiu!”, disse Martha. “Não que ele não tenha ficado mesmo bastante doente. Já teve umas tosse e gripe que quase o matou umas duas ou três vezes. Ele já teve febre reumática e febre tifoide. Eita! Aquela vez a sra. Medlock passou um mau bocado. O menino tava meio desacordado fazia dias, por causa da febre, e ela tava conversando com a enfermeira, achando que ele não tava ouvindo nada, e aí ela disse: ‘Ele vai morrer dessa vez, com certeza, é o melhor pra ele e pra todo mundo.’ Então ela olhou para o menino e lá estava ele, com aqueles olhos grandão bem abertos, tão acordado quanto ela. A sra. Medlock não entendeu como aquilo era possível, mas ele ficou olhando pra ela e disse: ‘Me traga um copo d’água e pare de falar.’”

“Você acha que ele vai morrer?”, perguntou Mary.

“A mãe diz que não vê razão pra uma criança viver se não puder brincar ao ar livre e tiver que ficar deitada o tempo todo vendo livro e tomando remédio. Ele é fraco e odeia sair de casa. E fica resfriado tão fácil que diz que ir lá pra fora faz ele ficar doente.”

Mary se sentou e ficou olhando para o fogo.

“Fico imaginando se não faria bem a ele ir até o jardim, para ver as coisas começando a crescer”, disse ela, devagar. “Para mim, fez muito bem.”

“Um dos pior chilique que ele já deu”, disse Martha, “foi uma vez que levaram ele lá fora, nas roseira perto do chafariz. O menino tinha lido um artigo sobre uma tal de ‘gripe da rosa’ e começou a espirrar e dizer que tinha pegado a tal doença, e aí um jardineiro novo que não conhecia as regra passou ali e olhou pra ele de um jeito curioso. Então o Colin teve um ataque e disse que o jardineiro estava olhando daquele jeito porque sabia que ele ia virar corcunda. Ele chorou até ficar com febre e depois passou a noite toda doente.”

“Se ele um dia fizer isso comigo, nunca mais vou no quarto dele”, disse Mary.

“Oê vai fazer o que ele quiser”, disse Martha. “É melhor já ficar sabendo.”

Pouco depois, um sino soou e Martha guardou seu tricô.

“Aposto que é a enfermeira querendo que eu fique um pouco com ele”, disse. “Tomara que ele esteja de bom humor.”

Não fazia nem dez minutos que Martha tinha saído do quarto quando voltou com uma cara confusa.

“Bom, oê realmente enfeitiçou o garoto”, disse. “Ele tá no sofá com os livro dele de figura. Disse pra enfermeira ir embora e pra só voltar às seis horas. E falou pra eu esperar no quarto do lado. Assim

que a enfermeira saiu, ele me chamou e disse: ‘Quero que a Mary Lennox venha aqui falar comigo. E lembre-se, você não deve comentar sobre isso com ninguém.’ É melhor você ir logo.”

Mary queria ir o mais rápido possível. A vontade de ver Colin não era tão grande quanto a de ver Dickon, mas ela estava ansiosa de qualquer maneira.

A lareira estava acesa quando a menina entrou no quarto, e agora, à luz do dia, podia perceber o quanto o cômodo era de fato bonito. Havia tapetes, ornamentos, pinturas e livros de cores vivas que faziam tudo parecer alegre e confortável, apesar do dia cinzento e chuvoso lá fora. O próprio Colin parecia uma pintura. Estava enrolado em um longo roupão de veludo, apoiado sobre uma almofada bordada. E tinha as bochechas coradas.

“Entre”, disse ele. “Fiquei pensando em você a manhã inteira.”

“Eu também estive pensando em você”, respondeu Mary. “Você não faz ideia do quanto a Martha está assustada. Ela disse que a sra. Medlock vai pensar que foi ela que me contou a seu respeito e vai mandá-la embora.”

Colin franziu a testa.

“Chame ela aqui”, disse ele. “Ela está no quarto aí do lado.”

Mary voltou com Martha a tiracolo. A pobre criada tremia da cabeça aos pés. Colin continuava a franzir o cenho.

“Você tem ou não que fazer o que eu mando?”, perguntou.

“Tenho sim, sinhozinho”, gaguejou Martha, com o rosto ficando vermelho.

“A Medlock tem que fazer o que eu mando?”

“Tem sim, sinhozinho. Todos nós”, respondeu Martha.

“Bem, então se eu mandei você trazer a srta. Mary até aqui, por que a Medlock a mandaria embora se descobrisse?”

“Por favor, sinhozinho, não deixa ela me mandar embora”, implorou Martha.

“*Ela* é que vai para o olho da rua se ousar tocar nesse assunto”, disse o pequeno Craven, imperioso. “Tenho certeza de que ela não vai querer isso.”

“Obrigada, sinhozinho”, disse Martha, e fez uma mesura. “Só quero cumprir o meu dever, sinhozinho.”

“O seu dever é me servir”, disse Colin, ainda mais imperioso. “Vou cuidar de você. Agora vá.”

Quando Martha saiu e fechou a porta atrás de si, Colin percebeu a srta. Mary olhando para ele com certo espanto.

“Por que está me olhando com essa cara?”, perguntou. “No que está pensando?”

“Estou pensando em duas coisas.”

“Que duas coisas? Sente e me conte.”

“A primeira”, disse Mary, sentando-se no banquinho confortável, “é que, uma vez, na Índia, eu vi um garoto que era um rajá. Ele andava todo enfeitado de rubis, esmeraldas e diamantes. E falava com o povo exatamente como você falou com a Martha. Todo mundo tinha que fazer o que ele mandava, na mesma hora. Acho até que as pessoas podiam acabar mortas se não obedecessem.”

“Eu vou querer que você me conte mais sobre esse rajá daqui a pouco”, disse Colin. “Mas qual era a segunda coisa?”

“Eu estava pensando”, disse Mary, “em como você é diferente do Dickon.”

“Quem é Dickon?”, perguntou Colin. “E que nome estranho!”

Mary pensou que seria interessante contar a Colin sobre Dickon. Podia falar nele sem mencionar o jardim secreto. Ela gostava quando Martha contava sobre o irmão. Além disso, sentia vontade de falar sobre ele. Era como tê-lo mais perto.

“Ele é o irmão da Martha. E tem doze anos de idade”, explicou Mary. “Ele é diferente de qualquer outra pessoa no mundo. Consegue encantar raposas, esquilos e pássaros igual os nativos da Índia fazem com as cobras. Ele toca uma melodia suave na flauta e os bichos se aproximam para ouvir.”

Havia alguns livros grandes em cima da mesa bem ao lado de Colin, e ele apanhou um deles subitamente.

“Tem uma figura de um encantador de serpentes aqui”, exclamou. “Vem dar uma olhada.”

O livro era muito bonito e tinha ilustrações maravilhosamente coloridas, e Colin chamou atenção para uma delas.

“Será que ele consegue fazer isso?”, perguntou, empolgado.

“Ele toca a flauta e os bichos escutam”, explicou Mary. “Mas ele não chama isso de Mágica. Ele acha que é porque vive na charneca há muito tempo e conhece bem os animais. Disse que às vezes se sente como se fosse um pássaro ou um coelho, de tanto que gosta deles. Acho que ele pergunta coisas para o pisco também. Eles ficam piando baixinho um para o outro e parece que estão conversando.”

Colin se recostou na almofada, os olhos cada vez maiores e as bochechas cada vez mais rosadas.

“Me conte mais sobre ele”, disse.

“Ele sabe tudo sobre ninhinhos e ovos”, continuou Mary. “E sabe onde moram as raposas, os texugos e as lontras. Mas mantém tudo

em segredo, para que as outras crianças não descubram e assustem os bichos. Ele sabe sobre tudo o que cresce ou vive na charneca.”

“Ele gosta da charneca?”, perguntou Colin. “Como isso é possível, se é um lugar tão grande, vazio e triste?”

“A charneca é um lugar maravilhoso”, discordou Mary. “Milhares de coisas bonitas crescem aqui, e existem milhares de pequenas criaturas construindo seus ninhos ou fazendo buracos e tocas, ou gorjeando, zumbindo ou guinchando umas para as outras. Elas se divertem muito embaixo da terra, em cima das árvores ou no meio das plantas. A charneca é o mundo delas.”

“Como você sabe disso tudo?”, perguntou Colin, apoiando-se num dos cotovelos para olhar para Mary.

“Eu nunca fui lá, na verdade”, disse Mary, lembrando-se disso de repente. “Só passei pela charneca uma vez, no escuro. E achei horrível. Foi a Martha quem me contou como são essas coisas, e depois o Dickon também. Quando o Dickon fala, é como se você pudesse sentir e ver as coisas, como se estivesse lá no meio da urze, com o sol brilhando, o cheiro doce do junco... tudo cheio de abelhas e borboletas.”

“Quando a pessoa está doente nunca vê nada”, disse Colin, inquieto. Ele parecia alguém que ouve um barulho diferente e se pergunta o que será aquilo.

“Fica difícil se você nunca sai do quarto”, disse Mary.

“Eu não posso ir à charneca”, disse Colin, num tom ressentido.

Mary ficou em silêncio por um minuto. Então disse, com ousadia:

“Você devia, um dia desses.”

Colin levou um susto.

“Ir à charneca? Como assim? Eu vou morrer!”

“Como sabe disso?”, perguntou a menina, impaciente.

Não gostava da mania de Colin de falar da morte. Não se compadecia. Parecia até que ele usava isso para se gabar.

“Todos dizem isso, desde que me conheço por gente”, respondeu ele, irritado. “Estão sempre murmurando a respeito, pensando que eu não sei de nada. E eles bem que gostariam que eu morresse.”

Mary se sentiu bastante emburrada ao ouvir isso, e apertou os lábios com força.

“Se desejassem que eu morresse”, disse ela, “aí é que eu não morria mesmo. Quem ia gostar se você morresse?”

“Os criados... e o dr. Craven, claro, porque ele herdaria Misselthwaite e não seria mais pobre. Ele diz que não, mas sinto que sempre fica animado quando eu pioro. Quando tive febre tifoide, ele até engordou. Acho que mesmo o meu pai gostaria que eu morresse.”

“Nisso eu não acredito”, disse Mary, obstinada.

Isso fez Colin se virar e olhar para ela de novo.

“Não?”, disse ele.

Então ele se reclinou na almofada e ficou quieto, como se refletisse. E o silêncio se manteve por um bom tempo. Talvez fosse porque os dois estavam ocupados pensando coisas com as quais as crianças geralmente não precisam se preocupar.

“Eu gostei do médico importante de Londres, porque ele mandou tirarem o colete de ferro de você”, disse Mary, por fim. “Ele disse que você ia morrer?”

“Não.”

“O que foi que ele disse?”

“Ele não sussurrava”, respondeu Colin. “Talvez soubesse que eu detesto quando sussurram. Ouvi ele falar em alto e bom som. Ele disse assim: ‘O menino pode vingar, se botar na cabeça que quer viver. Ajudem ele a ter vontade.’ Pelo tom de voz, parecia que estava até meio irritado.”

“Tenho uma ideia de quem talvez pudesse te ajudar a ter vontade de viver”, disse Mary, pensativa. Queria encerrar logo aquele assunto de um jeito ou de outro. “Acho que o Dickon pode ajudar. Ele está sempre falando de coisas vivas. Nunca fala de morte ou doenças. Está sempre olhando para cima, para ver os pássaros voando. Ou então para o chão, para ver as coisas brotando. Ele tem uns olhos muito azuis e está sempre prestando atenção em tudo. E gosta muito de rir, com aquela boca grandona que ele tem. E as bochechas dele são vermelhas como cerejas.”

Mary puxou o banquinho mais para perto do sofá, e sua expressão se transformou só de se lembrar dos olhos curiosos e da boca sorridente do amigo.

“Olha”, disse Mary. “Não vamos falar de morte. Eu não gosto. Vamos falar da vida. Vamos falar um monte sobre o Dickon. E depois vamos olhar as ilustrações dos seus livros.”

Foi a melhor coisa que Mary poderia ter dito. Falar de Dickon era falar da charneca, da casa onde moravam catorze pessoas que sobreviviam com dezesseis xelins por semana, das crianças que engordavam só de comer capim, como os pôneis selvagens. E da mãe de Dickon – e da corda de pular – e da charneca quando o sol brilhava alto, e dos pontinhos verdes forçando passagem no solo escuro. Mary falou mais do que nunca – e Colin tanto falava quanto ouvia mais do que nunca também. E ambos começaram a rir do

nada, como fazem as crianças quando estão felizes juntas. E riram tanto que, ao final, estavam fazendo um barulhão, como fariam duas crianças de dez anos normais e saudáveis – e não uma menininha emburrada e um menininho doente que achava que ia morrer.

Os dois se divertiram tanto que se esqueceram dos livros ilustrados e não viram o tempo passar. Estavam gargalhando por causa de Ben Weatherstaff e do pisco, e Colin estava até sentado ereto, como se tivesse esquecido o seu problema nas costas, até que se deu conta.

“Sabe de uma coisa em que nós nunca pensamos?”, disse Colin. “Nós somos primos.”

Parecia tão estranho que tivessem conversado tanto e não tivessem se lembrado daquele detalhe simples que gargalharam mais do que nunca, pois já estavam mesmo num clima de risadas. E, em meio à diversão, a porta se abriu e o dr. Craven e a sra. Medlock entraram.

“Santo Deus!”, exclamou a pobre sra. Medlock, com os olhos quase saltando das órbitas. “Santo Deus!”

“O que é isso?”, disse o dr. Craven, aproximando-se. “O que isso significa?”

Então Mary pensou mais uma vez no rajá da Índia. Colin respondeu como se tanto o susto do médico quanto o terror da sra. Medlock fossem da menor importância. Não estava mais preocupado do que se um gato e um cachorro tivessem entrado no quarto.

“Esta é a minha prima, Mary Lennox”, disse ele. “Pedi que ela viesse até aqui conversar comigo. Gosto dela. Ela deve vir conversar

comigo todas as vezes que eu requisitar.”

O dr. Craven lançou um olhar reprovador para a sra. Medlock.

“Não sei como isso aconteceu, senhor”, disse ela, aflita. “Não há um empregado nesta casa que se atreveria a falar. Todos seguem as ordens.”

“Ninguém disse nada a ela”, esclareceu Colin. “Ela me ouviu chorar e me descobriu aqui sozinha. Estou feliz que ela tenha vindo. Não seja tola, Medlock.”

Mary percebeu que o dr. Craven não parecia feliz, mas estava claro que não ousaria se opor ao paciente. Ele se sentou ao lado de Colin e sentiu seu pulso.

“Receio que tenha havido agitação demais por aqui. Ficar agitado não faz bem para você, meu garoto.”

“Eu vou ficar agitado é se ela não vier”, respondeu Colin, com os olhos perigosamente brilhantes. “Estou melhor. Ela faz com que eu me sinta melhor. A enfermeira pode trazer o meu chá e o de Mary também. Vamos tomar chá juntos.”

A sra. Medlock e o dr. Craven trocaram um olhar preocupado, mas evidentemente não havia nada que pudessem fazer.

“Ele de fato parece melhor, senhor”, arriscou-se a comentar a sra. Medlock. “Mas a verdade é que ele já parecia mais disposto hoje de manhã, antes que ela viesse ao quarto”, acrescentou, pensando melhor.

“Ela veio ao meu quarto ontem à noite”, disse Colin. “E ficou bastante tempo aqui. E cantou uma canção hindustâni para eu dormir. E eu realmente me senti melhor quando acordei. E até quis tomar o café da manhã. E agora eu quero um chá. Chame a enfermeira, Medlock.”

O dr. Craven não se demorou muito mais. Falou com a enfermeira por alguns minutos quando ela entrou no quarto e ofereceu a Colin algumas recomendações. Ele não devia falar muito; não devia esquecer que estava doente; não devia esquecer que se cansava facilmente. Mary achou que havia um bocado de coisas desagradáveis que Colin não devia esquecer.

Colin pareceu irritado, e manteve seus estranhos olhos cheios de cílios escuros fixos no dr. Craven.

“Eu *quero* esquecer isso tudo”, disse, por fim. “Ela me faz esquecer isso tudo. É por isso que eu quero ela aqui.”

O dr. Craven não parecia satisfeito quando saiu do quarto. E olhou intrigado para a menina sentada no banquinho. Mary tinha voltado a ser uma menininha calada e empertigada assim que o médico entrou, e ele não conseguia entender qual poderia ser o seu atrativo. O menino de fato parecia mais bem-disposto – e o médico suspirou pesado ao sair para o corredor.

“Eles vivem querendo que eu coma quando eu não quero comer”, disse Colin, enquanto a enfermeira servia o chá na mesa ao lado do sofá. “Mas, se você comer, eu como também. Esses bolinhos parecem gostosos e quentinhos. Me conte sobre o rajá.”

15. FAZENDO O NINHO

Depois de uma semana de chuva, o arco alto de céu azul voltou a aparecer e o sol veio forte com seus raios quentes. Embora não tivesse tido a chance de ver nem Dickon nem o jardim secreto, Mary se divertira bastante. A semana havia passado depressa. Todos os dias passara várias horas com Colin, no quarto dele, falando sobre rajás, jardins, Dickon, a casa de Martha e a charneca. Tinham visto juntos muitos livros cheios de ilustrações deslumbrantes, e ora Mary lera algumas coisas para o primo, ora Colin lera um pouco para ela. Quando o menino tinha interesse em algo e estava se divertindo, não parecia a Mary nem um pouco um inválido, exceto pelo fato de ter o rosto pálido e estar sempre no sofá.

“Você foi bem danada de ficar ouvindo as coisas pela casa e de sair da cama para bisbilhotar no meio da noite”, disse a sra. Medlock certa vez. “Mas não posso dizer que não tenha sido uma bênção para todos nós. A enfermeira estava prestes a pedir as contas porque não suportava mais o menino, mas, agora que tem você ajudando, disse que não se importa de ficar”, concluiu, rindo.

Em suas conversas com Colin, Mary procurava ser cautelosa em relação ao jardim secreto. Havia certas coisas que ainda queria descobrir sobre ele, e precisava fazer isso sem lhe perguntar diretamente. Em primeiro lugar, logo que começou a apreciar a companhia do primo, Mary se perguntou se ele era o tipo de garoto a quem se podia contar um segredo. Colin não se parecia em nada

com Dickon, mas era tão evidente que estava empolgado com a ideia de um jardim do qual ninguém sabia que Mary achou que talvez pudesse confiar nele. Mas não o conhecia o suficiente para ter certeza. A segunda coisa que tinha que descobrir era: se pudesse confiar em Colin, será que conseguiria levá-lo até o jardim sem que ninguém ficasse sabendo? O médico importante tinha dito que ele precisava passar tempo ao ar livre, e o próprio Colin dissera que não se importaria em sair se fosse para ir ao jardim secreto. Se ele tomasse bastante ar fresco, conhecesse Dickon e o pisco e visse as coisas brotando, talvez deixasse de pensar tanto na morte. Ao se ver no espelho nos últimos tempos, Mary reparara que estava muito diferente da criatura que chegara da Índia. E essa menina de agora era mais agradável. Até Martha tinha notado a diferença.

“O ar da charneca já andou fazendo bem procê”, disse. “Ocê não tá mais tão amarela nem tão magrinha. Até o cabelo já não parece mais tão fino e lambido. Tá com mais vida e até mais volume.”

“Que nem eu”, disse Mary. “Mais forte e mais gordo. E tenho certeza que vai ficar ainda mais.”

“Parece que vai mesmo”, disse Martha, afofando o cabelo da menina ao redor do rosto. “Desse jeito fica bem melhor, e ocê tá até com a bochecha corada.”

Se os jardins e o ar da charneca tinham feito bem a Mary, talvez pudessem fazer o mesmo por Colin. Só que Colin odiava que as pessoas olhassem para ele, e podia não gostar de conhecer Dickon.

“Por que você fica zangado quando as pessoas olham para você?”, perguntou Mary certa vez.

“Eu sempre odiei isso, desde pequeno”, respondeu Colin. “Quando me levavam para a beira-mar e eu ficava deitado no meu carrinho,

todo mundo ficava olhando, e as mulheres paravam para falar com a minha enfermeira e começavam a sussurrar, e eu sabia que estavam falando que eu não ia viver muito. Depois, às vezes, as mulheres faziam um carinho na minha bochecha e diziam: ‘Pobrezinho!’ Uma vez, quando uma senhora fez isso, eu gritei bem alto e mordi a mão dela. Ela ficou tão assustada que saiu correndo.”

“Deve ter pensado que você estava louco”, disse Mary, em desaprovação.

“Não estou nem aí para o que ela pensou”, respondeu Colin, fechando a cara.

“Fico me perguntando por que você não gritou nem me mordeu a primeira vez que entrei aqui”, disse Mary. Então começou a sorrir lentamente.

“Eu pensei que você era um fantasma ou um sonho”, explicou Colin. “Não dá para morder nem um fantasma nem um sonho, e gritar com eles não faz a menor diferença.”

“Você acha que odiaria se... um menino olhasse para você?”, perguntou Mary, hesitante.

Ele se reclinou na almofada, pensativo.

“Tem um menino”, disse, bem devagar, como se pesasse cada palavra, “tem um menino que eu acho que não ia me importar. Aquele menino que sabe onde as raposas moram, o tal do Dickon.”

“Tenho certeza de que você não ia se importar se ele olhasse pra você”, disse Mary.

“Se os pássaros e outros animais não se importam”, continuou Colin, ainda refletindo, “talvez eu também não me importasse. Ele é como um encantador de bichos, e eu sou um menino-bicho.”

Então Colin caiu na risada, e Mary também; na verdade, a conversa acabou com os dois gargalhando e achando que a ideia de um menino-bicho se escondendo em um buraco era mesmo muito engraçada.

Depois dessa conversa, Mary não teve mais receio de que Colin não gostasse de Dickon.

NAQUELA PRIMEIRA MANHÃ em que o céu ficou azul de novo, Mary acordou bem cedo. O sol invadia a persiana em raios oblíquos, e havia algo de tão incrível naquela visão que ela pulou da cama e correu até a janela. Mary puxou as persianas para cima e abriu a janela, e uma grande lufada de ar fresco e perfumado soprou em seu rosto. A charneca estava azul, e era como se o mundo inteiro estivesse sob o efeito de algum tipo de Mágica. Trinados suaves, parecidos com flautas, soavam aqui e ali, como se multidões de passarinhos estivessem afinando suas notas para iniciar um concerto. Mary colocou a mão para fora da janela para sentir o sol na pele.

“Está quente. Quente!”, disse. “Isso vai fazer os pontinhos verdes brotarem cada vez mais, e os bulbos e raízes trabalharem mais forte debaixo da terra.”

Ela se ajoelhou e se debruçou na janela o máximo que pôde, respirando fundo e farejando o ar, até que começou a rir, lembrando-se do que a mãe de Dickon dissera sobre o nariz dele tremer que nem o focinho de um coelho.

“Acho que ainda é muito cedo”, disse Mary. “Aqueles nuvenzinhas ainda estão cor-de-rosa, nunca vi o céu assim. Ninguém acordou ainda. Nem os garotos que cuidam dos estábulos.”

Uma ideia lhe veio subitamente à cabeça, e ela se pôs rápido de pé.

“Não posso perder um minuto! Vou até o jardim!”

A essa altura, Mary já conseguia se vestir sem ajuda e colocou as roupas em cinco minutos. Conhecia uma pequena porta lateral que sabia destrancar sozinha, então desceu pela escada só de meias e colocou os sapatos quando já estava no saguão. Tirou as correntes, destravou a tranca e a fechadura e, quando a porta se abriu, saltou os degraus em um único pulo. Então lá estava ela, na grama, que parecia ter ficado verde da noite para o dia, o sol batendo, um vento fraco e cheiroso soprando; os cantos e chilros e gorjeios vinham de todas as árvores e arbustos. Mary bateu palmas de pura alegria e olhou para o céu, tão azul e rosa e branco e cintilante, tão tomado pela luz da primavera, que ela sentiu, como os tordos, os piscos e as cotovias, que não podia evitar aquela vontade de cantar. Então, correu pelos arbustos e trilhas até o jardim secreto.

“Tudo já está tão diferente”, disse. “A grama está mais verde, as coisas estão brotando por todo lado, botões começando a se desenroscar e folhas verdes se abrindo. Tenho certeza de que hoje à tarde o Dickon vai aparecer por aqui.”

Os longos dias de chuva e o ar mais quente tinham feito coisas estranhas com os canteiros que ladeavam o caminho do muro externo. Havia hastes brotando e se espichando das raízes, e já se podia ver, aqui e ali, pequenos sinais roxos e amarelos nos caules dos crocos. Seis meses antes, Mary não teria percebido que o mundo estava despertando, mas agora não perdia nada.

Quando chegou ao local onde a porta se escondia atrás das trepadeiras, Mary se assustou com um barulho alto e curioso. Era

um corvo que crocitava no topo do muro. Ao olhar para cima, Mary deparou com um grande pássaro, muito preto e lustroso, olhando para ela com um ar de quem sabia das coisas. Nunca tendo visto um corvo tão de perto, a menina ficou um pouco nervosa; porém, um segundo depois, o bicho já tinha aberto as asas e voado por cima dos jardins. Mary esperava que ele não ficasse lá dentro, e empurrou a porta se perguntando onde ele estaria. Quando já estava dentro do jardim, percebeu que o corvo tinha toda a intenção de ficar por ali, uma vez que havia pousado em uma pequena macieira, sob a qual havia um animalzinho de cor avermelhada e rabo peludo – e tanto ele quanto o corvo olhavam para a cabeça ruiva de Dickon, ajoelhado na grama trabalhando com afinco.

Mary correu pela grama na direção do amigo.

“Dickon! Dickon!”, exclamou. “Como você conseguiu chegar aqui tão cedo? Como é possível? O sol acabou de nascer!”

De bom humor, Dickon se levantou, sorrindo descabelado, os olhos parecendo um pedaço do céu.

“Oi!”, disse ele. “Eu levantei bem antes dele. Como podia ficar na cama? O mundo quase que nasceu de novo hoje. A natureza tá trabalhando, zumbindo, piando, aninhando, perfumando e fazendo tanta coisa que só dá vontade de levantar em vez de ficar na cama. Quando o sol nasceu, a charneca parecia tonta de tanta alegria, e eu tava no meio das urze, correndo feito doido, gritando e cantando. E vim direto pra cá. Como é que eu podia não vir, se o jardim tava aqui esperando?”

Mary colocou a mão sobre o peito, como se ela própria tivesse corrido.

“Ah, Dickon! Dickon!”, disse ela. “Estou tão feliz que até perdi o fôlego!”

Ao ver que Dickon falava com a estranha, o animalzinho de rabo peludo saiu de baixo da árvore e veio até o menino, enquanto o corvo, crocitando novamente, voou de seu galho e veio se assentar no ombro de Dickon.

“Este é o filhotinho da raposa”, disse ele, passando a mão na cabecinha do animal. “O nome dele é Capitão. E este aqui é o Fuligem. O Fuligem veio voando pela charneca atrás de mim e o Capitão correu como se tivesse cachorro perseguindo ele. Os dois tavam se sentindo do mesmo jeito que eu.”

Nenhum dos animais parecia estar com medo de Mary. Quando Dickon começou a andar de um lado para outro, Fuligem permaneceu em seu ombro, enquanto Capitão ia trotando a seu lado.

“Olha aqui!”, disse Dickon. “Olha como essas aqui brotaram, e essas, e essas! E olha aquelas ali.”

Dickon pôs-se de joelhos e Mary se agachou a seu lado. Tinham encontrado uma chusma de crocos com botões roxos, alaranjados e dourados. Mary se inclinou e encheu as plantas de beijos.

“A gente nunca beija as pessoas desse jeito”, disse Mary, quando se levantou. “Mas as flores são tão diferentes.”

O menino pareceu confuso, mas sorriu.

“Bom”, disse Dickon, “eu vivo beijando a minha mãe desse jeito quando volto pra casa depois de ficar zanzando pela charneca e encontro ela parada na porta tomando um sol, tão feliz e satisfeita.”

Eles ficaram correndo pelo jardim e descobriram tantas maravilhas que precisaram ficar lembrando um ao outro que

tinham de falar baixo ou sussurrar. Dickon mostrou a Mary pequenos botões nos galhos de roseiras que pareciam mortas. E milhares de novos pontinhos verdes nascendo na terra. Ambos se abaixavam com seus narizinhos apurados, bem perto da terra, para sentir o cheiro da primavera; depois cavavam, arrancavam mato e riam baixinho de euforia, até o cabelo de Mary ficar tão emaranhado quanto o de Dickon, e suas bochechas quase tão coradas quanto as dele.

Havia muita alegria no jardim secreto naquela manhã, e, em meio a tudo isso, aconteceu a coisa mais maravilhosa de todas. Em grande velocidade, algo veio voando por cima do muro, passando como uma flecha por entre as árvores, até parar num canto de plantas novas: um dardo na forma de passarinho de peito vermelho, com alguma coisa presa ao bico. Dickon permaneceu totalmente imóvel, e colocou a mão no braço de Mary para chamar sua atenção, quase como se tivesse percebido de repente que eles estavam rindo dentro de uma igreja.

“A gente tem que ficar bem quieto”, sussurrou, em seu sotaque de Yorkshire. “Nem respira, tá? Eu já sabia que ele tava procurando namorada da última vez que vi ele. É o passarinho do Ben Weatherstaff. Ele tá fazendo um ninho, e vai ficar aqui se a gente não assustar ele.”

Os dois se sentaram suavemente na grama e ficaram bem paradinhos.

“A gente não pode dar na cara que tá olhando”, disse Dickon. “Ele vai ficar de mal com a gente se achar que a gente tá atrapalhando. E vai se comportar meio diferente até acabar tudo isso. É que ele tá tomando conta da casa dele. E vai ficar mais tímido e mais arisco.

Agora não é hora de receber visita nem ficar de papo. A gente tem que ficar quietinho como se fosse grama, árvore ou arbusto. Daí, quando ele estiver acostumado com a gente, eu vou chilrear um pouco pra ele saber que não vamos atrapalhar.”

Mary não tinha muita certeza de que sabia ficar quietinha como grama, árvore ou arbusto. Mas Dickon tinha pedido essa esquisitice como se fosse a coisa mais simples e natural do mundo, então ela concluiu que devia ser bem fácil para ele, e ficou a observá-lo bem de perto por alguns minutos, como se esperasse que seu corpo ficasse verde e começasse a produzir galhos e folhas. Mas tudo que Dickon fez foi ficar maravilhosamente paradinho. E, quando ele enfim falou com ela, foi com uma voz tão suave que ela nem acreditou que estava de fato escutando o que ele dizia.

“Isso é parte da primavera, essa coisa de fazer o ninho”, disse ele. “Aposto que as coisas vêm acontecendo assim todo ano desde que o mundo começou. Eles têm a maneira deles de pensar e de fazer as coisa, e as pessoa não pode se meter. Se ocê for curiosa demais, é mais fácil perder um amigo na primavera do que em qualquer outra estação do ano.”

“Quando a gente fala do passarinho, não consigo evitar de olhar para ele”, disse Mary, o mais suavemente que conseguiu. “Melhor a gente mudar de assunto. Tem uma coisa que eu quero te contar.”

“Acho que ele também vai preferir que a gente fale de outra coisa”, disse Dickon. “O que ocê quer me contar?”

“Bom, você sabe do Colin?”, sussurrou ela.

Ele virou o rosto para olhar para ela.

“O que ocê sabe sobre ele?”, perguntou Dickon.

“Eu encontrei ele. E conversei com ele essa semana todos os dias. Ele quer que eu vá lá. Diz que faço com que ele esqueça que está doente e morrendo”, respondeu Mary.

O rosto redondo de Dickon pareceu aliviado, assim que o susto passou.

“Que bom”, exclamou ele. “Agora posso ficar mais tranquilo. Eu não podia falar nada sobre ele e não gosto de esconder as coisa das outra pessoa.”

“Você não gosta de esconder o jardim?”, perguntou Mary.

“Eu nunca vou contar pra ninguém sobre ele”, respondeu Dickon. “Eu falei pra mãe: ‘Mãe, tem um segredo que eu tenho que guardar. Mas não é nada de ruim. É como se eu não pudesse contar onde tá o ninho de um passarinho. Não tem problema, né?’”

Mary sempre gostava de ouvir sobre a mãe de Dickon.

“E o que ela disse?”, perguntou, com um pouco de medo da resposta.

Dickon abriu um sorriso doce.

“Ela disse uma coisa que é bem a cara dela”, respondeu o menino. “Passou a mão na minha cabeça, riu e falou assim: ‘Ah, menino, ocê pode ter tantos segredo quanto quiser. Conheço ocê faz doze ano.’”

“Como você sabia do Colin?”, perguntou Mary.

“Todo mundo que conhecia o sr. Craven ficou sabendo que ele teve um filho que podia ficar inválido e que ele não gostava que a gente ficasse falando do assunto. As pessoa ficaram triste pelo sr. Craven, porque a sra. Craven era uma moça muito bonita e os dois se gostava de verdade. A sra. Medlock sempre passa lá em casa quando vai a Thwaite e não liga de conversar com a mãe na frente de nós, as criança, porque ela sabe que a mãe ensinou a gente a ser

de confiança. Mas como ocê descobriu ele? A Martha tava bem preocupada na última vez que veio pra casa. Disse que ocê tinha ouvido o menino chorar, que tava fazendo perguntas e ela não sabia o que fazer.”

Mary lhe contou a história sobre o vento uivante no meio da noite que a tinha feito acordar e sobre o som distante de choro que a levava a sair pelos corredores com uma vela na mão e a abrir a porta do quarto parcamente iluminado com a cama de dossel de madeira trabalhada no canto. Quando Mary descreveu o rostinho pálido e os estranhos olhos cheios de cílios de Colin, Dickon balançou a cabeça.

“São que nem os olho da mãe dele, só que os dela tava sempre alegre”, disse Dickon. “Dizem que o sr. Craven não suporta olhar pro menino quando tá acordado porque os olho dele parece demais com os da mãe, e só são diferente porque tão num rosto sempre triste.”

“Você acha que ele quer que o Colin morra?”, sussurrou Mary.

“Não, mas acho que gostaria que ele nunca tivesse nascido. A mãe diz que isso é a pior coisa pra uma criança. As que passa por isso quase nunca prospera. O sr. Craven vai atrás de qualquer coisa que o dinheiro possa comprar pro menino, mas só quer esquecer que ele existe. Além disso, tem medo de olhar pro filho um dia e descobrir que ele virou corcunda.”

“O Colin também tem tanto medo disso que nem se senta direito”, disse Mary. “Ele falou que, se algum dia sentir um calombo nas costas, vai enlouquecer e gritar até morrer.”

“Eita, ele não devia ficar lá deitado pensando nessas coisa”, disse Dickon. “Não tem como alguém ficar bom se tá com essas ideia na

cabeça.”

A raposa estava deitada na grama perto do menino, olhando para cima como quem pede um carinho, e Dickon se abaixou para afagar o pescoço do bichinho suavemente enquanto refletia, em silêncio. Pouco depois, levantou a cabeça e olhou em volta do jardim.

“Na primeira vez que a gente entrou aqui, parecia tudo cinza”, disse ele. “Olha agora e me diz se não vê a diferença.”

Mary olhou e, por um instante, prendeu a respiração.

“Nossa!”, exclamou. “O muro cinza está mudando. É como se uma névoa verde estivesse encobrindo tudo. É quase como um véu de gaze verde.”

“É, e vai ficar cada vez mais verde até o cinza sumir”, disse Dickon. “Ocê consegue adivinhar o que eu tô pensando?”

“Sei que é alguma coisa boa”, disse Mary, ansiosa. “Acho que é alguma coisa sobre o Colin.”

“Eu tava pensando que se ele pudesse vir aqui não ia ficar pensando em calombo nenhum nas costas; ia era procurar os botões nos galhos das roseiras, e capaz até que ficasse melhor”, explicou Dickon. “Eu tava pensando se a gente não conseguia convencer ele a vir aqui e ficar um pouco embaixo das árvores na cadeira dele.”

“Eu andei pensando nisso também. Penso nisso toda vez que estou com ele”, disse Mary. “Fico me perguntando se ele conseguiria guardar um segredo e se conseguiríamos trazê-lo aqui sem ninguém ver. Talvez você pudesse empurrar a cadeira dele. O médico disse que ele devia sair ao ar livre, e se ele quiser que a gente traga ele aqui fora, ninguém vai ter coragem de contrariá-lo. Ele não sai com as outras pessoas, mas talvez elas fiquem felizes se ele quiser sair

com a gente. Ele pode mandar os jardineiros ficarem longe, e aí ninguém vai descobrir nada.”

Dickon estava concentrado, pensando, enquanto acariciava as costas do Capitão.

“Aposto que ia ser bom pra ele”, disse. “Nós não ia ficar pensando que era melhor ele nunca ter nascido. Nós ia ser só duas criança vendo o jardim florescer, e ele ia ser mais uma. Dois menino e uma menina olhando a primavera chegar. Aposto que ia ser melhor que essas coisa de médico.”

“Ele está deitado naquele quarto há tanto tempo, e sempre com tanto medo do que pode acontecer com as costas dele, que isso o fez ficar meio esquisito”, disse Mary. “Ele sabe um monte de coisas que viu nos livros, mas não sabe mais nada. Ele me disse que esteve doente demais para prestar atenção nas coisas, e odeia vir ao ar livre, e os jardins e jardineiros. Mas ele gosta de me ouvir falar sobre esse jardim, porque é secreto. Não tive coragem de contar muita coisa, mas ele disse que gostaria de vir aqui.”

“Nós vai trazer ele aqui uma hora dessas, com certeza”, disse Dickon. “Eu consigo empurrar a cadeira dele. Ocê notou o quanto o pisco e a namorada trabalharam enquanto a gente ficou sentadinho aqui? Olha ele lá empoleirado naquele galho pensando onde é melhor colocar o galhinho que tem no bico.”

Dickon deu um de seus assobios suaves e o pisco virou a cabecinha e olhou para ele com ar de interrogação, ainda com o galho no bico. Dickon conversou com o passarinho do mesmo jeito que Ben Weatherstaff, mas com um tom de quem está dando um conselho amigo.

“Oê pode botar esse galhinho em qualquer lugar que vai ficar bom”, disse o menino. “Oê já sabia montar um ninho antes mesmo de sair do ovo. Vamos com isso, amigo. Oê não tem tempo a perder.”

“Ah, eu gosto muito de ver você falando com ele”, disse Mary, rindo com gosto. “O Ben Weatherstaff ralha com ele e zomba do bichinho, e ele fica saltando bem perto como se entendesse cada palavra, e sei que ele gosta disso. O Ben Weatherstaff diz que ele é tão exibido que prefere que joguem pedras nele a não ser notado.”

Dickon riu junto e continuou a conversa com o bicho.

“Oê já sabe que a gente não vai atrapalhar”, disse ao pisco. “A gente quer ser meio bicho do mato também, a gente também tá fazendo um ninho. Não vai contar pra ninguém onde fica o nosso ninho, viu?”

E embora o passarinho não tenha respondido, porque estava com o bico ocupado, Mary viu em seu olhinho preto, antes que ele voasse com o galho para o seu próprio canto do jardim, que ele não contaria o segredo das crianças por nada nesse mundo.

16. “NÃO VOU!”, DISSE MARY

Elas encontraram uma infinidade de coisas para fazer naquela manhã, e Mary acabou se atrasando para o almoço – e estava com tanta pressa para voltar ao jardim depois da refeição que quase se esqueceu de Colin.

“Diga ao Colin que não posso ir conversar com ele agora”, pediu a Martha. “Estou muito ocupada no jardim.”

Martha ficou apavorada.

“Eita, srta. Mary”, disse a criada. “Ele pode ficar de mau humor quando eu falar isso pra ele.”

Mas Mary não tinha medo de Colin como as outras pessoas, e não era de fazer sacrifícios por ninguém.

“Não posso ficar. O Dickon está me esperando”, disse, e saiu correndo.

A tarde foi ainda mais movimentada e mais agradável do que a manhã. As crianças limpavam quase todas as ervas daninhas do jardim, podaram a maioria das roseiras e árvores e afofaram a terra ao redor delas. Dickon tinha trazido sua própria pá e ensinado Mary a usar as ferramentas de jardinagem. A essa altura, portanto, embora estivesse claro que não iriam transformar o lugar em um “jardim de jardineiro”, tinham preparado o terreno para que muitas coisas desabrochassem ali antes que a primavera terminasse.

“Daqui a pouco vão aparecer botão nas macieira e cerejeira”, disse Dickon, trabalhando com toda a vontade. “E os pessegueiro e as

ameixeira perto do muro logo vai florescer e aí a grama vai virar um tapete de flor.”

A raposinha e o corvo estavam tão felizes e atarefados quanto as crianças, e o pisco e sua namorada voavam de um lado para outro, rápidos feito raios. Às vezes, o corvo abria suas asas negras e ia até a copa das árvores do parque. Mas sempre voltava para perto de Dickon, crocitando sem parar, como se contasse para o menino suas aventuras, e Dickon conversava com o corvo exatamente como havia feito com o pisco. Uma vez, quando o menino estava ocupado demais para responder, Fuligem pousou no ombro de Dickon e beliscou de leve sua orelha com seu bico enorme. Quando Mary queria descansar um pouco, Dickon se sentava com ela embaixo de uma árvore – numa dessas vezes, tirou sua flauta do bolso, tocou aquelas notas suaves e estranhas e acabou atraindo a atenção de dois esquilos, que ficaram em cima do muro, olhando e ouvindo.

“Oê tá ficando bem mais forte do que era antes”, disse Dickon, olhando para Mary enquanto ela capinava. “Já tá bem diferente.”

Mary estava radiante por conta dos exercícios e do bom humor.

“Estou engordando a cada dia”, disse, exultante. “A sra. Medlock vai ter que comprar vestidos mais largos para mim. A Martha falou que o meu cabelo também está mais forte. Já não está mais tão lambido e ralo.”

Quando eles finalmente deixaram o jardim, o sol já começava a se pôr, lançando raios dourados profundos que atravessavam as árvores.

“Vai fazer tempo bom amanhã”, disse Dickon. “Vou estar pronto pro trabalho assim que o sol nascer.”

“Eu também”, disse Mary.

ELA CORREU DE VOLTA para casa o mais rápido que seus pés permitiram. Queria contar para Colin sobre a raposinha de Dickon, sobre o corvo e sobre tudo que a primavera estava fazendo no jardim. Tinha certeza de que ele gostaria de ouvir. Portanto, não foi muito agradável abrir a porta do quarto e deparar com Martha parada, esperando por ela, com uma cara triste.

“O que aconteceu?”, perguntou. “O que o Colin disse quando você falou que eu não podia ir lá conversar com ele?”

“Eita”, disse Martha. “Era melhor que ocê tivesse ido. Ele quase que deu um ataque de pirraça. Foi um trabalhão pra acalmar o menino a tarde inteira. Ele não parava de olhar pro relógio.”

Mary apertou os lábios. Assim como o primo, não estava nada acostumada a levar as outras pessoas em consideração, e não entendia por que um menino mal-humorado deveria interferir nas coisas que ela gostava de fazer. Não tinha ideia do sofrimento das pessoas que vivem doentes e nervosas e não sabem que precisam controlar seus próprios humores para não deixar as outras pessoas doentes e nervosas também. Na Índia, quando tinha uma dor de cabeça, Mary fazia o possível para que todos ficassem com dor de cabeça ou algo tão desagradável quanto. E achava que estava mais do que certa; mas agora, claro, achava que Colin estava completamente errado.

Ele não estava no sofá quando ela entrou no quarto. Repousava deitado de costas na cama, e nem sequer se virou quando Mary se aproximou. Era um mau sinal, e Mary marchou até a cama com seu jeitinho empertigado.

“Por que você não se levantou?”, disse ela.

“Eu me levantei de manhã, quando achei que você vinha me ver”, respondeu ele, ainda sem olhar para ela. “Pedi que me colocassem de volta na cama à tarde. Minhas costas e minha cabeça estavam doendo e eu me sentia cansado. Por que você não veio?”

“Eu estava trabalhando no jardim com o Dickon”, respondeu Mary.

Colin fechou a cara e enfim se dignou a olhar para ela.

“Não vou deixar esse menino continuar vindo aqui se você for ficar com ele em vez de vir conversar comigo”, disse.

Mary teve um ataque de fúria. Sabia ficar furiosa sem dar um pio. Simplesmente amarrava a cara, se fechava em teimosia e não media as consequências.

“Se você proibir o Dickon de vir aqui, eu nunca mais entro neste quarto!”, retorquiu.

“Se eu quiser, você vai ter de entrar”, disse Colin.

“Não vou!”, disse Mary.

“Vai sim”, respondeu o garoto. “Nem que eles tenham que arrastar você pra cá.”

“Ah, é, senhor rajá?”, disse Mary, furiosa. “Eles podem até me arrastar até aqui, mas não podem me obrigar a falar. Vou me sentar e cerrar os dentes e não vou dizer uma só palavra. Não vou sequer olhar para a sua cara. Vou olhar para o chão!”

Eles formavam um belo par, aqueles dois, um enfrentando o outro. Se fossem duas crianças de rua, já estariam engalfinhadas trocando socos e pontapés. Como não eram, fizeram o mais próximo disso que podiam.

“Você é uma egoísta!”, gritou Colin.

“E você é o quê?”, disse Mary. “Os egoístas sempre dizem isso. Todo mundo que não faz o que eles querem é egoísta. Você é mais egoísta do que eu. Você é o menino mais egoísta que eu já vi.”

“Não sou não!”, protestou Colin. “Não sou tão egoísta quanto o seu querido Dickon! Ele fica brincando com você no jardim quando sabe que eu estou aqui sozinho. O egoísta é ele!”

Os olhos de Mary pegaram fogo.

“Ele é o menino mais gentil do mundo!”, disse ela. “Ele é como um anjo!”

Parecia meio tolo dizer aquilo, mas Mary pouco se importava.

“Que belo anjo!”, Colin devolveu, furioso. “Ele é só um menino qualquer que mora num casebre na charneca!”

“Ele é melhor do que um rajá qualquer!”, respondeu Mary. “Mil vezes melhor!”

Como era a mais forte dos dois, Mary estava começando a ganhar a briga. A verdade é que Colin nunca tivera uma briga com ninguém parecido com ele, e isso até que era bom, embora nem ele nem Mary desconfiassem disso. O menino virou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos, e uma enorme lágrima escorregou e desceu por sua bochecha. Colin começava a se sentir patético e a ter pena de si mesmo – como se fosse o único digno de pena.

“Não sou tão egoísta quanto você porque estou sempre doente, e tenho certeza de que tem um calombo crescendo nas minhas costas”, disse ele. “E, além disso, eu vou morrer.”

“Não vai nada!”, retrucou Mary, sem compaixão.

Ele arregalou os olhos, indignado. Nunca tinha ouvido alguém dizer aquilo antes. Estava ao mesmo tempo furioso e feliz, se é que uma pessoa pode sentir essas duas coisas ao mesmo tempo.

“Não vou?”, bradou ele. “Vou sim! Você sabe que vou! Todo mundo sabe!”

“Não acredito!”, disse Mary, irritada. “Você só fala isso para as pessoas ficarem com pena. Acho que na verdade tem é orgulho disso. E eu não acredito! Se você fosse um bom menino podia até ser verdade, mas você é um menino mau!”

Apesar de suas costas fracas, Colin se sentou na cama, num impulso de raiva saudável.

“Saia do meu quarto!”, gritou.

Em seguida, pegou o travesseiro e o atirou na direção de Mary. Não tinha força suficiente para jogá-lo muito longe, porém, e o travesseiro caiu aos pés da menina. Mesmo assim, Mary ficou enfurecida, com uma expressão assustadora.

“Estou indo”, disse ela. “E não volto mais!”

Caminhou até a porta e se virou para uma última palavra.

“Eu tinha vindo te contar um monte de coisas maravilhosas”, disse. “O Dickon trouxe a raposinha e o corvo dele e eu ia contar tudo pra você. Mas agora não vou contar mais nada!”

Então saiu do quarto e fechou a porta atrás de si. Para sua grande surpresa, encontrou a enfermeira parada do lado de fora. Ela parecia ter ouvido toda a conversa e achado engraçado. Era uma mulher jovem, grande e bonita, que não aparentava ter tido treinamento formal de enfermagem, pois não sabia lidar com inválidos e sempre encontrava desculpas para abandonar Colin aos cuidados de Martha ou qualquer um que aceitasse ficar no seu lugar. Mary nunca havia gostado da enfermeira, e ficou parada encarando a mulher enquanto ela ria, cobrindo a boca com um lenço.

“Está rindo do quê?”, perguntou Mary.

“De vocês dois”, disse a enfermeira. “Foi a melhor coisa que podia ter acontecido com esse menino enjoadinho, ter alguém tão mimado quanto ele para enfrentá-lo”, continuou ela, e voltou a rir. “Se ele tivesse uma irmãzinha emburrada com quem brigar, seria a salvação dele.”

“Ele vai morrer?”

“Não sei e não quero saber”, disse a enfermeira. “Histeria e temperamento ruim são metade dos males dele.”

“O que é histeria?”, perguntou Mary.

“Você já vai descobrir, se essa briga resultar em algum chilique... de qualquer forma, você deu a ele um motivo para ter um ataque histérico, e isso já me deixa contente.”

Mary foi para o seu quarto se sentindo muito diferente de como se sentira ao voltar do jardim. Estava zangada e decepcionada, mas não tinha pena de Colin. Fora até ele com a intenção de lhe contar um monte de coisas e ver se podia mesmo confiar a ele o seu grande segredo. A princípio achava que sim, mas agora tinha mudado completamente de opinião. Jamais contaria o que quer que fosse, e Colin podia ficar enfiado naquele quarto e jamais sentir o ar fresco lá de fora, e até morrer, se quisesse! Seria bem feito para ele! Estava tão zangada e inflexível que, por alguns minutos, quase se esqueceu de Dickon, do véu de gaze verde que começava a cobrir o mundo e do vento suave que soprava da charneca.

Martha estava esperando Mary voltar, e a preocupação que tinha antes em seu rosto dera lugar a um ar de interesse e curiosidade. Havia uma caixa de madeira sobre a mesa com a tampa aberta, e dentro dela viam-se vários embrulhos caprichados.

“O sr. Craven mandou isso procê”, disse Martha. “Parece que tem uns livro de figura aí dentro.”

Mary se lembrou do que o sr. Craven perguntara a ela no dia em que haviam se conhecido. “Tem alguma coisa que você queira? Brinquedos, livros, bonecas?” Ela abriu o pacote, perguntando-se se ele teria mandado uma boneca – e o que faria com ela, em caso positivo. Mas não tinha nenhuma boneca, e sim vários livros bonitos como os de Colin, dois dos quais sobre jardinagem. E eram todos cheios de ilustrações. Havia dois ou três jogos, e também um lindo estojo de escrita, com um monograma dourado na capa, uma caneta dourada e um tinteiro.

Tudo era tão bonito que o prazer começou a anuviar a raiva. Mary não esperava que o sr. Craven se lembrasse dela, e seu coração amoleceu um bocado.

“Sei escrever melhor com letra de mão do que com letra de forma”, disse. “E a primeira coisa que vou escrever com essa caneta vai ser uma carta para dizer a ele o quanto estou agradecida.”

Se estivesse em bons termos com Colin, teria corrido até o quarto do primo na mesma hora para mostrar seus presentes, e eles olhariam as figuras e leriam trechos dos livros de jardinagem, e talvez até tentassem jogar, e ele teria se divertido tanto que nunca mais pensaria em morrer, nem colocaria a mão nas costas para ver se havia um calombo crescendo ali. Mary não suportava o jeito como ele fazia aquilo. Ficava assustada e desconfortável, porque Colin também parecia assustado. Ele dizia que, se algum dia sentisse um calombinho, por menor que fosse, saberia que sua corcunda começara a crescer. Tinha ouvido a sra. Medlock sussurrar para a enfermeira alguma coisa que lhe dera essa ideia, e secretamente

pensava tanto no assunto que se tornara uma obsessão. A sra. Medlock dissera a Colin que a corcunda do sr. Craven começara a aparecer quando ele ainda era criança. Colin nunca contara a ninguém, exceto a Mary, que seus “ataques”, como os chamavam, eram fruto desse medo secreto e histérico que ele sentia. Mary sentira pena do primo ao ouvir isso.

“Ele sempre começa a pensar nisso quando está zangado ou cansado”, Mary disse para si mesma. “E ele ficou tão zangado hoje. Talvez tenha pensado nisso a tarde inteira.”

Mary ficou ali parada, olhando para o tapete e refletindo.

“Eu disse que nunca mais ia voltar lá, mas talvez...”, hesitou, franzindo as sobrancelhas. “Talvez eu devesse ir lá amanhã de manhã para ver se ele ainda quer falar comigo... Talvez ele tente jogar o travesseiro em mim mais uma vez, mas acho que eu vou.”

17. UM CHILIQUE

Mary tinha acordado bem cedo naquela manhã e trabalhado duro no jardim. Estava cansada e com sono, portanto, e assim que Martha trouxe o jantar e ela terminou de comer, ficou satisfeita em se deitar e descansar. Ao colocar a cabeça no travesseiro, murmurou para si mesma:

“Antes do café da manhã, vou lá fora trabalhar com o Dickon, e depois acho que vou ver o Colin.”

No meio da noite, porém, foi acordada por uma barulheira tão horrível que pulou da cama na mesma hora. O que era aquilo... o que era aquilo? No minuto seguinte, já sabia do que se tratava. Portas se abriam e se fechavam e havia passos apressados no corredor, e alguém chorava e gritava ao mesmo tempo, de um jeito terrível.

“É o Colin”, disse. “Ele está tendo um daqueles chiliques que a enfermeira chamou de ataque histérico. Que coisa mais horrível.”

Ao ouvir os gritos e soluços, Mary entendeu por que as pessoas ficavam tão apavoradas e preferiam fazer qualquer coisa que ele quisesse a ter de ouvir aquilo. Ela tapou os ouvidos com as mãos e começou a tremer e a se sentir mal.

“Não sei o que fazer... não sei o que fazer”, dizia para si mesma. “Não consigo mais suportar isso.”

Em determinado momento, Mary se perguntou se Colin pararia de berrar se ela tivesse coragem de ir até o quarto dele, mas depois

lembrou que ele a tinha posto para fora, então isso talvez só piorasse as coisas. Mesmo apertando as mãos contra os ouvidos com força, ainda podia ouvir aqueles gritos horríveis. Estava com tanto ódio daquilo tudo e tão assustada que, de repente, começou a ficar furiosa, e sentiu vontade de ter ela própria um ataque para assustar o primo como ele estava fazendo com ela. Tirou as mãos dos ouvidos, levantou-se e bateu os pés no chão com raiva.

“Isso tem que parar! Alguém tem que fazer ele parar! Alguém tem que dar uns tapas nesse menino!”, exclamou.

No mesmo instante, ouviu passos apressados no corredor, e, em seguida, a porta se abriu e a enfermeira entrou no quarto. Não estava achando graça dessa vez. Parecia até meio pálida.

“Ele está tendo um ataque histérico”, disse, muito agitada. “Vai acabar se machucando. Ninguém consegue fazê-lo parar. Você é uma boa menina, precisa tentar. Ele gosta de você.”

“Ele me botou para fora do quarto hoje de manhã”, disse Mary, batendo o pé com raiva no chão.

A atitude decidida de Mary agradou a enfermeira, que temia entrar no quarto e encontrá-la chorando ou se escondendo embaixo das cobertas.

“Isso mesmo”, disse ela. “Você está no estado de espírito certo. Agora vá lá e dê uma bronca nele. Dê a ele alguma coisa em que pensar. Mas vá, menina, o mais rápido que puder.”

Só mais tarde Mary se deu conta de que a situação tinha sido ao mesmo tempo engraçada e assustadora – a parte engraçada fora ver todos os adultos tão assustados que se viram forçados a pedir ajuda a uma menininha, por julgarem-na quase tão geniosa quanto o próprio Colin.

Mary saiu às pressas pelo corredor, e, quanto mais se aproximava do quarto, mais altos ficavam os gritos e mais irritada ela se sentia. Estava furiosa quando enfim chegou. Empurrou a porta com força e atravessou o cômodo como um raio até a cama de dossel.

“Pare com isso!”, ela quase gritou. “Pare com isso agora mesmo. Eu odeio você! Todo mundo odeia você! Eu queria que todo mundo fosse embora desta casa e deixasse você aí gritando sozinho até morrer! Você vai acabar mesmo morrendo de tanto berrar, e é melhor que seja assim!”

Uma criança boazinha e compreensiva não teria sido capaz de dizer nem de pensar esse tipo de insultos, porém o que aconteceu foi que o choque de ouvi-los acabou sendo exatamente aquilo de que o menino histérico que ninguém ousava disciplinar ou contrariar precisava.

Ele estava deitado de barriga para baixo, socando o travesseiro com as mãos, e praticamente deu um pulo de susto, e se voltou rapidamente para o lugar de onde vinha aquela vozinha. O rosto de Colin estava desfeito, branco, vermelho e inchado, e ele arfava e soluçava; mas a pequena e enfurecida Mary não dava a mínima.

“Se você gritar mais uma vez que seja”, disse ela, “eu também vou gritar. E eu consigo gritar muito mais alto. E você vai morrer de medo! Vai morrer de medo!”

Colin de fato tinha parado de chorar, de tão assustado. O grito que ainda queria sair pela garganta o fez engasgar. As lágrimas corriam por seu rosto e ele tremia inteiro.

“Não consigo parar!”, disse, arfando e soluçando. “Não consigo! Não consigo!”

“Consegue sim”, bradou Mary. “Metade dessa sua doença é culpa desse gênio terrível e dessa histeria. É só histeria, histeria e histeria”, e ela bateu o pé no chão.

“Eu senti o calombo, eu senti!”, engasgou-se Colin. “Eu sabia que isso ia acontecer. Vou ficar corcunda e depois vou morrer”, disse.

Começando a se contorcer de novo, ele enfiou a cabeça no travesseiro, mas não voltou a gritar.

“Você não sentiu calombo nenhum!”, desmentiu Mary, irritadíssima. “E se achou que sentiu foi só por causa dessa histeria. Ataques histéricos produzem falsos calombos. Isso não tem nada a ver com essas suas costas horríveis. É só histeria! Vire de costas que eu quero olhar!”

Mary gostava da palavra “histeria” e achava que ela causava, de alguma forma, um forte efeito em Colin. Assim como ela, ele provavelmente nunca tinha ouvido a palavra antes.

“Enfermeira, venha aqui agora mesmo me mostrar as costas dele!”, ordenou Mary.

A enfermeira, a sra. Medlock e Martha estavam plantadas perto da porta, observando a menina, estupefatas. Elas tinham perdido o ar mais de uma vez de tanto medo. A enfermeira se aproximou devagar, um pouco receosa. Colin respirava mal e ainda se engasgava com os soluços.

“Talvez ele não me deixe”, hesitou, falando em voz baixa.

Ainda assim Colin escutou e, entre soluços, gaguejou:

“Mo-mos-tra para ela! Mo-mos-tra para ela!”

As costas nuas do menino eram magras de dar pena. Dava para contar cada costela e cada vértebra da coluna, embora Mary não tenha feito isso. O que ela fez foi se curvar para dar uma olhada de

perto com sua carinha amarrada. Parecia tão emburrada e séria que a enfermeira chegou a virar o rosto para que Mary não visse que tinha os lábios tremendo. Por um minuto, o quarto ficou em silêncio, pois até mesmo Colin tentou prender a respiração para Mary examinar sua coluna de cima a baixo, com tanta atenção que parecia o próprio médico importante de Londres.

“Não tem nenhum calombo aqui!”, disse, por fim. “Não tem nenhum calombo nem do tamanho de um alfinete. O que tem aqui são os ossos da coluna, e só dá para senti-los porque você está magro. Eu também tinha esses ossos visíveis, tanto quanto os seus, até que comecei a engordar – e ainda não engordei o suficiente para que eles não apareçam. Não tem nenhum calombo aqui, nem do tamanho de um alfinete! Se você vier de novo com essa história, eu vou é cair na risada!”

Ninguém, exceto Colin, podia saber o efeito que as palavras daquela menina zangada teriam sobre ele. Se alguma vez tivesse tido alguém com quem conversar sobre seus medos secretos – se alguma vez tivesse tido coragem de perguntar a alguém –, se tivesse convivido com outras crianças e não ficasse o dia inteiro deitado, fechado naquela casa enorme, respirando uma atmosfera pesada de medo que emanava de pessoas em sua maioria ignorantes e cansadas dele, teria descoberto que a maior parte do seu terror e dos seus males tinha sido criada por ele mesmo. Mas Colin não tivera nada disso, tudo o que fazia era pensar em suas dores e fraquezas por horas, dias, meses e anos. E agora que uma menininha enfurecida e mal-humorada insistia que ele não estava tão doente quanto pensava, Colin sentia que aquilo podia simplesmente ser verdade.

“Eu não sabia que ele achava que tinha um calombo na coluna”, disse a enfermeira. “As costas dele são fracas porque ele nem tenta ficar sentado. Eu já podia ter dito que não tem calombo nenhum ali.”

Colin engoliu em seco e virou o rosto para olhar para ela.

“É-é-é mesmo?”, perguntou o menino, debilmente.

“Sim, senhor.”

“Tá vendo?”, disse Mary, engolindo em seco também.

Colin voltou a virar o rosto para o outro lado, e, se não fosse pela respiração entrecortada por conta da choradeira anterior, teria ficado completamente imóvel por um minuto, ainda que lágrimas espessas corressem por sua face e molhassem o travesseiro. Então ele se voltou para a enfermeira mais uma vez, e, embora aquilo fosse estranho, não parecia mais um rajá quando se dirigiu a ela.

“Você acha que eu poderia vingar?”, perguntou.

A enfermeira não tinha coração mole nem era tão inteligente, então apenas repetiu as palavras do médico de Londres.

“Acho que sim, se o senhor fizer o que tem que fazer e não se deixar levar pelo seu gênio ruim, e se passar mais tempo ao ar livre.”

Passado o chilique, Colin agora estava fraco e exausto de tanto chorar, e talvez por isso sentisse vontade de ser mais gentil. Ele estendeu a mão para Mary, e, para a alegria de todos, ela própria já tinha vencido seu ataque de fúria e se sentia mais afetuosa, então estendeu a mão de volta para o menino, para que fizessem as pazes.

“Eu... eu vou lá para fora com você, Mary”, disse ele. “Não vou ficar chateado de estar ao ar livre se a gente conseguir encontrar...” Então se lembrou, bem a tempo, de segurar a língua antes de dizer

“se a gente conseguir encontrar o jardim secreto”, e em vez disso falou: “Não vou ficar chateado de estar ao ar livre se a gente conseguir encontrar o Dickon para empurrar a minha cadeira. Quero muito conhecer o Dickon, e a raposa e o corvo dele.”

A enfermeira arrumou a cama revirada e afofou o travesseiro. Em seguida, preparou uma tigelinha de caldo de carne para Colin e outra para Mary, que ficou muito feliz de sossegar depois de tanta agitação. A sra. Medlock e Martha, aliviadas, foram embora de mansinho, e depois que estava tudo calmo e organizado a enfermeira começou a dar sinais de que adoraria sair de fininho também. Era uma moça jovem e saudável, que se ressentia de ter seu descanso comprometido e bocejava abertamente enquanto olhava para Mary, que a essa altura colocara seu banquinho perto da cama e segurava a mão de Colin.

“Você já pode voltar para a sua cama”, ela disse a Mary. “Ele já vai pegar no sono, se não estiver aborrecido demais. Aí eu também vou me deitar ali no quarto ao lado.”

“Você quer que eu cante aquela canção que aprendi com a minha aia?”, Mary sussurrou para Colin.

Colin apertou a mão da prima suavemente e olhou nos olhos dela com um ar agradecido.

“Quero sim!”, respondeu. “É uma canção tão suave. Assim vou dormir em um minuto.”

“Pode deixar que eu boto ele para dormir”, Mary disse para a enfermeira bocejante. “Pode ir deitar, se quiser.”

“Bom”, disse a enfermeira, tentando demonstrar relutância. “Se ele não dormir em meia hora, você me chama.”

“Tudo bem”, respondeu Mary.

A enfermeira logo saiu do quarto, e assim que ela se afastou Colin votou a puxar a mão de Mary.

“Eu quase contei o segredo”, disse, “mas parei bem a tempo. Não precisamos conversar agora, e prometo que vou dormir, mas você disse que tinha um monte de coisas interessantes para me contar. Você descobriu alguma coisa sobre como chegar ao jardim secreto?”

Mary olhou para o rosto cansado e os olhos inchados de Colin, e seu coração amoleceu.

“Si-sim”, respondeu. “Acho que sim. E se você dormir agora, amanhã eu conto.”

A mão de Colin estremeceu de leve.

“Ah, Mary”, disse ele. “Ah, Mary! Se eu conseguisse entrar lá, acho que teria vontade de viver até ficar adulto! Será que em vez da canção da aia você poderia me contar baixinho, que nem naquele primeiro dia, como você imagina que é lá dentro do jardim? Tenho certeza de que isso embalaria o meu sono.”

“Está bem”, respondeu Mary. “Feche os olhos.”

Ele então fechou os olhos e ficou quieto, e ela começou a falar baixinho.

“Acho que como o jardim ficou fechado por muito tempo, as plantas cresceram soltas e emaranhadas. Acho que as roseiras foram trepando e trepando até ficarem penduradas nos galhos das árvores e no muro, espalhando seus ramos pelo chão – quase como uma estranha névoa cinza. Algumas devem ter morrido, mas muitas ainda devem estar vivas, e, quando o verão chegar, vão formar cortinas e cascatas de rosas. Acho que o chão deve estar cheio de narcisos, fura-neves, lírios e íris trabalhando embaixo da terra. E agora que a primavera chegou, talvez, talvez...”

A voz suave de Mary deixava Colin cada vez mais relaxado e quieto. Ela percebeu e continuou.

“Talvez eles brotem no meio da grama... talvez até já tenha lá uma porção de crocos roxos e amarelos. Talvez as folhas estejam começando a aparecer e desabrochar, e talvez o cinza esteja se transformando num véu de gaze verde que aos poucos vai cobrindo tudo. E os passarinhos talvez estejam se aproximando para ver a transformação, porque tudo lá dentro é calmo e seguro. E talvez...”, ela acrescentou ainda mais suavemente, “o pisco tenha encontrado uma namorada e esteja construindo um ninho.”

E Colin adormeceu.

18. “NÓS NÃO TEM TEMPO A PERDER”

Claro que Mary não acordou cedo na manhã seguinte. Dormiu até mais tarde, porque estava cansada. Quando trouxe o café da manhã, Martha contou a ela que, embora Colin estivesse bastante tranquilo, ainda estava doente e com febre, como sempre acontecia depois de se desgastar tanto com um ataque de choro. Mary tomou seu café da manhã lentamente enquanto escutava.

“Ele pediu que ocê fosse no quarto dele assim que pudesse”, disse Martha. “É engraçado o quanto ele tem gosto pela senhorita. Ontem ocê deu uma lição no menino, não foi? Ninguém mais teria coragem. Eita, pobrezinho! Foi estragado de um jeito que nem tem como arrumar. A mãe sempre diz que as duas coisa mais pior que pode acontecer pra uma criança é que nunca façam a vontade dela ou que façam as suas vontade o tempo todo. Ela me disse que nem sabe o que é pior. Ocê também não tava de muito bom humor ontem. Mesmo assim, logo que entrei no quarto, o Colin me disse: ‘Por favor, você poderia pedir para a srta. Mary vir conversar comigo?’ Imagina só, esse menino pedindo por favor. Ocê vai até lá?”

“Primeiro vou correndo ver o Dickon”, disse Mary. “Não, primeiro vou avisar o Colin... já sei o que vou dizer a ele”, concluiu, após uma súbita inspiração.

Mary já estava de chapéu quando entrou no quarto de Colin, e, por um segundo, ele pareceu desapontado. Estava na cama, o rosto

branco de dar dó, com olheiras muito escuras.

“Que bom que você veio”, disse ele. “Estou com dor de cabeça e dores no corpo, e muito cansado. Aonde você vai?”

Mary se aproximou e se reclinou na cama.

“Não vou demorar”, disse. “Vou encontrar o Dickon, mas volto logo. Tem a ver com... com o jardim secreto.”

O rosto do menino se iluminou e ganhou até alguma cor.

“Ah, é mesmo?!”, exclamou ele. “Sonhei com isso a noite toda. Ouvi você dizer alguma coisa sobre o cinza estar se transformando em verde e sonhei que estava num lugar todo cheio de folhas verdes que balançavam ao vento – e havia passarinhos fazendo ninhos, e eles pareciam tão fofos e tranquilos. Vou ficar aqui pensando nisso até você voltar.”

Cinco minutos depois, Mary estava com Dickon no jardim. A raposinha e o corvo tinham vindo novamente, e, dessa vez, Dickon trouxera também dois esquilos bem mansos.

“Hoje eu vim montado no pônei”, disse ele. “Eita, é um bom camarada, o Galope. Eu trouxe esses dois aqui nos meus bolso. Esse aqui é o Casquinha e essa aqui é a Noz.”

Quando ele disse “Noz”, um dos esquilos pulou no seu ombro direito, e quando falou “Casquinha”, o outro pulou no esquerdo.

Ao se sentarem na grama, com Capitão enrolado a seus pés, Fuligem ouvindo do alto de uma árvore e Casquinha e Noz zanzando ali por perto, Mary sentiu que seria insuportável deixar aquele lugar, mas quando começou a contar a Dickon sobre a noite anterior, por alguma razão a expressão no rosto dele aos poucos a fez mudar de ideia. Mary se deu conta de que ele sentia mais pena de Colin do que ela. Ele olhava para o céu e para tudo em volta.

“Ouça esses passarinho... o mundo parece cheio deles, tudo cantando e trinando”, disse Dickon. “Olha eles voando pra lá e pra cá e conversando uns com os outro. Quando chega a primavera, parece que o mundo renasce. As folha vão aparecendo, e o cheiro é tão gostoso”, continuou ele, com o nariz arrebitado, farejando tudo. “E aquele coitado daquele menino lá fechado, vendo tão pouco que até imagina uns negócio que faz ele gritar. Eita, nós tem que tirar ele de lá, tem que trazer ele pra olhar, escutar e cheirar e tomar um bom banho de sol. E nós não tem tempo a perder.”

Quando estava muito empolgado, Dickon carregava ainda mais no sotaque de Yorkshire, embora em outros momentos tentasse moderar para que Mary entendesse melhor. Ela adorava o sotaque do amigo, e às vezes até tentava aprender a falar daquele jeito também. Então, arriscou-se um pouquinho.

“Eita, nós tem mesmo”, disse. “Vou contar procê o que nós vai fazer primeiro”, prosseguiu, e Dickon sorriu, porque quando aquela menininha tentava enrolar a língua para falar com o sotaque de Yorkshire era bem engraçado. “Ele tomou um baita gosto por ocê, quer conhecer ocê, o Capitão e o Fuligem. Quando voltar pra casa hoje, vou perguntar pro primo se ocê pode ir lá ver ele amanhã de manhã, com os bichinho. Então, daqui a um tiquinho, quando tiver mais folha aqui fora e alguns botão já estiver abrindo, a gente traz ele, e ocê pode empurrar a cadeira pra gente mostrar tudo pro Colin.”

Ao terminar de falar, Mary se sentia orgulhosa de si mesma. Nunca tinha feito um discurso tão comprido em pleno sotaque de Yorkshire, e achava que tinha se saído bastante bem.

“Oê tem que falar com esse sotaque com o sinhozinho Colin”, riu Dickon. “Pra ele dar umas risada, que não tem nada melhor que dar risada quando a gente tá doente. A mãe diz que uma meia hora de risada toda manhã cura até febre tifoide.”

“Vou falar desse jeito com ele hoje mesmo”, disse Mary, rindo também.

O jardim chegara àquele ponto em que, todos os dias e todas as noites, parecia receber mágicos que faziam as plantas brotarem da terra e os botões dos galhos. Para Mary, era difícil ir embora e deixar tudo aquilo para trás, especialmente agora que Noz tinha subido no seu vestido e Casquinha descera pelo tronco da macieira sob a qual estavam sentados, encarando-a com olhos curiosos. Mas Mary voltou para casa, e quando se sentou ao lado da cama de Colin, ele começou a farejar o ar como Dickon fazia, só que de um jeito menos experiente.

“Você está com cheiro de flores e coisas frescas!”, exclamou, contente. “Do que é esse cheiro? É suave e quentinho e doce, tudo ao mesmo tempo.”

“Eita, é o vento da charneca”, disse Mary. “É que eu tava sentada ali na grama, debaixo de uma macieira, mais o Dickon, o Capitão, o Fuligem, a Noz e o Casquinha. Tamos na primavera, e o sol e o ar fresco têm esse cheiro pra lá de bom.”

Ela fez o possível para imitar o sotaque caipira de Yorkshire – e só quem já o ouviu sabe como ele é diferente.

“O que é isso?”, perguntou Colin. “Nunca ouvi você falar assim antes. Que engraçado!”

“Tô tentando imitar o sotaque de Yorkshire procê”, respondeu Mary, triunfante. “Não consigo tão cantado quanto a Martha ou o

Dickon, mas tô tentando. Ocê não entende Yorkshire, amigo? Logo ocê, nascido e criado aqui! Eita, que não tem vergonha nessa cara!”

E então Mary começou a rir também, e os dois riram tanto que não conseguiam mais parar, e riram tanto que a sra. Medlock, que ia abrir a porta do quarto, voltou para o corredor e ficou esperando, espantada.

“Eita, que coisa!”, disse Mary, falando de novo com sotaque, porque não havia ninguém ali que pudesse ouvi-la e porque estava adorando. “Quem já ouviu uma coisa dessa! Quem podia imaginar uma coisa dessa!”

Havia tanto para contar. Era como se Colin não se cansasse jamais de ouvir sobre Dickon e sobre Capitão, Fuligem, Noz, Casquinha e o pônei, que se chamava Galope. Mary dera uma escapadinha até a mata com Dickon para ver Galope – o pequeno pônei desganhado da charneca, com uma crina espessa caindo sobre os olhos, um rosto bonito e um focinho que parecia de veludo. O bicho era meio magro, vivendo só da grama da charneca, mas era forte e rijo como se tivesse as pernas feitas de aço. Assim que viu o menino, levantou a cabeça e relinchou baixinho, e veio trotando até ele e pousou a cabeça em seu peito. Dickon falou alguma coisa no ouvido do pônei, e Galope pareceu responder com seus relinchos esquisitos e bufos. Então Dickon fez o animal oferecer o casco a Mary à guisa de cumprimento e dar um beijo nela com seu focinho de veludo.

“Ele entende mesmo o que o Dickon fala?”, perguntou Colin.

“Acho que sim”, respondeu Mary. “O Dickon me disse que todos os bichos entendem, se você fizer amizade *de verdade*, mas tem que ser de verdade mesmo.”

Colin ficou deitado em silêncio por um momento, e seus estranhos olhos cinzentos pareciam fixos na parede, mas Mary sabia que ele estava muito mais longe.

“Eu queria ser amigo dos bichos”, disse ele, por fim, “mas não sou. Nunca tive um amigo e não suporto as pessoas.”

“Você não me suporta?”, perguntou Mary.

“Claro que sim”, respondeu. “Chega a ser engraçado, mas eu até gosto de você.”

“O Ben Weatherstaff disse que eu sou como ele”, contou Mary. “Falou que era capaz de apostar que nós dois temos o mesmo tipo de temperamento ruim. E eu acho que você também tem. Nós três somos parecidos: eu, você e o Ben Weatherstaff. Ele disse que nenhum de nós é muito bonito e que estamos sempre tão azedos quanto parecemos. Mas eu não me sinto mais tão azeda quanto era antes de conhecer o pisco e o Dickon.”

“Você odiava as pessoas?”

“Odiava”, respondeu Mary, sem qualquer afetação. “Acho que teria detestado você se tivéssemos nos conhecido antes de eu conhecer o pisco e o Dickon.”

Colin estendeu sua mão magra e tocou a prima.

“Mary, eu queria não ter dito aquilo sobre mandar o Dickon embora. Fiquei com ódio quando você disse que ele era um anjo e zombei... mas talvez ele seja mesmo.”

“Bom, foi meio engraçado mesmo o que eu disse”, admitiu ela, francamente, “porque o Dickon tem um nariz arrebitado e uma boca enorme, usa roupas cheias de remendos, fala com um baíta sotaque caipira e vive na charneca. Mas, sabe, se existisse um anjo em Yorkshire, acho que ele entenderia as plantas, e saberia como

fazê-las crescer, e saberia como falar com as criaturas selvagens, exatamente como o Dickon faz, e os animais e as plantas saberiam que aquele anjo não faria mal a eles.”

“Acho que eu não me importaria se o Dickon olhasse para mim”, disse Colin. “Quero conhecê-lo.”

“Que bom que você disse isso”, respondeu Mary. “Porque...”

De repente, ela percebeu que aquele era o momento de contar para Colin. E ele sabia que alguma coisa nova estava para acontecer.

“Por quê?”, exclamou ele, ansioso.

Mary estava tão empolgada que se levantou do banquinho e chegou mais perto de Colin, pegando uma de suas mãos.

“Posso confiar em você? Confiei no Dickon porque até os passarinhos confiam nele. Mas posso confiar em você? De verdade?”, implorou.

O rosto de Mary tinha uma expressão tão solene que Colin quase sussurrou a resposta.

“Pode! Pode!”

“Bom, o Dickon vai vir aqui amanhã de manhã e vai trazer os bichos dele.”

“Que bom!”, exclamou Colin, alegre.

“E isso não é tudo”, continuou Mary, quase pálida de tanta seriedade e empolgação. “O resto é ainda melhor. Existe uma porta para o jardim. Eu a encontrei. Ela fica embaixo da trepadeira do muro.”

Se Colin fosse um menino saudável e forte, provavelmente teria gritado “Viva!”, mas como era um menino fraco e histérico seus olhos foram se arregalando e ele perdeu o fôlego.

“Ah, Mary”, exclamou, quase num soluço. “Eu posso vê-lo? Posso entrar lá? Será que vou viver o suficiente para isso?”, perguntou, apertando as mãos de Mary e puxando-a para perto de si.

“Claro que sim!”, respondeu Mary, indignada. “Claro que você vai viver o suficiente! Não fale bobagem!”

Disse isso de um jeito tão sereno, natural e infantil que fez Colin cair em si e rir da situação. Alguns minutos depois, Mary já estava sentada no banquinho mais uma vez, contando ao primo não mais como imaginava que era o jardim secreto, mas como ele de fato era, e Colin esqueceu as dores e o cansaço enquanto ouvia tudo, extasiado.

“Ele é exatamente como você imaginou que seria”, disse o menino, por fim. “É como se você já tivesse visto o jardim antes. Lembra que eu disse isso da primeira vez que você me contou?”

Mary hesitou por um momento, mas enfim tomou coragem para falar a verdade.

“Eu já tinha visto... e já tinha estado lá”, disse. “Encontrei a chave e entrei lá faz algumas semanas. Mas não tive coragem de contar, porque estava com medo e não sabia se podia confiar *de verdade* em você.”

19. “ELA CHEGOU!”

É claro que o dr. Craven foi chamado na manhã seguinte ao ataque de Colin. O médico sempre era convocado imediatamente quando algo assim ocorria e, via de regra, ao chegar à casa, encontrava um menino pálido e trêmulo deitado na cama, amuado e ainda tão histérico que podia recomeçar a chorar por qualquer coisinha que fosse. Na verdade, o dr. Craven tinha pavor dessas visitas, e detestava as dificuldades que às vezes tinha de enfrentar. Naquele dia, ele só conseguiu chegar à Mansão Misselthwaite à tarde.

“Como ele está?”, perguntou à sra. Medlock, já irritado ao entrar na casa. “Qualquer hora dessas ele ainda vai romper uma veia de tanto berrar. Esse menino é tão histérico e mimado que beira a loucura.”

“Bom”, respondeu a sra. Medlock, “o senhor nem vai acreditar quando encontrá-lo. É que aquela menininha feiosa que é quase tão mimada quanto ele simplesmente enfeitiçou o garoto. Como ela conseguiu é um mistério. Deus sabe que ela não tem uma aparência das mais favoráveis, e quase não fala nada, mas ela fez o que nenhum de nós teve coragem de fazer. Ontem à noite, ela avançou para cima dele como uma gatinha feroz, bateu o pé e mandou que ele parasse de berrar. Não me pergunte como, mas ela deixou o menino tão assustado que ele realmente parou. E agora de tarde... Bom, venha ver o senhor mesmo. Nem dá para acreditar.”

A cena com que o dr. Craven deparou ao entrar no quarto de seu paciente foi mesmo de espantar. Assim que a sra. Medlock abriu a porta, o médico ouviu conversas e risadas. Colin estava no sofá, de roupão, sentado com as costas bastante eretas, olhando para uma gravura de um dos livros de jardinagem e conversando com a menininha feiosa, que naquele momento nem podia ser chamada desse jeito, porque seu rosto brilhava de alegria.

“Essas de hastes compridas que dão flor azul... vamos ter várias delas!”, dizia Colin. “Elas se chamam del-fí-ni-os.”

“O Dickon diz que elas se chamam esporinhas, e que ficam altas e floridas”, exclamou Mary. “Já tem algumas delas por lá.”

Então eles viram o dr. Craven e pararam de falar. Mary ficou completamente imóvel e Colin, agitado.

“Sinto muito que você tenha ficado doente ontem à noite, meu rapaz”, disse o dr. Craven, de um jeito meio nervoso. Ele era de fato um homem nervoso.

“Estou melhor agora, bem melhor”, respondeu Colin, no seu tom de rajá. “Amanhã ou depois pretendo dar uma volta lá fora na minha cadeira, se o tempo estiver bom. Preciso tomar ar fresco.”

O dr. Craven se sentou ao lado de Colin para aferir o pulso do menino, e olhou para ele com curiosidade.

“O tempo tem que estar muito bom”, disse, “e você precisa tomar cuidado para não se cansar.”

“Tomar ar fresco não vai me deixar cansado”, respondeu o jovem rajá.

Como em outras ocasiões esse mesmo juvenzinho havia gritado com fúria, insistindo que o ar fresco o faria pegar um resfriado e

acabaria por matá-lo, não era sem motivo que o médico estava espantado.

“Pensei que você não gostasse de tomar ar fresco”, disse.

“Não gosto quando estou sozinho”, respondeu o rajá, “mas a minha prima vai comigo.”

“E a enfermeira também, não é?”, sugeriu o médico.

“Não, sem enfermeira”, disse o menino, tão imperiosamente que Mary se lembrou na mesma hora do jovem príncipe indiano coberto de diamantes, esmeraldas e pérolas, com grandes rubis enfeitando a mãozinha escura com a qual gesticulava para os criados, ordenando com salamaleques que se aproximassem para receber suas ordens.

“A minha prima sabe cuidar de mim. Sempre fico melhor quando ela está comigo. Ela me ajudou ontem à noite. Um garoto forte que eu conheço vai empurrar a minha cadeira.”

O dr. Craven ficou um pouco alarmado. Se o menino histérico e mimado resolvesse melhorar, ele perderia qualquer chance de um dia herdar Misselthwaite; mas, embora fosse fraco, não era um homem inescrupuloso, e não queria ver o menino correr nenhum risco de verdade.

“Tem que ser um garoto forte e ajuizado”, disse o médico. “E eu tenho que saber um pouco sobre ele. Quem é ele? Como se chama?”

“É o Dickon”, disse Mary, num rompante. Achava que todo mundo na charneca o conhecia, e estava certa. Mary percebeu que o rosto do dr. Craven relaxou e esboçou um sorriso.

“Ah, o Dickon”, disse ele. “Se é o Dickon, você vai estar em segurança. Ele é forte que nem um pônei selvagem.”

“E é confiável”, completou Mary. “Não tem um menino em Yorkshire que nós confia mais.” Tinha ficado brincando de imitar o

sotaque local e esqueceu que não devia mais falar assim.

“Foi o Dickon que ensinou você a falar desse jeito?”, perguntou o dr. Craven, rindo.

“Estou aprendendo como se fosse francês”, disse Mary, com frieza. “É como os dialetos locais na Índia. Mesmo pessoas muito inteligentes tentam aprendê-los. Eu gosto desse sotaque e o Colin também.”

“Bom”, disse o médico. “Se acham divertido, mal não vai fazer. Você tomou seu remédio para dormir ontem, Colin?”

“Não”, respondeu o menino. “Primeiro eu não queria tomar, depois a Mary me acalmou e conversou comigo, numa voz bem baixinha, sobre a chegada da primavera nos jardins.”

“Isso parece relaxante”, disse o dr. Craven, mais perplexo do que nunca, e olhando de soslaio para Mary, que estava sentada em seu banquinho olhando para o tapete. “Você sem dúvida está melhor, mas precisa lembrar...”

“Não quero lembrar”, interrompeu o rajá. “Quando me deito e fico lembrando, sinto dores por todo o corpo, e penso em coisas que me fazem querer gritar de tanto ódio que tenho delas. Se existisse um médico em algum lugar que pudesse me fazer esquecer que estou doente em vez de ficar me lembrando disso o tempo todo, eu gostaria de ter uma consulta com ele.” E fez um gesto com a mão magra, que bem poderia estar coberta de anéis com sinetes reais feitos de rubi. “Minha prima tem me ajudado a melhorar porque me faz esquecer.”

O dr. Craven nunca tinha feito uma visita médica tão rápida depois de um ataque de Colin; normalmente precisava ficar um bom tempo na mansão e tomar várias providências. Naquela tarde,

porém, não prescreveu nenhum remédio, não deu novas ordens e não teve de assistir a nenhuma cena desagradável. Desceu as escadas pensativo, e quando falou com a sra. Medlock na biblioteca ela teve a impressão de que ele parecia bastante confuso.

“E então, senhor, não é inacreditável?”, ela se arriscou a perguntar.

“Com certeza as coisas mudaram por aqui”, disse o médico. “E não há como negar que para melhor.”

“Acho que a Susan Sowerby tem mesmo razão”, disse a sra. Medlock. “Parei na casa dela ontem a caminho de Thwaite e conversamos um pouco. Ela me disse: ‘Olha, Sarah Ann, ela pode não ser muito boazinha, nem bonita, mas é uma criança, e criança precisa de criança.’ Nós fomos colegas de escola, eu e a Susan Sowerby.”

“Ela é a melhor enfermeira que eu conheço”, disse o dr. Craven. “Quando a encontro em uma casa, sei que as chances de salvar o meu paciente são bem maiores.”

A sra. Medlock sorriu. Ela gostava muito de Susan Sowerby.

“Ela tem um jeito especial, a Susan”, continuou, animadamente. “Eu passei a manhã inteira pensando em algo que ela me disse ontem. Ela falou assim: ‘Uma vez, eu tava dando um sermão numas criança porque elas tava brigando, e aí eu disse: «Quando eu tava na escola, o meu professor de geografia disse que o mundo era da forma de uma laranja, e antes mesmo de fazer dez ano eu já sabia que ninguém é dono da laranja inteira. Ninguém tem mais do que o seu pedaço, e às vez até pode parecer que nem tem gomo pra todo mundo. Mas não vão pensando que ocês são dono da laranja inteira, ou vão acabar descobrindo que não é bem assim, quando levar umas

bordoadada da vida.» O que as criança aprende com as outra criança’, ela disse, ‘é que é melhor não agarrar a laranja inteira, com casca e tudo. Se fizer isso, é capaz de depois não ficar nem com os caroço, que é amargo demais pra comer.’”

“Ela é uma mulher muito sensata”, disse o dr. Craven, vestindo o casaco.

“Bom, ela tem um jeito interessante de falar sobre as coisas”, finalizou a sra. Medlock, muito satisfeita. “Às vezes eu digo: ‘Susan, se você fosse uma mulher diferente e não tivesse um sotaque tão caipira, eu já teria dito muitas vezes que você é inteligente.’”

NAQUELA NOITE, Colin não acordou nenhuma vez durante o sono e, quando abriu os olhos de manhã, sorriu sem nem perceber, porque se sentia curiosamente confortável. Na verdade, estava alegre de acordar, então esticou o corpo com vontade. Sentia-se como se as cordas que o atavam tivessem se soltado e o deixado livre. O dr. Craven provavelmente diria que seus nervos tinham relaxado e descansado. Em vez de ficar deitado olhando para a parede, desejando não ter acordado, sua mente estava tomada pelos planos que ele e Mary haviam feito no dia anterior, de ver ilustrações nos livros de jardinagem e de conhecer Dickon e suas criaturas selvagens. Era tão bom ter coisas em que pensar. Não fazia nem dez minutos que tinha acordado quando Colin ouviu passos no corredor e viu Mary na porta. No minuto seguinte ela já estava do lado da cama dele, trazendo uma lufada de ar fresco cheia de aromas da manhã.

“Você estava lá fora! Estou sentindo um cheiro gostoso de folhas!”, exclamou ele.

Mary estivera correndo e tinha o cabelo solto e despenteado, o rosto corado. Sentia-se revigorada pelo ar fresco, embora isso Colin não pudesse ver.

“Está tão lindo lá fora”, disse ela, quase sem fôlego de tanto correr. “Nunca vi nada tão lindo! Ela *chegou*! Achei que já tivesse chegado naquela outra manhã, mas ainda não. Agora é que ela chegou, a primavera! Foi o que o Dickon me disse!”

“É mesmo?”, exclamou Colin, e ainda que não entendesse nada daquilo podia sentir o coração batendo forte e sentou-se na cama. “Abra a janela!”, acrescentou, rindo não só de alegria e entusiasmo, mas também daquele seu desejo súbito. “Talvez a gente escute umas trombetas tocando!”

Embora o primo tenha dito isso de brincadeira, Mary correu para a janela na mesma hora, e, no segundo seguinte, já tinha aberto os vidros, deixando o frescor, os aromas e o canto dos pássaros entrar.

“Isso é que é ar fresco”, disse. “Deite-se de costas e respire fundo. É o que o Dickon faz quando está na charneca. Ele diz que consegue sentir o ar nas veias e que isso o deixa mais forte, e ele se sente como se pudesse viver para sempre. Respire, respire.”

Estava apenas repetindo o que Dickon dissera, mas aquilo despertou o interesse de Colin.

“‘Viver para sempre!’ Ele se sente assim?”, perguntou o menino, e fez como ela mandava, respirando fundo até sentir algo completamente novo e maravilhoso acontecendo com ele.

Mary voltou para perto da cama.

“Tem um monte de coisas brotando da terra”, contou, apressada. “Tem flores desabrochando, botões por todo lado, e o véu verde já cobriu quase tudo que era cinza. Os pássaros estão com tanta pressa

de terminar os ninhos, com medo de que seja tarde demais, que alguns estão até disputando lugar no jardim secreto. E as roseiras estão fagueiras que só, as prímulas estão por toda parte e as sementes que nós plantamos brotaram. O Dickon trouxe a raposinha, o corvo, os esquilos e até um carneirinho recém-nascido.”

Então Mary parou para tomar fôlego. O carneirinho recém-nascido tinha sido encontrado por Dickon três dias antes, deitado ao lado da mãe morta, entre os arbustos de tojo da charneca. Não era o primeiro bichinho órfão que ele encontrava, e já sabia o que fazer. Levou o carneirinho para casa, embrulhado na jaqueta, colocou o filhote deitado ao lado do fogo e deu a ele leite quente. Era um animal fofinho com uma carinha adorável e pernas que pareciam longas demais para o corpo. Dickon o levava pela charneca nos braços, e em seu bolso, junto com um dos esquilos, colocava também a mamadeira do bicho. Quando Mary se sentou embaixo de uma árvore com aquele carneirinho quentinho no colo, sentiu-se tão feliz que não conseguia nem falar. Um carneirinho! Um carneirinho vivo deitado em seu colo que nem um bebê!

Quando a enfermeira entrou no quarto, Mary descrevia a cena alegremente para Colin, que ouvia e respirava fundo. Ao ver a janela aberta, a enfermeira teve um sobressalto. Já tinha passado muitos dias abafada naquele quarto porque o menino achava que janelas abertas provocavam resfriados.

“Tem certeza de que não está com frio, sr. Colin?”, perguntou.

“Está tudo bem”, respondeu ele. “Estou respirando bem fundo o ar fresco que vem lá de fora. Ele faz a gente ficar forte. Vou tomar o café da manhã no sofá e minha prima vai comer comigo.”

Escondendo um sorriso, a enfermeira saiu para pedir o café da manhã dos dois. Achava o refeitório dos empregados muito mais divertido do que o quarto de seu paciente inválido, e, quando chegou lá, todo mundo queria saber as novidades do andar de cima. Os criados fizeram muitas piadas com o impopular jovem recluso, que, de acordo com o cozinheiro, “tinha finalmente encontrado quem lhe desse ordens, e era muito bem feito pra ele”. Os empregados já estavam fartos dos ataques de Colin, e o mordomo, que era pai de família, tinha dito mais de uma vez que o garoto ficaria melhor “depois de uma boa coça”.

Quando já estava no sofá e o café já tinha sido servido, Colin anunciou à enfermeira em seu tom de rajá:

“Um menino, uma raposa, um corvo, dois esquilos e um carneirinho recém-nascido vêm me visitar agora pela manhã. Quero que eles sejam trazidos ao meu quarto assim que chegarem”, disse. “Não quero ninguém brincando com os animais no refeitório, quero que eles subam na mesma hora.”

A enfermeira engasgou de leve e tentou disfarçar com uma tosse.

“Sim, senhor”, respondeu.

“Vou lhe dizer o que você pode fazer”, acrescentou Colin, gesticulando com a mão. “Diga a Martha para trazê-los aqui. O menino é irmão dela. Ele se chama Dickon e é um encantador de animais.”

“Espero que os animais não mordam, sr. Colin”, disse a enfermeira.

“Eu já não disse que ele é um encantador de animais?”, retorquiu Colin, firme. “Encantadores de animais nunca são mordidos.”

“Há encantadores de serpentes na Índia que colocam a cabeça da cobra dentro da boca”, disse Mary.

“Santo Deus!”, exclamou a enfermeira, tremendo.

As crianças tomaram o café da manhã com o ar fresco soprando pela janela. A refeição de Colin tinha sido reforçada, e Mary observou o primo com bastante interesse.

“Você vai começar a engordar, que nem aconteceu comigo”, disse. “Eu nunca queria tomar o café da manhã quando morava na Índia, e agora quero sempre.”

“Eu hoje fiquei com vontade”, disse Colin. “Talvez tenha sido o ar fresco. Quando você acha que o Dickon vai chegar?”

Ele não demorou muito. Cerca de dez minutos depois, Mary levantou a cabeça.

“Escute!”, disse. “Ouvii um grasnado?”

Colin apurou os ouvidos e escutou aquele barulho tão estranho de se ouvir dentro de uma casa.

“Ouvi sim”, respondeu ele.

“É o Fuligem”, disse Mary. “Escute de novo! Consegue ouvir um balido, bem baixinho?”

“Sim!”, exclamou Colin, corando de satisfação.

“É o carneirinho recém-nascido”, disse Mary. “Ele está chegando.”

As botas que Dickon usava para caminhar na charneca eram grossas e desajeitadas, e, embora ele tentasse andar sem fazer barulho, seus passos ecoavam pelos longos corredores. Mary e Colin foram acompanhando sua marcha até que ele passou pela porta com a tapeçaria e avançou pelo tapete macio que levava ao corredor de Colin.

“Com licença, sinhozinho”, anunciou Martha, abrindo a porta. “Com licença, aqui tão o Dickon e os bicho.”

Dickon entrou com um sorriso enorme. Trazia o filhote de carneirinho nos braços e a raposinha avermelhada trotando a seu lado. Noz estava sentada em seu ombro esquerdo, e Fuligem no direito, e a cabecinha de Casquinha aparecia saindo do bolso de seu casaco.

Colin se desencostou lentamente da almofada e ficou olhando de olhos arregalados para a cena – como tinha feito da primeira vez que vira Mary; porém, agora seu olhar era de deslumbramento e prazer. A verdade é que, apesar de tudo que tinha ouvido, ele não fazia a menor ideia de como devia ser aquele menino, e não imaginava que a raposa, o corvo, os esquilos e o carneirinho fossem tão amigos dele que quase parecessem fazer parte do seu corpo. Colin nunca tinha falado com outro menino na vida, e estava tão satisfeito e cheio de curiosidade que nem pensou em dizer nada.

Dickon, porém, não ficou tímido nem envergonhado. Não se sentira acanhado quando o corvo, por não falar a sua língua, ficara olhando para ele sem dizer absolutamente nada na ocasião em que se conheceram. Os animais eram sempre assim, até conhecerem as pessoas de verdade. Dickon caminhou até o sofá de Colin e colocou o carneirinho tranquilamente em seu colo. A criatura imediatamente se aninhou no veludo do roupão e começou a enfiar o nariz nas dobras do tecido e dar suaves cabeçadinhas de impaciência na barriga de Colin. Claro que, nessa hora, o menino se viu obrigado a falar.

“O que ele está fazendo?”, exclamou. “O que ele quer?”

“Ele quer a mãe dele”, respondeu Dickon, sorrindo cada vez mais. “Eu trouxe ele aqui assim famintinho porque achei que o sinhozinho ia gostar de ver ele mamar.”

Dickon se ajoelhou ao lado do sofá e tirou a mamadeira do bolso.

“Aqui, pequeno”, disse Dickon, virando a cabeça branca e lanosa do bichinho com a mão queimada de sol. “É isso aqui que ocê tá procurando. Vai sair mais leite aqui do que dessa roupa de veludo. Aqui, isso mesmo”, prosseguiu ele, e empurrou o bico da mamadeira na boquinha faminta – e logo o carneirinho começou a sugar com voracidade.

Depois disso, não faltou assunto. Quando o carneirinho dormiu, as crianças cobriram Dickon de perguntas e ele respondeu a cada uma delas. Contou que tinha encontrado o carneirinho três dias antes, quando o sol estava começando a surgir. Ele estava na charneca, ouvindo o canto de uma cotovia e observando-a voar cada vez mais alto, até que não fosse mais do que um pontinho no céu azul.

“Eu já tinha quase perdido ela de vista, mas ainda conseguia escutar o canto, e tava me perguntando como é que era possível que ainda estivesse ouvindo, se parecia que ela tinha sumido do mundo. Aí escutei uma outra coisa, mais longe, no meio dos arbusto de tojo. Era um balidinho, e ali já soube que era um filhotinho com fome que tinha perdido a mãe, então saí atrás dele. Eita! Deu trabalho pra procurar. Entrei e saí de um monte de arbusto e dei um monte de volta e sempre parecia que tava indo pro lugar errado. Mas então vi uma coisa branquinha perto de uma pedra no alto da charneca e subi lá e encontrei o filhote quase morto de frio e de fome.”

Enquanto Dickon falava, Fuligem voava para dentro e para fora do quarto pela janela aberta e grasnava comentários sobre a paisagem, enquanto Noz e Casquinha corriam pelas enormes árvores do lado de fora e percorriam os troncos, explorando os galhos. Capitão estava enrodilhado perto de Dickon, que tinha se sentado no tapete em frente à lareira.

Os três viram juntos os livros de jardinagem. Dickon conhecia todas as flores pelos seus nomes populares, e sabia exatamente quais estavam brotando no jardim secreto.

“Nem sabia desse nome aí”, disse Dickon, apontando para uma ilustração cuja legenda dizia “aquilégia”. “Nós chamamo essa aí de erva-pombinha, e aquela ali é boca-de-leão, e as duas cresce que nem mato nos campo, mas tem de jardim também, daí são maior e mais bonita. Tem uma porção de erva-pombinha no jardim. Elas vai ficar parecendo um monte de borboleta azul e branca quando tiver florido.”

“E eu vou lá vê-las!”, gritou Colin. “Eu vou lá vê-las!”

“Oê vai mesmo!”, disse Mary, séria. “E nós não tem tempo a perder.”

20. “EU VOU VIVER PARA SEMPRE!”

As crianças foram obrigadas a esperar mais de uma semana, primeiro porque os dias ficaram muito ventosos, e depois porque Colin pegou um resfriado. Em circunstâncias normais essas duas coisas, acontecendo uma depois da outra, teriam sem dúvida levado o menino a um ataque de fúria, mas ele agora estava ocupado demais fazendo planos misteriosos e cheios de detalhes e recebendo Dickon todos os dias, mesmo que apenas por alguns minutos, para falar sobre o que estava acontecendo na charneca, nas trilhas, nos barrancos e nas margens dos riachos. As coisas que Dickon vinha contar sobre casas de lontras, texugos e ratos-d’água, sem falar em ninhos de passarinhos e tocas de ratos silvestres, eram suficientes para fazer qualquer criança ficar trêmula de entusiasmo com os mais íntimos detalhes de um encantador de animais e se dar conta de com quanta avidez e ansiedade todo o mundo subterrâneo estava trabalhando.

“Eles são que nem a gente”, disse Dickon, “só que têm que construir as casa todos os ano. E eles ficam tão ocupado com isso que têm trabalho de montão.”

O mais empolgante, porém, eram os preparativos para que Colin pudesse ser transportado com discrição suficiente até o jardim. Ninguém devia ver nem a cadeira de rodas, nem Dickon, nem Mary, quando eles virassem em determinado ponto da trilha para entrar no caminho das trepadeiras. Conforme os dias passavam,

Colin ia ficando cada vez mais convencido de que um dos maiores encantos do jardim era o fato de ele ser secreto. Nada podia estragar isso. Ninguém jamais poderia suspeitar que eles tinham um segredo. As pessoas deveriam apenas pensar que Colin estava tomando ar fresco com Mary e Dickon porque gostava deles, e porque não se importava que as duas crianças olhassem para ele. Os três tinham longas e prazerosas conversas sobre a melhor rota a tomar. Iriam por esse caminho, depois desceriam por outro, cruzariam um terceiro e contornariam os canteiros de plantas em volta do chafariz como se estivessem admirando as novas mudas que o chefe dos jardineiros, o sr. Roach, tinha plantado. Isso pareceria tão normal que ninguém acharia misterioso. Eles então se embrenhariam pelas trilhas dos arbustos e sumiriam de vista até chegar ao caminho em frente ao longo muro. O plano era quase tão sério e elaborado quanto as marchas de soldados organizadas pelos generais em tempos de guerra.

Rumores sobre coisas novas e curiosas que estavam acontecendo no quarto do menino doente já tinham se espalhado do refeitório dos empregados para os estábulos e jardins. Mas, mesmo assim, o sr. Roach ficou bastante surpreso quando, certo dia, recebeu ordens vindas do sr. Colin de se apresentar ao menino – ou seja, de ir àquele quarto aonde nenhuma pessoa de fora jamais havia ido –, porque este desejava lhe falar.

“Ora, ora”, disse o sr. Roach para si mesmo, enquanto trocava rapidamente de casaco. “O que será que ele quer? Sua Alteza Real, a quem ninguém pode olhar, chamando um criado que nunca viu na vida?”

Mas ele estava curioso. Nunca tinha visto o menino, nem sequer de longe, apenas ouvira uma dezena de histórias exageradas sobre seu estranho aspecto físico e seu mau gênio. O que mais se repetia nas histórias era que o menino podia morrer a qualquer momento, e havia ainda muitas fofocas fantasiosas sobre suas costas corcundas e seus braços e pernas inúteis, espalhadas por gente que jamais o tinha visto.

“As coisas estão mudando nesta casa, sr. Roach”, disse a sra. Medlock, ao guiá-lo pelas escadarias até o corredor que dava para o misterioso quarto.

“Tomara que seja para melhor, sra. Medlock”, respondeu o jardineiro.

“Elas dificilmente poderiam piorar”, continuou a governanta. “E, por mais estranho que seja, tem algumas pessoas achando que suas tarefas ficaram bem fáceis ultimamente. Espero que não se surpreenda, sr. Roach, de se perceber no meio de um zoológico e encontrar o irmão da Martha Sowerby, o Dickon, mais à vontade do que qualquer um de nós aqui dentro.”

Havia realmente certa Mágica em Dickon, como Mary no fundo sempre acreditara. Ao ouvir o nome do menino, o sr. Roach sorriu com surpreendente suavidade.

“Aquele lá estaria em casa no Palácio de Buckingham ou no fundo de uma mina de carvão”, disse. “E não é que seja folgado. Mas é um menino que está tranquilo na vida, aquele.”

Se não tivesse sido preparado, o sr. Roach acabaria levando um grande susto. Quando a porta do quarto se abriu, um corvo enorme, que parecia muito à vontade empoleirado no encosto de uma cadeira de madeira trabalhada, foi quem deu as boas-vindas,

grasnando alto. Apesar do alerta da sra. Medlock, foi por um triz que o sr. Roach escapou do vexame de dar um pulo para trás.

O jovem rajá não estava na cama nem no sofá, mas numa poltrona. Ao lado dela, repousava um carneirinho, que balançava o rabo satisfeito enquanto Dickon, ajoelhado, lhe dava leite da mamadeira. A menina da Índia, sentada num banquinho, observava a cena.

“Aqui está o sr. Roach”, disse a sra. Medlock, dirigindo-se a Colin.

O jovem rajá se virou e observou o criado de cima a baixo – ou pelo menos foi o que o sr. Roach pensou que ele fez.

“Ah, então você é o Roach?”, disse Colin. “Chamei você para dar algumas ordens importantes.”

“Muito bem, senhor”, respondeu o sr. Roach, perguntando-se se receberia instruções para derrubar todos os carvalhos do parque ou para transformar os pomares em jardins de plantas aquáticas.

“Vou sair esta tarde”, disse Colin. “E, se o tempo ajudar, devo fazer isso todos os dias a partir de agora. Quando eu estiver lá fora, nenhum dos jardineiros deve se aproximar da grande trilha que corre pelo lado dos muros. Não deve haver ninguém por perto. Pretendo ir às duas horas da tarde, e, nesse período, todos devem se afastar até receber ordens de voltar ao trabalho.”

“Tudo bem, senhor”, respondeu o sr. Roach, aliviado de saber que os carvalhos podiam ficar onde estavam e que o pomar estava a salvo.

“Mary”, disse Colin, voltando-se para a prima, “como é aquela frase que dizem na Índia quando um assunto está encerrado e a pessoa pode ir embora?”

“Eles dizem: ‘Você tem minha permissão para sair’”, respondeu Mary.

O rajá fez um gesto com a mão.

“Você tem minha permissão para sair, Roach”, disse. “Mas, lembre-se, isso tudo é muito importante.”

“Crau-crau”, observou o corvo, em seu tom áspero, porém nada ríspido.

“Muito bem, senhor. Obrigado, senhor”, disse o sr. Roach, enquanto a sra. Medlock o levava para fora do quarto.

Já no corredor, sendo um homem bem-humorado, o sr. Roach sorriu e quase deixou escapar uma risada.

“Por Deus!”, disse. “Ele tem um jeito de lorde, não é? Esse aí não tem só o rei na barriga, tem a família real inteira e mais o príncipe consorte.”

“Pois é”, concordou a sra. Medlock. “Ele pisa nos calos de todo mundo desde o dia em que descobriu que tinha pés, e acha que nós só servimos para isso.”

“Talvez passe quando ele ficar adulto, se sobreviver”, sugeriu o sr. Roach.

“Bom, uma coisa é certa”, disse a sra. Medlock. “Se ele sobreviver e aquela menina da Índia continuar por aqui, aposto que ela vai lhe ensinar que ele não é o dono da laranja inteira, como diz a Susan Sowerby. Uma hora dessas, acaba descobrindo o tamanho do gomo dele.”

Dentro do quarto, Colin se apoiou numa almofada.

“Agora estamos seguros”, disse. “E hoje à tarde eu vou conhecer o jardim, vou estar lá dentro!”

Dickon voltou então para o jardim com seus bichinhos, e Mary ficou no quarto com Colin. Ela não achava que o primo parecia especialmente cansado, mas ele ficou quieto por um tempo antes de o almoço ser servido, e seguiu assim também durante a refeição. Curiosa, Mary perguntou por que tanto silêncio.

“Você tem olhos tão grandes, Colin”, disse ela. “Quando você fica pensativo, eles aumentam ainda mais, ficam parecendo dois pires. No que é que você está pensando?”

“Não consigo parar de pensar em como deve ser”, respondeu ele.

“O jardim?”, perguntou Mary.

“A primavera”, respondeu Colin. “Eu estava pensando que acho que nunca a vi de verdade. Quase nunca saía de casa, e, quando saía, nunca olhava para as coisas lá fora. Nem pensava nisso.”

“Eu nunca tinha visto a primavera quando morava na Índia, porque lá não tem primavera”, disse Mary.

Ainda que tivesse vivido fechado em sua vida mórbida, Colin tinha mais imaginação do que a prima, e pelo menos passara muito de seu tempo na companhia de maravilhosos livros ilustrados.

“Naquela manhã em que você entrou correndo e disse ‘Ela chegou!’, eu me senti muito estranho. Era como se um grande desfile estivesse para acontecer, com algazarra e música. Tem uma foto em um dos meus livros... uma multidão de pessoas e crianças com coroas de flores e galhos cheios de botões, todos dançando e sorrindo, festejando e tocando instrumentos. Foi por isso que eu disse ‘Talvez a gente escute umas trombetas tocando’ e pedi para você abrir a janela.”

“Que engraçado!”, disse Mary. “Mas a sensação é mesmo essa. Se todas as flores, folhas, coisas verdes, pássaros e criaturas selvagens

começassem a dançar, que festa seria! Tenho certeza de que eles iriam dançar, cantar, tocar flauta, e haveria muita algazarra!”

Os dois riram, não porque a ideia fosse ridícula, mas justamente porque a imagem agradava a ambos.

Um pouco mais tarde, a enfermeira aprontou Colin. Ela reparou que, em vez de ficar deitado como uma pedra enquanto lhe vestiam as roupas, o menino se sentou e procurou fazer algum esforço para ajudar, enquanto Mary conversava e ria com ele.

“Ele está num bom dia, senhor”, a enfermeira disse ao dr. Craven, que apareceu para inspecionar Colin. “Está tão alegre que parece mais saudável.”

“Retornarei no fim da tarde, quando ele estiver de volta ao quarto. Preciso checar como essa saída de casa vai afetá-lo”, disse o dr. Craven, acrescentando em voz baixa: “Se ao menos ele deixasse que você fosse junto...”

“Prefiro ir embora agora mesmo, senhor, a ficar aqui ouvindo esse tipo de sugestão”, disse a enfermeira, com súbita firmeza.

“Eu nem cheguei a sugerir nada”, disse o médico, levemente nervoso. “Vamos fazer uma experiência. O Dickon é um rapaz a quem eu confiaria até um recém-nascido.”

O laçao mais forte da casa carregou Colin escada abaixo e o colocou na cadeira de rodas, ao lado da qual Dickon aguardava. Assim que o criado ajeitou as mantas e almofadas, o rajá fez um gesto com a mão para ele e para a enfermeira.

“Vocês têm a minha permissão para sair”, disse, e ambos desapareceram mais que depressa – e, é preciso confessar, riram bastante quando já estavam em segurança dentro da casa.

Dickon começou a empurrar a cadeira de rodas, devagar e firme. Mary caminhava ao lado, e Colin reclinava a cabeça para trás a fim de ver o céu. O arco azul parecia altíssimo, e as pequenas nuvens brancas eram como pássaros planando de asas abertas, cortando aquele azul cristalino. O vento soprava da charneca em suaves lufadas e trazia um aroma doce. Colin inflava o peito magro em longas respirações, e seus grandes olhos davam a impressão de que eles é que estavam ouvindo – e não seus ouvidos.

“Há tantos sons de cantos, zumbidos e trinados”, disse ele. “Que cheiro é esse que o vento está trazendo?”

“É das flor de tojo que tão abrindo”, respondeu Dickon. “As abelha tavam tudo em cima das flor hoje.”

Não havia ninguém à vista nas trilhas por onde passaram. Todos os jardineiros tinham, de fato, sumido como que por encanto. Ainda assim, os três andaram pelos arbustos e contornaram os canteiros de flores do chafariz, seguindo a rota cuidadosamente planejada pelo mero prazer de fazê-lo. Quando, enfim, entraram no caminho que ladeava o muro de trepadeiras, um sentimento de ansiedade e emoção os fez, por alguma razão que não podiam explicar, começar a falar aos sussurros.

“É aqui”, disse Mary, baixinho. “Era por aqui que eu andava de um lado para outro, procurando sem parar.”

“Ah, é?”, exclamou Colin, e seus olhos começaram a inspecionar as trepadeiras, com curiosidade. “Mas não vejo nada”, sussurrou. “Não tem porta nenhuma.”

“Eu também pensava isso”, disse Mary.

Então fez-se um silêncio agradável e a cadeira de rodas avançou.

“Aqui é o jardim onde o Ben Weatherstaff trabalha”, disse Mary.

“Ah, é?”, disse Colin.

Alguns metros adiante, Mary voltou a sussurrar.

“Aqui é onde o pisco voou por cima do muro”, contou.

“Ah, é?”, exclamou Colin. “Ah! Como eu queria que ele aparecesse de novo!”

“E aqui”, disse Mary, com uma solene satisfação, apontando para a parte de baixo de um grande pé de lilás, “foi onde o pisco pousou no montinho de terra e me mostrou onde estava a chave.”

Subitamente, Colin se desencostou da cadeira.

“Onde? Onde? Ali?”, bradou, e seus olhos estavam tão grandes quanto os do lobo da Chapeuzinho Vermelho.

Dickon parou de andar e a cadeira de rodas estacou.

“E aqui”, disse Mary, avançando no canteiro perto da trepadeira, “foi onde vim falar com o pisco quando ele trinou para mim do alto do muro. E esta é a trepadeira que o vento balançou”, prosseguiu a menina, afastando a cortina de folhas verdes.

“Ah! É aqui?”, perguntou Colin, sem ar.

“E aqui estão a maçaneta e a porta”, concluiu, e virou-se para o irmão de Martha: “Dickon, traz ele aqui, rápido!”

E foi o que Dickon fez, com um empurrão forte, firme e maravilhoso.

Colin, no entanto, tinha se recostado de volta nas almofadas, ainda que estivesse sem fôlego de tanta alegria, e cobria os olhos com as mãos. Ficou assim até entrarem no jardim, até a cadeira parar, como por mágica, e a porta se fechar atrás deles. Somente então tirou a mão do rosto e olhou em volta, como Dickon e Mary haviam feito antes dele. Por sobre os muros, a terra, as árvores, os ramos, os galhos balançantes e por toda parte, um lindo véu verde

de folhinhas recém-brotadas havia caído. Na grama, embaixo das árvores, nos vasos ornamentais, aqui, ali e por toda parte, viam-se pontinhos amarelos, roxos e brancos. As árvores acima de sua cabeça estavam sarapintadas de rosa e branco, e ele ouvia ainda um farfalhar de asas, além de doces trinados e zumbidos, e sentia os perfumes mais diversos. O sol acariciava de leve o seu rosto, como o toque de uma mão muito macia. Admirados, Mary e Dickon observavam o menino. Colin parecia estranho e diferente, porque um brilho rosado tinha se espalhado por todo o seu corpo – pelo rosto pálido, o pescoço, as mãos e todo o resto.

“Vou ficar bom! Vou ficar bom!”, bradou ele. “Mary! Dickon! Eu vou ficar bom! Vou viver para sempre!”

21. BEN WEATHERSTAFF

Uma das coisas estranhas de viver neste mundo é que só de vez em quando somos capazes de sentir, com toda a certeza, que viveremos para todo o sempre. Isso acontece às vezes, quando acordamos naquela hora suave e solene da madrugada, saímos de casa, ficamos sozinhos, jogamos a cabeça para trás e olhamos lá para cima, para o céu pálido que vai se transformando e ruborescendo lentamente, e vemos coisas maravilhosas começarem a acontecer, até que a luz que surge no leste quase nos faz gritar – e o coração fica em silêncio diante do estranho e imutável esplendor do nascer do sol, que vem acontecendo todas as manhãs há milhares e milhares de anos. Nessa hora temos essa certeza, ainda que apenas por um breve momento. Ela às vezes também surge quando estamos sozinhos num bosque, ao pôr do sol, e uma tranquilidade em forma de luz profunda, dourada e misteriosa penetra por entre galhos e parece dizer bem baixinho algo que é difícil de ouvir, por mais que a gente se esforce. E às vezes a imensidão silenciosa do azul-escuro da noite, com milhões de estrelas esperando e observando, também nos dá essa certeza. E às vezes é ainda mais simples: basta o som de uma música distante ou a expressão nos olhos de alguém.

E foi assim que aconteceu com Colin, quando, pela primeira vez, ele viu, ouviu e sentiu a primavera acontecendo dentro dos muros do jardim secreto. Naquela tarde, o mundo inteiro pareceu se dedicar a ser perfeito, lindo, radiante e gentil com um menino.

Talvez por pura bondade divina, a primavera reuniu tudo que havia de mais belo dentro daquele jardim. Mais de uma vez Dickon parou o que estava fazendo e ficou apenas observando, com uma espécie de deslumbramento nos olhos, balançando de leve a cabeça.

“Eita, que lindeza”, disse. “Já tenho doze pra treze de idade, e já vi muito entardecer nesses anos todos, mas acho que nunca vi um tão bonito assim.”

“É, tá uma lindeza mesmo”, disse Mary, suspirando de satisfação. “Aposto que é o fim de tarde mais bonito que já teve no mundo.”

“Ocês acha que ele tá bonito assim”, disse Colin, pronunciando as palavras com cuidado, “só por causa que eu tô aqui?”

“Por Deus!”, exclamou Mary, admirada. “Não é que ocê sabe fazer o sotaque de Yorkshire direitinho? Que danado que ocê é!”

E foi só alegria.

Empurraram a cadeira para debaixo de um pé de ameixa, que estava coberta de flores brancas e cercada pela música das abelhas. Era como o dossel de um rei – um rei de conto de fadas. Perto dali, as cerejeiras estavam em flor, e os botões cor-de-rosa e brancos das macieiras já despontavam. Por entre os galhos floridos do dossel, pedaços de céu azul observavam o mundo abaixo como se fossem olhos maravilhosos.

Mary e Dickon trabalharam um pouco aqui e ali, enquanto Colin observava. Os dois traziam coisas para mostrar a ele – botões desabrochando, botões ainda fechados, galhos com folhas verdinhas começando a aparecer, uma pena de pica-pau que tinha caído na grama, uma casca de ovo vazia, de onde um passarinho acabara de sair. Dickon empurrava a cadeira lentamente para um lado e outro do jardim, parando às vezes para deixar Colin apreciar as

maravilhas que brotavam da terra ou pendiam das árvores. Aquilo era como ser levado em um passeio pelos jardins mágicos de algum rei ou rainha, com direito a conhecer todas as misteriosas riquezas que ele continha.

“Será que vamos ver o pisco?”, perguntou Colin.

“Nós vai ver ele bastante vez daqui um bocado”, respondeu Dickon. “Quando os filhote sair da casca, nosso amiguinho vai ter que voar tanto que vai acabar tonto. A gente vai ver ele voando de um lado pro outro, carregando minhocas maior que ele, e aí vai ser tanto piado, tanta bagunceira quando ele chegar no ninho, que ele nem vai saber pra quem dar o primeiro pedaço. Vai ser bico aberto e piadeira pra todo lado. A mãe diz que quando vê o trabalhão que o pisco tem pra manter os filhote de bico cheio, ela sente que nem se fosse uma madame sem nada pra fazer. Ela diz que eles fica tudo suado, só que não dá pras pessoa ver.”

Isso fez os três rirem com tanto prazer que eles tiveram que cobrir a boca com as mãos para não serem ouvidos. Colin havia sido informado alguns dias antes que era importante sussurrar e sempre falar em voz baixa. Gostava do ar de mistério que essa regra impunha e fazia o melhor possível, mas em momentos de tanta empolgação e alegria era difícil rir aos sussurros.

A tarde inteira foi cheia de novidades, e a cada hora o sol ficava mais e mais dourado. A cadeira de rodas estava de novo estacionada embaixo do dossel, e quando Dickon decidiu sentar na grama e pegar sua flauta Colin percebeu algo que não tinha visto antes.

“Aquela árvore é muito antiga, não é?”, perguntou ele.

Dickon e Mary olharam para a árvore, e houve um momento de silêncio.

“Sim”, respondeu Dickon, com uma voz baixa e muito suave.

Mary observou a árvore, pensativa.

“Os galhos estão cinza e não há uma única folha nela”, continuou Colin. “Ela está morta, não é?”

“É sim”, admitiu Dickon. “Mas as rosa que treparam pelo tronco logo vai esconder cada pedaço de madeira morta e deixar tudo cheio de flores e folhas. Não vai mais parecer que tá morta. Vai ser a mais bonita das árvores.”

Mary ainda olhava fixamente para a árvore, pensativa.

“Parece que um dos galhos grandes quebrou”, disse Colin. “Queria saber como isso aconteceu.”

“Já faz muito tempo”, disse Dickon. “Olha!”, exclamou, subitamente aliviado e colocando a mão sobre a de Colin. “Olha o pisco! Lá vem ele! Tava catando comida pra namorada.”

Colin quase perdeu, mas conseguiu ver de relance o passarinho de peito avermelhado com algo pendurado no bico. O bichinho passou como uma flecha em meio ao verde em direção a um canto bem frondoso e logo sumiu de vista. Colin voltou a se reclinar na almofada, rindo, e disse:

“Ele deve estar levando o chá pra namorada. Talvez sejam cinco horas. Também estou com vontade de tomar um chá.”

E então, para alívio de Mary e Dickon, o perigo passou.

“Parece que foi Mágica que fez o passarinho aparecer”, Mary disse secretamente a Dickon mais tarde. “Só pode ter sido Mágica.”

Ambos tinham receado que Colin fizesse mais perguntas sobre o galho partido dez anos antes. Quando conversaram sobre o assunto, antes de levarem Colin ao jardim, Dickon tinha coçado a cabeça, pensativo e preocupado.

“Nós tem que dá a impressão que é uma árvore igual as outra”, disse. “A gente não pode dizer como ela quebrou, coitado. Se ele falar alguma coisa sobre a árvore, nós tem que parecer alegre.”

“Isso, isso mesmo”, respondeu Mary.

Mas Mary não achava que tinha conseguido manter um ar alegre quando Colin perguntou sobre a árvore. Além disso, ela ficou pensando sem parar se haveria um fundo de verdade em outra coisa que Dickon contara durante a conversa dos dois. Ele ficara um tempo coçando a cabeça, com ar preocupado, mas depois uma expressão mais tranquila começara a surgir em seus olhos azuis.

“A sra. Craven era uma moça muito boa”, ele tinha dito, com certa hesitação. “A mãe acha que ela anda por Misselthwaite muitas vez pra ver o sinhozinho Colin, como todas as mãe faz quando são levadas desse mundo. Elas volta, entende? Vai ver que ela vem no jardim de vez em quando, e talvez ela que tenha feito a gente plantar, pra nós trazer o menino aqui.”

Mary havia pensado que Dickon estava falando de algum tipo de Mágica. Ela acreditava muito em Mágica. Secretamente, até achava que Dickon tinha poderes mágicos, Mágica do bem, claro, e enfeitiçava tudo a sua volta, e era por isso que as pessoas gostavam tanto dele, e as criaturas selvagens sabiam que ele era amigo. Mary se perguntava inclusive se não tinha sido o talento de Dickon que trouxera o pisco para perto deles justo na hora em que Colin estava para fazer aquela pergunta perigosa. Para ela, a Mágica de Dickon é que tinha operado a tarde inteira, fazendo com que Colin se sentisse um novo garoto. Parecia impossível que ele fosse o mesmo menino maluco que tinha gritado, esmurrado e mordido o travesseiro. Até a sua palidez de marfim tinha mudado. O leve

brilho rosado que havia aparecido em seu pescoço, rosto e mãos assim que eles entraram no jardim não tinha passado. Ele parecia feito de carne, e não de porcelana ou cera.

Os três viram o pisco levar comida para a companheira mais duas ou três vezes, e aquilo era tão sugestivo que Colin achou que eles também deveriam tomar um chá da tarde.

“Mary, peça a um dos criados para arrumar um lanche numa cesta e deixar no caminho dos rododendros”, disse. “Aí você e o Dickon podem trazer a cesta para cá.”

Era uma ideia agradável e fácil de pôr em prática, e depois de abrir uma toalha branca sobre a grama, com chá quentinho, torradas com manteiga, pãezinhos e bolinhos, eles comeram com apetite, enquanto vários passarinhos, que voavam de um lado a outro para cumprir suas tarefas domésticas, paravam para ver o que estava acontecendo e olhavam as migalhas com grande interesse. Noz e Casquinha correram para o alto das árvores levando pedaços de bolo, enquanto Fuligem pegou a metade de um pão com manteiga, levou para um canto e ficou examinando com o bico e grasnando comentários, até que decidiu comer tudo de uma vez só, todo contente.

A doce tarde se aproximava do fim. Os raios do sol estavam cada vez mais dourados, as abelhas começavam a voar para casa, os passarinhos já não passavam por eles com tanta velocidade. Mary e Dickon estavam sentados na grama, arrumando as coisas na cesta para levá-la de volta para casa, enquanto Colin se recostava em suas almofadas com a franja pesada afastada da testa e uma cor bastante natural no rosto.

“Eu não queria que esta tarde terminasse”, disse. “Mas quero voltar amanhã, e depois, e depois e depois.”

“Você vai ficar bastante ao ar livre, não é?”, disse Mary.

“Não vou querer fazer outra coisa”, respondeu ele. “Já vi a primavera, e agora quero ver o verão, quero ver tudo crescer aqui. Eu mesmo quero crescer aqui.”

“Que assim seja”, disse Dickon. “Não demora nada ocê vai andar com a gente e cavar a terra que nem todo mundo.”

O rosto de Colin ficou muito vermelho.

“Andar? Cavar? Será?”

Dickon olhou para o menino com delicadeza e cautela. Nem ele nem Mary jamais tinham se perguntado se haveria algum problema com as pernas de Colin.

“Claro que sim”, disse ele, firme. “O sinhozinho tem duas perna que nem todo mundo!”

Mary ficou bastante nervosa até ouvir a resposta de Colin.

“Tenho duas pernas normais”, disse. “Mas elas são tão magras e fracas. Elas tremem muito, então tenho medo de ficar de pé.”

Mary e Dickon suspiraram aliviados.

“Quando não tiver mais medo, o sinhozinho vai conseguir andar”, disse Dickon, com entusiasmo renovado. “E não vai demorar pra perder o medo.”

“Será?”, perguntou Colin, sentado afastado do encosto, como se pensasse em tudo aquilo.

Os três ficaram em silêncio por um tempo. O sol começava a descer. Era aquela hora em que tudo se aquieta, e eles haviam tido uma tarde realmente agitada. Colin parecia estar descansando com prazer nas almofadas. Até mesmo os bichos se mexiam mais

lentamente e se aproximavam uns dos outros para descansar. Fuligem estava empoleirado em um galho baixo com uma das patas encolhida, e com as pálpebras cinzentas quase caindo sobre os olhos. Mary pensou consigo mesma que o corvo ia começar a roncar a qualquer instante.

Em meio a essa tranquilidade, foi um susto e tanto quando Colin levantou a cabeça e exclamou, num sussurro alto e desesperado:

“Quem é aquele homem?”

Dickon e Mary se levantaram mais do que depressa.

“Que homem?”, os dois exclamaram baixinho.

Colin apontou para o muro alto.

“Olhem!”, sussurrou, agitado. “Ali!”

Mary e Dickon se viraram para olhar. E lá estava Ben Weatherstaff, com seu rosto azedo, olhando para eles por cima do muro, trepado em uma escada! O jardineiro começou a brandir o punho em direção a Mary.

“Se eu não fosse solteiro e ocê fosse minha filha, eu lhe dava uma coça!”

Ele subiu mais um degrau de maneira ameaçadora, como se tivesse a intenção de pular para dentro do jardim e acertar as contas com Mary; porém, conforme a menina foi se aproximando, o velho jardineiro pensou melhor e resolveu ficar no topo da escada, brandindo o punho.

“Nunca fui com a tua fuça!”, vociferou ele. “Já não gostei da primeira vez que vi ocê. Uma garotinha magricela sem cor, sempre fazendo pergunta e se metendo onde não é chamada. Nunca entendi por que fui dar bola procê. Se não fosse aquele maldito daquele passarinho!”

“Ben Weatherstaff”, exclamou Mary, recuperando o fôlego. Ela se postou bem embaixo dele e gritou meio esbaforida, olhando para cima: “Ben Weatherstaff, foi o pisco que me mostrou o caminho!”

Então o velho realmente pareceu que ia saltar do muro, de tão indignado que ficou.

“Sua pirralha sem-vergonha!”, disse. “Colocando a culpa num passarinho! Não que aquele lá não seja um sem-vergonha e faça traquinagem. Mas daí ele mostrar o caminho...! Desgramada!” Mary percebeu que o jardineiro só continuava a falar porque não aguentava de curiosidade. “E como foi que ocê conseguiu entrar aí?”

“Foi o pisco que me mostrou o caminho”, ela insistiu, obstinada. “Ele não sabia o que estava fazendo. Mas foi ele. E não vou falar mais nada enquanto você estiver sacudindo esse punho para mim.”

Ben parou de brandir o punho imediatamente, e seu queixo quase caiu quando ele olhou para além de Mary e viu algo se aproximando pela grama até ele.

Ao ouvir a primeira torrente de acusações contra Mary, Colin fora pego tão de surpresa que tinha ficado parado ouvindo, como se estivesse enfeitiçado. Porém, logo se recuperou e fez um gesto imperioso para Dickon.

“Me leve até lá!”, ordenou. “Me leve até lá e pare bem na frente dele!”

Era isso que Ben Weatherstaff tinha visto, e era isso que tinha feito seu queixo cair: uma cadeira de rodas cheia de almofadas e mantas luxuosas que se aproximava dele como se fosse uma carruagem oficial e que trazia um jovem rajá, dono de um ar de grande majestade nos olhos de cílios fartos e de uma mãozinha magra e branca que se estendia com altivez na direção dele. O

menino parou bem embaixo de Ben. Não era mesmo de admirar que o jardineiro estivesse de boca aberta.

“Você sabe quem eu sou?”, perguntou o rajá.

Ben Weatherstaff olhava cheio de espanto para o menino. Seus olhos vermelhos e cansados estavam presos ao que via diante de si; era como se estivesse vendo um fantasma. Não conseguia tirar os olhos do menino. Engoliu em seco e não respondeu.

“Você sabe quem eu sou?”, repetiu Colin, em tom ainda mais imperioso. “Responda!”

Ben Weatherstaff passou a mão ossuda sobre os olhos e a testa, para só então responder numa voz estranha e trêmula:

“Se sei quem ocê é?”, disse. “Eita, se sei... com esses olhos da sua mãe olhando pra mim. Só Deus sabe como o sinhozinho veio parar aqui. O sinhozinho é o aleijado.”

Colin se esqueceu por um minuto dos problemas nas costas. Com o rosto vermelho de raiva, sentou-se ereto na cadeira.

“Não sou aleijado!”, gritou, furioso. “Não sou!”

“Ele não é!”, Mary berrou para o alto do muro, indignada. “Ele não tem calombo nenhum nas costas, nem do tamanho de um alfinete. Eu olhei e não tem nada nas costas dele, nem um único calombo!”

Ben Weatherstaff passou a mão na testa mais uma vez e continuou a encarar o menino, como se não pudesse despregar os olhos dele. Suas mãos tremiam, assim como a sua boca e a sua voz. Ele era um homem ignorante e sem tato, e tudo o que sabia era o que tinha ouvido de outras pessoas.

“O sinhozinho não é corcunda?”, perguntou, num fio de voz.

“Não!”, gritou Colin.

“E não tem as perna aleijada?”, gaguejou Ben, sua voz ainda mais fraca.

Aquilo já era demais. A força que outras vezes emergira em Colin durante seus ataques reapareceu de uma forma diferente. Ele nunca tinha sido chamado de aleijado, nem mesmo em sussurros, e o simples fato de que havia rumores disso, revelado pelo comentário de Ben Weatherstaff, era mais do que a carne e o sangue de um rajá podiam suportar. Sua fúria e orgulho ferido o fizeram esquecer todo o resto e o encheram de uma força que ele não sabia que tinha, uma força quase sobrenatural.

“Venha aqui!”, gritou para Dickon, começando a arrancar os cobertores das pernas e a se desvencilhar deles. “Venha aqui! Venha aqui agora mesmo!”

Dickon chegou em um segundo. Mary prendeu a respiração e sentiu o rosto empalidecer.

“Ele consegue! Ele consegue! Ele consegue!”, começou a dizer para si mesma o mais rápido que podia.

Houve uma breve luta com as mantas, até que elas acabaram no chão. Dickon segurou o braço de Colin. As pernas magras do menino estavam livres, seus pés magros apoiados no chão. Colin ficou de pé – de pé! –, reto como uma flecha e parecendo estranhamente alto – tinha a cabeça erguida e uma estranha faísca nos olhos.

“Olhe para mim!”, bradou para Ben Weatherstaff. “Olhe para mim! Você! Olhe para mim!”

“Ele tá tão reto quanto eu!”, exclamou Dickon. “Tão reto quanto qualquer pessoa em Yorkshire!”

A reação de Ben Weatherstaff foi, aos olhos de Mary, a mais estranha possível. Ele engoliu em seco e, de repente, lágrimas escorriam pelo seu rosto, enquanto ele batia as mãos uma contra a outra.

“Minha nossa!”, exclamou. “É cada mentira que o povo conta! O sinhozinho é magro feito caniço e branco feito fantasma, mas não tem nenhum calombo! Vai ser um home um dia. Deus abençoe!”

Dickon segurava o braço de Colin de maneira firme, mas o garoto não dava sinais de fraqueza. Permanecia reto, e encarou Ben Weatherstaff.

“Quando meu pai não está, sou eu que mando”, disse. “E você deve me obedecer. Este é o meu jardim. Não ouse dizer uma palavra sobre ele a ninguém. Desça da escada e vá até a trilha, que a Mary vai encontrá-lo lá e trazê-lo aqui. Quero conversar. Não era a nossa intenção envolvê-lo, mas agora você vai ter que ser parte do segredo. Ande logo!”

O rosto velho e carrancudo de Ben Weatherstaff ainda estava molhado pela torrente de lágrimas. Era como se não conseguisse tirar os olhos de Colin, ali de pé, de cabeça erguida.

“Ah, menino”, disse ele, baixinho. “Ah, meu menino!” Então se recompôs, levou a mão ao chapéu de jardineiro e disse: “Sim, senhor!”

E, obediente, desapareceu do outro lado do muro.

22. QUANDO O SOL SE PÔS

Quando não podia mais ver o jardineiro, Colin se virou para Mary.

“Vá encontrá-lo”, disse, e Mary correu pela grama até a porta das trepadeiras.

Dickon observava Colin com atenção. Havia manchas vermelhas em suas bochechas, e ele parecia em ótima forma. Não dava sinais de que poderia cair.

“Consigo ficar de pé”, disse, ainda de cabeça erguida e com ar majestoso.

“Falei que ocê ia conseguir quando não tivesse mais medo”, respondeu Dickon. “Agora não tem mais.”

“É, não tenho mais medo”, concordou Colin.

Então, subitamente, lembrou-se de algo que Mary dissera.

“Você está fazendo Mágica?”, perguntou, de repente.

A boca larga de Dickon se abriu num sorriso.

“Quem tá fazendo Mágica é o sinhozinho”, disse. “É a mesma Mágica que faz as coisa brotar da terra”, acrescentou, tocando com a botina grosseira um chumaço de crocos que crescia no capim.

Colin olhou para baixo.

“É mesmo”, falou, lentamente. “Não pode ter Mágica maior que essa aí, não pode mesmo.”

“Vou andar até aquela árvore”, disse ele, apontando para uma árvore poucos metros à frente. “Vou estar de pé quando Ben

Weatherstaff chegar aqui. Posso descansar encostado na árvore. Quando precisar sentar, sento. Mas só quando precisar. Me traga um cobertor.”

Colin caminhou então até a árvore, e, embora Dickon o segurasse pelo braço, ele estava firme. Quando se recostou no tronco, nem parecia se apoiar nele, porque continuava perfeitamente reto e parecendo alto.

Quando Ben Weatherstaff avançou pela porta, viu o menino de pé embaixo da árvore e percebeu que Mary murmurava alguma coisa para si mesma.

“O que ocê tá dizendo aí?”, perguntou meio irritado, porque não queria que nada lhe tirasse o foco daquele menino alto e magro que estava de pé, com uma expressão altiva no rosto.

Mas Mary não respondeu. O que ela dizia para si mesma era:

“Você consegue! Você consegue! Eu disse que você ia conseguir! Você consegue! *Consegue sim!*”

Repetia isso para Colin porque queria fazer a Mágica acontecer, queria mantê-lo de pé, reto, bem do jeito que ele estava. Não tolerava imaginar que ele podia fracassar diante de Ben Weatherstaff. Mas ele se manteve firme. E Mary ficou ainda mais animada ao se dar conta, de repente, de que Colin era muito bonito, apesar da magreza. O menino então olhou bem nos olhos de Ben Weatherstaff, daquele seu jeito imperioso.

“Olhe para mim!”, ordenou. “Olhe bem para mim! Sou corcunda? Sou aleijado?”

Ben Weatherstaff ainda não havia se recuperado totalmente da emoção, mas estava menos abalado e respondeu quase com seu tom natural.

“Não, senhor”, disse. “Nem um tiquinho. Mas por que o senhor andou escondido das vista, deixando os outro pensar que era aleijado e apalermado?”

“Apalermado?”, bradou Colin. “Quem é que disse isso?”

“Um monte de gente”, respondeu Ben. “O mundo tá cheio de idiota que adora falar bobagem e só fala mentira. Por que o senhor se fechou naquele quarto?”

“Todos pensavam que eu podia morrer”, disse Colin, curto e grosso. “Pois não vou.”

E disse isso com tanta convicção que Ben Weatherstaff o examinou dos pés à cabeça, da cabeça aos pés.

“O senhor, morrer?”, exclamou, comovido. “Nada disso! O sinhozinho tem é gana. Quando vi o sinhozinho colocar os pé no chão, na mesma hora já vi que tava tudo bem. O sinhozinho agora sente na sua manta e me dê suas ordem.”

Havia uma estranha mistura de ternura e azedume no jeito do velho jardineiro de se expressar, além de uma compreensão sagaz. Mary lhe explicara algumas coisas no caminho até a porta do jardim. O mais importante a ser lembrado, ela insistira, era que Colin estava melhorando. Melhorando! E era o jardim que estava fazendo isso com ele. Ninguém devia falar sobre calombos e morte.

O rajá concordou em se sentar na manta embaixo da árvore.

“Que tipo de trabalho de jardinagem você faz, Weatherstaff?”, inquiriu.

“O que me mandam”, respondeu o velho Ben. “Eles me deixam ficar aqui de favor, porque ela gostava de mim.”

“Ela quem?”, perguntou Colin.

“A sua mãe”, respondeu Ben Weatherstaff.

“A minha mãe?”, disse Colin, observando o jardineiro em silêncio. “Este jardim era dela, não é?”

“Sim, era sim!”, respondeu o homem, olhando ao redor. “Ela gostava muito deste jardim.”

“Este jardim é meu agora. E eu também gosto muito dele. Virei aqui todos os dias”, anunciou Colin. “Mas isso deve ficar em segredo. Minhas ordens são que ninguém saiba que estamos vindo aqui. O Dickon e a minha prima trabalharam para que as plantas crescessem. Vou chamá-lo algumas vezes para ajudar, mas você só deve vir quando não houver ninguém de olho.”

A expressão de Ben Weatherstaff se abriu em um sorriso seco.

“Eu já vinha aqui antes sem ninguém ver”, disse.

“O quê?”, exclamou Colin. “Quando?”

“A última vez que eu tive aqui”, e ele coçou o queixo e olhou em volta, “faz lá uns dois ano.”

“Mas ninguém entrava aqui há dez anos!”, gritou Colin. “Não havia porta!”

“Eu não sou ninguém”, disse o velho Ben, seco. “E não entrei por porta nenhuma. Pulei o muro. Mas com o reumatismo a última vez que vim faz dois ano.”

“Então foi ocê que andou podando as planta?”, exclamou Dickon. “Eu não conseguia entender como isso tinha acontecido.”

“Ela gostava tanto daqui... gostava tanto!”, disse Ben Weatherstaff, devagar. “E era tão linda. Ela uma vez me falou, rindo: ‘Ben, se algum dia eu ficar doente ou partir, você precisa tomar conta das minhas roseiras.’ Quando ela se foi, as ordem era que ninguém viesse aqui. Mas eu vinha”, prosseguiu o jardineiro, com sua teimosia resmunguenta. “Por cima do muro... até que o reumatismo

não deixou mais. Eu fazia alguma coisa todo ano. A ordem dela veio primeiro.”

“O jardim não ia tá tão fagueiro se ocê não tivesse feito isso”, disse Dickon. “Eu sabia que tinha um mistério.”

“Você fez o que era certo, Weatherstaff”, disse Colin. “Vai saber guardar nosso segredo.”

“Pois o sinhozinho pode ficar sossegado”, respondeu Ben. “E vai ser mais fácil pra um homem com reumatismo poder entrar pela porta.”

Mary havia deixado sua pazinha de jardinagem na grama, perto da árvore. Colin viu a ferramenta e a apanhou. Uma expressão estranha surgiu em seu rosto, e ele começou a cavar a terra. Suas mãozinhas magras eram fracas, mas, diante dos olhos de todos – Mary quase sem ar de tanta expectativa –, ele enfim conseguiu fincar a pá no solo e revolver um pouco da terra.

“Você consegue! Você consegue!”, Mary dizia para si mesma. “Eu disse, você consegue!”

Os olhos redondos de Dickon estavam repletos de curiosidade, mas ele não disse nada. Ben Weatherstaff também observava cheio de expectativa.

Colin perseverou. Depois de abrir um buraco pequeno no solo, ele disse a Dickon, carregando no sotaque:

“Ocê me disse que não demorava e eu tava aí andando e cavando junto com os outro. Achei que ocê tava falando só pra agradar. Mas esse é só o meu primeiro dia e eu já andei, e agora tô aqui cavando.”

O queixo de Ben Weatherstaff caiu outra vez ao ouvir Colin falar daquele jeito, mas no fim ele acabou rindo.

“Eita, que esse aí de apalermado não tem nada”, disse ele. “No duro, esse aí é de Yorkshire. E sabe cavar também. O sinhozinho não quer plantar alguma coisa? Posso trazer uma muda de roseira.”

“Vá lá buscar”, disse Colin, cavando com empolgação. “Rápido!”

E tudo aconteceu rápido, de fato. Ben Weatherstaff saiu às pressas, esquecendo-se do reumatismo. Dickon pegou sua pá para deixar o buraco mais fundo e mais largo do que um jardineiro novo com mãozinhas magras e brancas seria capaz de fazer. Mary foi correndo em busca de um regador. Quando Dickon terminou de cavar, Colin continuou revolvendo a terra macia. Olhou para cima, corado e radiante por conta daquele novo exercício, por leve que fosse, e disse:

“Quero fazer isso antes que o sol termine de se pôr.”

Mary achou que talvez o sol estivesse esperando um pouco de propósito. Ben Weatherstaff trouxe uma muda de roseira da estufa. Com o vaso na mão, veio mancando o mais rápido que conseguiu. Também começava a ficar empolgado. O jardineiro se ajoelhou no chão perto do buraco e tirou a planta do vaso.

“Aqui, companheiro”, disse, entregando a muda para Colin. “Coloca o senhor mesmo na terra, que nem faz os rei quando chega numa nova terra.”

As mãozinhas magras e brancas de Colin tremiam um pouco, e seu rosto ficou ainda mais corado quando ele colocou a planta no buraco e ficou segurando-a ali, enquanto Ben o enchia de terra e firmava a planta. Mary estava de cócoras no chão, debruçada sobre o buraco. Fuligem tinha saído de seu galho e vinha se aproximando para ver o que estava acontecendo. Noz e Casquinha conversavam na amoreira.

“Pronto!”, disse Colin, por fim. “E ainda há um pouquinho de sol no horizonte. Dickon, me ajude a levantar. Quero estar de pé quando ele for embora. Faz parte da Mágica.”

Dickon o ajudou, e a Mágica – ou o que quer que fosse – deu a Colin tanta força que, quando o sol de fato baixou no horizonte e encerrou aquela estranha e maravilhosa tarde, ele ainda estava de pé, sorrindo.

23. MÁGICA

O dr. Craven estava esperando na casa havia algum tempo quando eles voltaram. E já começara a se perguntar se não seria prudente mandar alguém lá fora para procurar as crianças nos jardins. Quando Colin foi trazido de volta para o quarto, o pobre homem olhou para ele com um ar grave.

“Você não devia ter ficado fora até tão tarde”, disse. “Não é bom para você se cansar demais.”

“Não estou nem um pouco cansado”, disse Colin. “Estou bem. Amanhã vou sair de manhã e também à tarde.”

“Não sei se posso permitir isso”, respondeu o dr. Craven. “Acho que não seria prudente.”

“O que não seria prudente é tentar me impedir”, disse Colin, sério. “Eu vou e pronto.”

Até mesmo Mary já tinha percebido que uma das principais peculiaridades de Colin era que ele não fazia a menor ideia do tiranozinho em que se transformava quando dava ordens às pessoas. Tinha vivido em uma espécie de ilha deserta a vida toda, e como era o rei dessa ilha desenvolvera seus próprios modos e não tinha ninguém com quem se comparar. Mary era bem parecida com ele, mas desde que chegara a Misselthwaite fora aos poucos descobrindo que seus modos não eram exatamente comuns ou aceitáveis. Foi uma descoberta importante, então ela pensou que seria interessante falar com Colin sobre o assunto. Depois que o dr. Craven foi

embora, ela se sentou e ficou olhando para o primo com curiosidade durante alguns minutos. Esperava que Colin perguntasse por que ela estava olhando para ele daquele jeito, e foi exatamente o que ele fez.

“Por que você está me olhando assim?”

“Estou com um pouco de pena do dr. Craven.”

“Eu também”, disse Colin calmamente, mas não sem um arzinho de satisfação. “Ele não vai herdar Misselthwaite, agora que não vou morrer.”

“Tenho um pouco de pena por isso, claro”, disse Mary, “mas eu estava pensando que deve ter sido horrível para ele ter passado dez anos tendo que ser gentil com um menino que sempre foi grosseiro com ele. Eu não teria conseguido.”

“Eu sou grosseiro?”, inquiriu Colin, impassível.

“Se você fosse filho do dr. Craven e ele fosse do tipo que aprecia umas palmadas”, disse Mary, “você teria apanhado hoje.”

“Ele não se atreveria”, disse Colin.

“Não, claro que não”, respondeu Mary, pensando sobre o assunto sem preconceitos. “Ninguém jamais se atreveu a fazer qualquer coisa contra a sua vontade, porque você dizia que ia morrer e esse tipo de coisa. Você era um coitadinho.”

“Mas não vou mais ser um coitadinho”, disse Colin, teimoso. “E não vou deixar que pensem isso de mim. Hoje à tarde eu fiquei de pé.”

“Acho que foi porque todo mundo sempre fez as suas vontades que você acabou ficando meio esquisito”, prosseguiu Mary, pensando alto.

Colin se virou na direção dela, franzindo o cenho.

“Eu sou esquisito?”, perguntou.

“É”, respondeu Mary. “Bastante. Mas não fique chateado”, acrescentou, procurando ser justa, “porque eu também sou esquisita e o Ben Weatherstaff também é. Mas eu já não sou tão esquisita quanto era antes de começar a gostar das pessoas e antes de descobrir o jardim.”

“Não quero ser um esquisito”, disse Colin. “E não vou ser”, acrescentou, franzindo o cenho novamente, obstinado.

Era um menino muito orgulhoso. Durante algum tempo, ficou parado, pensando. Mas então Mary viu um lindo sorriso se abrir aos poucos e transformar o rosto do primo.

“Vou parar de ser esquisito se for ao jardim todos os dias”, disse. “Tem Mágica lá. Mágica do bem, sabe, Mary. Tenho certeza disso.”

“Eu também”, concordou Mary.

“Mesmo que não seja Mágica de verdade”, disse Colin, “a gente pode fingir que é. Tem *alguma coisa* naquele lugar!”

“É Mágica”, opinou Mary, “mas não é magia negra. É magia branca como a neve.”

As crianças insistiam em chamar aquilo de Mágica, e na verdade, nos meses seguintes, foi exatamente o que pareceu ser. Foram meses fantásticos, radiantes, incríveis! Ah, as coisas que aconteceram naquele jardim. Quem nunca teve um jardim não é capaz de entender, e quem teve sabe que seria necessário um livro inteiro para descrever todas as coisas que acontecem nele. No começo, parecia que as plantas não cessariam mais de surgir da terra, na grama, nos canteiros, até nas frestas do muro. Depois, os ramos verdes começaram a dar botões, e os botões se abriram em cores variadas, tons de azul, tons de roxo, todas as tonalidades e matizes de vermelho. Naqueles dias felizes, havia flores em tudo que

era cantinho, buraco ou canteirinho. Ben Weatherstaff cuidara para que assim fosse, raspando até o reboco que enchia os espaços entre os tijolos do muro para colocar ali bocados de terra que ajudassem as lindas trepadeiras a crescer. Íris e lírios brancos se erguiam aos montes, e os caramanchões verdes se encheram de impressionantes exércitos de caules compridos azuis e brancos de delfínios, ervas-pombinhas e campainhas.

“Ela gostava demais dessa flor”, falou Ben Weatherstaff. “Dizia que gostava dela porque ela aponta pro céu azul. Não que fosse pessoa de desdenhar da terra. Amava a terra, mas achava que não tinha nada mais alegre que o céu azul.”

As sementes plantadas por Dickon e Mary cresciam como se tivessem sido cultivadas por fadas. Multidões de papoulas de todas as cores dançavam ao sabor da brisa, desafiando a beleza de outras flores que já viviam no jardim havia anos e, verdade seja dita, pareciam se perguntar como aquelas novas habitantes tinham ido parar ali. E as roseiras... ah, as roseiras! Elas cresciam do meio do mato, enroscando-se no relógio de sol, envolvendo os troncos das árvores, dependurando-se de seus galhos, trepando nos muros e cobrindo-os com longas guirlandas que desciam em cascata – e novos botões se abriam a cada dia, a cada hora. Folhinhas novas e botões pequenos iam se inchando até a Mágica acontecer – e aí desabrochavam como cálices de perfume, um delicioso perfume que transbordava delicadamente e enchia o ar do jardim.

Colin observava tudo, cada mudança, à medida que ia acontecendo. Todas as manhãs era levado até o jardim, e todas as horas de todos os dias em que não chovia ficava ali dentro. Até mesmo os dias nublados o agradavam. Ele se deitava na grama para

“ver as coisas crescerem”. “Se a gente observar por tempo suficiente”, dizia, “dá para ver os botões desabrochando.” Também podia fazer amizade com insetos estranhos e atarefados, sempre de um lado para outro cumprindo tarefas desconhecidas, às vezes carregando minúsculos pedaços de palha, pena ou comida, ou escalando as lâminas de capim como se fossem árvores altas de cujo cume fosse possível explorar todo o terreno. Certa vez, Colin passou a manhã inteira observando uma toupeira derrubar um obstáculo que tampava sua toca e, por fim, sair de lá de dentro usando as patas de unhas compridas que lembravam a mão de um elfo. Os hábitos das formigas, dos besouros, das abelhas, dos sapos, dos pássaros, das plantas, tudo isso representava um novo mundo a explorar. Dickon falava sobre todas essas coisas, e também sobre os hábitos das raposas, lontras, doninhas, esquilos, trutas, ratos-d’água e texugos – eram coisas infinitas sobre o que falar e pensar.

E isso não era nem metade da Mágica. O fato de ter conseguido ficar em pé uma vez fez Colin pensar bastante, e quando Mary lhe contou sobre o feitiço que havia feito, ele não só aprovou a ideia como ficou muito entusiasmado. E passou a falar nisso constantemente.

“Claro que deve haver muita Mágica no mundo”, disse ele certa vez, cheio de sabedoria. “Só que as pessoas não sabem reconhecê-la nem praticá-la. Talvez o melhor jeito de começar seja dizendo que coisas boas vão acontecer até que elas de fato aconteçam. Vou tentar fazer um experimento.”

Na manhã seguinte, quando foram para o jardim secreto, a primeira coisa que ele fez foi mandar chamar Ben Weatherstaff. Ben veio o mais rápido que pôde e encontrou o rajá de pé embaixo de

uma árvore, com um ar majestoso, além de um largo sorriso no rosto.

“Bom dia, Ben Weatherstaff”, disse ele. “Gostaria que você, Dickon e Mary ficassem um ao lado do outro e me ouvissem, porque tenho uma coisa muito importante a dizer.”

“Sim, senhor”, respondeu Ben Weatherstaff, colocando uma das mãos sobre a testa, como um soldado. (Um dos encantos havia muito escondidos de Ben Weatherstaff era que, em seus tempos de juventude, ele uma vez tinha fugido para o mar e viajado de navio, e sabia falar como um marinheiro.)

“Vou fazer um experimento científico”, explicou o rajá. “Quando eu crescer, vou fazer grandes descobertas, mas vou começar agora com esse primeiro experimento.”

“Sim, senhor!”, disse Ben Weatherstaff, cheio de pompa, embora fosse a primeira vez que ouvisse falar em descobertas científicas.

Também era a primeira vez que Mary ouvia aquilo, mas ela já tinha começado a perceber que o primo, esquisito como era, e tendo lido muitos livros, sabia sobre uma infinidade de coisas curiosas e era de algum modo bastante convincente. Quando levantava a cabeça e fixava os olhos em alguém, Colin fazia com que a pessoa acreditasse nele quase sem querer, muito embora só tivesse dez anos de idade – quase onze. Naquele momento ele pareceu particularmente convincente, porque tinha sentido, de súbito, o fascínio de fazer uma espécie de discurso, como se fosse um adulto.

“As grandes descobertas científicas que eu vou fazer”, continuou, “serão sobre Mágica. Mágica é uma coisa muito importante, e quase ninguém sabe nada sobre ela, a não ser algumas pessoas em livros antigos, e a Mary, que sabe um pouquinho também porque nasceu

na Índia, onde existem faquires. Acho que o Dickon também sabe um pouco, mas talvez não se dê conta disso. Ele enfeitiça animais e pessoas. Eu nunca teria permitido que viesse me ver se não fosse um encantador de animais – e um encantador de meninos também, porque os meninos, no fim, são todos animais. Estou convencido de que há Mágica por todo lado, só que não temos sensibilidade suficiente para entendê-la e fazê-la funcionar a nosso favor – como a eletricidade, os cavalos e o vapor.”

O discurso soava grandioso, e Ben Weatherstaff começou a ficar tão empolgado que não conseguia mais parar quieto.

“Sim, senhor”, disse, aprumando-se ainda mais.

“Quando a Mary encontrou este jardim, ele parecia morto”, prosseguiu o orador. “Então algo começou a empurrar as coisas para fora da terra, fazendo as plantas surgirem do nada. Um dia não havia planta alguma, no outro já existiam várias. Eu nunca tinha visto isso antes, e fiquei muito curioso. Cientistas são sempre curiosos, e eu vou ser cientista. Então ficava perguntando a mim mesmo: ‘O que será isso? O que será isso?’ Tem que ser alguma coisa. E como não sei que nome dar, eu a chamo de Mágica. Eu nunca vi o sol nascer, mas o Dickon e a Mary já viram, e pelo que eles me contaram tenho certeza de que tem Mágica nisso também. Alguma coisa empurra o sol para cima para que ele nasça. Às vezes, quando estou no jardim, eu olho para o alto e vejo o céu por entre as árvores, e então tenho um estranho sentimento de felicidade, como se alguma coisa estivesse empurrando e brotando dentro do meu peito e me fazendo respirar mais rápido. A Mágica está sempre empurrando e fazendo as coisas brotarem do nada. Tudo é feito de Mágica, folhas e árvores, flores e pássaros, texugos e raposas,

esquilos e pessoas. Então ela deve estar por toda parte. Neste jardim e em todos os outros lugares. A Mágica deste jardim me fez ficar de pé e acreditar que vou viver e me transformar em um homem adulto. Em meu experimento científico, vou tentar pegar um pouco dessa Mágica e colocar dentro de mim, para que algo em mim possa empurrar e brotar e me fazer mais forte. Ainda não sei como fazer isso, mas acho que se ficar pensando bastante nela e chamando, talvez ela venha. Talvez esse seja o primeiro passo para conseguir dominar a Mágica. Quando tentei ficar de pé naquela primeira vez, a Mary ficou repetindo baixinho para si mesma o mais rápido que pôde: ‘Você consegue! Você consegue!’ E eu consegui. Tive que fazer um esforço também, claro, mas a Mágica dela me ajudou – e a do Dickon também. Todas as manhãs e todas as noites, e sempre que eu me lembrar durante o dia, eu vou dizer: ‘A Mágica está em mim! A Mágica vai me curar! Vou ficar tão forte quanto o Dickon, tão forte quanto o Dickon!’ E vocês todos têm que fazer a mesma coisa. Esse é o meu experimento. Você vai me ajudar, Ben Weatherstaff?”

“Sim, senhor!”, disse Ben Weatherstaff. “Conte comigo!”

“Se nós fizermos isso todos os dias com a mesma regularidade com que os soldados fazem os exercícios deles, nós vamos ver o que vai acontecer e descobriremos se o experimento deu certo. A gente aprende coisas repetindo e pensando sobre elas, até que elas entram na cabeça para sempre, e acho que vai ser desse mesmo jeito com a Mágica. Se a gente chamar, ela vai acabar fazendo parte da gente e vai ficar dentro da gente pra sempre.”

“Uma vez, na Índia, eu ouvi um oficial dizer à minha mãe que alguns faquires ficam repetindo certas palavras milhares de vezes”, disse Mary.

“Eu ouvi a mulher do Jem Fettleworth repetir a mesma coisa milhares de vez, chamando o Jem de bebum imprestável”, disse Ben Weatherstaff, irônico. “E é claro que aconteceu uma coisa. Ele deu uma surra nela e depois foi pra taberna se embebedar que nem um gambá.”

Colin franziu o cenho e ficou pensando por alguns minutos. Em seguida, voltou a se animar.

“Bom, alguma coisa aconteceu”, disse ele. “Ela usou mal a Mágica e acabou apanhando. Se usasse a Mágica do jeito certo, talvez ele não tivesse se embebedado que nem um gambá. Em vez disso, talvez tivesse lhe comprado um novo chapéu.”

Ben Weatherstaff riu, e em seus pequenos olhinhos havia um brilho de admiração.

“O sinhozinho é tão inteligente na cabeça quanto é bom nas perna”, disse. “Na próxima vez que eu encontrar a Bess Fettleworth, vou falar pra ela como faz pra Mágica acontecer. Ela vai ficar feliz se o experimento funcionar. E o Jem também.”

Durante todo o discurso os olhos redondos de Dickon ficaram cheios de curiosidade e satisfação. Noz e Casquinha estavam nos ombros do menino, e ele segurava nos braços um coelho branco de longas orelhas, batendo de levinho nas costas do bicho, que estava muito feliz.

“Você acha que o experimento vai funcionar?”, perguntou Colin, curioso em saber o que Dickon estava pensando.

Colin sempre se perguntava o que Dickon estaria pensando quando o pegava olhando para ele ou para um de seus bichinhos com aquele sorriso enorme e feliz.

“Sim”, respondeu Dickon. “Acho que sim. Vai funcionar do mesmo jeito que acontece com as semente quando o sol bate nelas. Certeza que vai funcionar. A gente começa agora?”

Colin ficou muito feliz com a resposta, assim como Mary. Inspirado pelo que tinha visto nos livros sobre os faquires, ele sugeriu que todos se sentassem de pernas cruzadas embaixo da árvore cuja copa formava um dossel.

“Vai ser como se estivéssemos em um templo”, disse Colin. “Estou cansado e preciso sentar.”

“Eita, mas não começa dizendo que tá cansado”, disse Dickon. “Isso pode estragar a Mágica.”

Colin se virou e fixou os olhos redondos e inocentes do amigo.

“Você tem razão”, disse, devagar. “Tenho que pensar apenas na Mágica.”

A coisa toda pareceu majestosa e misteriosa quando eles enfim se sentaram num círculo. Ben Weatherstaff sentia-se como se tivesse sido convidado para um grupo de oração. Normalmente era contra grupos de oração, mas, como aquela era uma iniciativa do rajá, ele não só não se importou como sentiu até gratidão por ter sido chamado para participar. Mary se encontrava numa espécie de enlevo solene. Dickon ainda tinha o coelho nos braços, e talvez tenha feito algum encantamento que ninguém percebeu, pois, quando se sentou, de pernas cruzadas como os outros, o corvo, a raposa, os esquilos e o carneirinho se aproximaram do círculo, cada qual se acomodando no lugar de seu agrado.

“Os bichinhos também vieram”, disse Colin, solene. “Eles querem nos ajudar.”

Colin estava realmente bonito, pensou Mary. Ele mantinha a cabeça erguida como se fosse alguma espécie de padre, e seus olhos estranhos tinham uma luz especial. Um raio de sol brilhava acima dele através da copa da árvore.

“Agora vamos começar”, disse. “Será que a gente devia se balançar para a frente e para trás, como se fôssemos dervixes, Mary?”

“Não consigo fazer esses balanço”, disse Ben Weatherstaff. “Tenho reumatismo.”

“A Mágica vai acabar com o reumatismo”, disse Colin, em seu tom de sumo sacerdote. “Mas não vamos nos balançar até que você esteja melhor. Vamos só cantar.”

“Não sou bom de cantoria”, disse Ben Weatherstaff, meio ranzinza. “Na única vez que tentei, me botaram pra fora do coral da igreja.”

Ninguém riu. Estavam todos sérios demais. Nenhuma sombra de contrariedade passou pelo rosto de Colin. Ele só pensava na Mágica.

“Então eu canto”, disse. E começou a cantar, parecendo um espírito estranho de menino. “O sol está brilhando, o sol está brilhando. Isso é Mágica. As flores estão se abrindo, as raízes estão se espalhando. Isso é Mágica. Estar vivo é Mágica. Estar forte é Mágica. A Mágica está em mim, a Mágica está em mim. Está em mim, está em todos nós. Está nas costas do Ben Weatherstaff. Mágica! Mágica! Venha nos ajudar!”

Colin repetiu essas palavras uma porção de vezes – não milhares, mas um bom número de vezes. Mary escutava extasiada. Aquilo era estranho e ao mesmo tempo bonito, e ela queria que Colin continuasse cantando. Ben Weatherstaff começou a relaxar e a ter uma espécie de sonho agradável. O zumbido das abelhas nos botões

de flores se misturou ao canto entoado por Colin numa música calmante. Dickon estava de pernas cruzadas, com o coelho dormindo em seu colo e uma das mãos pousada nas costas do carneirinho. Fuligem tinha espantado um dos esquilos e se acomodara no ombro de Dickon, pertinho do rosto dele, e suas pálpebras tinham se fechado. Por fim, Colin parou.

“Agora vou caminhar pelo jardim”, anunciou ele.

A cabeça de Ben Weatherstaff tinha caído para a frente, e, ao ouvir a voz de Colin, ele a levantou depressa.

“Você dormiu”, disse Colin.

“De jeito maneira”, murmurou Ben Weatherstaff. “O sermão foi muito bom, mas eu vou embora antes da coleta.”

Ele ainda não estava bem acordado.

“Você não está na igreja”, disse Colin.

“Não, eu não”, disse Ben, endireitando o corpo. “Quem disse isso? Eu escutei tudinho. O sinhozinho disse que a Mágica tava nas minhas costas. Já o doutor disse que é reumatismo.”

O rajá fez um gesto com a mão.

“O médico fez a Mágica errada”, disse ele. “Você vai melhorar. Você tem a minha permissão para voltar ao trabalho. Mas venha novamente amanhã.”

“Eu queria ver o sinhozinho andar pelo jardim”, resmungou Ben.

Não foi um resmungo desrespeitoso, mas ainda assim foi um resmungo. Na verdade, sendo um velho teimoso que não tinha toda essa fé na Mágica, Ben já havia decidido que, se fosse mandado embora, iria subir na escada para espiar por cima do muro. Assim estaria preparado para voltar depressa se houvesse algum tombo.

O rajá não se opôs à ideia de Ben ficar, e assim formou-se a procissão. E parecia mesmo uma procissão. Colin ia à frente, tendo Dickon de um lado e Mary do outro. Ben Weatherstaff caminhava logo atrás. Os bichinhos vinham em seguida, o carneirinho e a raposa tentando ficar mais perto de Dickon, o coelho pulando para lá e para cá e parando para morder alguma coisa no caminho e Fuligem acompanhando com o ar solene de quem se sente no comando da situação.

Era uma procissão que se movia lentamente, mas com dignidade. A cada poucos metros eles paravam para descansar. Colin se apoiava no braço de Dickon e Ben Weatherstaff mantinha-se atento, mas vez ou outra o rajá largava o apoio oferecido pelo amigo e dava alguns passos sozinho. Mantinha a cabeça erguida todo o tempo e ostentava um ar majestoso.

“A Mágica está em mim!”, dizia sem parar. “A Mágica está me deixando forte. Estou sentindo! Estou sentindo!”

Não havia como negar que alguma coisa estava lhe dando força e ânimo. Ele teve de se sentar nos bancos dos caramanchões e também na grama uma ou duas vezes, e fez algumas pausas no caminho para se apoiar em Dickon, mas não desistiu até dar uma volta completa no jardim. Quando retornou à árvore do dossel, estava corado e triunfante.

“Consegui! A Mágica funcionou!”, exclamou. “Essa é a minha primeira descoberta científica.”

“O que será que o dr. Craven vai dizer?”, perguntou Mary de repente.

“Não vai dizer nada, porque não vai ficar sabendo”, respondeu Colin. “Esse deve ser o maior segredo de todos. Eu não quero que

ninguém saiba de nada até eu ficar tão forte que possa andar e correr como qualquer outro garoto. Virei ao jardim todos os dias na cadeira de rodas, e voltarei para casa na cadeira também. Não quero as pessoas sussurrando e perguntando coisas, e não quero que meu pai saiba de nada até que o experimento tenha sido um sucesso. Então, um dia, quando ele voltar a Misselthwaite, irei até o escritório dele e direi: ‘Aqui estou eu. Sou como qualquer outro garoto. Sinto-me bem e vou crescer e viver bastante. Sei disso porque fiz um experimento científico.’”

“Ele vai achar que está sonhando”, exclamou Mary. “Não vai nem acreditar.”

Colin corou outra vez, triunfante. Estava convencido de que ficaria bom, o que na verdade significava que metade da batalha estava vencida, embora ele não tivesse consciência disso. O que mais o estimulava era imaginar a cara do pai quando visse que tinha um filho que andava reto e era tão forte quanto os outros garotos. Uma das maiores tristezas de seu passado doentio e mórbido era o ódio que sentia por ser um menino fraco e de costas tortas que o pai tinha medo de olhar.

“Ele vai ser obrigado a acreditar”, disse. “Uma das coisas que eu vou fazer, depois que a Mágica funcionar e antes de começar as descobertas científicas, é me tornar um atleta.”

“O sinhozinho vai tá pronto até pra lutar boxe daqui a duas semana”, disse Ben Weatherstaff. “E vai tá bom até pra ganhar o cinturão de campeão da Inglaterra.”

Com uma expressão séria, Colin cravou os olhos no jardineiro.

“Mas que falta de respeito, Weatherstaff!”, disse. “Você não deve tomar certas liberdades só porque faz parte desse segredo. Mesmo

que a Mágica funcione, não quero ser lutador de boxe. Quero ser Descobridor Científico.”

“Perdão, sinhozinho, perdão”, respondeu Ben, batendo continência. “Eu devia ter entendido que isso não era assunto pra brincadeira”, acrescentou, mas com um brilho nos olhos que mostrava que, no fundo, ele sentia uma enorme satisfação. Na verdade, não se importara nem um pouco em ser repreendido, pois aquilo significava que Colin estava ganhando força e coragem.

24. “DEIXE QUE RIAM”

O jardim secreto não era o único lugar em que Dickon trabalhava. Perto da casinha na charneca, havia um terreno cercado por um muro baixo de pedras ásperas. De manhãzinha, na última luz da tarde e em todos aqueles dias nos quais Colin e Mary não o viam, Dickon plantava e cultivava batatas, repolhos, nabos, cenouras e ervas para a mãe. Na companhia de suas “criaturas”, fazia maravilhas naquela horta, e parecia nunca se cansar. Cavando ou capinando, ele assobiava ou cantava trechos de canções tradicionais de Yorkshire, ou ficava conversando com Fuligem e Capitão ou com algum de seus irmãos e irmãs a quem tinha ensinado como ajudar.

“A gente nunca que viveria tão bem”, dizia a sra. Sowerby, “se não fosse a horta do Dickon. Ali cresce de tudo. As batata e os repolho dele são do dobro do tamanho dos outro, e com um sabor que não tem igual.”

Quando conseguia um momento de folga, ela gostava de ir à horta para conversar com o filho. Depois do jantar, o fim da tarde ainda proporcionava uma boa claridade para o trabalho, e aquela era a sua hora mais sossegada do dia. Ela podia se sentar no murinho baixo, observar o filho e ouvir dele as últimas histórias. Adorava aquela parte do dia. Dickon não plantava apenas hortaliças ali. De vez em quando, comprava pacotinhos baratos de sementes de flores e semeava as plantinhas de cheiro doce entre os arbustos de

groselha e até entre os repolhos. Além disso, cultivava canteiros de minhonetes, cravos, amores-perfeitos e outras coisas cujas sementes ele podia reaproveitar no ano seguinte ou cujas raízes brotavam a cada primavera e iam formando com o tempo lindas touceiras. O murinho baixo de pedras era uma das coisas mais bonitas de Yorkshire, pois ele o enfeitara com dedaleiras, samambaias e flores de sebe em cada fresta, de modo que só aqui e ali se enxergava alguma pedra.

“Tudo que a pessoa precisa fazer pra elas crescer, mãe”, dizia Dickon, “é ser amigo delas, isso é certo. É igual com as ‘criatura’. Se estão com sede, é só dar de beber, se estão com fome, é só dar um pouco de comida. Elas quer viver que nem a gente. Se por acaso morrer, vou me sentir um menino mau, como se não tivesse coração pra tratar bem delas.”

Era nesses finais de tarde que a sra. Sowerby ficava sabendo de tudo o que acontecia na Mansão Misselthwaite. De início, ela foi informada apenas de que o “sinhozinho Colin” tinha se animado a sair com a srta. Mary e que isso estava lhe fazendo bem. Mas não demorou muito para que as duas crianças concordassem que a mãe de Dickon podia “fazer parte do segredo”. Por alguma razão, eles não tinham dúvida de que a sra. Sowerby era de “inteira confiança”.

De modo que, num lindo e calmo fim de tarde, Dickon contou à mãe a história toda, com todos os detalhes emocionantes – a chave enterrada, o pisco, a névoa cinzenta que fazia tudo parecer morto e o segredo que a srta. Mary planejava nunca revelar. A chegada de Dickon, a maneira como o segredo lhe fora revelado, o ceticismo do sinhozinho Colin e o drama final de como ele fora apresentado ao misterioso lugar, além do incidente com o velho e rabugento Ben

Weatherstaff espiando por cima do muro, que provocara em Colin uma forte e repentina indignação, fizeram o rosto bondoso da sra. Sowerby mudar de cor várias vezes.

“Eita!”, disse ela. “Que coisa boa essa menina ter aparecido na mansão. Fez um bem danado pra ela e acabou salvando ele. Até ficar de pé ele ficou! E todo mundo achando que ele era só um menino bobinho sem um osso direito no corpo.”

Com uma expressão pensativa nos olhos azuis, ela fez muitas e muitas perguntas.

“O que eles tá achando disso lá na mansão? Do sinhozinho tá tão bem e alegre e menos reclamão?”, quis saber a sra. Sowerby.

“Eles nem sabe como reagir”, respondeu Dickon. “A cada dia que passa o rosto do sinhozinho Colin parece que muda. Ele tá ganhando peso, não tem mais aquele corpo ossudo, e tá perdendo a cor de cera também. Mas de vez em quando ele ainda reclama um pouquinho das coisa”, completou o menino, com um sorriso muito divertido.

“Mas por quê, pelo amor de Deus?”, perguntou a sra. Sowerby.

Dickon riu.

“Pra não deixar eles perceber o que tá acontecendo. Se o médico sabe que ele descobriu que consegue ficar de pé, era capaz de escrever pro sr. Craven pra contar. E o sinhozinho Colin tá guardando o segredo pra contar ele mesmo. Vai treinar sua Mágica das perna todo dia até o pai voltar, e aí vai chegar andando no quarto dele pra mostrar que é normal que nem os outros menino. Então ele e a srta. Mary acha que o melhor plano é fazer umas reclamaçãozinha e uns resmunguinho de vez em quando pra despistar o pessoal.”

A sra. Sowerby já ria baixinho e gostoso bem antes de ele concluir a última frase.

“Eita!”, falou. “Aqueles dois tá se divertindo, isso sim. Vão criar um bom teatrinho disso tudo, e não tem nada que criança goste mais do que um teatrinho. Diz como é que eles faz, Dickon.”

Dickon parou de capinar e se sentou sobre os calcanhares. Tinha um brilho divertido nos olhos.

“O sinhozinho Colin é carregado pra cadeira toda vez que vai sair”, explicou ele. “E resmunga com o John, o laçao, por ser descuidado pra carregar ele. Fica fingindo o quanto pode que não consegue fazer nada sozinho, e não levanta a cabeça até ninguém mais poder ver a gente lá da casa. E não para de reclamar quando estão botando ele na cadeira. Ele e a srta. Mary se diverte com isso, e enquanto ele geme e se queixa, ela diz: ‘Pobre Colin! Dói muito? Você está tão fraco assim, coitadinho?’ Mas o problema é que às vez eles quase que não consegue não morrer de rir. Quando a gente já tá em segurança no jardim, aí dão risada até ficar sem mais fôlego. Só tapando a cara do sinhozinho Colin nas almofada é que consegue evitar que os jardineiro escute, se tiver algum por perto.”

“Quanto mais eles der risada, melhor pra eles!”, disse a sra. Sowerby, ainda rindo ela mesma. “Criança com boa saúde e rindo é melhor do que precisar tomar remédio. Aqueles dois ali vai encorpar com certeza.”

“Já encorparam”, falou Dickon. “Não sabem como fazer pra matar tanta fome sem chamar atenção do pessoal. O sinhozinho Colin diz que se continuar pedindo tanta comida ninguém nem vai acreditar que ele é inválido. A srta. Mary deixa ele comer a parte dela, mas o

sinhozinho acha que ela vai emagrecer se ficar com fome, e diz que os dois precisa engordar ao mesmo tempo.”

Ao ouvir sobre esse percalço, a sra. Sowerby riu com tanto gosto que se balançou de um lado para o outro em seu vestido azul, e Dickon riu com ela.

“Vou te falar uma coisa, meu menino”, disse a sra. Sowerby quando conseguiu recuperar o fôlego. “Pensei aqui num jeito de ajudar eles. Quando sair de manhã, ocê vai levar um balde de leite fresquinho, e também vou assar um pão caseiro ou uns bolinho de passa, do jeito que ocês gosta. Não tem nada como leite fresco e pão. Aí eles pode se segurar um pouco enquanto tão no jardim, e depois matar a fome com a boa comida da mansão.”

“Eita, mãe!”, disse Dickon, admirado. “Que maravilha de mãe a senhora é! Sempre acha um jeito pras coisa. Ontem o pessoal tava bem preocupado. Não achava jeito pra situação sem ter que pedir mais comida... e era aquele buraco na barriga.”

“Eles são gente nova que cresce rápido, e tão ficando com saúde de novo, os dois. Criança é que nem lobo filhote, comida é sustância pra eles”, disse a sra. Sowerby. Em seguida, sorriu o mesmo sorriso largo de Dickon. “Eita! Mas aqueles lá tão se divertindo com certeza”, concluiu.

Ela estava certíssima, aquela maravilhosa e simples criatura que era a sua mãe – e mais certa do que nunca ao dizer que o “teatrinho” seria a alegria deles. Colin e Mary descobriram que aquela seria uma de suas maiores fontes de diversão. A ideia de evitar suspeitas tinha sido sugerida, sem querer, pela expressão confusa da enfermeira, e depois pelo próprio dr. Craven.

“Seu apetite está melhorando muito, sr. Colin”, dissera a enfermeira certo dia. “Você não comia, e implicava com muitas coisas.”

“Agora eu não implico mais com nada”, respondeu Colin, e vendo que a enfermeira o encarava com curiosidade, de repente se lembrou de que talvez não devesse parecer tão bem assim. “Não implico mais tanto com as coisas. É o ar fresco.”

“Talvez seja”, disse a enfermeira, ainda olhando para ele com uma expressão confusa. “Mas preciso falar disso com o dr. Craven.”

“O jeito como ela olhou pra você!”, disse Mary, depois que a mulher tinha saído. “Era como se estivesse pensando que tem algum mistério aqui que precisa descobrir.”

“Não quero que ela descubra nada”, retrucou Colin. “Não é pra ninguém descobrir nada ainda.”

Quando o dr. Craven veio naquela manhã, também pareceu intrigado. Fez várias perguntas, para grande aborrecimento de Colin.

“Você tem ficado bastante tempo lá fora”, observou ele. “Aonde tem ido?”

Colin adotou sua expressão favorita de absoluta indiferença à opinião alheia.

“Não vou permitir que ninguém fique sabendo aonde vou”, respondeu ele. “Vou a um lugar que eu gosto. Todo mundo aqui tem ordens pra não se intrometer. Ninguém vai ficar me vigiando. O senhor sabe disso!”

“Você parece que tem ficado fora os dias inteiros, mas não acho que isso esteja lhe fazendo mal... acho que não. A enfermeira me contou que você nunca comeu tão bem.”

“Talvez”, disse Colin, com uma inspiração repentina, “talvez não seja um apetite muito normal.”

“Não, não acho que seja isso”, retrucou o dr. Craven. “Você tem ganhado peso bem rápido, e sua cor está melhor.”

“Talvez... talvez eu esteja inchado e com febre”, disse Colin, com um ar desanimado e melancólico. “Quando a pessoa não vai sobreviver, tem essas reações diferentes.”

O dr. Craven balançou a cabeça. Tomou o pulso de Colin e levantou a manga da camisa do menino para sentir seu braço.

“Você não está com febre”, disse, pensativo, “e essa massa que ganhou é saudável. Se conseguir continuar assim, meu garoto, ninguém mais precisa falar em morrer. Seu pai vai ficar feliz em saber dessa melhora.”

“Não quero que contem a ele!”, explodiu Colin, feroz. “Isso só vai decepcioná-lo se depois eu piorar de novo, e talvez eu piore hoje mesmo. Pode ser que eu tenha uma febre altíssima. Sinto que minha temperatura já está começando a subir. Não quero que escrevam nenhuma carta ao meu pai. Não quero! O senhor está me deixando irritado e sabe que isso não é bom pra mim. Já estou quente. Odeio que escrevam e falem sobre mim do mesmo jeito que odeio ser vigiado!”

“Calma, meu garoto”, o dr. Craven o acalmou. “Ninguém vai escrever nada sem a sua permissão. Você é muito sensível. Não deve regredir na evolução que já teve.”

O doutor não disse mais nada sobre escrever ao sr. Craven, e quando encontrou a enfermeira advertiu-a em particular de que essa possibilidade não deveria ser mencionada ao paciente.

“O menino está extraordinariamente melhor”, disse o médico. “A evolução dele parece quase anormal. Claro, ele agora faz por vontade própria o que antes não conseguíamos obrigá-lo a fazer. Mas fica nervoso com muita facilidade, e nada deve ser dito que possa irritá-lo.”

Mary e Colin, muito preocupados e ansiosos, conversaram sobre a situação. O plano do “teatrinho” surgiu ali.

“Talvez eu seja obrigado a fazer birra”, disse Colin, com pesar. “Não quero ter que fazer isso, e nem estou mais tão infeliz pra conseguir fazer uma bem grande. Talvez não consiga fazer birra nenhuma. Não tenho mais aquele nó na garganta, e agora fico pensando em coisas boas, em vez de coisas horríveis. Mas se eles falarem que vão escrever pro meu pai, vou ser obrigado a tomar uma atitude.”

Ele resolveu que comeria menos, mas infelizmente não foi possível botar em prática essa brilhante ideia quando, todo dia de manhã, ao acordar com um apetite enorme, encontrava a mesa ao lado do sofá posta com um café da manhã composto por pão caseiro e manteiga fresca, ovos brancos como a neve, geleia de framboesa e coalhada. Mary sempre tomava o café com ele, e quando se sentava à mesa, sobretudo nos dias em que havia delicadas fatias de presunto frito exalando aromas tentadores debaixo da tampa da bandeja de prata, os dois se entreolhavam em desespero.

“Acho que vamos ter que comer tudo hoje, Mary”, Colin acabava sempre por dizer. “Podemos mandar de volta uma parte do almoço e quase todo o jantar.”

Mas nunca se achavam capazes de mandar o que quer que fosse de volta, e os pratos reluzindo de tão limpos que retornavam à

cozinha eram objeto de muitos comentários.

“Eu queria tanto que as fatias de presunto fossem mais grossas”, dizia Colin. “E um bolinho para cada um é muito pouco.”

“É o suficiente para uma pessoa que está à beira da morte, mas não para uma pessoa que está bem viva”, respondeu Mary quando o ouviu dizer aquilo pela primeira vez. “Às vezes eu acho que seria capaz de comer uns três, quando sinto o cheiro fresco da urze e do tojo que chega da charneca pela janela aberta.”

Na manhã em que Dickon – depois que eles já estavam se divertindo no jardim havia duas horas – sumiu atrás de uma grande roseira e reapareceu com dois baldes de metal, um dos quais continha leite fresco e nutritivo com nata por cima e o outro, bolinhos de passas caseiros enrolados num limpíssimo pano branco e azul, bolinhos tão cuidadosamente embalados que ainda estavam quentes, o alarido de alegria e surpresa foi grande. Que ideia maravilhosa da sra. Sowerby! Que mulher mais gentil e inteligente ela devia ser! Que delícia estavam os bolinhos! E que gostoso o leite fresco!

“Ela tem Mágica que nem o Dickon”, disse Colin. “A Mágica a faz pensar em maneiras de fazer as coisas – de fazer coisas boas. Ela é uma pessoa Mágica. Diga a ela que ficamos agradecidos, Dickon, muitíssimo agradecidos.”

Ele às vezes usava frases de adulto. Gostava delas. Gostava tanto que decidiu melhorar a que tinha acabado de falar.

“Diga-lhe que ela foi muitíssimo generosa, e que a nossa gratidão é imensa.”

E em seguida, esquecendo toda a pompa, atirou-se aos bolinhos e bebeu o leite do balde em grandes goles, como qualquer menino

faminto que, depois de duas horas desde o café da manhã, tivesse se exercitado além da conta respirando o ar da charneca.

Aquela foi a primeira de muitas surpresas agradáveis desse tipo. E, na verdade, os despertou para o fato de que, como a sra. Sowerby tinha catorze pessoas para alimentar, talvez não tivesse comida suficiente para o apetite de mais duas todos os dias. Por isso, mandaram perguntar se ela permitiria que eles lhe enviassem alguns xelins para comprar coisas.

Dickon fez a estimulante descoberta de que no bosque do parque, do lado de fora do jardim, onde Mary o vira pela primeira vez tocando sua flauta para os bichos, havia um buraco pequeno, mas fundo, que podia ser transformado, com algumas pedras, numa espécie de minúsculo forno para assar batatas e ovos. Ovos preparados assim se revelaram um luxo até então desconhecido, e as batatas bem quentes com sal e manteiga fresca eram dignas de um rei da floresta – além de deliciosamente nutritivas. Eles podiam comprar batatas e ovos e comer o quanto quisessem sem ficar com a sensação de que estavam tirando comida da boca de catorze pessoas.

A cada bela manhã, a Mágica era invocada pelo círculo místico sob o pé de ameixa, que passado o breve período de floração lhes proporcionava um dossel de folhas verdes e espessas. Após a cerimônia Colin sempre fazia sua caminhada, e ao longo do dia voltava a exercitar de vez em quando seu poder recém-adquirido. Ficava mais forte a cada dia, caminhando com maior equilíbrio e até mais longe. E a cada dia sua crença na Mágica aumentava – como era de esperar. Ele experimentava uma atividade depois da outra à medida que se fortalecia, e era Dickon quem lhe dava as melhores sugestões.

“Ontem”, contou o menino certa manhã, depois de um dia em que não aparecera no jardim, “fui a Thwaite porque a mãe pediu, e lá, perto da hospedaria Vaca Azul, vi o Bob Haworth. Ele é o sujeito mais forte da região. É campeão de luta romana e pula mais alto que qualquer um, e ninguém lança o martelo mais longe que ele. Teve uns ano que o Bob foi até pra Escócia pros jogo. Ele me conhece desde criancinha, e é um bom sujeito, então aproveitei pra fazer umas pergunta. O pessoal chama ele de atleta, aí lembrei do sinhozinho Colin e falei: ‘Como é que ocê faz pra ficar com tanto músculo, Bob? Foi alguma coisa diferente que ocê fez pra ficar assim tão forte?’ E ele me disse: ‘É claro que sim, garoto. Um homem forte de um circo veio se apresentar em Thwaite uma vez e me mostrou como é que fazia exercício pros braços, pernas e tudo que é músculo do corpo.’ E eu: ‘Será que um sujeito fraquinho consegue ficar forte com esses exercício, Bob?’ E ele riu e disse: ‘É você esse sujeito fraquinho?’ Eu respondi: ‘Não, mas conheço um jovem cavalheiro que tá se recuperando de doença demorada, e queria aprender uns truque pra ensinar pra ele.’ Não falei o nome de ninguém, e ele também não perguntou. Um bom sujeito, como eu disse, e aí ele se levantou bem prestativo e me mostrou, e imitei ele até decorar como fazia.”

Colin escutava tudo com entusiasmo.

“Você pode me mostrar?”, pediu. “Pode?”

“É claro”, respondeu Dickon, ficando de pé. “Mas ele falou que no começo tem que ir devagar e tomar cuidado pra não se cansar. Precisa dar umas paradinha e respirar fundo e não exagerar.”

“Vou tomar cuidado”, disse Colin. “Mas vamos lá, me mostra! Vamos lá, Dickon! Você é o menino mais mágico do mundo!”

Dickon se levantou da grama e, com movimentos lentos, repassou uma série cuidadosamente pensada para ser prática mas também simples, com exercícios para os músculos. Colin o observava de olhos arregalados. Podia fazer alguns dos exercícios mesmo sentado, e começou na mesma hora, erguendo-se depois com movimentos suaves sobre as pernas agora bem firmes. Mary começou a fazê-los também. Fuligem, que assistia à cena, ficou muito perturbado, abandonou seu galho e ficou pulando de um lado para outro, inquieto, porque não podia fazer os exercícios também.

A partir de então os exercícios passaram a fazer parte das atividades do dia, assim como a Mágica. Colin e Mary conseguiam fazer mais repetições a cada vez que tentavam, o que abria o apetite dos dois de tal forma que, não fosse pelo farnel que Dickon escondia atrás dos arbustos toda manhã ao chegar, eles estariam perdidos. Mas o pequeno forno improvisado no buraco e os mimos da sra. Sowerby os deixavam tão saciados que a sra. Medlock, a enfermeira e o dr. Craven voltaram a ficar confusos. É fácil apenas beliscar o café da manhã e dispensar o jantar quando se está empanturrado de ovos cozidos, batatas assadas, leite fresco com nata, bolo de aveia, bolinhos de passas, mel e coalhada.

“Eles não estão comendo quase nada”, disse a enfermeira. “Vão morrer de fome se não conseguirmos convencê-los a se alimentar. E olha só a aparência deles.”

“Então!”, exclamou a sra. Medlock, indignada. “Eita! Estou louca da vida. São dois diabinhos, aqueles. Num dia se empanturram, e no outro torcem o nariz para as comidas mais tentadoras que a cozinheira consegue oferecer. Nem uma garfada daquele delicioso ensopado de frango que ela fez! E a pobre coitada *inventou* uma

sobremesa pra eles, e lá veio tudo de volta. Ela quase chorou. Está com medo de ser culpada se aqueles dois forem parar no cemitério porque não querem comer.”

O dr. Craven apareceu para fazer um exame demorado e cuidadoso em Colin. Tinha uma expressão extremamente preocupada ao conversar com a enfermeira, que lhe mostrou a bandeja quase intocada do café da manhã, deixada como estava para ele ver – mas ficou ainda mais preocupado quando se acomodou junto ao sofá de Colin para examiná-lo. O médico estivera em Londres a trabalho e fazia quase duas semanas que não via o menino. Quando juvenzinhos como ele começam a recuperar a saúde, ela volta rapidamente. A cor de cera havia desaparecido da pele de Colin, agora perpassada por um tom rosado; seus belos olhos estavam límpidos, e abaixo deles as olheiras tinham sumido, assim como as cavidades nas bochechas e nas têmporas. Seus cabelos, antes pesados e sem brilho, agora pareciam saudáveis e leves, macios e cheios de vida. Os lábios estavam mais cheios e tinham voltado à cor normal. Na verdade, se queria parecer um menino irremediavelmente inválido, Colin não convencia ninguém. Com a mão no queixo, o dr. Craven ficou refletindo sobre o caso.

“Fiquei chateado de saber que você não está comendo nada”, disse. “Assim não dá. Vai perder todo o peso que ganhou. E foi espantoso como ganhou peso. Você estava comendo tão bem faz pouco tempo.”

“Eu disse que não era um apetite normal”, respondeu Colin.

Mary estava sentada ao lado em seu banquinho, e de repente fez um ruído muito estranho, e tentou reprimi-lo tão violentamente que acabou por quase se engasgar.

“O que foi?”, quis saber o dr. Craven, virando-se para olhá-la.

Mary adotou a mais séria das posturas.

“Algo entre um espirro e uma tosse que ficou preso na minha garganta”, respondeu ela, com um ar distinto de reprovação.

“Eu não consegui me segurar”, ela contou mais tarde a Colin. “Simplesmente explodi, porque me lembrei de repente daquela última batata grande que você comeu, e da sua boca cheia quando deu uma mordida naquela fatia grossa e deliciosa de pão com geleia e coalhada.”

“Existe alguma possibilidade de essas crianças estarem conseguindo comida em outro lugar?”, o dr. Craven perguntou à sra. Medlock.

“De jeito nenhum, só se estiverem desenterrando de algum lugar ou colhendo nas árvores”, respondeu ela. “Eles ficam na propriedade o dia todo e só têm a companhia um do outro. E se quiserem comer alguma coisa diferente do que servimos a eles, só precisam pedir.”

“Bom”, disse o dr. Craven, “desde que ficar sem comida lhes faça bem, não precisamos nos incomodar. O menino parece outra criatura.”

“E a menina também”, completou a sra. Medlock. “Ela começou a ficar bonita agora que engordou e perdeu aquela cara feia e mal-humorada. O cabelo ganhou volume e aparência saudável, e ela está com uma cor radiante. Era uma menininha triste e azeda, e agora ela e o sr. Colin riem juntos feito dois joventinhos malucos. Talvez estejam engordando de tanto rir.”

“Talvez”, disse o dr. Craven. “Deixe que riem.”

25. A CORTINA

E o jardim secreto florescia e florescia, e a cada manhã revelava novos milagres. No ninho do pisco agora havia ovos, e a companheira do passarinho ficava sentada em cima deles, mantendo-os aquecidos com seu corpinho emplumado e suas asas cuidadosas. No começo ela ficara muito nervosa, e também o pisco mantinha uma vigilância agressiva. Por aqueles dias nem Dickon chegava perto do recanto fechado dos dois, à espera de que, silenciosamente, o feitiço misterioso que ele parecia ter lançado à alma do pequeno casal tivesse o efeito de convencê-los de que no jardim não havia ninguém que não fosse exatamente como eles mesmos – ninguém que não fosse capaz de entender a maravilha do que estava acontecendo, a imensa, terna, terrível e comovente beleza e solenidade dos ovos. Se uma só pessoa naquele jardim não soubesse lá no fundo que roubar ou danificar um ovo do ninho faria o mundo inteiro rodopiar, implodir no espaço e desaparecer – se uma só pessoa não sentisse isso e não agisse de acordo, não haveria felicidade naquele jardim, nem naquele ar dourado da primavera. Mas as crianças sabiam e sentiam, e o pisco e sua companheira sabiam que elas sabiam.

De início, o pisco observava Mary e Colin com grande ansiedade. Por alguma razão misteriosa, sabia que não precisava vigiar Dickon. Assim que ele botou os olhos orvalhados no menino, percebeu que não era um estranho, mas uma espécie de pisco sem bico ou penas.

Ele sabia falar pisquês (uma língua muito particular que não deve ser confundida com nenhuma outra), e falar pisquês com um pisco é como falar a língua francesa com um francês. Dickon sempre falava com o pisco na própria língua dele, de modo que a conversa estranha com a qual se dirigia aos humanos não interessava ao pássaro nem um pouco. Ele achava que o menino falava daquele jeito com as pessoas porque estas não eram suficientemente inteligentes para compreender a língua dos emplumados. O jeito como Dickon se movia também era o de um passarinho. Ninguém se assustava com ele porque seus movimentos nunca eram bruscos, nunca pareciam perigosos ou ameaçadores. Qualquer pisco era capaz de entender Dickon, e sua presença não os incomodava nem um pouco.

Mas, no começo, parecia necessário ficar atento com relação aos outros dois. Para início de conversa, porque aquele outro menino não chegava ao jardim com as próprias pernas. Ele era empurrado em cima de uma coisa com rodas e tinha umas peles de animais selvagens cobrindo o corpo. Isso por si só já causava desconfiança. Depois, quando começou a ficar de pé e a se mexer, fazia isso de um jeito esquisito, de quem não estava acostumado, e os outros pareciam ter que ajudá-lo. O pisco ficava escondido num arbusto para observar, nervoso, a cabeça inclinada primeiro para um lado, depois para o outro. Achava que os movimentos lentos de Colin podiam significar que ele se preparava para atacar, como os gatos. Quando os gatos estão se preparando para o ataque, rastejam devagar pelo chão. O pisco conversou muito com a companheira sobre isso por alguns dias, mas depois decidiu não falar mais no

assunto, pois ela ficava tão apavorada que ele teve medo de que aquilo pudesse ser prejudicial aos ovos.

Quando o menino começou a andar sozinho e até a se mover mais rapidamente, foi um imenso alívio. Mas, por um bom tempo – ou assim pareceu ao pisco –, Colin foi motivo de alguma ansiedade. Ele não agia como os outros humanos. Parecia muito gostar de andar, mas vivia parando para se sentar ou se deitar, e então se levantava de uma maneira desconcertante e começava tudo de novo.

Certo dia, o pisco lembrou que, quando ele próprio estava aprendendo a voar com os pais, tinha feito mais ou menos igual. Dava pequenos voos de alguns metros e depois era obrigado a descansar. Daí lhe ocorreu que o menino estava aprendendo a voar – ou melhor, a andar. Quando mencionou isso à companheira, e disse a ela que os ovos provavelmente fariam a mesma coisa depois de chocados, ela ficou bastante reconfortada e até muito interessada, observando com grande prazer o garoto da beirada do ninho – embora ficasse sempre pensando que os ovos seriam muito mais inteligentes e aprenderiam muito mais rápido que ele. Mas depois, com ar complacente, ela observou que os humanos eram sempre mais desajeitados e lentos do que os ovos, e a maioria deles parecia mesmo nunca aprender a voar. Afinal, nunca se viam seres humanos no ar ou no topo das árvores.

Depois de um tempo, o garoto começou a se mexer como os outros, mas todos os três faziam movimentos incomuns de vez em quando. Eles ficavam debaixo das árvores e moviam braços, pernas e cabeça de um jeito que não era nem de andar, nem de correr, nem de sentar. Repetiam esses movimentos de tanto em tanto todos os

dias, e o pisco nunca foi capaz de explicar à companheira o que eles estavam fazendo ou tentando fazer. A única certeza que ele tinha era de que os ovos jamais fariam aquilo; e, como o menino que sabia falar pisquês muito naturalmente acompanhava os outros dois, os passarinhos podiam estar seguros de que eram movimentos perigosos. É claro que nem o pisco nem sua companheira tinham ouvido falar de Bob Haworth, o campeão de luta, nem de seus exercícios para deixar os músculos salientes como calombos. Os piscos não são como os seres humanos; seus músculos são exercitados desde sempre, de modo que eles os desenvolvem de maneira natural. Quem precisa voar por aí atrás de cada refeição não deixa os músculos atrofiarem (o que significa desperdiçá-los por falta de uso).

Quando o menino passou a andar, correr, cavar e capinar como os outros, o ninho, lá no canto, ficou em grande paz e contentamento. Temer pelos ovos virou coisa do passado. Saber que eles estavam seguros como se trancados num cofre de banco, e ter à vista tantas coisas curiosas acontecendo, tornou a tarefa de chocar muito divertida. Em dias chuvosos, quando as crianças não vinham ao jardim, a mãe dos ovos às vezes se sentia até um pouco entediada.

Mas mesmo nesses dias não se podia dizer que Mary e Colin levassem uma vida chata. Certa manhã, com a chuva caindo incessantemente e Colin começando a se sentir meio inquieto, obrigado a ficar no sofá porque não era seguro se levantar e andar, Mary teve uma inspiração.

“Agora que sou um menino de verdade”, Colin tinha dito, “minhas pernas e braços e todo o meu corpo estão tão tomados pela Mágica que não consigo mantê-los quietos. Eles querem fazer coisas

o tempo todo. Quando acordo de manhã bem cedo e os passarinhos não param de gritar lá fora e tudo parece simplesmente explodir de alegria, até as árvores e as coisas que a gente na verdade não consegue ouvir, sabe como eu me sinto, Mary? Tenho vontade de pular da cama e sair gritando também. Já pensou no que aconteceria se eu fizesse isso?”

Mary desatou a rir.

“A enfermeira viria correndo, e a sra. Medlock também, e elas teriam certeza de que você estava louco e mandariam chamar o médico”, falou a menina.

Colin riu. Conseguia imaginar o estado em que ficariam todos – o quanto ficariam horrorizados com seu surto e espantados ao vê-lo de pé.

“Eu queria que o meu pai voltasse para casa”, disse. “Quero contar a ele pessoalmente. Vivo pensando nisso. E não podemos continuar com isso por muito mais tempo. Não suporto mais ficar deitado fingindo, e além disso minha aparência está muito diferente. Queria que não estivesse chovendo hoje.”

Foi então que Mary teve uma inspiração.

“Colin, você sabe quantos quartos tem nesta casa?”, perguntou, num tom misterioso.

“Acho que uns mil”, respondeu ele.

“Tem mais ou menos uns cem quartos onde ninguém nunca entra”, disse Mary. “E teve um dia chuvoso em que saí pra olhar o que tinha em vários deles. A sra. Medlock quase me pegou, mas ninguém nunca ficou sabendo. Eu me perdi quando estava voltando e parei no final do seu corredor. Foi a segunda vez que ouvi você chorando.”

Colin se animou todo no sofá.

“Cem quartos onde ninguém nunca entra”, repetiu ele. “Parece quase um jardim secreto. E se a gente fosse dar uma olhada neles? Se você me colocar na cadeira, ninguém nunca vai saber.”

“Era isso que eu estava pensando”, disse Mary. “Ninguém se daria ao trabalho de nos seguir. Tem salões onde você pode correr. E podíamos fazer nossos exercícios. Tem um quartinho indiano com um armário cheio de elefantes de marfim. Tem vários tipos de quarto.”

“Toque o sino”, disse Colin.

Quando a enfermeira chegou, ele deu as ordens.

“Quero minha cadeira”, disse. “Mary e eu vamos visitar a parte da casa que não é usada. O John pode me empurrar até o salão dos quadros, porque tem escadas no caminho. Depois ele vai embora e deixa a gente em paz até que eu o chame de volta.”

A partir daquela manhã, os dias chuvosos deixaram de ser um tormento. Depois que o laçao conduziu a cadeira até o salão dos quadros e deixou os dois ali, como lhe fora ordenado, Colin e Mary se entreolharam deliciados. Assim que Mary se certificou de que John voltara mesmo para seus aposentos debaixo da escada, Colin se levantou da cadeira.

“Vou correr de uma ponta até a outra do salão”, disse ele, “e depois vou pular, e a gente faz os exercícios do Bob Haworth.”

E fizeram todas essas coisas e muitas outras. Pararam para olhar os retratos e encontraram a garotinha sem graça de vestido de brocado verde com o papagaio pousado no dedo.

“Todos esses aí”, observou Colin, “devem ser meus parentes. Eles viveram há muito tempo. Aquela do papagaio, acho que é uma das

minhas tias-tataravós. Ela se parece muito com você, Mary – não agora, mas como era quando chegou aqui. Agora você está bem mais gordinha e bonita.”

“Você também”, disse Mary, e os dois riram.

Dali foram para o quartinho indiano e se divertiram com os elefantes de marfim. Encontraram o aposento forrado de brocado cor-de-rosa e o buraco que a rata havia deixado na almofada, mas os ratinhos já tinham crescido e ido embora, e a toca estava vazia. Viram mais quartos e fizeram mais descobertas do que Mary em sua primeira expedição. Acharam novos corredores, cantos, lances de escada, outras fotos antigas de que gostaram e coisas velhas e estranhas que não sabiam que uso poderiam ter. Foi uma manhã curiosa, a seu modo divertida, e era fascinante a sensação de circular por uma casa com outras pessoas, mas como se ao mesmo tempo estivessem a quilômetros de distância delas.

“Que bom que viemos”, disse Colin. “Não sabia que morava num lugar tão antigo e estranho. Gosto daqui. Vamos passear pela casa toda vez que chover. Continuar descobrindo cantos e coisas novas e diferentes.”

Uma das coisas que descobriram naquela manhã era que estavam com tanto apetite ao fim da expedição que, voltando ao quarto de Colin, não foi possível devolver o almoço intocado.

Quando a enfermeira levou a bandeja de volta ao andar de baixo, largou-a com estrondo no aparador da cozinha, de modo a chamar atenção da sra. Loomis, a cozinheira, para os pratos e travessas reluzentes de limpos.

“Olha só isso!”, disse a cozinheira. “Esta casa é um mistério, e essas duas crianças, o maior mistério de todos.”

“Se eles continuarem comendo desse jeito”, disse John, o jovem e forte lacaio, “não vai ser nenhum espanto se daqui a um mês ele estiver pesando o dobro do que pesa hoje. Melhor eu largar esse emprego enquanto é tempo, pra não acabar estragando os meus músculos.”

Naquela tarde, Mary notou que havia algo diferente no quarto de Colin. Tinha reparado no dia anterior, mas não dissera nada porque a mudança talvez fosse por acaso. Também não comentara nada hoje, mas sentou-se para olhar detidamente a foto sobre o consolo da lareira. Conseguia vê-la porque a cortina estava aberta. Era essa a mudança que tinha notado.

“Eu sei o que você quer que eu diga”, falou Colin, depois de Mary passar alguns minutos olhando a novidade. “Sempre sei quando você quer que eu diga alguma coisa. Você está se perguntando por que a cortina está aberta. Eu agora vou deixá-la sempre assim.”

“Por quê?”, quis saber Mary.

“Porque não sinto mais raiva de vê-la sorrindo. Duas noites atrás eu acordei com a luz da lua e senti como se a Mágica estivesse enchendo o quarto, e tudo parecia tão maravilhoso que não consegui ficar deitado. Levantei e olhei pela janela. O quarto estava bastante iluminado, e tinha um reflexo do luar batendo na cortina que, por alguma razão, me fez ir até lá e puxar a cordinha. Ela olhou pra mim como se sorrisse de alegria por eu estar ali. Isso me fez gostar de olhar pra ela. Quero vê-la sorrindo assim o tempo todo. Acho que ela talvez tenha sido algum tipo de pessoa mágica.”

“Você está tão parecido com ela agora que às vezes acho que poderia ser o fantasma dela transformado em menino”, observou Mary.

Essa ideia pareceu impressionar Colin. Ele pensou um pouco e, em seguida, respondeu devagar.

“Se eu fosse o fantasma dela, meu pai ia gostar de mim.”

“Você quer que ele goste de você?”, perguntou Mary.

“Eu antes sentia ódio porque ele não gostava de mim. Se ele começar a gostar de mim, acho que vou ter que contar a ele sobre a Mágica. Talvez ela o deixe mais alegre.”

26. “É A MINHA MÃE!”

Para as crianças, a fé na Mágica era algo inabalável. Depois do ritual da manhã, Colin às vezes dava palestras sobre o assunto.

“Gosto disso porque, quando eu crescer e fizer grandes descobertas científicas, vou ter que falar sobre elas, e assim já pego alguma prática”, explicou. “Por enquanto só posso dar palestras curtas, pois sou muito novo. Além do mais, o Ben Weatherstaff ia pensar que estava na igreja e acabar pegando no sono.”

“A melhor coisa de uma palestra”, disse Ben, “é que a pessoa pode ir lá e dizer o que quiser, sem ninguém pra retrucar. Às vezes eu bem que gostava de fazer umas palestrinha.”

No entanto, quando Colin se posicionava debaixo de sua árvore, o velho Ben cravava nele seus olhos vorazes severos e não tirava mais. Observava o menino com uma ternura crítica. Não era tanto a palestra que lhe interessava, mas as pernas que pareciam mais firmes e fortes a cada dia, a cabeça infantil que se mantinha tão ereta, o queixo antes afilado e as bochechas chupadas que ganhavam carne e se arredondavam, e os olhos que começavam a exibir um brilho que ao jardineiro lembravam o de um outro par deles. Havia momentos em que, percebendo que o olhar sério de Ben significava que ele estava muito impressionado, Colin ficava imaginando o que o velho homem estaria pensando. Certa vez, quando o jardineiro lhe pareceu bastante fascinado, ele perguntou.

“No que você está pensando, Ben Weatherstaff?”

“Eu tava aqui reparando”, respondeu Ben, “que garanto como o sinhozinho engordou um ou dois quilo essa semana. Tava só olhando pras panturrilha e os ombro. Queria colocar o sinhozinho em cima de uma balança.”

“É a Mágica. E os bolinhos, o leite e as outras coisas que a sra. Sowerby manda”, disse Colin. “Olha aí como o experimento científico está sendo um sucesso.”

Naquela manhã, Dickon chegou atrasado para ouvir a palestra. Quando apareceu, estava vermelho por ter vindo correndo, e seu rosto engraçado parecia mais radiante que o normal. Como tinham muita erva daninha para arrancar depois das chuvas, eles logo começaram. Sempre havia muito o que fazer quando a água vinha quente do céu a ponto de encharcar o solo. A umidade que era boa para as flores era igualmente boa para as ervas daninhas, as quais despontavam da terra com suas minúsculas lâminas de grama e brotos de folhas que precisavam ser arrancados antes que suas raízes se fixassem. Colin já estava tão bom nessa tarefa quanto os outros, e ainda conseguia discursar enquanto trabalhava.

“A Mágica funciona melhor quando a gente trabalha”, disse ele naquela manhã. “A gente sente o efeito dela nos ossos e nos músculos. Vou ler livros sobre ossos e músculos, mas vou escrever um sobre a Mágica. Já estou imaginando tudo agora mesmo. Continuo descobrindo coisas.”

Não muito depois de ter dito isso, ele largou a espátula e ficou de pé. Havia estado em silêncio por alguns minutos, e os demais perceberam que ele pensava na próxima palestra, como era seu costume. No momento em que largou a espátula e ficou de pé, pareceu a Mary e a Dickon que o impulso viera de uma ideia súbita

e poderosa. Colin se esticou até ficar o mais alto que podia, os braços também levantados, exultante. Seu rosto reluzia, corado, e os olhos estranhos se arregalaram de alegria. De repente, ele chegara à compreensão total de alguma coisa.

“Mary! Dickon!”, exclamou. “Olhem só pra mim!”

Os dois pararam de capinar e se viraram para ele.

“Vocês se lembram daquela manhã em que me trouxeram aqui pela primeira vez?”, perguntou.

Dickon olhava com atenção. Sendo um encantador de animais, podia ver mais coisas do que a maioria das pessoas, e sobre muitas delas jamais falava. Estava vendo algumas agora naquele garoto.

“Pois é claro que sim”, respondeu.

Mary também olhava para o primo com muita atenção, mas não disse nada.

“Agorinha mesmo”, disse Colin, “assim, de repente, me lembrei... quando olhei pra minha mão cavando com a espátula... e tive que me levantar pra conferir que era real. E é real! Eu fiquei *bom*! Fiquei *bom*!”

“Pois ficou mesmo!”, disse Dickon.

“Eu fiquei bom! Fiquei bom!”, repetiu Colin, com o rosto ficando todo vermelho.

Ele de certa forma já sabia disso. Sentia isso, pensava nisso e tinha esperança de que fosse verdade, mas naquele momento uma espécie de arrepio percorreu todo o seu corpo, uma espécie de crença e de consciência arrebatadoras, e a sensação tinha sido tão forte que ele não pôde evitar de gritar.

“Vou viver para sempre, sempre, sempre!”, berrou a plenos pulmões. “Vou descobrir milhares e milhares de coisas. Vou

descobrir pessoas e criaturas e todas as coisas que crescem, como o Dickon, e nunca mais vou deixar de fazer Mágica. Eu fiquei bom, fiquei bom! Sinto... sinto vontade de gritar alguma coisa alegre, para agradecer por isso!”

Ben Weatherstaff, que trabalhava junto a uma roseira, virou o rosto para ele.

“O sinhozinho podia cantar a doxologia”, sugeriu seco, no seu resmungo característico. Não tinha qualquer opinião sobre a doxologia, e não fez a sugestão com nenhuma reverência em especial.

Mas Colin tinha uma mente curiosa e não sabia nada sobre o assunto.

“O que é isso?”, quis saber ele.

“O Dickon sabe cantar, eu garanto”, disse Ben Weatherstaff.

Dickon respondeu com seu sorriso de encantador de animais que sabe de tudo.

“O pessoal canta na igreja”, disse. “A mãe diz que acredita que ouve as cotovia cantar quando acorda de manhã.”

“Se ela diz isso é porque deve ser uma música bonita”, respondeu Colin. “Eu nunca fui a uma igreja. Estava sempre muito doente. Canta, Dickon. Eu quero ouvir.”

Dickon reagiu com bastante naturalidade e sem afetação. Entendia o que Colin estava sentindo melhor do que o próprio Colin. Compreendia tudo com uma espécie de instinto tão natural que nem percebia que estava compreendendo. Tirou o boné e olhou em volta, ainda sorrindo.

“Tem que tirar o chapéu”, ele disse a Colin. “E você também, Ben. E tem que ficar de pé.”

Colin tirou o chapéu e o sol iluminou e aqueceu seus cabelos abundantes, enquanto ele observava Dickon com atenção. Ben Weatherstaff, que estava de joelhos, se levantou e descobriu a cabeça também, com uma expressão meio contrariada e confusa no rosto envelhecido, como se não soubesse muito bem por que estava agindo daquele jeito tão estranho.

Dickon se postou entre as árvores e roseiras e começou a cantar, de um jeito natural e espontâneo, numa bela e potente voz de menino:

*Louvado seja Deus, fonte de toda bênção,
Louvado seja por todas as criaturas aqui no chão,
Louvado seja Ele a quem elevamos o nosso canto,
Louvados sejam o Pai, o Filho e o Espírito Santo,
Amém.*

Quando Dickon terminou de cantar, Ben Weatherstaff ficou ali parado, trincando os dentes com força, mas com uma expressão perturbada e os olhos fixos em Colin. Este, por sua vez, tinha um ar pensativo e satisfeito.

“É uma música muito bonita”, disse o menino. “Gosto dela. Talvez expresse exatamente o que quero dizer quando tenho vontade de gritar para agradecer à Mágica.” Ele parou e ficou pensando, um pouco confuso. “Talvez as duas coisas sejam uma só. Como a gente pode saber o nome exato de tudo? Canta de novo, Dickon. Vamos tentar acompanhar, Mary. Eu também quero cantar. É a minha música. Como é que começa? ‘Louvado seja Deus, fonte de toda bênção’?”

E cantaram a música mais uma vez, Mary e Colin elevando as vozes da maneira mais melodiosa que podiam, enquanto a de

Dickon ressoava bem encorpada e bonita – e, no segundo verso, Ben Weatherstaff limpou a garganta com um pigarro para, no terceiro, aderir ao coro com tanto vigor que soou quase selvagem. Ao final, quando chegaram ao “Amém”, Mary reparou que Ben repetia ali a reação que tivera ao descobrir que Colin não era aleijado: seu queixo tremia e os olhos piscavam, o rosto envelhecido e enrugado úmido de lágrimas.

“Eu nunca tinha entendido a doxologia antes”, disse ele, com a voz rouca. “Mas já posso mudar de ideia. Deve ter sido uns dois quilo só essa semana, sinhozinho Colin – dois quilo a mais de peso!”

Colin estava olhando para alguma coisa que havia atraído a sua atenção do outro lado do jardim, e a expressão em seu rosto foi ficando assustada.

“Quem está vindo ali?”, perguntou. “Quem é ela?”

A porta no muro com a trepadeira tinha sido aberta com cuidado e uma mulher entrara no jardim. Ela havia chegado enquanto eles entoavam o último verso da canção e ficara ali em silêncio, ouvindo e olhando para eles. Com a trepadeira ao fundo e a luz do sol filtrada entre as árvores a banhar seu longo manto azul, o rosto bondoso e fresco sorrindo em meio à vegetação, ela parecia uma das ilustrações de cores esmaecidas num dos livros de Colin. Tinha olhos maravilhosamente afetuosos, que pareciam absorver tudo – todos eles, até Ben Weatherstaff e os bichos, e todas as plantas em flor. Ainda que sua aparição fosse inesperada, nenhum deles a sentiu como uma intrusa. Os olhos de Dickon se iluminaram feito lamparinas.

“É a minha mãe! É ela!”, exclamou o menino, e atravessou a grama correndo.

Colin foi se aproximando também, e Mary com ele. Ambos sentiam a pulsação acelerar.

“É a minha mãe!”, repetiu Dickon, quando eles se encontraram no meio do caminho. “Eu sabia que o sinhozinho e a senhorita queriam conhecer ela, aí falei onde a porta ficava escondida.”

Muito corado, com uma espécie de timidez aristocrática, Colin estendeu a mão, mas sem tirar os olhos do rosto dela.

“Quando estava doente, eu já queria conhecer a senhora”, disse. “A senhora, o Dickon e o jardim secreto. E antes eu nunca queria ver ninguém nem coisa nenhuma.”

Ver o rosto do menino, agora recuperado, provocou uma mudança repentina na expressão dela própria. A sra. Sowerby ficou vermelha, seus lábios estremeceram e uma névoa perpassou sua visão.

“Eita! Menino querido!”, exclamou ela, trêmula. “Eita! Menino querido!”, disse, como se não soubesse que ia dizer aquilo. Não disse “sinhozinho Colin”, apenas “menino querido”, assim, de supetão. Era como poderia ter se dirigido a Dickon se tivesse visto algo em seu rosto que a tocasse. Colin gostou.

“A senhora está surpresa por eu estar tão bem?”, ele quis saber.

Ela pousou a mão no ombro do menino e sorriu, desanuviando o olhar.

“Pois estou!”, disse. “Mas o sinhozinho é tão parecido com a sua mãe que até fez o meu coração dar um pulo.”

“A senhora acha que isso pode fazer meu pai gostar de mim?”, perguntou Colin, um pouco sem jeito.

“Ah, com certeza, menino querido”, respondeu ela, dando um tapinha no ombro do garoto. “O sr. Craven tem que voltar logo pra casa, tem sim!”

“Susan Sowerby”, disse Ben Weatherstaff, aproximando-se dela. “Olha as perna desse moleque, olha! Faz dois mês, elas parecia umas vareta dentro das meia. E eu ouvi gente dizendo que eram torta e enroscada tudo ao mesmo tempo. Olha pra elas agora!”

Susan Sowerby deu uma risada reconfortante.

“Já, já vão ficar umas bela de umas perna forte de rapaz”, disse ela. “É só deixar ele continuar brincando e trabalhando no jardim, comendo e tomando bastante leite que não vai ter ninguém com perna melhor em Yorkshire, se Deus quiser.”

Então a mãe de Dickon pousou as duas mãos nos ombros de Mary e ficou olhando seu rostinho de um jeito maternal.

“E ocê também!”, falou. “Tá crescendo saudável que nem a nossa Elizabeth Ellen. Garanto que também puxou a mãe. Nossa Martha me contou que a sra. Medlock ouviu dizer que ela era uma mulher muito bonita. Ocê vai ser como uma rosa vermelha quando crescer, minha molequinha. Deus te abençoe.”

A sra. Sowerby não mencionou que, ao chegar em casa em seu dia de “folga”, Martha dissera duvidar do que a sra. Medlock tinha contado sobre a mãe da menina, que descrevera então como pálida e sem graça. “Não tem muita lógica uma mulher bonita ser a mãe de uma menininha tão feia”, insistira Martha.

Mary nem tivera tempo de prestar muita atenção à mudança na própria aparência. Sabia apenas que parecia “diferente”, e com muito mais cabelo, e que estava crescendo bem rápido. Mas,

lembrando-se de como gostava de olhar para a *mem sahib* no passado, ficou feliz em saber que algum dia se pareceria com ela.

Susan Sowerby os acompanhou numa volta pelo jardim, enquanto ouvia deles a história toda e era apresentada a cada arbusto e cada árvore que haviam voltado à vida. Tinha Colin de um lado e Mary do outro. Volta e meia, os dois olhavam para o rosto rosado e sereno da mãe de Dickon, curiosos com a deliciosa sensação que ela lhes transmitia – uma sensação calorosa de acolhimento. Parecia que ela os entendia como Dickon entendia os animais. Ela se curvava sobre as flores e falava delas como se fossem crianças. Fuligem a seguia, e uma ou duas vezes grasnou para ela e voou por sobre seu ombro como se fosse o de Dickon. Quando lhe contaram sobre o pisco e as primeiras tentativas de voar dos filhotes, ela riu de um jeito suave e maternal.

“Acho que pra eles aprender a voar é que nem criança aprender a andar, mas eu ia ficar bem preocupada se a minha tivesse asa em vez de perna”, disse ela.

E a sra. Sowerby era uma mulher tão maravilhosa, que tinha vindo de sua bela casinha na charneca, que resolveram então lhe contar sobre a Mágica.

“A senhora acredita em Mágica?”, perguntou Colin, depois de explicar sobre os faquires indianos. “Espero que sim.”

“Ah, acredito”, respondeu ela. “Eu nunca soube que tinha esse nome, mas o que importa o nome? Aposto que as pessoa chama de um nome diferente na França, e de outro nome diferente na Alemanha. Isso que faz as semente brotar e o sol brilhar, e que fez o sinhozinho ficar bom, é o Bem. Não interessa que nome a gente que é pobre mortal acha melhor chamar. O Bem Maior não tá

preocupado, graças a Deus. Ele segue criando mundos aos milhões, mundos feito nós. Ocês nunca deixe de acreditar no Bem Maior, e pode saber que o mundo tá cheio dele – chame como quiser. Ocês tavam cantando pra ele quando cheguei aqui no jardim.”

“Eu senti uma alegria tão grande”, Colin disse, arregalando seus belos e estranhos olhos. “De repente senti como eu estava diferente, como os meus braços e pernas estavam fortes, e tudo que eu era capaz de fazer, cavar, ficar de pé... e aí pulei e tive vontade de gritar alguma coisa pra qualquer um que quisesse ouvir.”

“A Mágica ouviu quando o sinhozinho cantou a doxologia. Ia ouvir qualquer coisa que fosse cantada. A alegria é que importava. Eita! Menino, menino! De que importa os nome pra um Criador de Alegrias?”, disse ela, e deu outro tapinha no ombro de Colin.

Naquela manhã, Susan Sowerby tinha preparado uma cesta na qual trazia o banquete de sempre. Quando chegou a hora da fome e Dickon foi buscar o farnel em seu esconderijo, ela se sentou com eles debaixo da árvore e observou enquanto devoravam a comida, rindo satisfeita do apetite das crianças. Ela era brincalhona e os fez rir de uma porção de coisas estranhas. Contou histórias com seu sotaque de Yorkshire e ensinou a eles novas palavras. Riu para valer quando lhe contaram da dificuldade cada vez maior que estavam tendo para fingir que Colin continuava a ser um menino inválido e birrento.

“A senhora está vendo que não conseguimos parar de rir quase todo o tempo em que ficamos juntos”, explicou Colin. “E não é por maldade nem nada. A gente tenta segurar, mas aí o riso explode e parece pior.”

“Tem uma coisa que sempre me vem à cabeça, e eu mal consigo segurar a vontade de rir quando penso nisso de repente”, disse Mary. “Fico imaginando se o rosto do Colin começasse a parecer uma lua cheia. Ainda não parece, mas ele está engordando um pouco a cada dia, e vamos supor que certa manhã fique parecendo... o que a gente vai fazer?”

“Eita, tô vendo que essa história exige um bocado de teatrinho de ocês”, disse a sra. Sowerby. “Mas isso não vai mais durar muito tempo. O sinhô Craven vai voltar pra casa logo, logo.”

“A senhora acha que ele vem?”, perguntou Colin. “Por quê?”

Susan Sowerby riu de levinho.

“Imagino que ocê ia ficar de coração partido se ele descobrisse tudo por outra pessoa, né? O sinhozinho não dorme de noite pensando em como vai contar.”

“Eu não suportaria se outra pessoa contasse”, disse Colin. “Todo dia imagino jeitos diferentes de fazer isso... acho que agora só quero entrar correndo no quarto dele.”

“Ia dar um bom susto no sinhô”, disse Susan Sowerby. “Eu queria tá lá pra ver a cara dele, menino. Isso eu queria! Ele tem que voltar logo pra casa, tem sim.”

Uma das coisas sobre as quais eles conversaram foi a visita que fariam à casa da sra. Sowerby. Planejaram tudo. Fariam uma expedição à charneca para almoçar ao ar livre entre os arbustos de urze. Conheceriam todas as doze crianças e a horta de Dickon, e só voltariam quando estivessem bem cansados.

Susan Sowerby por fim se levantou para pegar o caminho da casa e encontrar a sra. Medlock. Já era hora de Colin ser colocado na cadeira e levado de volta também. Mas, antes de se sentar, ele

chegou mais perto de Susan e olhou em seus olhos com uma expressão atordoada de adoração, e de repente agarrou firme numa dobra de seu manto azul.

“A senhora é tudo o que eu... queria”, disse. “Eu queria que a senhora fosse a minha mãe também... não só do Dickon!”

Então Susan Sowerby se abaixou, envolveu o menino com seus braços acolhedores e puxou-o para junto do peito, sob o manto azul – como se ele fosse um irmão de Dickon. E seus olhos ficaram úmidos.

“Eita! Menino querido!”, disse ela. “A sua mãe tá aqui neste jardim, tenho certeza. Ela não conseguia ficar longe daqui. E o seu pai tem que voltar logo procê. Tem sim!”

27. NO JARDIM

Acada novo século, desde o começo do mundo, coisas maravilhosas vêm sendo descobertas. Nos últimos cem anos, mais coisas foram descobertas do que em qualquer outra época. Neste novo século, centenas de coisas ainda mais incríveis serão trazidas à luz. A princípio, as pessoas se recusam a acreditar que novas coisas podem ser feitas, então começam a esperar que elas possam ser feitas até, enfim, verem que elas de fato podem ser feitas – e aí começam a fazê-las, e todos se perguntam por que não era assim há séculos. Uma das coisas que as pessoas começaram a descobrir no último século é que os pensamentos – meros pensamentos – são tão poderosos quanto baterias elétricas, e podem ser tão benéficos quanto a luz do sol, ou tão nocivos quanto um veneno. Permitir que um pensamento triste ou sombrio entre na cabeça é tão perigoso quanto deixar o germe da escarlatina penetrar no corpo. Se a gente o deixa ficar depois que ele entra, corre o risco de nunca mais se livrar dele pelo resto da vida.

Enquanto permitiu que sua cabeça ficasse cheia de pensamentos desagradáveis sobre suas antipatias e opiniões negativas sobre as pessoas, e manteve-se determinada a não gostar de nada nem se interessar pelo que quer que fosse, Mary foi uma menina amarela, enfermiça, entediada e infeliz. As circunstâncias, no entanto, foram muito boas com ela, embora Mary não tivesse consciência disso. Essas circunstâncias começaram a desafiá-la para o seu próprio bem.

A partir do momento em que sua cabeça começou a ser preenchida pouco a pouco por pensamentos sobre piscos, casinhas na charneca cheias de crianças, velhos jardineiros rabugentos, pela vida comum de uma criada de Yorkshire, pela primavera, por jardins secretos que ganhavam mais vida a cada dia, e também por um garoto da charneca e seus bichos, não havia mais espaço livre para os pensamentos desagradáveis que afetavam o seu fígado e a sua digestão e a deixavam amarela e cansada.

Enquanto ficou fechado num quarto pensando somente em seus medos, em suas fraquezas, no quanto detestava as pessoas que olhavam para ele, em calombos nas costas e na certeza de que ia morrer cedo, Colin foi um hipocondríaco histérico e meio louco que não sabia nada sobre o nascer do sol, sobre a primavera e sobre o fato de que podia ficar bom e pôr-se de pé, se realmente tentasse. Quando novos e agradáveis pensamentos foram tomando o espaço de seus antigos e horrendos medos, ele começou a recuperar a vitalidade, o sangue voltou a circular saudavelmente por suas veias e ele se viu dono de uma força que o inundava como uma enchente. Seu experimento científico foi bastante prático e simples, e não havia nele nada de particularmente estranho. Coisas muito mais surpreendentes podem acontecer a quem, desafiado ou desencorajado por um pensamento ruim, consegue expulsá-lo, colocando em seu lugar um pensamento agradável, obstinado e corajoso. Duas coisas não podem ocupar o mesmo lugar no espaço.

Onde se cultiva uma rosa

Não crescem cardos.

Enquanto o jardim secreto revivia e duas crianças se enchiam de vida junto com ele, um homem vagava por lugares maravilhosos: os

fiordes da Noruega, os vales e montanhas da Suíça. Era um homem que, por dez anos, vinha mantendo a cabeça cheia de pensamentos tristes e sombrios. Ele não tinha sido corajoso; jamais tentara colocar outros pensamentos no lugar. Havia caminhado por lagos azuis pensando em coisas sombrias; deitara-se em encostas de montanhas, com gencianas azuis florindo ao redor e aromas florais preenchendo o ar, pensando em coisas sombrias. Um terrível desgosto recaíra sobre ele depois de ter sido muito feliz, e sua alma se enchera de escuridão, recusando-se obstinadamente a deixar entrar qualquer raio de luz. Tinha esquecido e abandonado sua casa e seus deveres. Quando viajava, uma escuridão tão grande o acompanhava que, só de olhar para ele, as pessoas se sentiam mal – era como se ele envenenasse o ar com sombras. A maior parte dos estranhos que o viam achava que ele ou era meio louco ou um homem com algum crime secreto pesando na alma. Era um sujeito alto, de rosto abatido e ombros arqueados que sempre se registrava nos hotéis como “Archibald Craven, da Mansão Misselthwaite, Yorkshire, Inglaterra”.

Já tinha viajado muito desde o dia em que recebera Mary em seu escritório e permitira que ela escolhesse um “pedacinho de terra”. Havia estado nos lugares mais bonitos da Europa, embora nunca ficasse no mesmo local por mais de alguns dias. Escolhia as paragens mais remotas e silenciosas. Tinha escalado montanhas cujos cumes ficavam acima das nuvens, e de lá observado as montanhas menores bem na hora em que o sol nasce e as toca com uma luz tão especial que é como se o mundo acabasse de renascer.

Mas a luz nunca parecia tocá-lo, até que um dia, pela primeira vez em dez anos, ele se deu conta de que alguma coisa estranha

tinha acontecido. Ele estava num vale maravilhoso do Tirol, na Áustria, e vinha caminhando sozinho num ambiente capaz de elevar qualquer alma perdida. Tinha andado um bocado, mas sua alma ainda não fora tocada. Cansado, ele resolvera se deitar num tapete de musgo à beira de um riacho para descansar um pouco. Era um riacho transparente que corria tranquilo e alegre em seu leito estreito por entre a exuberante vegetação úmida. Algumas vezes, quando a água se chocava com as rochas, fazia um barulho que parecia o som de uma risada suave. Ele viu pássaros pousarem ali para beber água, depois baterem as asas e voar para longe. O riacho parecia uma coisa viva, porém seu som era tão discreto que fazia o silêncio em torno ficar ainda mais profundo. O vale era muito, muito tranquilo.

Enquanto contemplava as águas transparentes do riacho, Archibald Craven aos poucos sentiu o corpo e a mente ficarem cada vez mais tranquilos, tão tranquilos quanto o próprio vale. Chegou a pensar que cairia no sono, mas não dormiu. Ficou olhando para a água iluminada pelo sol, e seus olhos começaram a reparar nas coisas que cresciam nas margens do riacho. Havia uma linda chusma de miosótis azuis que crescera tão perto da água que suas folhas estavam molhadas, e, nesse momento, ele percebeu que estava olhando para as coisas como costumava fazer muitos anos antes. Estava pensando com ternura em como eram lindas aquelas plantas, com suas maravilhosas flores azuis. Ele não sabia que aquele simples pensamento estava começando a entrar na sua mente, devagar, preenchendo o espaço de coisas que começavam a ser expulsas dali. Era como se uma nascente de água límpida tivesse começado a jorrar num lago parado, e continuasse a jorrar até

varrer toda a água escura dali. Ele, porém, não tinha consciência disso. A única coisa que sabia era que o vale parecia mais tranquilo ainda e que queria ficar ali observando as flores azuis. O sr. Craven não saberia dizer quanto tempo ficou parado naquele lugar ou o que estava acontecendo com ele, até que enfim se mexeu, como se estivesse acordando, e se levantou devagar, respirando fundo, intrigado consigo mesmo. Algo parecia ter se desatado e soltado dentro dele, suavemente.

“O que é isso?”, perguntou, quase num sussurro, passando a mão na testa. “É quase como se eu estivesse vivo!”

Não sei o suficiente sobre a maravilha de coisas ainda não descobertas para poder explicar como isso aconteceu com ele. E ninguém sabe. Ele próprio não compreendia – porém se lembrou desse momento estranho meses depois, quando voltou a Misselthwaite e descobriu, quase por acidente, que nesse mesmo dia Colin tinha voltado do jardim secreto gritando: “Eu vou viver para sempre!”

Aquela estranha calma permaneceu com Archibald Craven pelo resto da noite, e ele dormiu um sono excepcionalmente tranquilo; no entanto, a calma não durou. Ele ainda não sabia como conservá-la. Na noite seguinte, voltou a escancarar as portas para seus pensamentos sombrios, e eles vieram correndo em disparada. O sr. Craven deixou o vale e saiu vagando mais uma vez. No entanto, por mais estranho que parecesse, havia momentos – que às vezes se prolongavam por até meia hora – em que, sem que ele soubesse a razão, o fardo negro parecia se dissipar e ele se dava conta de que era um homem vivo, não morto. Bem devagar, sem ele entender o porquê, estava “ganhando vida” junto com o jardim.

Quando a luz dourada do verão se transformou na luz mais opaca do outono, o sr. Craven foi para o lago de Como. Lá, encontrou a beleza encantadora de um sonho. Passava os dias contemplando o azul cristalino do lago ou caminhando no mato verdejante das colinas até ficar exausto, porque assim conseguia dormir. Porém, a essa altura, começara a dormir melhor, e seus sonhos deixaram de ser pesadelos terríveis.

“Talvez meu corpo esteja ficando mais forte”, pensou.

Ele estava ficando mais forte, e por conta das raras horas de paz encontradas quando seus pensamentos mudaram, sua alma também estava se fortalecendo. O sr. Craven começou a se lembrar de Misselthwaite e a pensar se já não era hora de voltar para casa. Vez ou outra, pensava vagamente no filho e se perguntava o que sentiria ao se aproximar de novo da cama de dossel e olhar para o rosto pálido e finamente cinzelado do menino adormecido e para os cílios pretos que contornavam de forma tão marcante os olhos fechados. E se encolhia de pavor.

Num dia maravilhoso, ele andou tanto que ao retornar a lua já estava bem alta no céu, cheia e brilhante, e o mundo parecia ter se pintado de roxo e prata. A tranquilidade do lago, da costa e da mata era tão maravilhosa que ele não voltou para a *villa* em que estava hospedado. Caminhou até um caramanchão na beira d’água, se sentou e ficou sentindo os perfumes celestiais da natureza por toda a noite. Sentiu aquela estranha calma tomando-o e criando força, até que adormeceu.

O sr. Craven não saberia dizer em que momento pegou no sono e quando começou a sonhar; o sonho fora tão real que ele não parecia estar dormindo. Ao pensar nisso mais tarde, lembrou-se de como se

sentia intensamente alerta e desperto. Sentado naquele banco, respirando o aroma de rosas tardias e ouvindo o murmúrio da água batendo na margem, pensou ter ouvido o chamado de uma voz. Era uma voz doce, clara, alegre, distante. Parecia muito distante, mas ainda assim podia ouvi-la tão claramente quanto se estivesse a seu lado.

“Archie! Archie! Archie!”, disse a voz. E depois de novo, ainda mais suave e clara do que antes: “Archie! Archie!”

Ele se levantou num salto, mas não porque estivesse assustado. Era uma voz real, e parecia natural que a estivesse ouvindo.

“Lilias! Lilias!”, respondeu. “Lilias, onde você está?”

“No jardim”, foi a resposta, tão melodiosa quanto se tivesse saído de uma flauta. “No jardim!”

E aí o sonho acabou. Mas ele não acordou. Dormiu profunda e tranquilamente pelo resto daquela noite agradável. Quando enfim acordou, a manhã estava radiante e havia um criado postado ao seu lado. Era um criado italiano que já estava acostumado, como todos os outros da *villa*, a aceitar sem questionamentos qualquer coisa estranha que seu patrão estrangeiro pudesse fazer. Ninguém jamais sabia quando o sr. Craven ia sair ou voltar ou onde escolheria dormir – se ia ficar perambulando pelo jardim a noite inteira ou se passaria a noite num barco no lago. O criado tinha nas mãos uma bandeja com correspondências e aguardou tranquilamente até que o sr. Craven as apanhasse. Quando o italiano já tinha se afastado, o sr. Craven se sentou com as cartas na mão, olhando para o lago. Aquela estranha calma ainda o invadia, e havia algo mais – uma espécie de leveza, como se a crueldade que lhe fora feita não tivesse acontecido

da forma como ele imaginara, como se algo tivesse mudado. Então ele se lembrou do sonho, daquele sonho tão real.

“No jardim!”, exclamou, espantado. “No jardim! Mas a porta está trancada e a chave enterrada.”

Quando voltou a olhar para as cartas, alguns minutos depois, observou que a do topo da pilha vinha escrita em inglês e era de Yorkshire. A letra parecia de mulher, mas ele não a reconheceu. Abriu a carta sem ter a menor ideia de quem a havia escrito, mas as primeiras palavras lhe chamaram atenção.

Caro senhor,

Aqui é Susan Sowerby, aquela que certa vez teve o atrevimento de falar com o senhor sobre a srta. Mary, na charneca. Vou tomar a liberdade de me dirigir ao senhor novamente. Se eu fosse o senhor, voltaria para casa. Acho que seria uma grande alegria. E, se me perdoa o atrevimento, penso que, se sua esposa estivesse aqui, lhe pediria para voltar.

Cordialmente,

Susan Sowerby

O sr. Craven leu a carta duas vezes antes de guardá-la de volta no envelope. Continuava a pensar no sonho.

“Voltarei a Misselthwaite”, disse. “Sim, voltarei imediatamente.”

E atravessou o jardim até a *villa*, onde ordenou a Pitcher que preparasse seu retorno à Inglaterra.

ALGUNS DIAS DEPOIS ele estava de volta a Yorkshire, e durante a longa viagem de trem pegou-se pensando no filho como nunca havia pensado nos últimos dez anos. Durante esse tempo, só queria esquecê-lo. Agora, embora não tivesse vontade de pensar no menino, as memórias não paravam de invadir seus pensamentos. Lembrou-se dos dias negros em que achara que iria enlouquecer de raiva porque a criança tinha sobrevivido e a mãe estava morta.

Tinha se recusado a ver o recém-nascido, e quando por fim decidiu vê-lo, encontrou uma criaturinha fraca e mirrada, que todo mundo dizia que morreria dali a alguns dias. Porém, para a surpresa dos que cuidaram do bebê, os dias passaram e ele prosperou, então todos começaram a achar que o menino cresceria deformado e aleijado.

Archibald Craven não queria ser um mau pai, apenas não se sentia um pai. Tinha contratado médicos, enfermeiras e todos os luxos para o garoto, mas se apavorava de pensar nele, e com isso acabou por se enterrar na própria tristeza. A primeira vez que voltou, depois de um ano longe de Misselthwaite, aquela criaturinha trágica levantara os grandes olhos cinza para ele, com aquele monte de cílios ao redor, de forma lânguida e indiferente. Eram olhos tão parecidos, e ao mesmo tempo tão terrivelmente diferentes dos olhos alegres que ele tanto amara, que Archibald Craven não tolerou mais ver a criança, saindo do quarto pálido como cera. Depois disso, quase nunca mais viu o filho, exceto quando o menino estava dormindo, e tudo o que sabia dele era que era um inválido comprovado, com um temperamento horrível, histérico e quase louco. A única forma de evitar os ataques de fúria que podiam ser perigosos para o próprio menino era satisfazer todas as suas vontades.

Nenhuma dessas recordações era muito animadora, mas à medida que o trem serpenteava pelas montanhas e planícies douradas, o homem que estava “ganhando vida” começou a pensar de um jeito novo, com firmeza e intensidade.

“Talvez eu tenha estado errado nesses dez anos”, disse para si mesmo. “Dez anos é muito tempo. Talvez seja tarde para fazer

alguma coisa... tarde demais. Onde é que eu estava com a cabeça?”

Claro que esse era o tipo errado de Mágica – já começar dizendo que era “tarde demais”. Até mesmo Colin podia ter dito isso a ele. Mas o sr. Craven não entendia nada de Mágica ou magia, nem branca nem negra. Ainda teria que aprender. Agora ele se perguntava se Susan Sowerby havia tomado coragem para escrever porque seu instinto materno a alertara de que Colin estava muito pior – ou fatalmente doente. Se não estivesse sob o feitiço daquela estranha calma que o havia invadido, provavelmente teria se desesperado mais do que nunca. A calma, porém, havia trazido uma espécie de coragem e de esperança. Em vez de pensar no pior, ele percebeu que estava tentando acreditar no melhor.

“Será que ela acha que eu posso fazer bem ao menino e ajudar a controlá-lo?”, pensou. “Vou visitá-la no caminho para Misselthwaite.”

Quando atravessou a charneca em sua carruagem e parou diante da casa, sete ou oito crianças que estavam brincando por ali se juntaram em um grupo e, fazendo simpáticas e educadas reverências, comunicaram ao sr. Craven que sua mãe tinha atravessado a charneca bem cedo naquela manhã para ajudar uma senhora que acabara de dar à luz. “Nosso Dickon”, disseram as crianças, estava na mansão trabalhando num dos jardins, aonde ia vários dias por semana.

O sr. Craven observou aquela coleção de corpinhos robustos e rostinhos corados, cada um sorrindo do seu jeito, e se deu conta de que formavam um grupinho saudável e cativante. Sorriu para as crianças e tirou uma moeda de ouro do bolso, entregando-a a “Lizabeth Ellen”, que era a mais velha entre os irmãos.

“Se você dividir isso em oito partes, vai dar meia coroa para cada um de vocês”, disse.

Então, entre sorrisos, risadinhas e reverências, o sr. Craven continuou a viagem, deixando para trás crianças em êxtase, que se cutucavam e davam pulinhos de alegria.

A viagem pelas maravilhas naturais da charneca foi reconfortante. Por que será que aquela travessia parecia lhe dar agora uma sensação agradável de estar voltando para casa, algo que ele tinha certeza de que nunca mais tornaria a sentir? Era uma sensação que tinha a ver com a beleza da terra, do céu e do arroxeadado das flores, e que lhe aquecia o coração conforme ele se aproximava da velha mansão que abrigava os seus parentes havia mais de seis séculos. Como era possível que tivesse se afastado da última vez, estremecendo ao pensar em todos aqueles quartos fechados e no menino deitado na cama de dossel? Seria possível que fosse encontrar o filho um pouco melhor, e que conseguisse superar o pavor que ele lhe causava? Aquele sonho fora tão real – a voz tinha sido tão clara ao dizer: “No jardim, no jardim!”

“Vou tentar encontrar a chave”, disse ele. “Vou tentar abrir a porta. Tenho que fazer isso, mesmo que não saiba bem por quê.”

Quando chegou à mansão, os criados que o receberam com o cerimonial de praxe repararam que o sr. Craven parecia mais bem-disposto e que não seguiu diretamente para os aposentos mais isolados onde vivia, acompanhado apenas por Pitcher. Em vez disso, ele foi até a biblioteca e pediu que chamassem a sra. Medlock. Ela veio um pouco nervosa, curiosa e alvoroçada.

“Como está o sr. Colin, Medlock?”, inquiriu.

“Bem, senhor”, começou a dizer a sra. Medlock. “Ele está... diferente, acho que posso dizer assim.”

“Pior?”

A sra. Medlock ficou vermelha.

“Bem, sabe o que é, senhor”, ela tentou explicar, “nem o dr. Craven nem a enfermeira nem eu conseguimos entender o que está acontecendo com ele.”

“Por quê?”

“Para falar a verdade, senhor, o sr. Colin talvez esteja melhor, mas pode ser que piore. O apetite dele é tão grande que não dá para entender. E o comportamento do menino...”

“Ele está... mais estranho?”, perguntou o dono da casa, franzindo as sobrancelhas, ansioso.

“Isso mesmo, senhor. Ele está muito estranho, comparado ao que era antes. Ele nunca comia nada, e de repente desenvolveu um apetite enorme. Depois, de uma hora para outra, parou de comer de novo. Talvez o senhor nunca tenha chegado a saber disso, mas antes ele não deixava que o levassem lá para fora. As coisas que nós passamos para tentar fazê-lo sair de casa e dar uma volta na cadeira dele deixariam qualquer um tremendo que nem vara verde. Ele ficava tão nervoso que o dr. Craven disse que não podia se responsabilizar pelo que acontecesse se forçássemos o menino a sair. Pois bem, senhor, aconteceu então que um dia, do nada, pouco depois de um dos piores ataques que o menino já teve, ele de repente insistiu que queria ir lá para fora todos os dias com a srta. Mary e o filho da Susan Sowerby, o Dickon, que era quem empurrava a cadeira. Ele ficou muito próximo tanto da srta. Mary quanto do Dickon, que veio aqui e trouxe uns bichinhos

domesticados. E, acredite ou não, senhor, ele tem ficado lá fora o dia todo, da manhã até a noite.”

“E como está a aparência dele?”, foi a pergunta seguinte.

“Se ele estivesse comendo bem, senhor, a gente ia achar que andou engordando. Mas talvez seja só uma espécie de inchaço. Ele vive rindo de um jeito estranho quando está sozinho no quarto com a srta. Mary. Ele nunca ria antes. O dr. Craven está vindo aqui agora mesmo para falar com o senhor, se o senhor permitir. Ele nunca na vida esteve tão intrigado.”

“Onde está o sr. Colin agora?”, perguntou o sr. Craven.

“No jardim, senhor. Ele está sempre no jardim – embora não permita que ninguém se aproxime. Não quer que ninguém olhe para ele.”

O sr. Craven mal ouviu as últimas palavras.

“No jardim!”, disse, e depois de dispensar a sra. Medlock ficou ali repetindo para si mesmo. “No jardim!”

Ele teve que se esforçar para fazer a mente voltar ao lugar onde seu corpo estava, e quando sentiu que tinha voltado para a terra, virou-se e saiu da sala. Passou pelo portão nos arbustos, como Mary havia feito, depois pelos canteiros em volta do chafariz. O chafariz estava ligado e cercado de canteiros de exuberantes flores de outono. Ele atravessou o gramado até chegar à trilha com os muros de trepadeira. Não andava rápido, mas devagar, e tinha os olhos concentrados na trilha. Sentia-se atraído pelo local que ele abandonara havia muito tempo, e não sabia por quê. À medida que foi se aproximando, seus passos ficaram ainda mais cautelosos. Sabia onde estava a porta, mesmo com a grossa camada de

trepadeiras que havia crescido por cima, mas não se lembrava exatamente de onde a chave estava enterrada.

Então parou e ficou em silêncio, procurando em volta, e quase no minuto seguinte ouviu algo, e começou a se perguntar se estaria sonhando.

A trepadeira que cobria a porta era grossa, a chave estava enterrada embaixo dos arbustos, ninguém tinha entrado ali nos últimos dez anos, e ainda assim ele ouvia ruídos vindo de dentro do jardim. Eram sons de pés correndo e se arrastando no chão, como se estivessem brincando de pega-pega embaixo das árvores, e sons de vozes sussurrando – exclamações e gritos de alegria contidos. Ele parecia até ouvir risadas, daquele tipo incontrolável, típico de crianças que não querem ser ouvidas e se esforçam para não explodir numa gargalhada. Que sonho era esse que ele estava tendo? O que era aquilo que estava escutando? Estaria perdendo a razão e ouvindo coisas que não eram feitas para ouvidos humanos? O que aquela voz distante e clara queria dizer?

E então chegou o momento incontornável em que as vozes já não podiam ser contidas. Os pés corriam cada vez mais rápido – se aproximando da porta do jardim –, e dava para ouvir a respiração ofegante de alguém jovem e forte, além de uma explosão de risadas e gritos. Então a porta do jardim se abriu, a cortina de trepadeiras foi afastada, um menino saiu dali de dentro a toda a velocidade e, sem perceber o intruso, chocou-se com ele, quase como se estivesse se atirando em seus braços.

O sr. Craven os abriu bem a tempo de prevenir o tombo do garoto depois do choque, e quando o afastou um pouco para ver melhor quem era realmente ficou sem ar.

Era um menino alto e bonito. Seu rosto exalava vida, e a correria o tinha deixado ainda mais corado. O garoto tirou o cabelo do rosto e levantou o par de estranhos olhos cinzentos – olhos cheios de alegria juvenil, rodeados por cílios pretos tão espessos que pareciam uma franja. Foram esses olhos que fizeram o sr. Craven ficar sem ar.

“Quem...? O quê...? Quem...!”, gaguejou.

Não era isso que Colin esperava – e também não era isso que tinha planejado. Nunca imaginara um encontro ali. Contudo, dar de cara com o pai quando saía em disparada do jardim, vencendo uma corrida, talvez fosse ainda melhor. Ele esticou bem o corpo, ficando o mais alto possível. Mary, que estava apostando corrida com ele e também atravessara a porta, achou que Colin parecia mais alto do que nunca – centímetros mais alto.

“Pai”, disse o menino. “Sou eu, o Colin. Você não está acreditando. Eu também mal acredito. Sou o Colin.”

Como tinha acontecido com a sra. Medlock, também Colin ficou confuso ao ouvir o pai dizer, esbaforido:

“No jardim! No jardim!”

“Sim”, Colin apressou-se a dizer. “Foi o jardim que fez isso. E também a Mary, o Dickon e os bichinhos. E a Mágica. Ninguém sabe de nada. Guardamos segredo para contar para você quando você voltasse. Eu estou bem, consigo até ganhar da Mary na corrida. Vou ser um atleta.”

O jeito de Colin falar soava tanto como o de um menino saudável – o rosto corado, as palavras emendando umas nas outras na pressa de falar tudo – que a alma do sr. Craven estremeceu, com uma alegria incrédula.

Colin esticou o braço e colocou uma das mãos no ombro do pai.

“Você não está contente, pai?”, perguntou. “Não está feliz? Eu vou viver para sempre!”

O sr. Craven colocou as mãos nos ombros de Colin e ficou olhando para o filho. Por um momento, sabia que não podia nem tentar dizer nada.

E então eles o levaram ao jardim.

O lugar era como uma selva outonal de dourados, roxos, azuis e vermelhos flamejantes, com densas moitas de lírios tardios por todos os cantos – lírios brancos ou brancos e vermelhos. Ele se lembrava bem de quando os primeiros deles tinham sido plantados, e sabia que só nessa época do ano se revelavam em todo o seu esplendor. Rosas trepavam e pendiam dos galhos, e os raios de sol intensificavam o amarelo das árvores, dando a impressão de que o jardim era um templo dourado feito de folhas. O novo visitante estava em silêncio, como as crianças na primeira vez que entraram ali. Ele olhava para todos os lados.

“Eu achava que tudo aqui estaria morto”, disse.

“A Mary também pensou isso”, disse Colin. “Mas ele voltou a ganhar vida.”

Então eles se sentaram embaixo da árvore – menos Colin, que queria estar de pé enquanto contava tudo.

Era a história mais estranha que ele tinha ouvido na vida, pensou Archibald Craven, e tinha sido narrada naquela linguagem tipicamente juvenil, impetuosa e apressada. Mistérios, Mágica, criaturas selvagens, um estranho encontro à noite, a chegada da primavera, a força do orgulho ferido que fizera o jovem rajá se colocar de pé para desafiar o velho Ben Weatherstaff. As estranhas companhias, o teatrinho feito para evitar desconfianças, o grande

segredo guardado com tanto cuidado. Archibald Craven escutou em silêncio até que lágrimas brotaram em seus olhos, quando já não ria mais. O atleta, o palestrante, o descobridor científico era um joventinho muito simpático, saudável e engraçado.

“Agora”, disse Colin, ao fim da história, “nada mais precisa ficar em segredo. Aposto que todos vão cair para trás de susto quando olharem para mim – e nunca mais vou me sentar naquela cadeira de rodas. Quero ir caminhando com você, pai, até a nossa casa.”

O TRABALHO de Ben Weatherstaff raramente o afastava dos jardins, mas nessa ocasião ele fez questão de achar uma desculpa, levar alguns legumes para a cozinha da mansão, só para ser convidado ao refeitório dos criados pela sra. Medlock – que lhe ofereceu uma caneca de cerveja – e testemunhar o acontecimento mais fabuloso que a Mansão Misselthwaite veria naquela geração.

De uma das janelas que davam para o pátio, era possível avistar uma parte do gramado. A sra. Medlock, sabendo que Ben acabava de vir dos jardins, esperava que ele tivesse visto o sr. Craven e, com sorte, até mesmo presenciado seu encontro com Colin.

“Você viu algum dos dois, Weatherstaff?”, perguntou.

Ben afastou a caneca da boca e enxugou os lábios com as costas das mãos.

“Ah, vi sim”, respondeu ele, com um ar sugestivo e maroto.

“Os dois?”, perguntou a sra. Medlock.

“Os dois”, retorquiu Ben Weathersatff. “Fico muito agradecido, madame, eu até tomava outra se a senhora me oferecesse.”

“Juntos?”, continuou a sra. Medlock, transbordando a caneca, animada.

“Juntos, madame”, e Ben tomou metade da caneca de um gole só.

“Onde o sr. Colin estava? Como ele estava? O que eles disseram um para o outro?”

“Não ouvi”, disse Ben. “Vi por cima do muro, tava trepado na escada. Mas vou dizer uma coisa. Aconteceu umas coisa do lado de fora desta mansão que o pessoal daqui de dentro não faz ideia. E o que ocês têm pra descobrir, vão descobrir bem logo.”

E, de fato, não passaram sequer dois minutos depois que Ben terminou de beber a cerveja e fez um gesto solene com a caneca na direção da janela da qual se podia ver o gramado por entre os arbustos.

“Olha lá”, disse, “se não é curioso. Olha o que vem ali pelo gramado.”

Quando a sra. Medlock olhou para onde o jardineiro havia apontado, jogou as mãos para o alto e soltou um gritinho, então todos os criados que estavam perto o suficiente para ouvir vieram correndo de todos os cantos do refeitório e pararam diante da janela com os olhos quase saltando das órbitas.

Pelo gramado vinha o senhor de Misselthwaite, com uma expressão que muitos jamais tinham visto em seu rosto. E a seu lado, de cabeça erguida e olhos alegres, caminhava um garoto tão forte e firme quanto qualquer outro menino de Yorkshire: o sr. Colin!

CRONOLOGIA

Vida e obra de Frances Hodgson Burnett

1849 | 24 nov: Nasce em Cheetham, um distrito da cidade de Manchester, na Inglaterra, Frances Eliza Hodgson Burnett. Filha de Edwin Hodgson, dono de uma loja de material de construção, e de Eliza Boond, Frances foi a terceira de cinco filhos.

1853: Morte do pai. Eliza, a mãe, assume os negócios da família e as crianças passam a ser criadas pela avó. Com as dificuldades financeiras crescendo, em pouco tempo a família terá que se mudar para casas menores em bairros pobres, na vila de Pendleton e depois em Salford, periferia de Manchester, onde moravam alguns parentes.

1863: A depressão da indústria têxtil de Manchester, a chamada Fome do Algodão, de 1861 a 1865, leva Eliza a vender a loja e mudar-se com a família para uma casa ainda menor. A educação de Frances é interrompida. A falta de perspectivas faz com que a mãe de Frances aceite o convite do irmão para se instalarem na cidade de Knoxville, no estado americano do Tennessee, onde ele era um comerciante próspero.

1865-6: Após quase dois anos de preparativos, a família finalmente emigra para os Estados Unidos, onde vão morar em uma choupana na área rural da cidade. O momento na região também era de crise,

pois o centro comercial de Knoxville perdera importância com o fim da Guerra de Secessão. Frances, por sua vez, aproveita para ler e escrever histórias que mostra à família e aos amigos. Trabalha como professora em uma escola que lhe paga com comida. A família se muda para uma casa melhor. Nessa época, conhece Swan Burnett, seu vizinho, de quem se torna grande amiga e que virá a ser seu primeiro marido.

1867-8: Para tentar melhorar a delicada situação econômica da família, Frances decide publicar suas histórias e consegue lançar *Miss Carruthers' Engagement* e *Hearts and Diamonds* em uma revista para mulheres, *Godey's Lady's Book*.

1869: Dois anos depois da estreia de Frances, a família se muda para uma casa maior e mais confortável em Knoxville graças à renda obtida com a publicação das suas histórias.

1870-72: Morte da mãe, Eliza. Frances continua ajudando a família com a venda de suas histórias. Primeiras crises de depressão decorrentes do ritmo intenso de trabalho. Longa viagem à Inglaterra em 1872.

1873: Frances e Swan Burnett se casam no Tennessee e passam a lua de mel em Nova York, onde Frances conhece alguns editores.

1874: Nasce o primeiro filho do casal, Lionel. Com o sucesso de Frances, que escreve em tempo integral, a família reside em Paris enquanto Swan termina sua formação médica.

1875: Após o nascimento do segundo filho, Vivian, a família retorna aos Estados Unidos, indo viver em Washington.

1877: Lançamento do primeiro romance de Frances, *That Lass o' Lowrie's*, que já havia sido publicado de forma seriada em revista.

1878-81: Cresce a reputação de Frances como jovem estrela do meio literário. Começa a escrever também livros infantis e juvenis. Nesses anos e nos seguintes, retoma o ritmo de escrita intenso, com a publicação de um sem número de livros e contos. Destaque para os textos infantis e os romances adultos. Escreveu também duas peças de teatro; *Esmeralda*, de 1881, foi o maior sucesso da Broadway em todo o século XIX.

1885-6: Publicação em série de *O pequeno lorde* na revista *St. Nicholas* em 1885. Lançado no formato livro no ano seguinte, transforma-se no maior sucesso de sua carreira, recebendo críticas positivas e sendo publicado nos Estados Unidos, na Inglaterra e em mais doze países.

1887: Após viagem com os filhos à Inglaterra para participar das comemorações do Jubileu de Ouro da rainha Vitória, Frances monta residência em Londres, onde passará longas temporadas nos anos seguintes. Swan permanece nos Estados Unidos e o casal se separa de modo informal.

1890: Morte do filho mais velho, Lionel, por tuberculose. Frances mergulha em mais uma depressão. É nessa época que, buscando consolo na fé, acaba por abandonar o catolicismo e se aproximar da Ciência Cristã e do espiritualismo.

1892: Retorna aos Estados Unidos em março, retomando em seguida a produção intensa.

1893: Publica uma biografia do filho recém-falecido, intitulada *The One I Knew Best of All*.

1894: Volta a morar em Londres.

1896: Publicação do romance *The Lady of Quality*, depois adaptado para o teatro. Ambos são sucessos extraordinários.

1898: Frances e Swan se divorciam legalmente após a formatura de Vivian e ela se muda com o filho para uma mansão rural em Kent, Great Maytham Hall, que será a maior fonte inspiração para *O jardim secreto* e onde viverá até 1907. Mantém relacionamento com Stephen Townsend, um jovem médico que trocara a medicina pela carreira de ator.

1899: Publicação de *In Connection with the De Willoughby Claim*.

1900: Casamento com Stephen Townsend.

1901: Lançamento de *The Making of a Marchioness*. A relação com o novo marido se deteriora rapidamente.

1902: Novo colapso físico e psicológico. Frances volta aos Estados Unidos e se interna em um sanatório. Separação do segundo marido.

1904: Retorno a Great Maytham Hall e ao ritmo de vida agitado e luxuoso. Começa a conceber *O jardim secreto*.

1905: Publicação de *A princesinha*. Obtém a cidadania americana, planejando um novo retorno ao país.

1907: Volta morar nos Estados Unidos, agora em Long Island, onde constrói nova mansão. Será sua residência definitiva.

1910-11: *O jardim secreto* é publicado pela primeira vez, de forma serializada. A edição em livro ocorre em 1911, na Inglaterra e nos Estados Unidos.

1914: Frances compra uma casa de férias, nas Bermudas, onde passará boa parte do tempo. Lá, plantará mais de cem tipos de rosas em seu jardim.

1915: Saem *The Lost Prince* e *The Head of the House of Coombe*.

1924 | 29 out: Vítima de insuficiência cardíaca, Frances Burnett morre aos 74 anos, em sua casa em Long Island, deixando uma vasta obra de livros, contos e peças.

CLÁSSICOS ZAHAR
Em EDIÇÃO BOLSO DE LUXO

Aladim*

Peter Pan*

J.M. Barrie

Alice

Lewis Carroll

As aventuras de Robin Hood

O conde de Monte Cristo

Os três mosqueteiros

Alexandre Dumas

O corcunda de Notre Dame

Victor Hugo

O Pequeno Príncipe

Antoine de Saint-Exupéry

Frankenstein

Mary Shelley

Mary Poppins

A volta de Mary Poppins*

P.L. Travers

20 mil léguas submarinas

A ilha misteriosa

Viagem ao centro da Terra
A volta ao mundo em 80 dias
Jules Verne

Títulos disponíveis também em edição comentada e ilustrada (exceto os indicados por asterisco)

Veja a lista completa da coleção no site zahar.com.br/classicoszahar

Copyright desta edição © 2020:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1o | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Diogo Henriques | Revisão: Eduardo Monteiro, Tamara Sender

Projeto gráfico: Carolina Falcão | Capa: Rafael Nobre

ISBN 978-85-5451-688-8

Jules Verne

**VIAGEM
AO CENTRO
DA TERRA**

CLÁSSICOS  ZAHAR

Viagem ao centro da Terra: edição bolso de luxo

Verne, Jules

9788537817339

274 páginas

[Compre agora e leia](#)

Do mesmo autor de *20 mil léguas submarinas* e *A ilha misteriosa*.

Em 1863, o impetuoso geólogo e mineralogista Otto Lidenbrock descobre uma mensagem cifrada em caracteres rúnicos descrevendo uma expedição ao interior do planeta. É o suficiente para o enérgico professor se lançar na mesma aventura, acompanhado de seu assistente e sobrinho Axel e do inabalável Hans, guia imprescindível para a empreitada.

Rios de lava, mares subterrâneos, os primórdios da vida no planeta, fauna e flora pré-históricos, múmias de homens primitivos...

Embarque você também nessa fascinante e extraordinária Viagem ao centro da Terra!

Essa edição da coleção Clássicos Zahar traz texto integral, breve apresentação e cerca de 20 ilustrações originais. A versão impressa apresenta ainda capa dura e acabamento de luxo.

[Compre agora e leia](#)

LOUISA MAY ALCOTT
MULHERZINHAS

EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA



CLÁSSICOS  ZAHAR

Mulherzinhas: edição comentada e ilustrada

Alcott, Louisa May

9788537818596

600 páginas

[Compre agora e leia](#)

Romance que inovou a literatura e ainda hoje comove e atrai leitores. Dezembro de 1861, Massachusetts. Meg, Jo, Beth e Amy March enfrentam seu primeiro Natal sem o pai, que serve na Guerra Civil. É o marco inicial da jornada de formação das quatro irmãs, e Mulherzinhas as acompanha nesse processo até a vida adulta. Entre alegrias e aflições, desafios e conquistas, perdas e aprendizados, crescemos com elas... O romance tem sensibilidade, humor e pulso e mostra que um universo familiar e cotidiano pode ser o celeiro de mudanças importantes, ao defender – sem falsa moralidade – princípios como a virtude acima da riqueza, a equidade entre os gêneros e a realização individual sem prejuízo do bem coletivo. Essa edição traz o texto integral, centenas de notas, apresentação e cronologia de vida e obra de Alcott, além de cerca de 130 ilustrações consagradas de Frank T. Merrill.

[Compre agora e leia](#)

O CONDE DE
**MONT
CRISTO**

Alexandre
DUMAS

CLÁSSICOS  ZAHAR

O conde de Monte Cristo: edição bolso de luxo

Dumas, Alexandre

9788537808801

1663 páginas

[Compre agora e leia](#)

Traições, denúncias anônimas, tesouros fabulosos, envenenamentos, vinganças e muito suspense. A trama de "O Conde de Monte Cristo" traz uma emoção diferente a cada página e talvez isso explique a razão de a obra do escritor francês Alexandre Dumas ter se transformado em um clássico da literatura mundial, mexendo com a imaginação dos leitores há mais de 150 anos. No romance, o marinheiro Edmond Dantés é preso injustamente, vítima de um complô. Anos depois, consegue escapar da prisão, enriquece e planeja uma vingança mirabolante. A galeria de personagens criada por Dumas faz um retrato fiel da França do século XIX, um mundo em transformação, em que passou a ser possível a mudança de posições sociais. As aventuras de Dantés ainda ganharam diversas versões cinematográficas que colaboraram para o sucesso da trama. Com texto integral e a mesma tradução premiada da Edição Comentada e Ilustrada, vencedora do Jabuti, a versão Bolso de Luxo ainda tem capa dura. E tudo com um preço mais que acessível.

[Compre agora e leia](#)



CLÁSSICOS  ZAHAR

Alice: edição bolso de luxo

Carroll, Lewis

9788537802120

317 páginas

[Compre agora e leia](#)

Chega aos cinemas brasileiros, em abril, a versão do diretor Tim Burton para a obra mais conhecida da literatura infantil. Passados quase 150 anos da publicação original, a clássica história de uma menina chamada Alice, que entra em uma toca atrás de um coelho falante e cai em um mundo de fantasia, continua popular. Essa charmosa edição de bolso, com capa dura e ilustrações originais de John Tenniel, reúne "Aventuras de Alice no País das Maravilhas" e sua continuação, "Através do espelho e o que Alice encontrou por lá". Obra-prima que não pode faltar na sua biblioteca - e com um preço que cabe no seu bolso.

[Compre agora e leia](#)



O Homem Invisível: edição bolso de luxo

Wells, H.G.

9788537818503

232 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma mistura fascinante de humor e ficção científica, gênero que Wells ajudou a estabelecer e no qual se consagrou. Um misterioso forasteiro chega à pacata cidade de Iping. Ninguém sabe seu nome, nem de onde vem ou a razão de estar sempre coberto da cabeça aos pés – com chamativos óculos escuros e bandagens envolvendo toda a cabeça sob um chapéu de abas caídas. Além disso, ele trouxe um verdadeiro laboratório portátil. O suspense cresce quando crimes começam a acontecer e quando se descobre que o homem é invisível! Um dos maiores clássicos da ficção científica, sucesso desde a publicação em 1897, O Homem Invisível é uma engenhosa e divertida combinação de humor e imaginação fantástica, e também uma bela reflexão sobre solidão, incompreensão e os laços entre o indivíduo e a humanidade. Essa edição bolso de luxo da coleção Clássicos Zahar, traz o texto integral e uma instigante apresentação. A versão impressa apresenta ainda capa dura e acabamento de luxo.

[Compre agora e leia](#)